O ESPÍRITO na IGREJA

O que a BÍBLIA ENSINA *sobre os* DONS

CRAIG S. KEENER

VIDA NOVA

A exegese perspicaz, equilibrada e incrivelmente rica que Craig Keener oferece nesse livro amplia as categorias do batismo no Espírito, da continuação dos *carismata* e das atuais manifestações do Espírito de forma pacificadora, unificadora e edificante, lidando satisfatoriamente com boa parte do debate recente. O academicismo disciplinado e a preocupação pastoral mesclam-se aqui de forma muito frutífera, com argumentos com real importância para a vida da igreja hoje e amanhã.

J. I. PACKER, professor de teologia, Regent College, Vancouver, e autor de *Caminhando no poder do Espírito*, *O Deus que nos guia e guarda* e *Força na fraqueza* (Vida Nova)

A maior parte dos livros sobre o Espírito Santo oferece ou luz, ou calor [...] Quem deseja trilhar com sucesso (sem nenhuma explosão) o campo minado das perguntas que tanto a Bíblia quanto a experiência atual levantam terá aqui um guia muito bem-vindo. Eu o recomendo com entusiasmo.

BEN WITHERINGTON III, Asbury Theological Seminary

Keener garante que podemos amar e abraçar a Deus Espírito Santo e seus dons com integridade intelectual e humildade genuína capazes de dissipar todo o espírito de divisão.

TODD HUNTER, ex-diretor nacional da Vineyard nos EUA


O
ESPÍRITO
na
IGREJA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keener, Craig S.
O Espírito na igreja : o que a Bíblia ensina sobre os dons / Craig S. Keener ; tradução de Susana Klassen. - São Paulo: Vida Nova, 2018.
240 p.

Título original: Gift and Giver: the Holy Spirit for today

1. Espírito Santo 2. Dons espirituais I. Título II. Klassen, Susana

17-1077 CDD 234.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Dons espirituais

O ESPÍRITO na IGREJA

O que a BÍBLIA ENSINA *sobre os* DONS

CRAIG S. KEENER

Tradução
Susana Klassen

VIDA NOVA

©2001, de Craig S. Keener
Título do original: *Gift and Giver: the Holy Spirit for today,*
edição publicada por Baker Academic (Grand Rapids, Michigan, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil/ *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas pelo autor.
As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da
New International Version (NIV), da King James Version (KJV),
da Revised Standard Version (RSV) e da New Revised Standard Version (NRSV).

Direção executiva
Kenneth Lee Davis

Gerência editorial
Fabiano Silveira Medeiros

Edição de texto
Marisa Lopes
Arthur Wesley Dück

Revisão da tradução
Marisa Lopes

Preparação de texto
Virginia Neuman
Marcia Medeiros

Revisão de provas
Abner Arrais

Gerência de produção
Sérgio Siqueira Moura

Diagramação
Sandra Reis Oliveira

Capa
Luiz Henrique de Paula

Em memória dos plantadores de igreja
Everett e Esther Cook,
dois de meus primeiros mentores no ministério.

Sumário

Agradecimentos 9
Introdução 11

1. Reconhecendo a voz do Espírito 19
2. Aprendendo a ouvir o coração de Deus pelo Espírito 39
3. O Espírito nos capacita para o evangelismo 55
4. O Espírito e nosso modo de viver 75
5. Os dons espirituais aplicam-se ao presente? 95
6. Uma investigação mais detalhada de alguns dons espirituais 125
7. O Espírito e a salvação 153
8. Quando somos batizados no Espírito? 165
9. O dom de línguas e o Espírito 191
10. Por que discernir o Espírito? 211

Conclusão 229
Apêndice: O que as narrativas bíblicas podem nos ensinar? 233

Agradecimentos

Meus agradecimentos especiais aos editores da Baker, Bob Hosack e Melinda Van Engen; também a Amanda Beckenstein e Jonathan e Melissa Fettig, meus alunos no Eastern Seminary, que redigitaram grande parte do manuscrito depois que um erro no disco rígido destruiu a versão digital de alguns capítulos. Agradeço, ainda, a minha colega Kristin Frederich-Smoot, diretora de formação espiritual do seminário e uma pessoa de oração, por seus comentários úteis, e a meu amigo Alyn Waller, pastor da igreja batista Enon Tabernacle, na Filadélfia, Estados Unidos.

Visto que grande parte do material de *3 crucial questions about the Holy Spirit* [Três perguntas cruciais sobre o Espírito Santo][1] foi incluído nesta obra, também preciso agradecer a alguns amigos queridos com pontos de vista diferentes a respeito das questões mais controversas que leram este manuscrito. Entre eles, estão Melesse e Tadesse Woldetsadik, dois irmãos carismáticos etíopes que levaram centenas de pessoas a Cristo enquanto viviam em campos de refugiados no Quênia. Melesse se formou no Columbia Biblical Seminary e escreveu um livro sobre o Espírito em amárico, a principal língua da Etiópia. Esse grupo também inclui Sharon Saunders, ex-missionária batista da Africa Inland Mission, e Jackie Reeves, pastor carismático da igreja African Methodist Episcopal (AME) em New Jersey, Estados Unidos. Também sou grato aos editores desse primeiro projeto: Richard Jones, Grant Osborne, Jim Weaver e Wells Turner. Aprendi muita coisa ao interagir com meus ouvintes e alunos em seminários e retiros que ofereci para a organização Circle Urban Ministries (Chicago), para a igreja Chinese United Methodist (New York) e para o Eastern Seminary (Philadelphia), bem como em um curso sobre formação espiritual que ministrei aqui e em aulas que ministrei para as turmas de Teologia do Novo Testamento de meu colega Manfred Brauch.

[1] *3 crucial questions about the Holy Spirit* (Grand Rapids: Baker, 1996).

Everett e Esther Cook, a quem dedico este livro, passaram parte considerável do século 20 plantando igrejas pentecostais no oeste dos Estados Unidos. Em seguida, com a renda de sua aposentadoria, abriram um ministério para moradores de rua e foram mentores de universitários que trabalhavam com eles nesse ministério, tratando-os como filhos. Embora Everett e Esther não tenham tido a oportunidade de estudar em uma faculdade e eu, a princípio, estivesse mais deslumbrado com a ampliação do meu próprio conhecimento acadêmico, em última análise, aprendi muito mais com sua vida de fidelidade humilde do que qualquer livro poderia ter me ensinado.

Introdução

Pontos de vista e rótulos

Há consenso entre os cristãos quanto a boa parte daquilo que a Bíblia ensina a respeito do Espírito Santo, como o fruto do Espírito e a obra do Espírito na salvação. A maioria de nós concorda que ele nos concede poder para o evangelismo, e também estamos de acordo a respeito de pelo menos alguns dons espirituais e algumas formas pelas quais ouvimos a voz de Deus. No entanto, muitas vezes existem divergências entre os cristãos quanto à importância de certos dons (especialmente o dom de línguas) e sobre quando acontece o batismo no Espírito, se na conversão, se depois dela ou, em certo sentido, se em ambos os momentos.

Meu objetivo ao escrever este livro é ajudar os cristãos a compreenderem melhor como o Espírito nos concede poder para a vida. Portanto, grande parte da obra trata de áreas práticas nas quais o Espírito nos ajuda na vida cristã. Além disso, busco auxiliar os cristãos em algumas questões controversas a respeito do Espírito Santo, pois as respostas para essas perguntas também afetam a vida e os ministérios da igreja. Nessas seções do livro, procuro apresentar vários pontos de vista de forma imparcial, embora, no final, argumente em favor dos posicionamentos que considero bíblicos. Nós, cristãos, só seremos capazes de caminhar rumo a um consenso ou, pelo menos, rumo a uma união em torno da obra de Deus, apesar de nossas diferenças, se ouvirmos os motivos uns dos outros para adotar diferentes posicionamentos.

Definição de termos: *carismático* e *evangélico*

Em um livro anterior, descrevi-me como "carismático", no sentido mais amplo do termo. Em boa parte da América do Norte, essa designação costuma indicar cristãos que defendem a contemporaneidade dos dons espirituais e os praticam, mas não são membros de uma igreja pentecostal. Por vezes, também se refere de

modo mais específico àqueles que oram em línguas, um grupo que, naturalmente, também defende a contemporaneidade dos dons espirituais e os pratica. Procurei levar em conta essas duas definições tradicionais, abarcando qualquer um que se sentir à vontade para descrever a si mesmo dessa forma. A fim de adotar uma só designação mais abrangente e conveniente, também incluo nessa classificação a terceira onda[2] e outros grupos que talvez não adotem o rótulo de "carismáticos". Embora os contornos da igreja de hoje sejam diferentes da época em que "carismático" significava, em essência, não cessacionista, até agora não surgiu nenhum outro termo para substituir essa designação.

Desde que escrevi *3 crucial questions about the Holy Spirit*, descobri que o termo é usado de diferentes maneiras em diferentes círculos. Alguns amigos nigerianos da Evangelical Church of West Africa (ECWA) e amigos evangélicos de igrejas mais tradicionais do México me advertiram que, em seus meios, o termo "carismático" se refere àqueles que defendem ensinamentos da teologia da prosperidade e que "tomam posse" de bênçãos materiais. Seria preferível abandonar essa designação a correr o risco de alguém imaginar que defendo ensinamentos desse tipo! (Aliás, estou escrevendo um livro para a Nigéria, em coautoria com um professor e pastor nigeriano, que justamente refuta essas crenças e práticas.) Em seu livro *I was wrong* [Eu estava errado], Jim Bakker, que antes propagava a teologia da prosperidade, confessa ter descoberto que durante anos pregou exatamente o contrário do que Jesus ensinou. O estudo contextualizado da Bíblia mudou seu modo de pensar e o levou a repudiar suas crenças anteriores a respeito

[2]Em uma série que escreveu para a revista *Christianity Today* sobre as várias correntes do pentecostalismo, Ed Stetzer explica o que é a terceira onda, movimento significativamente impactado por John Wimber e C. Peter Wagner. Segundo Stetzer, o "pentecostalismo clássico foi a primeira das três ondas que os observadores classificam como o derramamento do Espírito Santo nos últimos dias. O Avivamento da Rua Azusa, liderado por William Seymour, de 1906 a 1915, impulsionou este movimento e incluía os dons de línguas, cura e profecia. Ainda segundo a explicação de Stetzer, "As igrejas carismáticas, que em geral não pertencem às denominações pentecostais tradicionais, embora defendam teologia e práticas semelhantes [...] são consideradas a segunda onda da obra do Espírito Santo. Denominações protestantes tradicionais, igrejas carismáticas independentes e partes da Igreja Católica Romana compoem este movimento carismático que surgiu na década de 1960". A terceira onda, segundo Stetzer, "às vezes referida como o movimento dos sinais e maravilhas, ganhou espaço nos anos 1980. Os integrantes da terceira onda são 'Evangélicos vindos de igrejas reformadas e dispensacionalistas que passaram por uma mudança de paradigma e agora acreditam que os dons de sinais e milagres, retratados nos Evangelhos e no Livro de Atos, continuam até o presente' [Ken L. Sarles. "An appraisal of the signs and wonders movement". Bibliotheca Sacra, 145(577), 1988, p. 57-82]". Veja Ed Stetzer, "The third wave: the continualist movement Continues", disponível em: http://www.christianitytoday.com/edstetzer/2013/october/third-wave.html, acesso em: 10 abr. 2017. (N. do E.).

dessa questão. Hoje, milhões de cristãos que seguem a Bíblia e chamam a si mesmos de carismáticos não creem nos ensinamentos da teologia da prosperidade.

Não desejo correr o risco de causar confusão empregando um rótulo com diferentes significados para diferentes leitores. No entanto, embora use o termo *carismático* com menos frequência neste livro, tive de mantê-lo em algumas ocasiões pelo simples motivo de que não existe nenhum outro termo disponível em nossa língua capaz de abranger todos os que defendem a contemporaneidade dos dons espirituais e os praticam. Em geral, a designação *pentecostal* se aplica de modo específico àqueles que pertencem a denominações pentecostais e, por mais que eu goste das denominações pentecostais (e compartilhe pessoalmente da "experiência pentecostal"), a maioria das pessoas não usaria esse título para me descrever, pois fui ordenado para o ministério em uma igreja batista, e não em uma igreja pentecostal. Devo enfatizar, ainda, que nem todos os carismáticos e pentecostais concordam com tudo o que tem sido praticado sob a designação "carismático". Há quem use o Espírito para justificar indevidamente coisas de toda espécie (assim como há quem use a Bíblia ou Cristo para justificar coisas de toda espécie).

De modo semelhante, nem todos usam o termo *evangélico* da mesma forma. Eu emprego esse termo para descrever os evangélicos mais conservadores que aceitam a Bíblia como Palavra de Deus, procuram obedecer a ela e comprometem-se a evangelizar o mundo, pois reconhecem Cristo como o único caminho para a salvação. Esse termo tem sido aplicado de modo mais restrito, ou seja, em sentido denominacional ou subcultural, mas faço uso dele em sentido histórico mais amplo.[3] Os meios nos quais circulo e a maior parte do público deste livro acabaram definindo até certo ponto as questões das quais trato aqui e seu nível de detalhamento. (Por exemplo, não trato em detalhes de conceitos sacramentais do Espírito na "confirmação", embora muitos cristãos sérios em diversas partes do mundo adotem esses conceitos. Não quero, com isso, minimizar a importância dessa discussão, mas vários aspectos dela giram em torno das necessidades da igreja primitiva depois da conclusão do Novo Testamento; minha área de especialização

[3]Quando me refiro ao sentido histórico mais amplo do termo *evangélico*, estou tratando do movimento que cresceu especialmente a partir dos avivamentos do século 18 nos EUA, os quais enfatizavam Jesus como o único caminho para a salvação, além de realçar a cruz, o evangelismo e a suficiência das Escrituras. Procuro distinguir este sentido daquele que o termo adquire quando usado no título de denominações específicas (como, por exemplo, "Igreja Evangélica Livre" ou "Igreja Evangélica Luterana") e também quando usado pela subcultura evangélica dos EUA, que muitas vezes é percebida por pessoas de fora como um único bloco político conservador, embora os evangélicos de raiz afro-americana ou latina nos EUA geralmente divirjam politicamente dos evangélicos de raiz europeia em suas ênfases.

e estudo é o Novo Testamento propriamente dito.) Não obstante, espero que esta obra contenha informações úteis suficientes para beneficiar todos os leitores, sejam eles pentecostais, batistas, anglicanos ou de qualquer outro grupo.

Esforcei-me ao máximo para escrever um livro imparcial em relação aos diversos pontos de vista, mas procurei em especial ser fiel àquilo que, a meu ver, a Bíblia apresenta. Ainda assim, tendo em vista que o histórico de um cristão e suas experiências espirituais (ou a falta de algumas delas) com frequência contribuem para moldar sua abordagem ao tema do Espírito Santo, é justo para com meus leitores que eu faça um relato sucinto de meu histórico.

Meu histórico nesse assunto

Fui curado de forma miraculosa, experimentei dons sobrenaturais como a profecia, segui a direção do Espírito ao testemunhar e tive experiências profundas no Espírito em momentos de oração (inclusive, com frequência, na oração em línguas). Considero essas experiências (e outras mencionadas mais adiante) uma vantagem para quem escreve um livro sobre o Espírito Santo que abrange questões controversas.

Talvez alguém levante a objeção de que essas experiências influenciem desfavoravelmente minha investigação a respeito da possibilidade de experiências desse tipo ocorrerem hoje em dia. Do ponto de vista deles, essa é uma objeção legítima (embora muitos pentecostais responderiam que a *ausência* de experiências também pode resultar em uma influência negativa no sentido oposto). Da mesma maneira que não posso negar a existência de alguém que conheço pessoalmente, não posso negar que essas obras ocorrem hoje, pois testemunhei sua realidade em primeira mão. Não espero, contudo, que outros aceitem a realidade dessas experiências com base em meu testemunho, caso não creiam que elas sejam bíblicas. Posso apenas convidá-los a ouvir os argumentos que extraí da Bíblia e, se assim o desejarem, os relatos que apresento.

No entanto, sou um evangélico estudioso do Novo Testamento com comentários publicados sobre diversos livros do Novo Testamento. Deus me chamou para entender e ensinar a Bíblia e se eu tivesse descoberto que minhas experiências não eram bíblicas, teria precisado encontrar outra explicação para sua verdadeira natureza. Não seria a primeira vez que a Bíblia me faria mudar de ideia a respeito de algo!

Faço parte, ainda, do movimento evangélico mais amplo comprometido com a evangelização do mundo sem levar em conta divisões denominacionais.

Conheci Cristo por meio de batistas fundamentalistas, fui ordenado em uma igreja batista de negros e leciono em um seminário batista evangélico inter-racial que recebe alunos de diversas denominações (presbiterianos, metodistas, menonitas, assembleianos e outros). Meus primos metodistas oraram para que eu entrasse no reino, e lecionei durante quatro anos em um seminário metodista episcopal africano. (Por isso, às vezes brinco que sou um "metobatiscostal".) Quando leciono na África, tenho alunos de uma gama denominacional muito mais ampla: anglicanos, membros da Igreja de Cristo no norte da Nigéria, da ECWA, do Exército da Salvação, do ministério Deeper Life e assim por diante. Circulo, portanto, em diversos meios. Muitos (talvez a maioria) de meus amigos mais chegados não experimentaram os mesmos dons espirituais que eu, e tenho bons amigos que lecionam em instituições de ensino como o Dallas Theological Seminary e o Westminster Theological Seminary, e que consideram que certos dons espirituais cessaram.

Meu próprio histórico eclesiástico é variado. No início de minha vida acadêmica, estudei com pentecostais; posteriormente, estudei com presbiterianos, batistas, metodistas, membros da Igreja de Cristo e outros professores (e fui instruído por meio de uma gama ainda mais ampla de textos). Pastoreei uma igreja carismática. No tempo do seminário, fui membro de uma igreja não denominacional e não carismática. Quando me mudei para começar meu Ph.D., participei de uma igreja pentecostal durante dois anos até me tornar membro da equipe pastoral da igreja metodista episcopal africana e, posteriormente, da igreja batista. No momento, sou membro de uma igreja batista negra, onde também ministro; ocasionalmente, participo de cultos numa comunidade carismática judaica messiânica e viajo para dar palestras em vários meios. Esse meu histórico provavelmente mostra para os leitores que sou eclético, ou irremediavelmente confuso! No entanto, o corpo bíblico de Cristo não é delimitado por linhas denominacionais; nossos círculos de comunhão devem ser tão amplos quanto o corpo de Cristo.

Portanto, escrevo este livro tendo em mente o corpo de Cristo de modo mais abrangente, desde os pentecostais, passando pelos moderados, até os cessacionistas (segundo os quais os dons sobrenaturais cessaram), embora talvez meus amigos cessacionistas prefiram pular alguns dos capítulos finais! A maioria das igrejas provavelmente fica no meio-termo entre pentecostais e cessacionistas; grande parte dos cristãos de hoje parece aceitar que as experiências descritas na Bíblia continuam a valer para o nosso tempo, ainda que nem todo cristão tenha todas elas. Contudo, este livro tratará de questões práticas em número suficiente para que até os cessacionistas sejam beneficiados por pelo menos parte dele.

Muitos outros acadêmicos carismáticos ou pentecostais também escrevem para um público cristão mais amplo, estudiosos como Michael Brown, Peter Davids, Gordon Fee, Michael Green, Rebecca Merril Groothuis, Wayne Grudem, Richard Hays, Michael Holmes e Ben Witherington, bem como alguns escritores bastante conhecidos, como foi o caso de Martyn Lloyd-Jones.

Um livro diferente

Embora tenha sido uma honra contribuir com um livro da série *3 Crucial Questions* [Três Perguntas Cruciais], da qual participaram autores como Grant Osborne, Clint Arnold e Tremper Longman, sou grato à editora Baker pela oportunidade de tratar novamente desse tema sob uma nova óptica. Embora este livro seja baseado no mesmo material que usei para o livro da série, *3 crucial questions about the Holy Spirit*, ele também representa uma reorganização considerável do material. Entre aquela obra e o presente texto, escrevi outros cinco livros. Portanto, espero haver adquirido mais experiência em como escrever um texto acessível. Também tive tempo de crescer mais em meu relacionamento com o Senhor e em meus relacionamentos com irmãos e irmãs com uma vasta gama de pontos de vista no tocante às questões associadas aos dons espirituais. Quanto a seu valor direto para a igreja, a presente obra talvez seja o livro mais importante que escrevi até hoje, com exceção, possivelmente, do *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*.[4]

Para tornar o texto mais interessante, incluiu mais relatos pessoais; aliás, algumas das histórias que narrei anteriormente em terceira pessoa, para evitar falar demais a respeito de mim mesmo, agora aparecem contadas em primeira pessoa. Seu propósito é ilustrativo, e não argumentativo; a argumentação (quando presente) se vale de fundamentos bíblicos. Incluí essas histórias, porém, por diversos motivos.

Primeiro, desejo ressaltar a importância da aplicação de princípios bíblicos à vida diária, e uma boa forma de incentivar essa aplicação é o uso de exemplos concretos. Meus alunos e colegas de ministério desejam exemplos práticos de como os princípios ensinados na Bíblia devem influenciar nossa vida diária. Descobri que essas ilustrações pessoais têm boa aceitação entre meus alunos porque mostram que preciso lidar com a aplicação do texto em minha própria vida e, portanto, não ensino apenas teoria.

[4]São Paulo: Vida Nova, 2017.

Além disso, como os relatos são pessoais, fica mais simples verificá-los. Sou testemunha ocular dos acontecimentos e das experiências que descrevo. Se sou digno de crédito, meus relatos também devem ser. Por fim, ao observar as técnicas de ensino de Jesus e os livros contemporâneos que prendem a atenção dos leitores, descobri o valor das histórias para comunicar temas dos quais desejo tratar. Histórias cativam pessoas da maioria das culturas de uma forma que os livros acadêmicos mais tradicionais não conseguem.

A necessidade

Há divergências entre os cristãos quanto a alguns aspectos da obra do Espírito Santo, mas todos nós podemos concordar quanto à maioria das questões mais fundamentais. Os primeiros cristãos viviam na dependência do Espírito de Deus, do começo ao fim, e devemos fazer o mesmo.

Cada avivamento ocorrido ao longo da história resultou de um novo derramamento do Espírito de Deus, geralmente acompanhado de experiências ou envolvimento ativo em prol de causas que ameaçaram o *status quo* das instituições religiosas de sua época. No entanto, a força da carne, ou o intelecto humano arrogante que procura controlar o poder de Deus, reduzindo-o a termos que conseguimos explicar, só pode ter a pretensão de bastar para a obra de Deus quando o reino de Satanás parece inativo. E esse não é o caso em nosso tempo.

Aqueles de nós envolvidos nas linhas de frente do evangelismo, em suas mais diversas formas, sabem que resta pouco tempo para o nosso mundo: precisamos encarecidamente de um avivamento. Teremos a coragem de sujeitar nossa vida ao doador do Espírito, independentemente do preço que o Espírito talvez nos chame a pagar a fim de alcançarmos nossos contemporâneos para Cristo? O destino de nossa geração depende da resposta a essa pergunta.

1

Reconhecendo a voz do Espírito

Quando cursava o ensino médio e era recém-convertido, comecei a falar de Cristo para meus colegas no caminho de volta da escola. Às vezes, tinha receio de testemunhar, mas sentia o Espírito me dirigir a falar com a pessoa atrás de mim, ou a andar mais uma quadra e encontrar ali alguém com quem compartilhar Cristo, ou entrar em contato com alguém que eu havia levado a Cristo na semana anterior para ver como estava se saindo. Com frequência, a direção vinha do Espírito Santo, mas às vezes era simplesmente fruto de uma indigestão, e eu ainda não sabia muito bem como distinguir entre uma coisa e outra.

Queria conhecer melhor a direção de Deus, mas, para isso, precisava conhecer algo mais importante que sua direção específica: precisava conhecer seu coração, saber como Deus era. Com frequência, temos conceitos equivocados a respeito do caráter de Deus. Temos o hábito de cultivar na mente nossos próprios ídolos e formar uma imagem de Deus que não corresponde ao verdadeiro Deus da Bíblia. Paulo disse que em parte conhecemos e em parte profetizamos (1Co 13.9). É possível que nem sempre ouçamos Deus perfeitamente, nem em oração nem em nosso estudo das Escrituras, mas se conhecermos o suficiente de seu caráter a ponto de amá-lo como ele é, ele tem maneiras de lidar com nossas deficiências em ouvi-lo. Quando compreendemos e refletimos seu coração, em especial o amor que pregou Jesus à cruz, podemos dizer com mais propriedade que "conhecemos a Deus" (1Jo 4.7-12).

Este capítulo lança os alicerces para conhecermos e identificarmos o Espírito; o capítulo seguinte apresenta comentários adicionais sobre aprendermos a ouvir a voz do Espírito. Com frequência, experimentamos a direção de Deus no evangelismo (cap. 3). O capítulo 4 também é fundamental para essa questão: o fruto do Espírito nos mostra o caráter do Espírito e, portanto, nos permite identificá-lo quando ele fala conosco.

Por que ouvir a voz de Deus?

No cristianismo ocidental contemporâneo, as pessoas frequentemente se mostram muito mais ansiosas para tratar de questões controversas, como o batismo no Espírito e os dons espirituais, do que para falar sobre o caráter do Espírito. Por termos essas prioridades, porém, pode acontecer de deixarmos passar o que há de mais importante para aprender sobre o Espírito: conhecer o coração de Deus. (Um dia, quando conhecermos Deus plenamente, os dons sequer serão necessários, por mais úteis que sejam no presente [1Co 13.8-12].)

Há vários anos, quando me sentia sobrecarregado pela pressão de tentar encontrar tempo para lecionar, escrever e dar palestras, estava num culto quando senti, repentinamente, o Espírito de Deus sugerir que eu considerasse algo em meu coração. Senti-o dizer: "Meu filho, você nem sempre terá este ou aquele ministério. Esses dons passarão quando você estiver diante de mim. Mas você *sempre* será meu filho". Chorei ao sentir seu consolo (e, talvez, um toque de terna repreensão). Como Marta, havia me envolvido de tal modo com o trabalho que estava fazendo para Deus que tinha me esquecido do mais importante: de fazer como Maria e assentar-me aos pés de Jesus. Em sua graça, Deus nos usa para servirmos os outros, mas primeiro, em sua graça, ele nos salva do pecado, de nossa rebelião egoísta contra ele e contra seus caminhos. Qualquer coisa que fazemos para Deus é simplesmente fruto de sua nova vida dentro de nós. Senti que, embora se agradasse de meu trabalho, o que Deus mais desejava era que eu tivesse comunhão com ele, que o reconhecesse continuamente em todos os meus caminhos. Não serei professor ou escritor para sempre, mas serei sempre filho de Deus, algo que para mim tem mais valor do que qualquer outra coisa.

O Espírito Santo, assim como o Pai e o Filho, não é apenas uma doutrina, um conceito ou uma experiência a ser acrescentada a outras doutrinas e experiências da vida cristã. Ele é o Deus que invade nossa vida com sua presença transformadora.

Muitos de nós precisamos de direção para identificar de modo mais preciso quando e como o Espírito fala. Alguns círculos dentro da igreja têm a tendência de excluir quase por completo a obra do Espírito e se contentam em viver na dependência de aptidões e programas humanos. Como um pastor certa vez comentou: "Se o Espírito se retirasse da terra hoje, de modo repentino, a maior parte do trabalho da igreja teria continuidade sem sofrer prejuízo algum". Em outros círculos, quase tudo o que acontece é atribuído ao Espírito Santo, embora muito do que ocorra nesses meios não tenha relação alguma com ele.

Neste capítulo, portanto, começaremos com uma das questões menos controversas, porém fundamentalmente prática: "Como podemos reconhecer o Espírito?". A resposta a essa pergunta é relevante para a discussão sobre os dons do Espírito mais adiante, bem como para a discussão sobre a direção do Espírito no evangelismo e a investigação sobre a importância das discussões acerca do significado do batismo no Espírito Santo. Depois de comentarmos sucintamente sobre o Espírito e seu caráter como Deus, consideraremos algumas maneiras de nos tornamos mais sensíveis à voz do Espírito.

Alguns princípios introdutórios

Se desejamos ouvir Deus, o melhor lugar para começarmos é pedindo que ele abra nossos ouvidos. Deus, frequentemente, concede dádivas desse tipo (cp. 1Co 14.13) e nos incentiva a buscá-las (12.31). Sua voz talvez se manifeste por meio de leves cutucadas, tranquilas certezas, sonhos guiados pelo Espírito, um forte ímpeto, clara sabedoria ou uma sensação persistente de chamado ou direção.

Se pedimos para ouvir, porém, também precisamos estar dispostos a obedecer àquilo que ouvirmos. Tiago nos convida a pedir sabedoria (Tg 1.5), mas declara que devemos pedir com fé (1.6), uma fé que, de acordo com outra passagem de sua carta, deve se provar autêntica por meio da obediência (2.14-26). Quanto mais obedecermos à direção do Espírito, mais nos tornaremos competentes em ouvi-la. Devemos levá-la a sério e prestar atenção; Deus não continuará a nos dar direção se a usarmos apenas para aferir nossa espiritualidade ou para nos manter emocionalmente empolgados (cp. Jo 14.23).[1]

Mesmo assim, surge a pergunta: "Como discernir a direção de Deus sem recorrer ao método de tentativa e erro?". Nas situações em que dar um passo de fé não causa dano algum, o método de tentativa e erro pode funcionar. Em questões mais críticas, é possível que tenhamos de pedir confirmação ou certeza de Deus (e.g., Jz 6.36-40; 1Sm 14.9,10). No entanto, conhecer o caráter de Deus nas Escrituras é a maneira mais importante para começar a reconhecer sua voz. Embora nossa voz mude ao longo do tempo, o caráter da voz de Deus permaneceu inalterado nos últimos dois mil anos.

[1]Para sugestões mais detalhadas sobre ouvir a voz de Deus, veja Jack Deere, *Surprised by the voice of God* (Grand Rapids: Zondervan, 1996) [edição em português: *Surpreendido com a voz de Deus*, tradução de Douglas Peck (São Paulo: Vida, 1998)], texto que não estava disponível para citação quando escrevi *3 crucial questions about the Holy Spirit* (Grand Rapids: Baker, 1996).

Quem é o Espírito?

Há consenso entre os cristãos de hoje quanto a vários detalhes sobre o Espírito. Reconhecemos que o Espírito é Deus, assim como o Pai e o Filho também o são. Embora Pai, Filho e Espírito se concentrem, cada um, em aspectos diferentes da nossa salvação, podemos aprender sobre o modo de o Espírito proceder olhando para Jesus, o Filho, pois é mais claramente em Jesus que a Bíblia revela o caráter de Deus.

Os autores do Novo Testamento geralmente tomam por certo o caráter pessoal distinto do Espírito, em vez de defendê-lo, talvez pelo fato de que seus contemporâneos judeus fossem menos propensos a discutir a pessoalidade do Espírito do que, por exemplo, a divindade de Cristo. Não obstante, ensinam que o Espírito é pessoal e divino (Mt 28.19; Jo 14.16,17; 16.13-15; At 5.3-5; Rm 8.26,27; 2Co 13.14). Mas, embora os judeus antes de Jesus não pensassem no Espírito como uma pessoa à parte, como faziam os seguidores de Jesus, todos consideravam indiscutível que o Espírito era divino e pertencia ao ser de Deus (veja, e.g., Is 40.13; 48.16; 63.10,11). Nunca se questionou que o Espírito era divino.

Convém fazer uma pausa aqui para explicar por que me refiro ao Espírito como "ele". Como os primeiros pais da igreja sabiam, o termo para "espírito" é feminino no hebraico, neutro no grego e masculino no latim. Visto que o Novo Testamento foi escrito em grego, não é de surpreender que, em geral, os pronomes associados ao Espírito sejam neutros no Novo Testamento em grego. (As exceções são as passagens de João que se referem ao Espírito como Paráclito, ou conselheiro, um termo masculino em grego.) Visto que Deus é Espírito, nós cristãos não cremos que Deus assuma um gênero biológico, mas também não o descreveríamos como neutro. Portanto, uso aqui o pronome masculino usado pela tradição cristã para o Espírito, a fim de lembrar os leitores de que ele é uma pessoa divina, um indivíduo, e não uma força impessoal.

Conhecer o Espírito de maneira pessoal

Definir o que Deus é talvez seja algo que a filosofia grega procure fazer; de modo contrastante, a Bíblia revela Deus para nós pelo seu modo de se relacionar com pessoas ao longo da história. O Antigo Testamento não fornece claramente os elementos que compõem a aritmética da Trindade (embora a leve em conta); Deus é "um", mas pode-se dizer o mesmo de um casal de cônjuges (Gn 2.24). Contudo, o Antigo Testamento revela o caráter de Deus, o mesmo caráter que

vemos encarnado em Jesus, nos Evangelhos. É também esse mesmo caráter divino que experimentamos em nossas interações com Deus, por intermédio do Espírito Santo.

Há quem suponha que aprender teologia significa aprender a respeito de Deus apenas em termos abstratos, racionais e sinta que esse conhecimento tem pouca influência sobre seu relacionamento pessoal com ele. Quando a Bíblia fala sobre conhecer a Deus, porém, refere-se a um relacionamento caracterizado por intimidade e obediência, e não apenas a um conhecimento intelectual. Sem dúvida, é essencial ter uma compreensão a respeito de Deus para conhecê-lo, pois, para relacionar-se com alguém é preciso conhecer esse indivíduo e as pessoas e coisas importantes para ele. Contudo, esse conhecimento de Deus será insuficiente, a menos que seja aplicado de maneira prática ao nosso relacionamento com ele. Aliás, apenas ter conhecimento de Deus, mas não aplicá-lo, resulta em julgamento mais severo do que se não soubéssemos coisa alguma a seu respeito (Lc 12.47,48; Rm 2.12-16; Tg 3.1).

Um dos primeiros passos para identificar a voz de Deus é conhecer seu coração. Se conhecermos o Deus da Bíblia, o Deus da cruz, reconheceremos o verdadeiro Espírito de Deus quando ele falar conosco. É evidente que, às vezes, Deus se revela a nós por meio de seu Espírito em nosso interior, mesmo antes de entendermos plenamente as Escrituras. No entanto, o coração de Deus que conhecemos por meio da oração é o mesmo coração que encontramos nas Escrituras, quando as esquadrinhamos com atitude de submissão diante dele.

Se desejarmos verdadeiramente conhecer e nos importar com uma pessoa, é fundamental sabermos seu histórico, seus relacionamentos e aquilo que para ela é relevante. A cada dia, ao estudarmos a Bíblia e observarmos Deus se relacionando com pessoas ao longo da história — confrontando os arrogantes, consolando os quebrantados, chamando os humildes e fazendo deles instrumentos seus — devemos ouvir Deus falar conosco. Nas Escrituras, aprendemos sobre o caráter de Deus e o conhecemos; é esse mesmo Deus que devemos reconhecer em nossa experiência. Como Dallas Willard destaca, precisamos entender que as pessoas na Bíblia são tão humanas quanto nós. Só poderemos *crer* na Bíblia e mergulhar em sua experiência se a estudarmos "partindo do pressuposto de que as experiências registradas ali foram, basicamente, do mesmo tipo que as nossas teriam sido, caso estivéssemos lá".[2]

[2]Dallas Willard, *In search of guidance: developing a conversational relationship with God* (New York: Harper Collins, 1993), p. 26.

Conhecer a Deus por meio do Espírito

Consideraremos várias passagens da Bíblia, mas, neste e no seguinte capítulo, voltaremos com frequência ao Evangelho de João, que dá ênfase particular ao tema de conhecer a Deus de maneira pessoal por meio do Espírito Santo. Sem dúvida, o Espírito Santo dirigiu João para que destacasse esse tema, pois era de suma importância para seu público leitor, constituído em sua maior parte de cristãos judeus, na situação difícil que atravessavam. Líderes de algumas sinagogas os haviam expulsado delas e, em alguns casos, talvez os tenham entregado a autoridades romanas hostis por causa da fé em Cristo. Esses líderes judeus locais alegavam ter conhecimento superior das tradições religiosas para justificar suas ações, mas João incentivou os cristãos a apelarem para um tipo de conhecimento ainda mais fundamental: conhecemos o próprio Deus, pois o Espírito de seu Filho habita em nós (cp. 1Jo 4.13).

Como mencionarei várias vezes ao longo da presente obra, para muitos judeus o Espírito de profecia havia desaparecido de Israel. Do tempo de Malaquias em diante, profecias eram raras, e a maioria das pessoas acreditava que Israel não tinha profetas investidos de autoridade como os do Antigo Testamento. Os judeus sabiam, porém, que algum dia Deus derramaria seu Espírito sobre seu povo de modo mais pleno, como os profetas bíblicos haviam prometido (Jl 2.28,29). Ao apelarem para sua experiência constante com o Espírito, os cristãos não apenas lançavam mão de uma capacitação sobrenatural que seus oponentes sequer alegavam ter, mas também declaravam que em Jesus de Nazaré o tempo da promessa havia chegado! A presença e a manifestação do Espírito constituíam a prova mais clara de que Jesus era o libertador prometido.

João encoraja seus leitores, dizendo-lhes que suas experiências os caracterizam como verdadeiros servos de Deus, mas também os chama a um relacionamento mais profundo com Deus, apresentando-lhes o significado ideal desse relacionamento. Quando ouvimos as palavras de encorajamento de João a seus primeiros leitores, conseguimos aprofundar nossa sensibilidade ao Espírito.

As ovelhas de Jesus conhecem sua voz

Como reconhecer o Espírito quando ele fala conosco? Paulo diz claramente que ainda não conhecemos como somos conhecidos (1Co 13.12); contudo, a fim de crescermos em nosso relacionamento com Deus, precisamos começar de algum lugar. De acordo com o Evangelho de João, todos que nasceram de novo têm um

relacionamento com Jesus. Logo, já começamos a conhecer Deus; apenas precisamos desenvolver o relacionamento que Deus já estabeleceu conosco.

A Bíblia descreve várias pessoas que tinham intimidade com Deus e que, ao mesmo tempo, eram tão imperfeitas quanto nós. Deus se tornou tão chegado a seu amigo Abraão que perguntou: "Esconderei de Abraão o que estou para fazer?" (Gn 18.17, NIV), e Eliseu pareceu ficar preocupado ao descobrir que Deus não havia lhe revelado algo (2Rs 4.27). E, no entanto, esse mesmo Abraão agiu com incredulidade ao ter relações com Hagar (Gn 16.1-3, episódio relatado imediatamente depois das confirmações dadas por Deus em Gênesis 15). Noé e Enoque andaram com Deus (Gn 5.22,24; 6.9), mas esse mesmo Noé se embriagou (9.21). De modo semelhante, Jesus veio em carne para discípulos imperfeitos (capazes de dormir durante uma reunião de oração ou mesmo de negá-lo) e fez deles exemplos da transformação que ele pode realizar em nós por meio da intimidade com ele.

A Bíblia diz que as ovelhas de Jesus sabem quem ele é e conhecem sua voz (Jo 10.4,5,14). Reconhecem-no quando ele fala porque estão familiarizadas com seu caráter. O Evangelho de João, que traz essas palavras de Jesus, ilustra-as com diversos exemplos. Natanael que, sem dúvida, estudava as Escrituras (1.45,46), reconheceu o Senhor a quem ele já servia quando Jesus o confrontou (1.49). De modo semelhante, Maria não reconheceu o Jesus ressurreto por sua aparência física (20.14,15), mas, quando ele a chamou pelo nome, como o Bom Pastor prometeu chamar suas ovelhas (10.3), ela soube de imediato quem ele era (20.16). No contexto da promessa de Jesus de que suas ovelhas conheceriam sua voz, um homem quebrantado, cuja necessidade Jesus supriu, o aceitou prontamente, enquanto os arrogantes que rejeitaram Jesus mostraram que não eram suas ovelhas (9.35—10.10).

A natureza de Deus

Visto que o Pai, o Filho e o Espírito compartilham da mesma natureza (embora sejam pessoas distintas com papéis distintos), o que aprendemos sobre o caráter de um membro da Trindade se aplica aos três. Assim como só é possível relacionar-se com o Pai por meio do Filho (1Jo 2.23), só é possível relacionar-se com o Filho por meio do Espírito (Jo 16.14; Rm 8.9), ou vice-versa (Jo 14.17). Portanto, o que aprendemos acerca de nosso relacionamento com o Pai ou com o Filho também se aplica a nosso relacionamento com o Espírito, por meio do qual experimentamos a presença do Filho e do Pai.

Como podemos, então, aprender sobre o caráter de Deus para conseguirmos reconhecer sua voz? Inúmeras passagens bíblicas trazem ensinamentos a seu respeito, a respeito de um Deus tão misericordioso e paciente que as analogias humanas o retratam quase como alguém tolamente indulgente (Mt 18.24-27; Mc 12.6; Lc 15.12). Ao mesmo tempo, as Escrituras revelam que a paciência de Deus tem sim seus limites para com aqueles que, reiteradamente, consideram sua misericórdia como algo automático (Êx 4.24-26; 32.35; Sl 78.17-31; Os 2.8-10; 11.1-7; Rm 2.4,5; 9.22).

Deus disciplinou os israelitas por sua constante desobediência, mas quando se arrependeram, Juízes diz que Deus "não pôde mais suportar a dor deles" (10.16), e por isso levantou para eles um libertador. Em Jeremias, Deus chora porque seu povo abandonou a verdadeira fonte de água, o próprio Deus, em troca de cisternas rachadas (2.13); em Oseias ele lamenta porque seu povo se opõe àquele que é seu auxílio (13.9).

Em várias ocasiões, para ilustrar seu caráter, Deus compara o relacionamento com seu povo a relacionamentos humanos. Em Oseias, portanto, vemos o coração de Deus ser ferido pela traição de seu povo infiel. Quando estamos prestes a condenar Gomer, a esposa infiel de Oseias, o profeta lembra que Gomer fez a ele o mesmo que nós fizemos ao Deus que nos ama (1.2—2.23). Oseias também mostra que Deus resgatou Israel da escravidão e adotou os israelitas como filhos. Deus diz que ensinou Israel a andar, que o carregou nos braços, curvou-se e o alimentou como faz um pai carinhoso (11.1-4). Mas os israelitas rejeitaram sua mensagem, por isso ele advertiu com ira e tristeza que os enviaria de volta para o cativeiro (11.5-7)!

Contudo, em meio aos juízos que profere nessa passagem, a voz de Deus falha de emoção. Ele clama: "Como castigaria você desse modo, meu povo?". E acrescenta: "Como trataria você como Admá ou Zeboim?" (11.8), uma referência a duas cidades que Deus arrasou e queimou quando destruiu Sodoma (Dt 29.23). Antes, ele diz: "Meu coração está arrasado dentro de mim, e minha compaixão queima" (Os 11.8). Declara: "Meu povo, se eu pudesse tomar sobre mim o juízo em seu lugar, eu o faria". E, em seguida, perdoa seu povo (11.9-11). Esse é o Deus da cruz.

A revelação suprema que Deus faz de si mesmo

Algumas questões na Bíblia são mais fundamentais que outras (e.g., Mt 23.23,24, texto em que os fariseus negligenciaram "os assuntos mais importantes" das Escrituras). O mesmo princípio se aplica ao modo como Deus revela seu caráter;

toda sua revelação é importante, mas certas partes ficam mais claras para nós do que outras.

João tem um modo especial de nos ensinar a respeito do caráter de Deus: ele diz que devemos olhar para Jesus. Quando um dos discípulos não reconhece que Jesus revela perfeitamente o caráter de seu Pai, Jesus responde: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14.9, NIV). De fato, até mesmo o prólogo de João apresenta essa realidade: Jesus é a Palavra (o "Verbo") de Deus que se fez carne.

Tudo o que Deus revelou acerca de si mesmo na Palavra escrita, revelou de modo ainda mais pleno na Palavra ou Verbo encarnado. Os judeus reconheciam que Deus havia se revelado nas Escrituras e, ao que parece, os líderes da sinagoga que tinham expulsado os leitores de João de suas congregações imaginavam que sabiam mais das Escrituras do que os cristãos (cp. 5.39; 9.28,29). João afirma, porém, que a mesma Palavra de Deus com a qual deparamos nas Escrituras entrou na história humana na pessoa de Jesus de Nazaré. Desse modo, João rebate as asserções dos adversários dos cristãos, que enfatizavam seu zelo pela lei de Deus: aqueles que afirmam conhecer a lei de Deus, mas rejeitam Jesus, rejeitam a verdadeira mensagem da Palavra (5.45-47).

Ao fazer referência à história veterotestamentária de Moisés no monte Sinai, João mostra de que maneira Jesus revelou o caráter de Deus. Como Verbo (Palavra), Jesus sempre existiu junto ao Pai (1.1-13), até que, por fim, Deus expressou sua Palavra como carne (1.14). Então, ao adotar nossa humanidade e nossa mortalidade, Jesus se tornou um de nós. Com isso, revelou a glória do Pai, "cheia de graça e de verdade" (1.14), a plenitude de graça e de verdade que todos nós recebemos quando aceitamos Cristo (1.16; cp. 1.12,13).

Deus revelou seu coração a Moisés

Quando afirma que a glória de Jesus era "cheia de graça e de verdade", João nos fala do coração de Deus. Faz referência à ocasião em que Moisés subiu o monte Sinai pela segunda vez para receber a lei de Deus. Nessa ocasião, Deus disse a Moisés que estava irado com seu povo e não desejava mais habitar no meio dele, mas também afirmou que Moisés era seu amigo (Êx 33.3,17). Moisés pediu: "Se sou teu amigo, mostra-me tua glória" (33.18). Deus explicou que sua glória seria demais para Moisés — ninguém pode ver Deus e viver — mas que lhe revelaria parte dela (33.19-23). Então o Senhor passou diante de Moisés, mostrando-lhe parte de sua glória (34.5-7). O que Deus mostrou a seu servo, porém, não foi um mero espetáculo cósmico de pirotecnia (embora tenha

havido "pirotecnia" suficiente para fazer o rosto de Moisés resplandecer); Deus revelou a Moisés seu caráter, seu coração. Ele fez sua "bondade" passar diante dele (33.19).

Enquanto o Senhor passava diante de Moisés, declarou: "O SENHOR, o SENHOR, cheio de amor pactual e fidelidade pactual. Sua ira contra o pecado é tão grande que ele o castiga por três ou quatro gerações, mas seu amor é tão grande que se estende até a milésima geração, pois sua misericórdia é muito maior que sua ira" (Êx 34.6,7; veja tb. 20.5,6; Dt 7.9,10). Em outras palavras, a glória de Deus é resumida como "cheia de amor pactual e fidelidade pactual", expressão que pode ser traduzida do hebraico para o grego e do grego para o português como "cheia de graça e de verdade". "Graça" significa que Deus nos aceita porque é próprio de seu caráter, e não por causa de como somos. O termo hebraico para "verdade", neste contexto, refere-se à integridade de Deus, sua fidelidade inabalável a seu caráter e às promessas que ele fez em sua aliança. Quando Deus terminou de se revelar, Moisés agiu conforme um entendimento mais profundo do caráter de Deus e suplicou mais uma vez para que Deus perdoasse Israel e habitasse no meio do povo (Êx 34.8,9). E, visto que é cheio de graça e de misericórdia, Deus consentiu (34.10).

Deus nos revelou seu coração nos sofrimentos de Jesus

Cerca de treze séculos depois, Deus revelou seu Verbo (sua Palavra) novamente, "pleno de graça e de verdade". Dessa vez, porém, mais do que parte da glória de Deus foi revelada. Nessa ocasião, o Verbo se fez carne, e a graça e a verdade nele reveladas foram completas, ao contrário da revelação parcial na Lei de Moisés (Jo 1.17). Embora ninguém jamais tivesse visto a Deus, o unigênito de Deus, que tem com o Pai o mais íntimo relacionamento, expôs seu caráter e sua natureza de modo visível a todo o mundo (1.18). Aquilo que Moisés viu em parte, as testemunhas oculares de Jesus, que puderam dizer "vimos a sua glória" (1.14), contemplaram por inteiro. O mesmo princípio se aplica não apenas àqueles que andaram com Jesus na terra, mas àqueles que, subsequentemente, vieram a conhecer sua glória, entendendo seu caráter no evangelho (2Co 3.2-18).

Embora possamos esperar alguma pirotecnia quando Jesus voltar, sua primeira vinda não foi acompanhada de espetáculos pirotécnicos. O Verbo de Deus veio de modo oculto, reconhecido apenas por aqueles que haviam desenvolvido de antemão alguma familiaridade com o caráter de Deus (e.g., Jo 1.47-51). Jesus revelou sua glória por meio de diversos sinais, muitas vezes para apenas um

punhado de pessoas (2.11). Contudo, a revelação suprema de sua glória plena de graça e de verdade foi sua morte, a expressão máxima de sua plena identificação com nossa humanidade! Jesus foi "glorificado" por Deus quando foi "levantado" na cruz por seus inimigos (12.23,24,32,33). Nós coroamos nosso Senhor Jesus com espinhos e o entronizamos como "Rei dos judeus" numa cruz, mas no sacrifício de Jesus, Deus o constituiu Senhor da criação e reservou para ele o lugar à sua direita. Em nosso ato supremo de rebelião, quando sacudimos nosso punho diante da face de Deus e declaramos nosso ódio pelo Criador, quando martelamos pregos em seus punhos, o enviado de Deus ofereceu a demonstração máxima do amor de Deus por nós. "Pois foi desse modo que Deus amou o mundo: ele entregou seu Filho singularmente especial para que, quem fiar-se nele não pereça, mas participe da vida no mundo por vir" (Jo 3.16).

Deus revelou sua glória ao longo de toda a história, mas foi na cruz que ocorreu a expressão máxima de sua glória, a revelação suprema de sua graça e verdade. Queremos conhecer o coração de Deus? Jesus declara que, para encontrá-lo, precisamos olhar para a cruz. Paulo nos confirma essa mesma realidade: ele provou seu amor por nós, quando ainda éramos pecadores, inimigos de Deus, ao enviar Jesus para morrer por nós (Rm 5.6-8). Ora, "Deus derramou seu amor por nós por meio do Espírito que ele nos concedeu gratuitamente" (Rm 5.5; veja tb. Ef 3.16-19), uma experiência que, nesse contexto, significa que o Espírito entrou em nosso coração e aponta para a cruz, garantindo reiteradamente: "Vejam! Amo vocês! Amo vocês! Amo vocês!".

Jesus revela o coração de Deus à criança que foi abusada, ao cônjuge abandonado, ao pastor que trabalha demais e não é valorizado, a todos os feridos do mundo. Quando ouvimos a voz daquele que enviou seu Filho, não para condenar, mas sim para salvar o mundo de seu pecado, verdadeiramente ouvimos a voz do Espírito de Deus. Por vezes, nos envolvemos de tal modo com a obra de Deus que nos esquecemos de fazer uma pausa para ouvir Deus reafirmar seu amor por nós, isto é, seu Espírito lembrando-nos de que somos, de fato, seus filhos (Rm 8.16; 1Jo 3.24; 4.13; 5.6-8). Mas, uma vez havendo experimentado o toque confortante do amor de Deus em oração, só nos contentaremos quando caminharmos em amorosa intimidade com ele.

Para reconhecer a voz de Deus, precisamos começar por conhecer, da melhor maneira possível, o caráter de Deus conforme ele mesmo já o revelou. Ou seja, antes de ouvirmos o que Deus tenha a dizer, devemos atentar para aquilo que ele já disse. Ouvir o Espírito significa ouvir o Deus da Bíblia, o Deus da cruz.

O Espírito e a presença de Jesus

Um passo importante para conhecer a Deus é entender o quanto ele é acessível a nós. Quando estamos aprendendo a ouvir a Deus, algo que ajuda é aceitarmos pela fé que já estamos em sua presença. Se primeiro precisássemos nos tornar dignos de entrar em sua presença, jamais conseguiríamos fazê-lo. Na minha juventude, eu imaginava que precisava "lutar em oração" durante uma hora antes de poder merecer acesso à presença de Deus. Quando me conscientizei da necessidade de usar meu tempo de modo mais responsável, percebi que desperdiçara horas a fio que poderiam ter sido desfrutadas em íntima comunhão com o Deus que eu estava aprendendo a amar.

Se tivermos de "sentir" a presença de Deus antes de crermos que ele está conosco, mais uma vez reduziremos Deus a nossa capacidade de compreendê-lo e o transformaremos em um ídolo, em vez de reconhecermos que ele é Deus. Percebo que hoje, muitas vezes, sinto a majestade, o amor e o caráter de Deus de forma avassaladora; em geral, porém (em meus melhores momentos), não procuro sentir nem usar isso para aferir meu relacionamento com ele. No passado, quando esperava sentir algo para crer que Deus estava presente, muitas vezes me sentia apenas frustrado. Os sentimentos devem decorrer da fé; o objeto de nossa busca deve ser o próprio Deus, e não os sentimentos.

Aproximar-se do trono de Deus

O autor de Hebreus nos chama a nos aproximarmos com confiança do trono da graça de Deus (4.16), e Paulo lembra que Cristo proveu para nós perfeito acesso a Deus, algo que não poderíamos ter obtido por esforço próprio (Rm 5.2; Ef 2.18). Mais uma vez, o Evangelho de João fornece uma forma proveitosa de abordar esse passo no aprendizado de ouvir a voz de Deus.

João diz que podemos nos aproximar de Deus com intimidade a qualquer momento, pois já estamos em sua presença (Jo 14.16-23; 15.1-11). Nosso relacionamento com ele é fruto da graça (Fp 3.9,10), por isso o vivenciamos pela fé. É verdade que a desobediência pode obstruir nosso relacionamento com Deus (Jo 14.23,24); sem dúvida, Deus não desperdiça suas palavras com aqueles que vivem em desobediência deliberada. Entretanto, o triunfo de Jesus na cruz nos libertou das consequências e do poder do pecado. Vencemos a tentação nos apropriando do poder de Deus, que é pleno de graça, e não esperando até termos uma vida santa o suficiente para merecermos seu poder (Ez 36.27). Aprendemos a apreciar a presença contínua de Deus conosco dessa mesma forma.

Muitas moradas

Jesus promete a seus discípulos que continuará presente entre eles após sua partida. Depois de usar sua iminente morte por nós como novo modelo de amor que os crentes devem seguir (Jo 13.31-38) ele trata da próxima questão inevitável: o fato de que ele precisa partir. No entanto, garante a seus discípulos tomados pela ansiedade que, embora esteja indo para junto do Pai, voltará para eles (14.3,18,23).

Com frequência, lemos as primeiras linhas de João 14 como uma promessa da segunda vinda de Jesus. Contudo, apesar de ele prometer que voltará em outras passagens de João, é provável que o significado da promessa de João 14.2,3 não seja esse. Nessa passagem, Jesus garante a seus discípulos que está indo para a casa de seu Pai a fim de preparar um lugar para eles entre as muitas moradas que existem ali (14.2; o termo "mansões" na KJV é uma tradução equivocada com base na Vulgata, em latim). Ele promete que voltará para eles, e que estarão com ele para sempre na casa de seu Pai. Não é de surpreender que fiquemos em dúvida a respeito do que Jesus estava falando, pois até mesmo seus primeiros discípulos ficaram perplexos (14.5)! O próprio contexto, porém, esclarece o que Jesus quer dizer.

Primeiro, ele explica a que está se referindo quando afirma que virá novamente. No contexto em questão, isso significa que ele voltará a seus discípulos depois da ressurreição (14.16-20; 16.16,20-22). Nessa ocasião, ele lhes dará seu Espírito, por meio do qual experimentarão sua presença e vida ressurreta (14.16,17,19; 20.22). Depois, Jesus explica o que são as "moradas" que existem na casa do Pai: elas se referem ao fato de habitarmos na presença de Deus. A palavra que traduzo aqui por "moradas" aparece somente mais uma vez em todo o Novo Testamento, em um versículo mais adiante, nesta mesma passagem, no qual Jesus fornece mais detalhes sobre a informação que já dera a seus discípulos acerca das moradas. Por meio do Espírito, Jesus e o Pai virão fazer morada dentro de cada discípulo (14.23), transformando-o, portanto, em templo do Senhor (a casa do Pai). O termo *habitar/morar*, a forma verbal de *morada*, ou *permanecer* ocorre várias vezes em João 15, passagem em que Jesus fala sobre habitar conosco, e nós com ele (15.4-7,9,10).

Além disso, os discípulos não entenderam o que ele disse, portanto sua explicação para eles também é instrutiva para nós. Quando Jesus lhes falou que eles já sabiam para onde ele ia e como chegaria lá, um discípulo perplexo comentou: "Senhor, nem sequer sabemos para *onde* vais; como podemos saber o caminho para lá?". Jesus respondeu que estava indo para onde o Pai estava, e que Jesus era

o caminho para os discípulos chegarem lá (14.6; veja tb. 16.28). Mas *quando* os discípulos chegam ao Pai por meio de Jesus?

João 14.6 está falando da salvação; chegamos ao Pai por meio de Jesus quando cremos em Jesus. Assim sendo, as palavras anteriores de Jesus em 14.2,3 também devem se referir a um relacionamento que tem início na conversão. Quando chegamos ao Pai por meio de Jesus, nos tornamos sua morada por meio do Espírito que ele nos deu. Se João 14.6 se refere à salvação (como é o caso), então a pergunta que o versículo responde (como chegarmos até onde vamos?) não pode se referir apenas à futura segunda vinda de Jesus que aguardamos.

Deus habita em nós

Contudo, mesmo que alguém rejeite meus argumentos acerca de João 14.2,3, o restante do contexto (14.16,17,23,26) mostra que Deus vem habitar dentro de nós. O mesmo Jesus que lavou os pés de seus discípulos e que morreu na cruz por nossos pecados é o Jesus que está com você agora enquanto você lê este livro. Você está na presença dele a todo tempo, e ele se agrada quando você confia nessa presença.

A presença contínua de Deus e o poder vivificador que ele concede são importantes no Novo Testamento, mas devem ter causado espanto em algumas pessoas no tempo de João. Nessa época, os judeus falavam de como Deus, por meio do Espírito, purificava seu povo, ou dava poder a alguns para falarem em seu nome. No entanto, os primeiros cristãos que experimentaram o Espírito reconheceram que o Espírito que neles habitava significava algo mais; significava que o próprio Deus habitava neles, que eram o templo sagrado de Deus (1Co 3.16; Ef 2.22; 1Pe 2.5; cp. "casa de meu Pai" em Jo 14.2 com 2.16). Embora em grau diferente, essa experiência já tinha precedentes bíblicos antes da vinda de Jesus (Gn 41.38; Nm 27.18; 1Pe 1.11; cp. Dn 4.8,9, 18; 5.11,14; 1Pe 4.14).

Deus desejava não apenas nos salvar do inferno, mas também nos purificar do pecado. E Deus desejava não apenas nos livrar do pecado, mas, uma vez que houvesse purificado nossa morada, desejava habitar nela conosco. Embora alguns judeus, como os escritores dos Manuscritos do Mar Morto, já considerassem sua comunidade um novo templo para Deus, os cristãos primitivos foram além desse ponto. Ao verem não apenas a igreja, mas cada crente individualmente como templo (1Co 6.19), eles reconheceram que o Espírito habitava continuamente no coração de cada crente e concedia a cada um comunhão íntima e incessante com Deus (Ef 3.17-19). Era propício para nós que Jesus partisse a fim de que pudesse voltar para estar

presente em cada um de nós num sentido mais profundo e íntimo do que antes (Jo 16.7,12-15). Como é maravilhoso o grande amor de Deus por nós!

Uma vez que nos transformou em templos de Deus, o Espírito nos capacita para que o adoremos. Mais do que qualquer outra atividade, possivelmente com exceção do evangelismo, a adoração nos ajuda a pôr o foco sobre a glória de Deus. Ao fazê-lo, convida-nos a voltar a atenção para aquele cujo coração desejamos conhecer. Permite-nos traduzir o que sabemos *sobre* Deus em uma conversa dinâmica *com* Deus.

Adoração no poder do Espírito

Já há algum tempo eu ouvia comentários maravilhosos sobre os cultos de determinada igreja. Sabia, evidentemente, que a presença de Deus ali não seria diferente da presença de Deus que eu conhecia, pois só existe um Deus verdadeiro. Ainda assim, também tinha consciência de que às vezes pessoas de outros lugares têm uma imagem mais clara de alguns aspectos do caráter infinito de Deus e, por vezes, a intensidade delas ou da graciosa resposta de Deus à adoração delas pode afetar aqueles que visitam esse lugar (cp. 1Sm 19.20-24 para um exemplo dramático). Deus é coerente com sua natureza e com seus propósitos declarados nas Escrituras, mas não é limitado por nossa compreensão finita dele, nem pelas maneiras pelas quais imaginamos que ele deva operar.

Quando visitei aquela cidade, fui à igreja em questão, mas durante a primeira hora de culto não experimentei nada de extraordinário. Cerca de dois mil jovens dançavam e gritavam louvores a Jesus com fervor, mas, por causa do lugar onde estava sentado, eu não conseguia ouvir suas palavras e, portanto, não tinha como cantar com eles. Tinha ido até lá para adorar, e não para assistir a outros adorando, e comecei a achar que, infelizmente, agora na casa dos 30, estava ficando velho e perdendo contato com o entusiasmo da juventude. Passei boa parte do tempo sondando meu coração diante do Senhor. Eu parecia adorar de modo tão diferente de todos os outros. Será que havia algo de errado comigo? Então, quando um momento de silêncio tomou conta daquela congregação internacional, senti a profunda compaixão e o amor de Deus. Em voz baixa, comecei a adorar em línguas, como algumas outras pessoas. Logo, a maior parte dos presentes estava cantando em línguas ou espontaneamente em seus próprios idiomas.

Foi então que percebi o Espírito de Deus falar a meu coração. Ele disse que havia criado cada um de nós de modo singular e distinto. Claro que eu já sabia disso; há mais diversidade em nosso DNA do que em flocos de neve! Mas saber

de algo que fica em segundo plano em nossa mente e aplicá-lo a nossas circunstâncias são duas coisas bem diferentes. Senti Deus dizer que, pelo fato de ele ter criado cada um de nós como alguém único, a adoração de cada um é especial para ele. Mesmo que houvesse dez mil pessoas presentes, minha adoração importava para Deus. Somente Craig Keener poderia oferecer a Deus a adoração que ele havia criado Craig Keener para oferecer. Talvez eu me visse como um acadêmico enfadonho, mas Deus me via como seu filho que o adoraria por toda a eternidade! Caí de joelhos, chorando e completamente tomado pela graça e misericórdia de Deus.

O livro de Atos revela o caráter do *evangelismo* realizado no poder do Espírito. As cartas de Paulo com frequência se concentram na importância do *comportamento* no poder do Espírito. A Bíblia também ensina, porém, sobre a *adoração* no poder do Espírito. Deus deseja que lhe apresentemos nossas necessidades, que expressemos nossa dependência dele. Uma forma ainda mais íntima de adoração, porém, consiste em nos aquietarmos diante de Deus com o intuito de nos concentrarmos não naquilo que precisamos dele, mas em sua glória. Sem adoração, talvez nos lembremos de como Deus é na teoria, mas não teremos experimentado isso tão plenamente quanto podemos ao nos relacionarmos com ele. Deus anseia por nossa adoração porque é dessa forma que revelamos nosso amor por ele e também porque ele sabe que precisamos adorá-lo. Acima de tudo, é na adoração que nosso coração pode compreender de modo mais pleno quem Deus é, prestar-lhe culto e descobrir os caminhos de seu coração.

Exemplos bíblicos de adoração

Qual é o grau de envolvimento do Espírito na adoração? O Espírito inspirou os salmos do Antigo Testamento para que o povo de Deus pudesse adorá-lo de modo pleno. Na verdade, a Bíblia registra com frequência a interação entre adoração e inspiração profética (e.g., Êx 15.20,21; 1Sm 10.5; 2Rs 3.15; Hc 3.19). O próprio Davi nomeou líderes ordeiros, mas profeticamente inspirados, para o culto no tabernáculo (1Cr 25.1-7). Muitos dos salmos nasceram desse culto inspirado pelo Espírito (2Cr 29.30) e foram perpetuados nele (Ne 12.45,46). Celebrar a bondade de Deus em atitude de adoração era essencial para todo o seu povo no Antigo Testamento (veja 1Cr 6.31,32; 15.16, 28,29; 16.4-6; 23.27,30; 2Cr 31.2; Ne 12.24,27,36,43), e os principais avivamentos na história de Israel incluíram avivamentos da adoração (2Cr 8.14; 20.20-22; 29.25; Ed 3.10,11).

Se na adoração no Antigo Testamento o Espírito de Deus conferiu poder

a seu povo, sem dúvida ele merece, hoje, adoração igualmente conduzida pelo Espírito. De fato, as Escrituras caracterizam o crente como aquele que adora a Deus não somente em santuários tradicionais (como os templos em Samaria ou Jerusalém) ou com rituais tradicionais (como a circuncisão), mas "no Espírito" (Jo 4.24; Fp 3.3 no contexto).

Parte considerável da adoração na Bíblia envolve cânticos, e os cânticos envolvem as emoções (e nosso corpo), bem como o intelecto. Devemos conhecer e celebrar Deus com todo o nosso ser. Enquanto muitos cristãos não servem a Deus com a mente, outros cultivam apenas a mente e deixam de lado o aspecto emocional da adoração. Conhecer o Espírito Santo envolve mais do que apenas saber fatos a seu respeito. Um apanhado geral dos salmos mostra que Deus toca tanto a dimensão afetiva (emocional) quanto a intelectual de nossa personalidade. Os salmos enfatizam alegria (mais de cem vezes), gritos (mais de vinte vezes) e até mesmo dança.[3] É claro que diferentes culturas e personalidades nos levam a expressar emoções de formas distintas, e circunstâncias diferentes podem despertar atitudes distintas no coração (Tg 5.13). Conhecer o Espírito Santo, porém, significa buscar um relacionamento pessoal e próximo com ele, e relacionamentos envolvem intelecto, emoções e compromisso.

O significado bíblico da adoração

A adoração não consiste apenas em gostar do ritmo de uma canção, sentir uma emoção ou entender uma liturgia, por mais úteis que quaisquer desses elementos possam ser para voltar nossa atenção para Deus. Também não consiste em repetir frases feitas sem reconhecer aquele que é digno delas. Quando o salmista diz "Aleluia!" (em português, "Louve ao Senhor!"), usa um forte imperativo hebraico, ou seja, uma ordem urgente e categórica proferida por líderes do culto no templo aos presentes que ali vieram para adorar. É mais um chamado para adorar do que adoração propriamente dita! Contudo, mesmo quando convocamos a nós mesmos ou outros para adorar, podemos começar a voltar nosso coração para Deus.

Faz parte da adoração dar a honra devida a Deus; é um ato supremo de fé, no qual reconhecemos diretamente para ele a grandeza de Deus. Em resposta a essa fé e adoração genuínas, Deus agiu muitas vezes em favor de seu povo (e.g., 2Cr 20.20-24). Precisamos glorificar a Deus e permitir que ele expresse seu poder em

[3]Veja comentários mais detalhados em Craig Keener, *Revelation*, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 196-7; veja ibidem, p. 179-81.

nosso meio também nos dias de hoje. Como sacerdócio real (1Pe 2.5,9; Ap 1.6), devemos apresentar um sacrifício mais expressivo do que o de touros e bodes, devemos oferecer nossos lábios e coração para engrandecer a Deus.

Faz parte de nossa missão neste mundo levar pessoas de todas as culturas a exaltar o nome de Cristo (Ap 5.9,10), embora nem sempre vejamos os frutos pelos quais trabalhamos. Contudo, quaisquer que sejam os resultados visíveis deste lado da eternidade, nossos esforços cumprem parte de nossa missão ao glorificarem a Deus. Ele nos criou para que o honremos com nossos lábios e com nossa vida, mas é tão grandioso que somente o agir de seu Espírito dentro de nós pode gerar o louvor autêntico e sincero condizente com sua majestade.

Os cristãos primitivos sabiam que o Espírito precisava lhes encher de poder, a fim de que pudessem oferecer louvores dignos de um Deus maior do que toda sua criação. Como observamos, falavam da adoração no Espírito (Jo 4.24; Fp 3.3; veja tb. Ef 6.18; Jd 20). Algumas passagens nos dão um vislumbre da adoração guiada pelo Espírito, oferecida pelos primeiros cristãos, a qual, pelo visto, abrangia cânticos, por vezes em línguas que nem mesmo os adoradores conheciam (1Co 14.13-15; cp. Ef 5.18-20). Deus não é hoje menos magnífico do que era no Antigo Testamento e na igreja primitiva, nem menos digno do louvor prestado no poder do Espírito. Devemos buscar a presença e o poder do Espírito para nossa adoração a Deus hoje, pois ele habita junto ao coração sincero e humilde que deseja honrá-lo acima de todas as coisas. Não precisamos todos expressar nosso louvor da mesma forma, mas Deus quer que o adoremos com desejo sincero de honrá-lo. Devemos pedir que volte nosso coração para ele e confiar que o fará.

Adoração como antegosto do futuro

Nenhum templo terreno é capaz de comportar a glória de Deus (1Rs 8.27; 2Cr 2.6; 6.18); nenhum sacrifício que nós, criaturas finitas, ofereçamos pode se mostrar digno do eterno e infinito Criador do universo. Mas, quando Salomão e Israel resolutamente ofereceram a Deus o que tinham de melhor (e foi uma oferta considerável, veja 1Rs 8.5,63), Deus foi ao seu encontro. Encheu de glória sua habitação terrena, como havia feito anteriormente com o tabernáculo (Êx 40.34,35) e, com isso, confirmou seu amor por seus adoradores. Como naqueles dias, hoje Deus continua ansioso para vir ao nosso encontro e compensar nossa finitude, se nos aproximarmos dele com o maior zelo que tivermos a lhe oferecer.

Para não corrermos o risco de subestimar a magnitude da confirmação divina, devemos observar que os sacerdotes não conseguiram sequer ministrar no

templo, por causa da glória de Deus (1Rs 8.10,11; cp. Êx 40.35; Ez 44.4; Ag 2.7). E, no entanto, embora a glória de Deus tenha enchido sua casa terrena de adoração no Antigo Testamento, Deus promete uma glória futura ainda maior. Declara que sua glória encherá toda a *terra*, como as águas cobrem o mar (Hc 2.14). É possível que precisemos de um "corpo de glória" (1Co 15.43; Fp 3.21) para sermos capazes de suportar a plenitude da glória de Deus nessa ocasião (cp. Ap 22.4,5). As experiências de adoração que temos hoje constituem apenas um antegosto da adoração eterna, mas se ansiamos verdadeiramente pela eternidade com Cristo, devemos saborear esse antegosto que temos agora.

O livro de Apocalipse é repleto de cenas de adoração. O Senhor deu essa revelação a João para as igrejas da Ásia Menor, muito parecidas com as igrejas de hoje em diversas partes do mundo. Algumas delas sofriam perseguição, enquanto outras faziam concessões a esse mesmo sistema mundano que perseguia seus irmãos em Cristo em outros lugares! A maioria das cenas em que João descreve a terra é desagradável (especialmente a matança dos santos enquanto o mundo presta culto à besta), mas as cenas do céu são gloriosas: os santos e todas as criaturas do céu adoram a Deus.

Na verdade, em Apocalipse, o céu se parece com um templo: tem um tabernáculo, um altar, incensários, um mar (como o templo de Salomão), trombetas e assim por diante (4.6; 5.8; 6.9; 8.2-6; 11.19; 15.2,5). O céu é um lugar projetado para a adoração! De fato, a Nova Jerusalém em 21.16 assume o mesmo formato do Lugar Santíssimo no Antigo Testamento; porém, enquanto no passado o acesso à presença de Deus era rigorosamente limitado, nós a desfrutaremos em toda sua plenitude para sempre! Ao ser lido para as sete igrejas da Ásia Menor em seus cultos, o livro de Apocalipse as convocou a juntarem-se a todo o céu na adoração ao Deus soberano. É a perspectiva celeste que nos capacita a triunfar sobre os sofrimentos e as tentações no presente. E não existe momento nesta vida em que estejamos mais próximos de nosso futuro celestial do que quando adoramos a Deus.

O Espírito nos capacita a participar hoje desse reino futuro. Em meio a sofrimentos tremendos, o Espírito garante nossa herança futura, com glória maior resultante de nossas provações no presente (Rm 8.16-18). O Antigo Testamento associava a vinda do Espírito com a era vindoura, assim, os cristãos primitivos, que conheciam bem o Antigo Testamento, entenderam que o Espírito os ligava ao futuro. Reconheciam que quem tem o Espírito prova de antemão o poder da era vindoura (Hb 6.4,5). O Espírito nos transforma em povo do futuro e nos capacita a ver nossa identidade pela ótica do nosso destino em Cristo, e não pela forma como as pressões do mundo nos definem (1Co 2.12-16).

Portanto, Paulo fala do Espírito como "primícias" (Rm 8.23). A oferta das primícias marcava o verdadeiro início da colheita vindoura (Lv 23.10). Nós, que desejamos ansiosamente a volta de nosso Senhor, temos o antegosto da colheita vindoura. Não aguardamos simplesmente uma esperança teórica quanto a um futuro distante; aguardamos algo que conhecemos sem sombra de dúvida, pois já começamos a experimentar a vida do mundo por vir.

Em outras passagens, Paulo fala do Espírito como "adiantamento" ou "garantia" de nossa herança futura (2Co 1.22; 5.5; Ef 1.13,14). No tempo de Paulo, os negociantes usavam esse mesmo termo para se referir à primeira parcela ou ao pagamento inicial daquilo que estava por vir. Deus nos adiantou parte da herança para que possamos experimentar a vida do Espírito, a "vida eterna", na era presente (Jo 3.16,36). Algumas promessas se cumprirão quando Jesus voltar, mas a presença e o poder de Deus em nossa vida neste momento devem nos capacitar para que vivamos como povo do céu na terra. Você pode imaginar a revolução que ocorreria na vida dos crentes e nas igrejas se reconhecêssemos essa realidade e crêssemos nela verdadeiramente? Devemos ser sinceros quando oramos: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu!".

Conclusão

Se desejamos reconhecer a voz do Espírito, devemos começar cultivando os meios que ele mesmo já nos deu. Ou seja, devemos conhecer o caráter de Deus por intermédio daquilo que ele já disse na Bíblia. Esse conhecimento nos tornará mais sensíveis à verdadeira voz do Espírito quando ele falar. Também precisamos reconhecer pela fé que Deus já nos concedeu sua presença; podemos começar a nos relacionar com ele antes mesmo de senti-lo. Por fim, devemos adorá-lo, aplicando o que sabemos acerca de Deus à intimidade de nosso relacionamento com ele.

Esses princípios básicos ajudam a nos preparar para ouvir a voz do Espírito com mais exatidão. No capítulo seguinte, investigaremos alguns outros princípios e práticas que podem ser úteis para aprendermos a ouvir a voz de Deus.

2

Aprendendo a ouvir o coração de Deus pelo Espírito

Certo dia, quando ainda era jovem na fé, estava orando fervorosamente por direção quanto a uma questão específica quando senti o Espírito gentilmente me interromper. Fiquei estarrecido ao pensar tê-lo ouvido dizer que eu estava ocupado demais buscando sua vontade. Como isso era possível? Mas então ouvi o restante do que ele estava sugerindo. "Não busque minha vontade dessa forma. Busque a mim, e então você saberá qual é minha vontade". Buscar a vontade de Deus é importante, mas, nesse caso, meu foco estava errado.

Com frequência, Deus provê uma direção específica. Depois de pregar em uma igreja na Nigéria, senti-me levado a encontrar uma mulher queniana que havia participado do culto; ela trabalhava com um ministério africano associado à Cruzada Estudantil (agora Cru Brasil). Um amigo que estava comigo na ocasião e que havia trabalhado com a Cruzada sugeriu que fôssemos até o escritório central. Localizamos a mulher e descobrimos que ela estava para viajar ao exterior no dia seguinte. Dei de presente para ela um exemplar do livro *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*,[1] que havia trazido e ela ficou feliz de recebê-lo. Essa foi a única queniana que encontrei naquele verão na Nigéria.

Vários meses depois, recebi notícias dela, relatando que seu noivo havia ficado admirado ao ver o comentário. Ele era um evangelista etíope que eu conhecera no Quênia naquela época, a quem eu havia enviado esse comentário alguns anos antes. Ficou evidente que a mão de Deus havia dirigido todos nós para esse encontro. Em várias outras ocasiões, Deus concedeu esse tipo de direção e conduziu meus passos de modo providencial.

[1]São Paulo: Vida Nova, 2017.

No entanto, por mais empolgante que seja receber direção dessa forma quando servimos a ele, não devemos duvidar da direção de Deus quando ele não providencia encontros tão claramente dramáticos. Com frequência, Deus quer nos falar de seu amor por nós, nos dar compreensão mais profunda ou nos disciplinar, e tudo isso comprova nosso relacionamento com ele. Sempre que fala, Deus nos capacita a aprender mais sobre ele, não importa o que mais possamos vir a aprender com suas palavras.

Por vezes os cristãos têm dificuldade em discernir a voz de Deus

Às vezes é mais fácil ouvir Deus em certos momentos do que em outros. Até mesmo Elias, que falou em nome de Deus e recebeu mensagens dele, chegou a um ponto de sua vida em que, pelo visto, passou quarenta dias sem ouvir sua voz (1Rs 19.7-9). Contudo, Elias era suficientemente sensível ao caráter de Deus (veja o capítulo anterior) para reconhecer que sua voz não estava no vento nem no terremoto causados pela presença divina. Ele continuou a esperar até que ouviu Deus em um sussuro suave, quando Deus se dirigiu a ele de modo especial (1Rs 19.8-13).

A Bíblia fornece inúmeras orientações para aprendermos a ouvir a voz do Espírito de modo prático. Sabemos estar ouvindo sua voz quando o Espírito dá testemunho a nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8.16; 1Jo 3.24; 4.13), ou quando, por meio de sabedoria guiada pelas Escrituras, discernimos a mente do Espírito (Rm 8.5; 12.2,3; 1Co 2.12-16). Por vezes, também temos uma sensação avassaladora de que precisamos agir. Quando o Senhor me chamou para a faculdade de teologia, deu-me tamanha certeza de sua direção que recusei uma bolsa de estudos prestigiosa e concorrida para outra faculdade. Há alguns anos, tive a convicção de que Deus desejava que eu me mudasse, pelo menos por um tempo, para uma cidade no nordeste dos Estados Unidos. Tive tanta certeza de sua direção que me preparei para deixar meu trabalho em período integral como professor de uma faculdade na Carolina do Norte sem ter outro emprego em vista. Coincidentemente, o Eastern Seminary, na Filadélfia, abriu uma vaga para professor temporário naquele ano. Pouco tempo depois, após realizar uma busca em todo país, esse seminário me ofereceu um cargo permanente no mesmo dia em que eu precisava dar uma resposta a outra excelente instituição de ensino.

Em contrapartida, pode acontecer de imaginarmos que Deus está nos dirigindo a determinado lugar por um motivo e, ao chegarmos lá, descobrirmos que, embora

ele estivesse conduzindo nossos passos, era por motivos diferentes daqueles que esperávamos. Se fizermos nosso melhor para segui-lo, porém, ele se mostra confiável na realização de seus propósitos. E, se tivermos um relacionamento mais chegado com ele, acabaremos sendo conduzidos por ele, quer por meio de um senso específico de direção, quer pelo modo como ele conduzirá nossos passos.

Algumas situações, porém, se mostram particularmente ambíguas. Enquanto para alguns cristãos a direção de Deus para encontrar o cônjuge certo é relativamente direta, para outros é mais difícil, especialmente quando chamados específicos estão em jogo. Uma amiga que estudava no Dallas Seminary me contou que estava pensando em escrever uma tese sobre o motivo pelo qual tantos cristãos solteiros que ela conhecia imaginavam haver recebido direção de Deus para se casar com determinada pessoa, mas essa pessoa acabava encontrando outro cônjuge. Quaisquer que sejam os outros motivos, o envolvimento de nossas emoções pode tornar essas áreas complicadas até mesmo para cristãos muito comprometidos.

A base do conhecimento de Deus, porém, não consiste apenas em ser capaz de identificar sua direção específica, por mais importante que ela seja. Conhecer Deus é bem mais do que simplesmente obter sua direção para os detalhes de nossa vida.

O Espírito revela Jesus para nós

Hoje em dia, existe grande pressão para pregar sobre temas que sejam diretamente relevantes para o comportamento. Sermões e estudos bíblicos desse tipo são importantes, mas uma das coisas mais importantes que podemos aprender ao estudar a Bíblia é a natureza do relacionamento de Deus com seus seguidores. Jesus não é apenas uma doutrina ou um conceito entre vários outros; ele é nosso único Salvador e Mestre, por meio do qual e para o qual fomos criados.

O Espírito é a chave para nos revelar Jesus, e o Jesus que ele nos revela é o mesmo Jesus a respeito do qual lemos na Bíblia. De fato, o Espírito com frequência nos ensina a respeito de Jesus ao trazer de volta a nosso coração, no devido momento, aquilo que já inspirou nas Escrituras para nós. O Espírito não desperdiça sua inspiração!

O Espírito dá continuidade à obra de Jesus

Jesus tinha dito a seus discípulos que o Espírito explicaria em mais detalhes os ensinamentos que ele tinha lhes dado (Jo 14.26; cp. Ne 9.20; Sl 143.10; talvez

Pv 1.23); o Espírito não criaria coisas novas que tivessem pouca relação com o Jesus que eles haviam conhecido (1Jo 4.2-6). Em João 16, Jesus esclarece de que maneira o Espírito daria continuidade à missão do Filho. (João apresenta essa promessa para seus leitores, e não só para os primeiros ouvintes de Jesus [veja 1Jo 2.20,27]).

O Espírito não apenas nos traz à memória as palavras de Jesus na Bíblia, mas também nos defende ativamente em nosso conflito com o mundo. João 16.1-11 dá ânimo aos cristãos perseguidos ao lhes dizer que, na verdade, as pessoas que os arrastam para os tribunais é que estão sendo julgadas, pois Deus é o juiz supremo. No tribunal de Deus, o Espírito é o Paráclito dos crentes (traduzido pelas designações "consolador", "conselheiro" e "advogado"; 14.16,26; 15.26; 16.7), termo que, geralmente, significava "advogado de defesa" (como em 1Jo 2.1). De modo semelhante, o Espírito testifica a nós como "testemunha" de Cristo (Jo 15.26,27) e "repreende" o mundo com relação ao pecado, à justiça e ao juízo (16.8-11).

De acordo com João, embora tenha partido, Jesus continua presente, pois o Espírito o representa, provendo sua presença e dando continuidade a sua obra. Tudo o que Jesus diz que o Espírito fará no mundo (16.8-11), o próprio Jesus havia feito (3.18,19; 8.46; 15.22). Em outras palavras, o Espírito dá prosseguimento à missão de Jesus de revelar o Pai, para que, por meio do Espírito, Jesus continue a confrontar o mundo, como fizera pessoalmente dois mil anos atrás. No entanto, o Espírito não revela Jesus em um vácuo; quando envia o Espírito para convencer o mundo, Jesus não o envia diretamente ao mundo propriamente dito, mas a nós (16.7, o Espírito é enviado "a vocês", ou seja, àqueles que seguem Jesus). O Espírito continua a confrontar o mundo com a pessoa de Jesus por meio da proclamação que fazemos dele (15.26,27).

Amigos chegados de Jesus

Trataremos do poder do Espírito para testemunharmos a Cristo no capítulo 3. Contudo, o Espírito não vem somente para revelar Jesus ao mundo. Assim como os profetas do Antigo Testamento conheciam bem a Deus antes de proclamá-lo, nossa proclamação deve fluir de um conhecimento profundo e íntimo de Deus. O Espírito não apenas nos capacita para proclamar Jesus ao mundo, mas também testifica a nós acerca de Jesus para nosso próprio relacionamento com ele (16.12-15; veja tb. Ef 2.18; 3.16). O Espírito toma as coisas que dizem respeito a Jesus e as revela a nós, glorificando Jesus assim como o próprio Jesus glorificou o Pai

(Jo 16.14,15; veja tb. 7.18,39; 17.4). Após ressuscitar, assim que voltou para seus seguidores, Jesus deu-lhes o Espírito a fim de que pudessem continuar a desenvolver seu relacionamento com ele (16.16; 20.20-22).

Acima de tudo, Jesus prometeu que o Espírito revelaria aos discípulos tudo o que tivesse ouvido (16.13). Para quem lê o Quarto Evangelho do começo ao fim, essa promessa soa estranhamente familiar. Jesus tinha acabado de dizer a seus discípulos: "Não os chamei escravos, mas amigos, pois o escravo não sabe o que o senhor faz, mas eu lhes revelei tudo o que ouvi do Pai" (15.15). O que significa Jesus nos chamar de amigos? No mundo mediterrâneo antigo a amizade tinha diversos significados, mas um dos aspectos enfatizado com mais frequência era a intimidade: verdadeiros amigos trocavam confidências.[2] Como Deus disse a respeito de seu amigo Abraão, "Esconderei de Abraão o que estou prestes a fazer?" (Gn 18.17). De modo semelhante, Moisés, por ser amigo de Deus, podia ouvir sua voz de forma especial (Êx 33.11; Dt 34.10). Como alguns dos primeiros pais da igreja observaram, Jesus, que está ao lado do Pai (Jo 1.18), conhece os segredos do Pai.

Jesus compartilhava abertamente com seus discípulos o coração de Deus; "desnudava" para eles o coração do Pai. Aqui, Jesus explica que ele compartilha os segredos do Pai com seus amigos (15.15) e promete que, depois da ressurreição, o Espírito terá com os discípulos a mesma franqueza que Jesus teve antes da ressurreição. Filósofos antigos enfatizavam que amigos verdadeiros compartilhavam todas as coisas; de modo semelhante, amigos de um príncipe recebiam favores especiais do rei em razão de seu relacionamento com o filho dele. Como Jesus explicou, tudo o que pertencia ao Pai era dele e, portanto, tudo o que era dele também seria dos discípulos (16.14,15). Nesse contexto, Jesus estava se referindo de modo específico à verdade de Deus (16.13). Membros da família de Deus, amigos do Filho de Deus, conheceriam o coração de Deus, o Pai de Jesus.

O que essa promessa significa para os discípulos de hoje? Significa que Jesus continua a nos chamar de amigos e compartilhar seu coração conosco. Significa que o Espírito transmite as palavras de Jesus de modo tão claro quanto Jesus transmitiu as palavras do Pai. Devemos ser capazes, portanto, de ouvir a voz de Jesus hoje com a mesma clareza que seus discípulos a ouviram dois mil anos atrás e, uma vez que vemos as coisas à luz da ressurreição, devemos entender melhor sua mensagem.

[2]Para documentação dos comentários acerca de amizade aqui, veja meu verbete "Friendship", in: Craig Evans; Stanley Porter, orgs., *Dictionary of NT backgrounds* (Downers Grove: InterVarsity, 2000), p. 380-8; ou meu comentário sobre João, *The Gospel of John, a commentary* (Grand Rapids: Baker Academic, reimpr. 2010).

Algumas salvaguardas quanto a ouvir a voz de Deus

É evidente que, muitas vezes, nós cristãos usamos indevidamente a promessa de ouvir a voz de Deus e ouvimos apenas aquilo que desejamos ou esperamos. Que diretrizes objetivas podem nos ajudar a aprender a ser sensíveis ao Espírito e permitir que ouçamos a direção de Deus com exatidão?

Salvaguardas nesta passagem

Primeiro, o Espírito não vem para dar testemunho de si mesmo; ele vem para dar testemunho de Jesus (15.26; 16.14). Ele nos traz à memória o que Jesus já disse e esclarece esses pronunciamentos (14.26). O que o Espírito ensina é, portanto, coerente com o caráter do Jesus bíblico, o Jesus que veio em carne (1Jo 4.2). Quanto mais soubermos a respeito de Jesus com base na Bíblia, mais preparados estaremos para reconhecer a voz do Espírito quando ele se dirigir a nós. O fato de conhecer Deus bem o suficiente a ponto de identificar o que ele *diria* em relação a determinado assunto pode, com frequência, nos mostrar o que Deus *está dizendo*, pois ele é sempre fiel a seu caráter. Fica, porém, uma advertência: aqueles que usam as Escrituras fora de contexto (um problema comum na igreja hoje em dia) correm o risco de interpretar incorretamente a voz de Deus.

Segundo, o Espírito não vem meramente para nos mostrar detalhes, como onde encontrar algo que alguém perdeu, embora o Espírito por certo seja capaz de fazer coisas desse tipo e às vezes as faça (1Sm 9.6-20). O Espírito também não vem meramente para nos ensinar qual roupa devemos vestir (especialmente quando fica claro qual combina melhor), nem qual sobremesa devemos escolher no restaurante (especialmente se nenhuma delas é saudável), como alguns recém-convertidos imaginam em seu zelo bem-intencionado de seguir a vontade de Deus nos mínimos detalhes. O Espírito nos guia, porém, no evangelismo, ou na tarefa de encorajarmos uns aos outros (e.g., At 8.29; 10.19; 11.12). O Espírito também vem para revelar a nós o coração de Deus, que é definido nesse contexto como amor (Jo 13.34,35; 15.9-14,17). Demonstrar amor abnegado é conhecer o coração de Deus (1Jo 4.7,8; veja tb. Jr 22.16).

Outra salvaguarda

Terceiro, o Espírito de Deus nos ajuda quando estamos em comunhão com outros que também procuram obedecer-lhe. No Antigo Testamento, os profetas

com idade mais avançada eram mentores dos profetas mais jovens (1Sm 19.20; 2Rs 2.3-8). De modo semelhante, Paulo instruiu os profetas da primeira geração na igreja primitiva a avaliarem as profecias uns dos outros, a fim de que eles próprios e a igreja ouvissem Deus com exatidão (1Co 14.29).

Mentores espirituais ou colegas que sejam mais maduros em seu relacionamento com Deus, e em cuja caminhada atual com Deus nós confiamos, podem buscar a Deus conosco e ser uma espécie de "rede de proteção". Se sentirmos que o Espírito está nos dirigindo a fazer algo, mas percebermos que há muita coisa em jogo caso estejamos errados, pode ser prudente discutir a questão com outros cristãos maduros. O livro de Provérbios dizia aos governantes que a sabedoria reside em um grande número de conselheiros, e essa recomendação também é válida para nós hoje. No fim das contas, pode ser que não sigamos os conselhos que outros nos derem (pois, como nós, eles também são falíveis), mas se forem pessoas de oração, que estudam as Escrituras com diligência, devemos considerar humildemente seu conselho. Algumas vezes, Deus nos mostra coisas que outros talvez ainda não enxerguem; ao mesmo tempo, pode acontecer de Deus mostrar a nossos irmãos e irmãs coisas que nós ainda não enxergamos.

Outras maneiras de ouvir

Muitos cristãos jovens na fé ficam compreensivelmente fascinados com a experiência frequente de direção sobrenatural do Espírito Santo. Embora muitos de nós que aprendemos a ouvir o Espírito dessa maneira ainda tenhamos essa experiência de modo frequente, com o passar do tempo, a sensibilidade a essa forma de direção do Espírito se torna meio instintiva e, portanto, deixa de ser um foco tão proeminente de atenção.

E, por mais empolgante que essa direção pareça para quem a está descobrindo pela primeira vez, nem sempre ela é a maneira mais clara de o Espírito de Deus nos guiar. Ao ouvir o Espírito por meio desse método, talvez ajudemos uma pessoa necessitada porque o Espírito especificamente nos dirija a fazê-lo. No entanto, muitos de nós também aprendemos a ouvir a voz do Espírito de Deus por meio da exegese, de acordo com o que Espírito falou nas Escrituras. Ao ouvir a voz do Espírito nas Escrituras, talvez ajudemos a mesma pessoa necessitada simplesmente porque as Escrituras ordenam que o façamos. Mas a sensibilidade mais profunda ao Espírito talvez se desenvolva quando aprendemos a produzir o fruto do Espírito em nossa vida, quando nosso coração fica tão repleto do coração de Deus que ajudamos uma pessoa necessitada porque o amor de Deus dentro de nós

não deixa alternativa. As três formas de direção são derivadas do Espírito e das Escrituras. E, no entanto, onde for evidente a existência de necessidades, o caráter de Deus, a respeito do qual aprendemos por meio das Escrituras e do Espírito, é o que basta para nos guiar, mesmo quando não temos qualquer outra direção específica do Espírito ou ordem bíblica, desde que não implique algo conflitante com o Espírito nem com a Bíblia. Quando o Espírito escreve em nosso coração o que a Bíblia ensina, tornamo-nos mais verdadeiramente o povo do Espírito.

A direção do Espírito

Acima de tudo, o Espírito nos conduz a um relacionamento mais profundo com Jesus (Jo 16.13; cp. 14.6). No entanto, esse relacionamento se dá não apenas na oração, mas no contexto de nossa vida diária. Em Romanos 8.14, ser "guiado pelo Espírito" está em um contexto que traz à mente a linguagem do Êxodo, quando Deus conduziu seu povo no deserto (Is 63.10-14). Com isso, Paulo mostra que, além de o Espírito nos conduzir à vida cristã, também nos guia ao longo de toda a caminhada, garantindo que entraremos seguramente em nossa "herança" futura, como aconteceu com Israel (Rm 8.15-17).

Embora muitas vezes não percebamos, o Espírito se junta a nós e ao restante da criação "gemendo" com dores de parto pela era vindoura (8.22,23,26; o termo grego traz à mente a imagem de Israel gemendo sob o jugo da escravidão no Egito). De modo semelhante, o Espírito muitas vezes nos conduz sem percebermos. Ele toma as lutas de nossa vida diária e as usa para nos conformar à imagem de Cristo (8.18,28-30). No contexto de Gálatas 5.18, ser "guiado pelo Espírito" também pode abranger capacitação ética: o fato de Deus nos guiar pelos caminhos da retidão por amor de seu nome (Gl 5.13—6.10; cp. Sl 23.3; 25.4,5,8-10).

Contudo, embora esses textos mostrem uma direção geral do Espírito, várias passagens indicam que o Espírito também pode claramente nos falar e dar direção em outras questões. Além de nos assegurar de nosso relacionamento com Deus (Rm 8.16; 1Jo 3.24; 4.13), o Espírito também pode nos guiar acerca de questões específicas no evangelismo pessoal (At 8.29; 10.19; 11.12). Para ilustrar essa realidade, apresento aqui um exemplo (outros são fornecidos no capítulo sobre o Espírito e o evangelismo).

Depois de meu primeiro ou segundo ano na faculdade de teologia, enquanto trabalhava durante as férias de verão, estava traduzindo e estudando Romanos 8 para um estudo bíblico que ministraria dois dias depois, no meio da semana. De repente, senti uma forte impressão de que o Espírito desejava que eu mostrasse

como ele é capaz de nos guiar de modo detalhado quando assim o deseja. Como bom estudioso novato da Bíblia, não queria interromper meus estudos, mas achei melhor obedecer ao Espírito, se quisesse receber sua ajuda ao ministrar o estudo para a igreja na noite de quarta-feira. O Espírito já havia me dirigido dessa forma em outras ocasiões, portanto eu sabia ser sensível a sua direção.

Quando saí de casa, o Espírito me conduziu por uma rua, depois outra, e outra ainda por algumas quadras e, por fim, a uma pequena rua transversal. Depois de caminhar por algum tempo nessa rua, a impressão inicial passou, de modo que parei e olhei ao redor para me situar. Ao me voltar, avistei um amigo que eu não via desde o ensino médio e, ao lado dele, uma moça que eu havia conhecido do outro lado da cidade, três dias antes, pela qual eu estava orando desde então para que fosse salva. Enquanto me aproximava, meu amigo do ensino médio (que ainda não era cristão) começou a relatar para a moça como eu havia mudado drasticamente depois de minha conversão. Embora ele ainda não fosse cristão, testemunhou para ela a meu respeito!

Depois disso, a moça adquiriu confiança suficiente em mim para abrir seu coração e ouvir meu testemunho. No entanto, ela não tinha endereço fixo; alguns dias ficava com amigos, outros morava na rua. Nas ocasiões em que eu sentia que o Senhor queria que eu conversasse com ela, simplesmente começava a andar pela rua e confiava que o Espírito Santo me conduziria até ela, o que ele sempre fazia.

Experiências desse tipo não faziam parte de minha vida diária, mas eu cria que Deus se importava de tal modo com essa moça que estava disposto a usar meios incomuns a fim de mostrar sua preocupação por ela. (Jesus multiplicou alimento para cinco mil pessoas porque um milagre era necessário; em seguida, instruiu seus discípulos a juntarem as sobras porque não precisavam de outro milagre para a refeição seguinte. Ele faz milagres quando *precisamos*, não para nos entreter ou nos fazer sentir "espirituais".) Quando criança, essa moça tinha aceitado a Cristo, mas havia crescido em uma família em que, entre outras coisas, a mãe dormia com diversos namorados na frente dos filhos. Naquela altura da vida, a moça era alcoólatra, mas Jesus não tinha se esquecido dela nem deixado de lhe estender a mão.

O Espírito pode nos dirigir de várias maneiras. Embora o Espírito dê testemunho a nosso espírito no que diz respeito ao nosso relacionamento com Deus (Rm 8.16), Paulo também fala da "mente do Espírito" (8.5,6) e da "renovação da nossa mente" (12.2; veja tb. Ef 4.23; Fp 4.7,8; Cl 3.2). Provérbios nos incentiva a buscar a verdadeira sabedoria, que se baseia no temor de Deus (1.7) e também nos fornece direção de Deus. Ademais, se estamos dispostos a obedecer a Deus,

podemos confiar que ele conduzirá nossos passos e nossas circunstâncias, mesmo quando não tivermos recebido uma direção específica. Em vários pontos críticos de minha vida, Deus fez meus caminhos cruzarem com os de outras pessoas por meio de "coincidências" cuja probabilidade de acontecer era uma em um milhão. E, no entanto, esses encontros afetaram de modo importante o curso da vida deles ou da minha vida.

Ouvir a voz de Deus: um relato pessoal

Embora aos nove anos de idade eu já fosse ateu convicto, eu me converti a Cristo aos quinze anos por meio do testemunho de alguns evangelistas de rua da igreja batista, na primeira vez que ouvi o evangelho. Discuti com eles durante 45 minutos, mas o Espírito operou em mim ao longo da hora seguinte até que, no chão de meu quarto, aquiesci e lhe entreguei minha vida.

Nos dois anos subsequentes, estudei a Bíblia e levei muitas pessoas a Cristo, mas me sentia frustrado; tinha várias perguntas que desejava fazer para Deus, mas não sabia se ele ainda falava em nosso tempo. Certo dia, enquanto eu caminhava por uma estrada deserta e orava, o Espírito despertou em mim a convicção de que ele concederia o desejo de meu coração. Evidentemente, Deus sabia o que eu mais queria! Portanto, pedi que ele abrisse meus ouvidos para escutar sua voz. O que eu ouvi foi tão maravilhoso que mal pude crer, mas foi tão além daquilo que eu poderia ter imaginado por minha própria conta que não tive como duvidar.

Inconscientemente, esperava que Deus fosse semelhante a outras figuras de autoridade de minha infância e dissesse algo como: "Já era tempo de você aparecer, Keener!". Em vez disso, suas palavras foram: "Meu filho, faz tempo que eu estou esperando para lhe dizer o quanto eu o amo". Então começou a me falar sobre seu amor por seu povo e sobre o quanto ele se entristece quando nos envolvemos tanto em outras atividades (inclusive muitas de nossas atividades religiosas) que não acatamos, de fato, seu amor. Alguns, como eu, tinham medo de ter intimidade com ele em oração, pois duvidavam de seu amor.

Ninguém jamais tinha me amado como Deus, e todos os dias eu saía para caminhar naquela estrada deserta a fim de ouvir a voz daquele que havia me atraído para junto de si. Ele me disse que a medida de seu amor era a cruz: "Veja os pregos nas mãos de Jesus, os espinhos em sua testa, e veja o sangue. Meu filho, esse é o tamanho de meu amor por você". Posteriormente, encontrei esse mesmo ensinamento nas Escrituras (Rm 5.5-8; 8.16; Gl 4.6; Ef 3.16-19) e, mais adiante

ainda, percebi que essa verdade foi o que encontrei ao buscar a voz de Deus aos dezessete anos. Em sua bondade, Deus me mostrou essa verdade no momento em que eu precisava ouvi-la, antes de eu aprender a traduzir grego e hebraico, e mesmo antes de mergulhar nas Escrituras. Às vezes, quando conversávamos, Deus falava sobre julgamento iminente e outros assuntos menos agradáveis, mas sempre o fazia com muita tristeza, e sempre apontava de volta para seu coração repleto de amor.

A princípio, eu havia orado pelo dom de profecia simplesmente porque 1Coríntios 14.1-5 diz que é o melhor dom para edificar o corpo de Cristo. Desejava agradar a Deus e glorificá-lo, por isso busquei esse dom. Contudo, ao começar a exercitá-lo, no começo ele me parecia mais um brinquedo novo. Passei a abordar pessoas e profetizar palavras que respondiam a orações por sabedoria sobre as quais somente elas e Deus sabiam. Em um caso, uma pessoa estava orando há vários meses para saber se Deus permitiria que ela namorasse determinado rapaz. A pessoa não tinha contado a ninguém sobre sua oração, mas me senti conduzido pelo Senhor a procurá-la e lhe dizer que Deus havia lhe dado permissão para namorar. Visto que eu pessoalmente era contra namorar e não sentia que Deus tinha *me* dado permissão para iniciar um relacionamento, fiquei um tanto aborrecido com a mensagem. Continuei a orar até ter certeza de que estaria desobedecendo a Deus se não a transmitisse. Quando relutantemente transmiti a mensagem (demonstrando minha contrariedade ao fazê-lo), a pessoa começou a louvar a Deus e, então, me explicou a situação.

Certo dia, senti-me impelido a orar por alguém que precisava ser curado; também senti que devia andar por determinado corredor na universidade. Encontrei com um rapaz e tive certeza de que ele era a pessoa pela qual eu devia orar pedindo cura. O rapaz pareceu surpreso por eu saber, mas permitiu que eu orasse. Infelizmente, eu tinha mais direção do que fé; enquanto orava, percebi que não tinha convicção de que Deus o curaria. No entanto, Deus é sempre bondoso, apesar de nossas fraquezas e, de repente, o jovem se endireitou e começou a agradecer a Deus por tê-lo curado. Fiquei admirado e um pouco decepcionado porque Deus havia agido sem esperar que eu exercitasse ao menos certo grau de fé!

Conforme eu amadurecia, porém, percebi que a profecia não devia ser meu brinquedo; meu coração tinha de refletir o coração de Deus. Ele também começou a me dar mensagens proféticas menos agradáveis do que aquelas descritas acima (ocasionalmente, uma repreensão pelo pecado de alguém). Deus nos concedeu o dom a fim de revelar seu coração para que possamos realizar sua obra. Erros que cometi ao buscar direção em minha própria vida me convenceram, aos

poucos, a levar a sério a asserção bíblica de que toda profecia deve ser testada e de que eu continuava a ser um vaso finito e falível. Fiquei feliz por Deus ter me corrigido em minha própria vida antes que eu causasse estrago na vida de outros. Continuei a compartilhar as coisas que me sentia impelido por Deus a compartilhar, mas aprendi a ser mais cauteloso e a distinguir entre o que eu tinha convicção de que o Espírito estava dizendo e o que era apenas impressão.

Foi então que descobri outro método de ouvir a voz de Deus que poderia complementar e ancorar o método "carismático", baseado na oração. Lia a Bíblia regularmente desde minha conversão, mas nessa época aprendi a valorizar muito mais a interpretação bíblica sólida. Quando cheguei ao ponto em que lia cerca de quarenta capítulos da Bíblia por dia, o Espírito permitiu que eu visse a importância de entender a Bíblia em seu contexto e, a partir daí, despertou em mim a paixão pelo contexto cultural da Bíblia. Novos horizontes no estudo bíblico começaram a se abrir. Esforcei-me para colocar de lado meus pressupostos e tradições e seguir as evidências bíblicas. Quem já usou algum de meus comentários sabe o quanto levo esse compromisso a sério (mesmo que, por vezes, não concordemos quanto a determinada interpretação).

Em 1987, porém, durante a crise mais intensa de minha vida, aprendi ainda outra maneira de ouvir a voz de Deus, relacionada às duas primeiras. Antes da crise, passava duas horas por dia em oração; durante essa fase crítica, porém, só conseguia balbuciar repetidamente o nome de Jesus. Embora estivesse tão quebrantado e sobrecarregado que só o ouvia em raras ocasiões, continuei a me apegar ao que as Escrituras ensinavam acerca do caráter de Deus.

Durante esse tempo de escuridão profunda, alguns cristãos afrodescendentes do bairro de baixa renda para o qual eu havia me mudado me adotaram em sua família e me levaram para a igreja deles. A família era constituída da avó e de cinco netos que ela criava sozinha. A vida deles era difícil, mas haviam aprendido a encontrar forças em Deus de maneiras que eu ainda não tinha descoberto. À medida que aprendi a abrir mão de minhas ambições e a acolher minha imperfeição, o sofrimento pessoal começou a me unir a outros que também sofriam. Ao sentir cada vez mais a dor deles, comecei a perceber novamente a dor de Deus, pois é impossível para um Deus que ama tanto todas as pessoas ser insensível a sua dor.

João afirma: "Todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (1Jo 4.7,8, NIV). Jamais duvidarei de que Deus verdadeiramente proveu minhas experiências de oração e exegese bíblica, mas, em meu sofrimento aprendi outra forma de ouvir Deus

da qual tanto o Espírito como as Escrituras dão testemunho. Ao começarmos a conhecer o caráter de Deus e nos tornarmos semelhantes a ele, além de conhecer seu coração, também passamos a compartilhá-lo. Quando nos tornamos capazes não apenas de dizer o que Deus afirma acerca de determinada questão, mas também de sentir o que ele sente a esse respeito, participando da comunhão dos sofrimentos de Cristo (cp. Fp 3.10), significa que começamos a conhecê-lo de modo ainda mais profundo.

Outros recursos para ouvir a voz de Deus

Falamos sobre conhecer o caráter de Deus, confiar em sua presença, adorá-lo e crer que ele está disposto a se revelar a nós. Além disso, porém, muitas vezes aprendemos na prática. Como observamos anteriormente, há ocasiões em que precisamos simplesmente dar um passo de fé com base em sua direção, embora, em geral, seja melhor começar com algo pequeno caso estejamos na dúvida. (Brinco que pode ser complicado caminhar sobre o mar da Galileia se sinto dúvidas ao pisar numa simples poça.)

Como demonstrou quando esteve com seus discípulos dois mil anos atrás, Jesus é um mestre paciente e sempre leva em conta nossas limitações. Há vinte e dois anos, da primeira vez em que senti Deus colocar em meu coração uma impressão a respeito de algo a ser compartilhado com outros, pedi que ele deixasse outra pessoa compartilhar primeiro, a fim de que eu pudesse ter certeza. De repente, alguém fez uma oração dizendo em palavras praticamente o mesmo que eu havia sentido. Quando senti aquilo de novo, entendi que eu devia falar.

O aspecto mais importante para aprender a ouvir a voz de Deus é buscar o próprio Deus, pedindo que ele se revele a nós de modo mais profundo. Algumas das experiências que relatei visam apenas despertar o apetite do leitor para ter uma intimidade maior com Deus; em última análise, porém, essa intimidade vem somente pelas mãos de Deus, e não de leituras sobre o assunto. Para algumas questões, livros mais práticos podem ser proveitosos, mas ao tentar ouvir a voz de Deus, o melhor ponto de partida é orar para que ele abra nossos ouvidos. Antes de começar a ouvir a voz de Deus, orei pedindo essa aptidão com base no que havia acabado de aprender em 1Coríntios 14.1 (passagem em que aprendi que uma das formas de servir o corpo de Cristo é orar pedindo o dom de profecia). Podemos estar certos de que aquele que promete conceder o Espírito a quem pede (Lc 11.13) não negará a intimidade com ele, pois esse é o motivo pelo qual ele enviou o Espírito.

Não devemos colocar limites para a ação de Deus. Ele falou de modo distinto a diferentes profetas e outras pessoas na Bíblia, e não precisamos ouvi-lo todos da mesma forma. Em momentos diferentes de minha vida, por vezes de um dia para o outro, eu o ouvi de maneiras diferentes. O que importa é nossa intimidade com Deus. Se buscarmos o próprio Deus mais do que a sua voz, e se buscarmos sua voz com o objetivo maior de sermos e fazermos aquilo que o agrada, ouviremos sua voz de todas as maneiras necessárias.

Sempre podemos aprender coisas novas com base na diversidade da ação de Deus. Embora eu já tivesse escrito sobre ouvir a voz de Deus, o livro de Jack Deere sobre esse mesmo assunto despertou minha curiosidade quanto a questão de ouvir a voz de Deus em sonhos; portanto, pedi a Deus que, se assim o desejasse, me ajudasse a ouvi-lo dessa forma também. Obviamente, alguns de meus sonhos se devem simplesmente ao que comi no jantar ou a realidades com as quais estou lidando (cp. Ec 2.23). Vários de meus sonhos me ajudam a experimentar situações de vida de outras pessoas (como perseguição, guerra ou escravidão) e me ensinam a orar por elas com mais empatia. Ao mergulhar nas Escrituras, por vezes sonho com histórias bíblicas. Alguns sonhos me advertem sobre o futuro, trazem à mente alguém por quem devo orar ou tratam de questões do meu coração. Em alguns sonhos, porém, Deus fala comigo de forma explícita e, quando acordo, sei que devo prestar atenção.

Já falamos sobre a adoração; é fácil os pedidos tomarem conta de nossas orações e não deixarem espaço para falarmos com Deus sobre sua grandeza e suas obras. Ao mesmo tempo, até essa apresentação dos nossos pedidos a Deus volta nosso coração para ele. Deus está próximo quando o invocamos, quer com o desespero de um coração quebrantado em intercessão, quer com clamores jubilosos de adoração, quer com a disciplina de um tempo diário de silêncio. Ouvir a voz de Deus na Bíblia também é essencial. Durante um tempo, logo depois da faculdade de teologia, concluí que precisava de menos estudos devocionais da Bíblia, pois já a estudava de modo acadêmico grande parte do dia. Não demorei a descobrir, porém, que precisava ler a Bíblia com regularidade a fim de ouvir a voz de Deus nela. Meu trabalho acadêmico sobre os contextos culturais torna a Bíblia ainda mais vívida para mim quando a estudo de forma devocional, mas é minha prática devocional que dá vida e relevância para meu estudo acadêmico.

Outras disciplinas espirituais também podem voltar nosso coração para Deus. Richard Foster, Dallas Willard e outros escreveram livros bastante úteis sobre esses temas. Na última década, descobri em minha vida que a prática regular do jejum ajuda a voltar meu coração para Deus e me humilhar diante dele. No

início, imaginei que poderia jejuar por um pedido específico de oração, mas, com o tempo, percebi que teria de jejuar diariamente para incluir todos os pedidos! Então, mudei minha abordagem e comecei a jejuar apenas como disciplina espiritual diante de Deus, para humilhar meu coração a fim de procurar agradar a Deus mais plenamente. Deus não ouve minhas orações porque jejuo, mas porque sou seu filho, que o ama. No entanto, faço com que meu amor por ele seja mais atencioso por meio das disciplinas espirituais. Jesus é minha oferta de expiação e oferta pelo pecado; o jejum exerce um papel mais semelhante a uma oferta voluntária ou de ação de graças, uma forma de voluntariamente demonstrar mais devoção por ele.

Se Deus despertou em seu coração um desejo mais profundo por ele, há sacrifícios que você pode realizar para mostrar sua total dependência nele. Se você deseja que Deus toque ainda mais em seu coração, pode pedir que ele o faça, qualquer que seja o tamanho de sua fé. Deus vem ao nosso encontro até nos menores passos que damos, e mesmo o maior passo não chegaria a lugar algum sem a graça divina. Deus atribuiu justiça a Abraão um capítulo antes de Abraão agir de modo infiel em relação a Hagar. A fé de Abraão cresceu ao longo dos anos (a ponto de ele ser capaz de oferecer Isaque), mas, no início, Deus simplesmente foi ao encontro dele onde ele estava. Peço em oração todos os dias para que Deus aprofunde meu amor por ele, pois meu novo coração e sua renovação contínua são dádivas dele.

Conclusão

Podemos ouvir a voz de Deus nas Escrituras, na adoração e na direção do Espírito quando ele fala a nosso coração e quando conhecemos o coração de Deus tão plenamente a ponto de sabermos o que ele deseja. Todas essas maneiras de ouvir Deus são importantes, mas nosso objetivo não é somente obter direção para nosso próprio benefício, ou para que possamos contar vantagem para outros de que ouvimos Deus falar. Nosso desejo deve ser de conhecer Deus, obedecer-lhe e refletir seu caráter. Se desejamos conhecê-lo mais profundamente, podemos começar pedindo que ele nos conceda essa dádiva. Uma das questões a respeito das quais Deus com frequência escolhe falar conosco é nosso testemunho acerca dele. Esse é o assunto do qual trataremos no capítulo seguinte.

3

O Espírito nos capacita para o evangelismo

Certo dia, quando estava fazendo um estudo bíblico com um recém-convertido, ele recebeu a visita de uma amiga do ensino médio. Senti-me conduzido a conversar com ela sobre a dor de seu passado e, durante cerca de meia hora, percebi o Espírito derramar intensamente dentro de mim a mensagem de Deus sobre seu amor por ela e seu consolo acerca do passado. Por fim, ela começou a chorar e entregou a vida a Cristo, ciente de que Deus havia revelado os segredos do coração dela. Eu não a conhecia e não sabia coisa alguma de sua vida, mas Deus sabia.

Em geral, meu testemunho se dá por meios mais "naturais". Porém, mesmo nessas ocasiões, muitas vezes sinto o Espírito me impelir a dizer algo ou a simplesmente ouvir. Ocasionalmente, converso com alguém sobre ter um relacionamento pessoal com Deus, e a pessoa me pergunta se é mesmo possível ter intimidade com Deus a ponto de conhecê-lo. Por vezes, nessa altura da conversa, digo apenas que as Escrituras afirmam que é possível; em outras ocasiões, porém, sinto que devo perguntar a Deus em voz alta se ele deseja que eu diga algo à pessoa. Nessas ocasiões, ele sempre teve algo a dizer, e as pessoas às quais transmiti a mensagem refletiram respeitosamente sobre ela (que, com frequência, explicava por que Deus havia escolhido aquele momento da vida delas para chamar sua atenção para o evangelho). Em contrapartida, lembro-me de situações em que, guiado por meu próprio conhecimento a respeito daquilo que costuma ser eficaz no evangelismo, fracassei inteiramente na tarefa de comunicar o evangelho.

Precisamos da direção do Espírito ao testemunhar sobre Cristo. Muitos não percebem o quanto essa direção já está disponível! Considere a seguinte ilustração extraída de um artigo de revista:

> Imagine-se visitando à noite uma cidade que parece não ter luzes, nem televisão, nem mesmo despertadores. E imagine-se descobrindo que o suprimento de energia dessa cidade é praticamente infinito, mas que ninguém teve a ideia de ligar seus aparelhos elétricos. Essa cidade não lhe pareceria um lugar absurdo? E, no entanto, a igreja muitas vezes é semelhante a ela. Deus nos concedeu o poder de seu Espírito para cumprir sua missão no mundo, mas poucos cristãos sequer começaram a depender de seu poder.[1]

Neste capítulo, voltaremos nossa atenção para o Pentecostes e o modo como o Espírito capacita os crentes para o evangelismo; como Deus, por vezes, confirma nosso testemunho com respostas dramáticas de oração; o modelo de Elias e Eliseu para alguns ministérios de evangelismo nas linhas de frente; e como a capacitação para realizar a obra de Deus no Evangelho de Marcos está indissociavelmente ligada ao sofrimento.[2]

O poder de Pentecostes (At 1 e 2)

No linguajar moderno, Jesus era (entre outras coisas) o "herói" dos discípulos. Confiavam nele e podiam confiar em si mesmos somente à medida que ele os capacitava; saíram para ministrar (e.g., Lc 10.1,2) apenas porque ele os enviou. Em Atos, depois da ascensão de Jesus, os discípulos deram continuidade ao trabalho dele, cientes de que ele continuava a operar por meio deles. Nos dias de hoje ainda é para Jesus que olhamos. Se imaginarmos que os discípulos ministravam com base em seu próprio poder ou santidade (ao contrário do que diz Atos 3.12) e buscarmos direção somente nos líderes daquela primeira geração, naturalmente, não veremos milagres nem evangelismo realizado no poder do Espírito hoje em dia. Se, porém, mantivermos os olhos em Jesus Cristo, nosso herói e Senhor, devemos esperar que Deus possa continuar a conceder sinais que glorificam a Cristo.

---

[1]Craig Keener, "Spirit at work", *Discipleship Journal* (January/February 1996): 43; veja o artigo completo nas p. 43-7.

[2]A documentação completa dos trechos exegéticos do Novo Testamento neste capítulo pode ser encontrada em *The Spirit in the Gospels and Acts: divine purity and power* (Peabody: Hendrickson, 1997), p. 190-213 (sobre At 2) e p. 49-90 (sobre Mc 1.8-11) [edição em português: *O Espírito nos Evangelhos e em Atos: pureza e poder divino*, tradução de Susana Klassen (São Paulo: Vida Nova, 2018). O título original do livro é um tanto impreciso (em geral, não tenho liberdade de escolher os títulos de meus livros); apenas observei dois temas básicos a respeito do Espírito Santo e forneci exemplos de estudos em algumas passagens dos Evangelhos e de Atos que possivelmente refletem ou desenvolvem esses temas.

Diferentemente de outros escritores bíblicos que analisaremos, Lucas concentra-se de modo quase exclusivo em um aspecto específico do poder do Espírito em nossa vida. Enquanto João Batista, Paulo, o apóstolo João e outros no Novo Testamento costumavam falar de todo o âmbito da obra do Espírito, Lucas concentra-se especialmente na dimensão da capacitação profética do Espírito. (Ao usar o termo "profético" não me refiro apenas a discursos e palavras inspirados — embora esse fosse o aspecto mais comum em Atos — mas também aos tipos de milagres associados aos profetas do Antigo Testamento; veja comentários sobre Elias, adiante.) Como muitos autores já mostraram, Lucas enfatiza particularmente o papel do Espírito em diversas formas de discurso inspirado (veja Lc 1.15-17,41,42,67; 2.26; 12.12; At 1.2,8; 2.4,17; 4.8,31; 5.32; 6.10; 7.51; 10.45,46; 11.28; 13.2,4,9; 20.23; 21.4,11; cp. 7.55; 8.29; 10.19,38; 15.28; 16.6-9). É possível que haja umas poucas exceções como, por exemplo, o contraste entre Espírito e fogo em Lucas 3.16, mas a maior ênfase em Lucas e Atos está na atividade profética do Espírito.

Lucas e Atos são dois volumes de uma mesma e extensa história; no segundo volume, o livro de Atos, Lucas mostra que a igreja dá continuidade a boa parte daquilo que Jesus começou. Com algumas limitações importantes (e.g., só Jesus é o Messias), o ministério de Jesus no Evangelho de Lucas serve de modelo para o ministério em Atos. Autores destacam diversos paralelos entre os dois volumes, mas um paralelo entre Jesus e a igreja fica especialmente evidente em Atos 1—2. Quando Jesus anuncia sua unção pelo Espírito, em Lucas 4.18,19, com base em Isaías 61, dá o tom para o Evangelho de Lucas; de modo semelhante, Lucas usa Isaías e Joel para anunciar a unção do Espírito sobre a igreja em Atos 1.8 e 2.16-21, definindo com isso as prioridades do restante de Atos.[3]

Ao enfatizar que o mesmo Espírito que capacitou Jesus também capacita seus seguidores, Lucas lembra que o corpo de Cristo é dotado (pelo menos em princípio) do mesmo tipo de capacitação que Jesus em seu ministério aqui na terra. Se essa realidade não estiver evidente em nosso próprio ministério como igreja de Deus, talvez se deva ao fato de não termos reconhecido a natureza radical desse dom.

---

[3]Quanto à ligação entre as descrições de Jesus e da comunidade batizada pelo Espírito em Atos feitas por Lucas, veja Roger Stronstad, *The charismatic theology of Saint Luke* (Peabody: Hendrickson, 1984), p. 34-48, 51 (que segue Talbert); R. L. Brawley, *Luke-Acts and the Jews*, Society of Biblical Literature Monograph Series 33 (Atlanta: Scholars, 1987), p. 24-5; R. F. Zehnle, *Peter's Pentecost discourse*, Society of Biblical Literature Monograph Series 15 (Nashville: Abingdon, 1971), p. 128. Quanto à ênfase de Lucas sobre a dimensão do poder profético do Espírito, veja esp. R. P. Menzies, *The development of early Christian Pneumatology with special reference to Luke-Acts*, Journal for the Study of the New Testament Supplement 54 (Sheffield: Sheffield Academic, 1991).

Por que Pentecostes é tão fundamental para a discussão sobre o Espírito Santo? Por que Deus enviou o Espírito? Quando seguimos o esboço fornecido pelo próprio livro de Atos, encontramos a promessa do Pentecostes (1.4-8); a preparação para o Pentecostes (1.12—2.1); as provas do Pentecostes (2.1-4); os povos do Pentecostes (2.5-13); a profecia do Pentecostes (2.14-21); a pregação do Pentecostes (2.22-41) e, por fim, o propósito do Pentecostes (2.41-47). A igreja é capaz de se expandir cruzando as barreiras culturais porque o Espírito de Deus nos capacita a falarmos em nome dele e a experimentarmos um antegosto do céu.

Primeiro, Lucas relata a promessa do Pentecostes (At 1.4-8). No Antigo Testamento, o Espírito capacitou os profetas de Deus para que falassem em nome dele e prometeu que, um dia, todo o povo de Deus profetizaria (Jl 2.28). Essa capacitação profética especial era tão essencial que Jesus ordenou a seus discípulos que esperassem em Jerusalém pela sua vinda (Lc 24.49; At 1.4,5).

Contudo, a promessa do Espírito estava associada não apenas ao poder de falar em nome de Deus, mas também ao fim dos tempos. Quando os discípulos ouviram Jesus prometer o Espírito, indagaram se ele estava prestes a restaurar o reino de Israel. Fizeram a pergunta óbvia, tendo em vista seu conhecimento acerca do Espírito com base no Antigo Testamento: as Escrituras associavam o Espírito com o tempo do reino (veja Is 44.3; Ez 36.24-28; 37.14; 39.29; Jl 2.27—3.1).

Se estivéssemos no lugar dos discípulos, provavelmente teríamos feito a mesma suposição; afinal, o Messias tinha vindo, a ressurreição tinha começado (com Jesus), e o Espírito estava prestes a ser derramado. Teria nos parecido óbvio que o fim dos tempos se aproximava (At 1.6,7). Diferente disso, Jesus informou seus seguidores que o Espírito viria antes da restauração futura; em outras palavras, parte da promessa futura tinha invadido o presente. Nas palavras de Paulo, o Espírito é o "adiantamento", a "primeira parcela" de nossa herança futura (Ef 1.13,14); outro autor diz que "experimentamos os poderes da era vindoura" (Hb 6.5).

Jesus explicou que o Espírito capacitaria seus seguidores a levar seu testemunho ocular a respeito dele a todas as nações (At 1.8). Com isso, Jesus dá continuidade ao tema da capacitação profética no fim dos tempos. Isaías havia prometido que, no fim dos tempos, o remanescente de Israel se tornaria testemunha de Deus às nações (Is 43.10-12; 44.8,9). O fim ainda não chegou, mas, segundo o que Jesus chamou os seus primeiros discípulos a fazer, podemos fazer nossa parte nos preparativos para o fim ao evangelizar o mundo (Mt 24.14; Rm 11.25,26; 2Pe 3.9,12). O restante de Atos dá continuidade a esse enfoque.

A promessa de que o Espírito capacita os discípulos para evangelizar o mundo inteiro propicia um esboço geral para a expansão da igreja em Atos: Jerusalém, Judeia, Samaria e os confins da terra. (Declarações sintéticas específicas dividem Atos ainda mais precisamente: 6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 19.20; 28.31.)

Segundo, Lucas relata a preparação dos discípulos para o Pentecostes (1.12—2.1). Depois de receberem de Jesus a instrução para "esperar" em Jerusalém (Lc 24.49; At 1.4,5), os discípulos oraram juntos, o que também contribuiu para sua união (At 1.12-14; 2.1). Lucas provavelmente deseja que observemos essa ênfase sobre oração e união, pois continua a destacar essas características nos capítulos subsequentes (oração, e.g., em 1.24; 2.42; 3.1; 4.31; 6.4; união, e.g., em 2.46; 4.24,32; 5.12). Enquanto aguardavam com expectativa aquilo que Deus havia prometido, os discípulos também se reorganizaram, a fim de preparar sua estrutura de liderança para o que Deus havia planejado, algo que exigiu fé e antevisão (1.15-26).

Isso não significa que Deus só é capaz de derramar seu Espírito em determinadas circunstâncias. No entanto, sabemos de ocasiões em que Deus encheu seu povo com o Espírito em resposta direta a orações (4.29-31), por vezes com efeitos semelhantes a Pentecostes (4.32-35); Jesus convidou os discípulos a pedirem o Espírito em oração (Lc 11.13). Até mesmo em passagens em que não há registro de orações, vemos que as pessoas estavam atentas a Deus antes mesmo de ele enchê-las com seu Espírito (At 8.17; 10.44; 19.6).

Terceiro, Lucas relembra as provas do Pentecostes (2.1-4). Ele relata três sinais do Pentecostes: vento, fogo e a capacidade de falar em línguas. Visto que cada uma dessas promessas encontra-se associada ao fim dos tempos, Deus estava garantindo a seus discípulos que, embora o fim dos tempos ainda não tivesse chegado, estavam experimentando um antegosto do futuro (veja 1.6,7). Para os cristãos primitivos, o vento provavelmente trouxe à memória Ezequiel 37: no fim dos tempos, Deus enviaria um vento poderoso de seu Espírito para ressuscitar Israel. O fogo talvez os tenha feito recordar-se da profecia de João Batista, bem como das profecias do Antigo Testamento acerca do fim dos tempos (Lc 3.9,16,17, e.g., talvez seja uma lembrança de Is 66.15,16 ou de Sf 1.18; 3.8). O fogo não significava que Deus estivesse enviando julgamento nessa ocasião; indicava, porém, que estava oferecendo sinais do reino futuro.

A capacitação para falar em línguas que não entendiam deve ter levado os discípulos a se recordarem da promessa veterotestamentária de capacitação profética no fim dos tempos, como Pedro deixa claro mais adiante (Jl 2.28,29; At 2.16-18). Esses três sinais constituíam provas conclusivas para os cristãos então

reunidos de que vários dos acontecimentos do fim dos tempos estavam em andamento: o Messias havia sido entronizado à direita de Deus para governar até que seus inimigos se tornem estrado de seus pés (Sl 110.1; At 2.34,35). (Visto que, para alguns judeus, Pentecostes era o dia em que Moisés havia subido o monte Sinai para receber a Lei, alguns estudiosos acreditam que a ascensão de Jesus para conceder o Espírito guarda paralelo com a ascensão de Moisés para receber e transmitir a Lei.)

Quarto, Lucas faz um levantamento dos povos de Pentecostes (2.5-13). Embora a maioria dos que estavam em Jerusalém para a festa fosse de judeus, muitos levaram o evangelho de volta consigo a diversos lugares e culturas. Logo, sua experiência em Pentecostes proveu um antegosto da missão cristão no restante de Atos (1.8; 11.17,18). Qual é o objetivo da lista das nações apresentada aqui? É possível que essa relação seja apenas uma versão atualizada da lista das nações em Gênesis 10, dispersadas quando seus idiomas foram separados em Babel, em Gênesis 11. Se de fato for esse o caso, as diferentes línguas aqui transcendem a divisão das nações e nos reúnem em Cristo. Nesta passagem, Deus mostra que, desde o princípio, seu plano era para "toda carne" (2.17,39). Trata-se de uma realidade, embora os Doze só tenham começado a compreender seu significado quando os sete ministros (todos ligados a duas culturas) nomeados por eles no capítulo 6 começaram a preparar o terreno (8.4,25). Já nos capítulos 1 e 2, Atos enfatiza que o multiculturalismo é ideia de Deus (cp. Ap 5.9,10; 7.9), embora não deva nos surpreender que o mundo com frequência distorça esse ideal para seus próprios fins (cp. Lc 2.1; Ap 13.7,16).

Quinto, Lucas nos lembra da profecia do Pentecostes (At 2.14-21). A profecia de Joel e o modo como Pedro parafraseia trechos dessa profecia a fim de esclarecer seu significado nos são instrutivos. Joel afirmou que Deus derramaria seu Espírito "depois" (Jl 2.28). Ciente do contexto de Joel, Pedro enfatiza que "depois" significa "nos últimos dias" (At 2.17; veja Jl 3.1). Muitos que estavam presentes no Pentecostes desejavam saber qual era o significado de falar em línguas (At 2.12,13,15,16). De acordo com Pedro, significava que Deus estava inspirando seus servos a falarem em nome dele como os profetas faziam (At 2.17,18). Se alguém é capaz de louvar a Deus em uma língua que desconhece, sem dúvida pode ser suficientemente sensível ao Espírito para profetizar ou dar testemunho em uma língua que conhece. Visões e sonhos eram, tipicamente, atividades proféticas (2.17), mas para deixar clara sua referência ao poder profético, Pedro acrescenta uma frase explicativa a sua citação de Joel: "E eles profetizarão" (2.18). Essa passagem amarra os dois temas que Lucas sugere desde o começo: o Espírito nos

concede um antegosto do poder futuro de Deus em nós, e o Espírito nos capacita para que falemos em nome de Deus.

Sexto, Lucas relata a pregação de Pedro em Pentecostes (At 2.22-41). Se o Espírito estava sendo derramado, então o restante da profecia de Joel também era verdadeiro: estavam no fim dos tempos, na era da salvação (2.21). Seguindo um método judaico típico de pregação, Pedro interrompe sua citação de Joel aqui e retoma parte dela no final do sermão ("todos quanto o Senhor nosso Deus chamar", 2.39). Isso significa que ele pregará sobre a última linha citada: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Em Joel, o "Senhor" é o próprio Deus; no entanto, no tempo de Pedro, os judeus não gostavam de pronunciar o nome de Deus. Ao citar diversas passagens nas quais o Senhor é identificado com o rei ressurreto que reina, Pedro explica que o nome do Senhor que eles devem invocar é Jesus de Nazaré, o Deus encarnado.

Quando Pedro chama seus ouvintes a um compromisso público, não pede que curvem a cabeça e fechem os olhos para invocar Jesus. Ele desejava que fossem transformados, e não que apenas atendessem a um apelo feito de púlpito (como nossos apelos atuais, que partem do pressuposto de que as pessoas terão vergonha de aceitar a Cristo em público). Numa referência aos vários tanques na área do templo, Pedro chama seus ouvintes a deixarem o pecado e serem batizados como seguidores de Jesus Cristo (2.38).[4]

Como professor de matérias bíblicas, ouvi ex-alunos pregarem sermões que me encantaram e sermões que me fizeram encolher de vergonha. Em ambos os casos, porém, vi pessoas serem levadas a crer em Cristo. Deus deseja que apresentemos a Bíblia fielmente, mas não precisa que sejamos perfeitos em todos os detalhes a fim de poder salvar pessoas; ele salva por meio de seu evangelho e de seu Espírito.

Embora em algumas pessoas o dom de evangelismo se manifeste de formas particularmente intensas, o Espírito capacita todos nós para que testemunhemos de Cristo, ainda que a maioria de nós não tenha consciência de todo o poder que Deus colocou à nossa disposição.

Por fim, Lucas apresenta o verdadeiro propósito do Pentecostes (At 2.41-47). A capacitação profética foi uma expressão inicial da vinda do Espírito, mas o impacto mais duradouro do Pentecostes foi o crescimento da igreja e a formação de uma comunidade de crentes que cuidavam uns dos outros de maneiras sacrificiais. Esta

[4]Em Atos, o batismo "em nome de Jesus" ocorre sempre na voz passiva, quando alguém é batizado em nome de Jesus. Ou seja, em oposição à interpretação antitrinitária do batismo, o batismo "em nome de Jesus" diz respeito à profissão de fé em Cristo feita pelo próprio indivíduo, e não a uma fórmula que outra pessoa pronuncia durante o batismo (veja At 2.21; 22.16).

passagem fornece o ponto culminante e o foco do capítulo sobre o Pentecostes: a vinda do Espírito produz dons, mas produz especialmente, frutos. Nesta passagem, a vida no Espírito contrasta nitidamente com as rivalidades espirituais mesquinhas presentes em muitas igrejas locais de hoje, embora algumas delas afirmem ter o Espírito. Cristãos carismáticos e não carismáticos concordam que a obra do Espírito deve ter ação mais profunda do que apenas pronunciamentos inspirados pelo Espírito e experiências iniciais.

Sinais no evangelismo atual

A mensagem em si é mais crucial do que os sinais que a atestam, mas em um livro que trata da obra do Espírito Santo parece apropriado desafiar a igreja em áreas nas quais precisamos crescer. Para parte do cristianismo ocidental isso significa voltar a apropriar-se do valor dos sinais como recursos para atrair a atenção das pessoas para o evangelho.

O Espírito de Deus nos dá ousadia quando testemunhamos e, por vezes, nos guia de maneira dramática em nosso testemunho. Por exemplo, certo dia, durante meu trabalho de doutorado, quando voltava do supermercado para casa, senti-me impelido pelo Espírito a me aproximar do rapaz que estava à minha frente e chamar seu nome, "Matt". Nunca tinha visto Matt antes; aliás, descobri depois que ele havia se mudado para nossa cidade há apenas alguns dias. Infelizmente, tive medo de chamá-lo pelo nome, mas quando o alcancei, descobri que, de fato, se chamava Matt. Nem preciso dizer que o Espírito conduziu o restante da conversa.

Com frequência, sinto-me impelido pelo Espírito a testemunhar para determinada pessoa, mas ele não costuma me dar o nome dela. Tenho amigos piedosos, contudo, que em várias ocasiões levaram pessoas a Cristo ao confrontá-las com detalhes específicos de sua vida, da mesma forma que Jesus fez com Natanael ou com a mulher samaritana. O mesmo aconteceu comigo em algumas ocasiões, embora não muitas vezes.

Qualquer que seja o modo pelo qual o Espírito de Deus nos dirija, dando-nos ousadia ou concedendo sabedoria a respeito da melhor maneira de falar de Cristo a determinada pessoa, ele conduz nosso testemunho. Essa é uma ênfase importante no relato de Pentecostes: damos testemunho de Cristo e dependemos do poder de Deus para que nosso testemunho seja eficaz.

Atos menciona, ainda, outros aspectos de capacitação profética para a igreja, como visões e sonhos (2.17). Ainda que em Atos Deus frequentemente use

esses elementos para dirigir o avanço do evangelismo (9.10,12; 10.3,17,19; 11.5; 16.9,10; 18.9; cp. 27.23), Lucas não afirma que todos os crentes devem ter essas experiências. Atos também enfatiza os milagres operados por meio dos primeiros apóstolos (5.12), de apóstolos posteriores (14.3) e de outras testemunhas capacitadas pelo Espírito (6.8). Em Atos, sinais e maravilhas continuam a ser o método principal de atrair a atenção das pessoas para o evangelho (e.g., 2.5-41,43; 3.11—4.4; 5.10,11,12-16; 6.3,5,8-10; 8.6,7,13,39,40; 9.34,35,40-42; 13.9-12; 14.9,10; 15.12; 16.25-34; 19.11-20; 28.5,6,8-10; veja esp. 4.29-31; 14.3), embora cristãos eruditos também participassem de palestras e debates públicos (6.10; 17.2,3; 18.28; 19.8-10), e o evangelho também fosse transmitido por meio do testemunho pessoal de cristãos individuais (8.4).

Todos os crentes podem experimentar a direção do Espírito de Deus em seu testemunho; curas dramáticas como aquelas que são relatadas com frequência em Atos talvez sejam, contudo, uma questão diferente. Embora Atos não limite essas curas aos apóstolos como alguns afirmam (veja 6.8; 8.13; 9.12), também não deixa implícito que todos os crentes as experimentarão na escala relatada para crentes específicos em Atos. Também não dá a entender que temos algum meio de garantir que Deus concederá determinado dom a determinado servo (8.18-23), embora muitos de nós tenhamos descoberto que Deus compartilha com alegria esses dons com aqueles que buscam ao Senhor a fim de recebê-los (cp. 1Co 12.31).

Não obstante, embora nem todos experimentem milagres dramáticos em determinados ministérios na mesma escala descrita na Bíblia, precisamos que algumas pessoas exerçam esses ministérios hoje em dia. Ademais, todos podemos aprender com os exemplos bíblicos de fé relacionados a esses milagres, ainda que nossas orações nem sempre alcancem aquelas mesmas proporções.

Houve ocasiões em que a pessoa à qual eu estava testemunhando se encontrava enferma ou enfrentava uma grande crise e permitiu que eu orasse por ela. Nem sempre Deus cura as pessoas quando oramos, mas como Paul Little destacou em um de seus livros sobre evangelismo, raramente as pessoas se ofendem quando oramos por elas. No entanto, Deus cura pessoas com frequência, como comecei a descobrir quando ainda era novo na fé. Eu já era eficaz no evangelismo. Antes mesmo de cursar a faculdade de teologia, quando ainda estava no ensino médio e era recém-convertido do ateísmo, orei com cerca de cinquenta pessoas para que recebessem a Cristo. Contudo, durante as férias escolares, enquanto trabalhava em um emprego temporário de manutenção em apartamentos, comecei a notar que em Atos o método mais comum (embora não exclusivo) de atrair a atenção para o evangelho era por meio de sinais e maravilhas. Comecei a orar para

conseguir vencer o racionalismo radical do meu passado ateu e crer que Deus confirma seu evangelho dessa forma.

Não aconteceu nada com a primeira pessoa pela qual orei, mas eu já sabia que Deus não havia prometido agir desse modo em todas as ocasiões. Portanto, quando uma senhora de idade apareceu queixando-se de que os médicos não conseguiam resolver o problema de seu joelho, pedi permissão para orar por isso. Alguns dias depois ela voltou, dizendo que seu joelho estava melhor desde que eu tinha orado e pediu que eu também orasse por seus pulmões. "Quando começo a tossir, sai sangue e o médico acha que estou com câncer de pulmão", ela disse em tom triste. Não imaginei que teria de orar por algo dessas proporções, mas naquela tarde, durante meu horário de almoço, fui ao apartamento dela. Comecei a explicar que, se Deus respondesse ou não minha oração para que ela fosse curada, um dia ela morreria e precisava estar preparada para encontrar-se com Cristo. Depois que ela orou comigo entregando sua vida a Cristo, fiz uma oração pedindo cura. No mesmo instante ela parou de expelir sangue ao tossir, e o médico disse que ela estava curada. Depois disso, ela viveu mais uns quinze anos.

Fazer orações de fé por pessoas em meu local de trabalho não é algo tão dramático quanto as narrativas de Atos, mas eu esperava ter começado a caminhar na direção certa. Quando as pessoas veem que Deus se importa com suas situações desesperadoras, muitas vezes se mostram mais dispostas a prestar atenção nas outras coisas que Deus deseja fazer em suas vidas.

Elias como modelo para Jesus e para a igreja em Atos

As narrativas sobre Elias e Eliseu são os paralelos veterotestamentários mais próximos para a maioria dos relatos de Lucas sobre os milagres de Jesus e de seus principais emissários em Atos. Embora os dois profetas provavelmente tenham tomado Moisés como modelo para alguns de seus milagres, ambos (especialmente Elias) viveram em um período em que os governantes de Israel eram, de modo geral, hostis a sua mensagem. Portanto, como Jesus em seu ministério terreno, o ministério deles a Israel foi mais profético do que administrativo. Embora alguns aspectos do ministério de Jesus fossem parecidos com os do ministério de Moisés, Lucas também enfatiza os aspectos que se assemelhavam ao ministério desses profetas.

As ligações com Elias são facilmente identificáveis, embora não devam ser exageradas. O povo esperava a volta de Elias (Ml 4.5). Evidentemente, Jesus não era Elias, embora Elias tenha sido um modelo bíblico importante para Jesus e para a igreja. João Batista atuou como o Elias prometido em um sentido, a saber,

como precursor de Jesus (Lc 1.17); ademais, o Elias real, da mesma forma que Moisés, é claramente subordinado a Jesus (9.30).

Ainda assim, a maioria dos milagres de Jesus foi mais parecida com os milagres de Elias e Eliseu do que com os de outros profetas do Antigo Testamento. De modo semelhante a Elias, Jesus ressuscitou o filho de uma viúva (1Rs 17.17-24; Lc 7.11-17; cp. 2Rs 4.32-37) e, como Elias e Eliseu, Jesus multiplicou o alimento (1Rs 17.13-16; 2Rs 4.42-44; Lc 9.10-17). Ao falar do "arado" de um possível discípulo, Jesus até mesmo fez alusão ao relato do chamado de Eliseu por Elias, enfatizando que suas próprias exigências no discipulado são maiores do que as de Elias (1Rs 19.19-21; Lc 9.61,62). Talvez o mais significativo seja que a declaração inicial de Jesus comparou sua missão aos excluídos — em última análise, aos gentios — com os ministérios de Elias e Eliseu (Lc 4.24-27).

Vários autores destacam as ligações claras entre o Evangelho de Lucas e Atos, os quais constituem o primeiro e o segundo volumes do relato histórico de Lucas acerca da missão cristã primitiva.[5] No segundo volume, Pedro (o principal representante do cristianismo judaico) e Paulo (o principal ministro aos primeiros cristãos gentios) repetem vários dos milagres de Jesus e mostram como a igreja deve dar continuidade a sua missão em diversas culturas. Alguns comentaristas chegam a concluir que Atos 1.1 resume a missão terrena de Jesus como "tudo o que Jesus *começou* a fazer e a ensinar" (grifo do autor), pois Lucas reconhece que Jesus continua a realizar sua obra por meio de sua igreja. O Evangelho de Lucas termina e Atos começa com Jesus comissionando a igreja para uma missão mundial, realizada no poder do Espírito, até sua volta (Lc 24.47-49; At 1.8). Assim como o manto de Elias foi lançado sobre Eliseu, e como outros discípulos de profetas procuraram imitar seus mentores, na ascensão Jesus concedeu o Espírito a sua igreja para que realize sua missão até os confins da terra (1.9-11).

Essas obras são necessárias hoje?

Visto que tenho um compromisso com a verdade das Escrituras, devo procurar entender o que elas dizem, mesmo que transcenda minha própria experiência. Embora alguns amigos de outras partes do mundo tenham compartilhado comigo

[5]Quanto aos paralelos entre os elementos de Lucas e Atos, veja esp. M. D. Goulder, *Type and history in Acts* (London, Reino Unido: SPCK, 1964); Charles H. Talbert, *Literary patterns, theological themes, and the genre of Luke-Acts*, Society of Biblical Literature Monograph Series 20 (Missoula: Scholars, 1974); e Robert C. Tannehill, *The narrative unity of Luke-Acts: a literary interpretation* (Philadelphia: Fortress, 1986), vol. 1: *The Gospel according to Luke*, e vol. 2: *The Acts of the Apostles* (Minneapolis: Fortress, 1990).

relatos de acontecimentos semelhantes, raramente testemunhei milagres serem feitos na mesma escala de Elias, Eliseu, dos Evangelhos ou de Atos. Do ponto de vista de minha experiência, poder ser fácil, portanto, crer que esses milagres dramáticos não ocorrem em nossos dias. No entanto, meu desejo é descobrir o que as Escrituras ensinam e procurar alinhar minha vida e a vida da igreja com essa norma. Claro que não precisamos de milagres só para provar a nós mesmos que somos espirituais, mas talvez precisemos deles para realizar um ministério semelhante ao de Elias e de outros profetas como ele.

Em algumas partes do mundo, em sua soberania, Deus tem usado milagres para trazer pessoas para si. Um de meus alunos, um pastor batista da Índia, relatou como alcançou hindus resistentes ao evangelho ao orar pela cura de enfermos. Deus respondeu generosamente, e a igreja cresceu de um punhado de membros para mais de seiscentas pessoas. Ele expressou sua frustração porque a mesma coisa não aconteceu quando ele orou por pessoas nos Estados Unidos, durante o período em que estudou ali. A igreja no Nepal cresceu de quinze mil cristãos em 1970 para cerca de quatrocentos mil três décadas depois; de acordo com um cristão ocidental, cerca de metade dessas conversões foi de pessoas que testemunharam milagres.[6]

Para que um poder semelhante ao de Elias esteja ativo na igreja de hoje nem todos os cristãos precisam realizar milagres como os de Elias. João Batista que, como Eliseu (2Rs 2.9,15), veio "no Espírito e no poder de Elias" (Lc 1.17), pregou a mensagem divina de arrependimento com ousadia e apresentou o Messias, mas não realizou milagres (Jo 10.41). Diferentes membros do corpo de Cristo têm diferentes dons (1Co 12.4-30). A igreja como um todo, por meio de alguns de seus membros (em geral, especialmente evangelistas e apóstolos no evangelismo aos não alcançados), precisa voltar a se apropriar desses dons específicos. Ademais, Deus opera de maneiras diferentes em tempos diferentes, conforme a necessidade de cada época. Por exemplo, Deus concedeu a José e a Daniel o dom específico de interpretar sonhos, talvez porque atuariam em cortes pagãs, em que a interpretação de sonhos era um elemento importante. Devemos lembrar ainda que, embora Deus tenha recompensado a fé desesperada daqueles que lhe suplicaram por milagres urgentes, a fé mais *madura* se manifesta em um relacionamento profundo com Deus. Esse relacionamento de fé se desenvolve ao longo do tempo, à medida que perseveramos em meio às provações (e.g., Hb 11.8-19,23-29,35-38).

[6]Veja Anil Stephen, "The church on the top of the world", *Christianity Today* (3 April 2000): 56-9, esp. 56, 58.

Ainda assim, aspectos relevantes do ministério de Elias continuam a ser um modelo de ministério no poder do Espírito para a igreja como um todo e, em diversos aspectos, também para os crentes como indivíduos. Desse modo, ao mesmo tempo em que Tiago exorta os crentes de que a oração do justo por cura será eficaz (Tg 5.14-16), também nos lembra que Elias era uma pessoa de "paixões semelhantes" às nossas (5.17,18). De acordo com essa passagem, se Deus ouviu Elias quando ele pediu seca ou chuva, nós que também servimos a Deus devemos confiar que ele ouve nossas orações.

Em algumas ocasiões, vi Deus responder a orações semelhantes às de Elias. Certa vez, nosso ministério com universitários havia se comprometido a participar de um desfile anual de volta às aulas com alunos e ex-alunos do Livingstone College, mas ficamos com medo de que a chuva intensa que caía abafasse nosso testemunho. Então, um aluno da A&T State University que era membro da organização New Generation Ministries na Carolina do Norte resolveu nos dirigir em oração a fim de pedir que a chuva parasse. Pensei comigo mesmo que a chuva não faria mal algum, embora naquele exato momento a administração da faculdade estivesse prestes a cancelar o evento. Assim que o aluno terminou de orar, a chuva parou da mesma forma que a água para quando alguém fecha uma torneira. Em poucos minutos, não caía mais uma gota sequer, e não voltou a chover ao longo do dia. Fiquei maravilhado com a fé daquele aluno tão ansioso para dar seu testemunho, que não duvidou do poder de Deus para controlar a chuva. Quando preguei na igreja do campus no dia seguinte, usei Tiago 5 e destaquei que Deus havia cumprido essa passagem em nosso meio no dia anterior.

Se Tiago apresenta a fé do profeta Elias como modelo para nossa fé, por que não crer que Deus tem poder para realizar milagres? O Espírito Santo nos dá ousadia para pedirmos coisas conforme a vontade de Deus, pois caminhamos de acordo com os desejos dele para sua obra no mundo, e não conforme nossos próprios objetivos (1Jo 3.21-24; 5.14,15).

Há mais um texto que, possivelmente, corrobora o uso de Elias como modelo para o ministério da igreja. Embora qualquer menção feita em Apocalipse seja controversa, alguns estudiosos propõem que Apocalipse 11.3-6 talvez retrate a vivência, pela igreja de Deus (ou por alguns de seus evangelistas), do mesmo tipo de poder miraculoso demonstrado nos ministérios de Moisés e de Elias. O anjo descreve para João duas testemunhas e usa linguagem semelhante à de Zacarias 4.2,3, passagem em que os termos se referem a um rei e um sacerdote que lideram a obra de Deus no tempo de Zacarias (Zc 3.6-9; 4.6-14). Em Apocalipse, porém, todo o povo de Deus é um reino e todos são sacerdotes (1.6; 5.10; veja Êx 19.6).

Ademais, ao chamar essas testemunhas "candelabros" (11.4), Apocalipse talvez esteja sugerindo que elas simbolizam a igreja (1.20, mas veja tb. Zc 4.2,11).[7] Caso essa sugestão esteja correta, a igreja realiza milagres como Moisés e Elias em Apocalipse 11.6. A concordância com essa interpretação depende, em grande parte, de como se lê Apocalipse em sua totalidade, mas aqueles que concordam com ela encontram aqui outro exemplo em que os autores do Novo Testamento consideram Elias um modelo para a igreja. No mínimo, aprendemos mais acerca de evangelistas cuja mensagem Deus promove por meio de sinais.

Implicações práticas do modelo de Elias

O modo como a Bíblia retrata Elias e Eliseu nos desafia de várias maneiras. Embora eles tenham operado milagres, não se parecem em nada com muitos dos atuais pregadores da "prosperidade" que dizem ter poder para fazer milagres. Deus proveu para Elias, mas comer da boca de corvos e beber de um riacho dificilmente pode ser visto como uma vida de luxo (1Rs 17.4). Quando Geazi saiu em busca de recursos em quantia moderada, Eliseu repudiou explicitamente a valorização dos bens materiais (2Rs 5.26,27). Além disso, o ministério de Elias exigia que ele confrontasse oficiais hostis, vivesse à margem de sua própria sociedade e corresse risco de morte pela honra daquele que o havia chamado (1Rs 17—19). Ao contrário de muitos outros profetas, provavelmente a maioria deles (Nm 12.1; 1Rs 13.11; 2Rs 4.1; Is 8.3; Ez 24.18) — mas de modo semelhante a Jeremias (Jr 16.2-4), João Batista, Jesus e Paulo — o chamado de Elias e de Eliseu parece tê-los obrigado a permanecerem solteiros.

O fato de Jesus nos chamar, como discípulos, a um compromisso cujo custo é ainda mais elevado que o dos profetas do Antigo Testamento (Lc 9.61,62; cp. 1Rs 19.19-21) mostra a seriedade de seu chamado. Uma vida cheia do Espírito como a de Elias ou de Eliseu não significa, em todas as circunstâncias, não ter onde morar (de acordo com 2Rs 5.9, Eliseu tinha uma casa), mas significa que não devemos dar tanto valor a algo a ponto de não sermos capazes de prontamente abrir mão disso pelo chamado divino. Suspeito que há muitos de nós que, apesar de dizermos que somos o povo do Espírito, somos tão apaixonados por nossos confortos, recursos e projetos terrenos que, se Deus nos chamar a abrir mão deles por amor do evangelho não conseguiremos ouvi-lo.

---

[7]Veja a discussão em meu texto *Revelation*, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 289-303. Veja tb. G. K. Beale, *The book of Revelation*, NIGTC (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 572-85.

Antes de concluirmos que Elias foi santo demais para servir de modelo para nós, devemos fazer uma pausa e lembrar que Elias era humano, como nós (Tg 5.17). Com isso, não negamos que ele tenha exercitado uma fé nutrida por anos de relacionamento próximo com Deus, mas essa fé dependia do poder de Deus, e não de suas próprias forças (os apóstolos também reconheceram essa realidade acerca de si mesmos; cp. At 3.12,13). Elias só ousou realizar milagres sob a ordem de Deus (1Rs 18.36).

Buscar presunçosamente declarar os propósitos de Deus ou realizar milagres com base na própria vontade levará apenas à humilhação pública para si mesmo e para o povo de Deus (cp. Lm 3.37,38), e quem não aprendeu a ter sensibilidade ao Espírito de Deus não deve ter a pretensão de tomar a iniciativa. Se Elias tivesse de decidir o que Deus devia fazer, sem dúvida não teria obtido alimento de corvos, mas de alguma outra fonte; no entanto, a autoridade de Elias vinha exclusivamente da comissão divina. Ao contrário de alguns de nós, Elias foi obrigado a lembrar que era servo de Deus, dotado de poder somente para fazer a vontade de Deus.

No entanto, Elias tinha tamanha certeza de que Deus havia falado, que foi extravagante em sua demonstração de que o fogo teria de ser um milagre. Embora a água fosse um recurso escasso naquele tempo de seca, o profeta ordenou que fosse derramada ao redor do altar (1Rs 18.33-35). Depois do milagre, Elias foi capaz de se vingar dos profetas de Baal pelo sangue de seus colegas profetas (18.40), muitos dos quais talvez houvessem sido discípulos do próprio Elias (cp. 18.13).

E, no entanto, depois de uma aparente mudança inicial de atitude do povo de Deus, o sentimento de Elias de que tinha alcançado o ápice do sucesso durou pouco. Jezabel não foi persuadida nem enfraquecida em seu trono; antes, obrigou Elias a se tornar novamente um refugiado (19.1,2). Em vez de o fogo do céu produzir reavivamento em Israel como deveria, simplesmente pareceu aumentar a oposição. Muitos de nós trabalhamos arduamente na obra de Deus e, por fim, ao vermos os resultados de nosso trabalho, experimentamos reveses aparentemente instransponíveis. Diante da oposição ao evangelho, reconhecemos que nossos dons e nossas obras para o reino jamais serão capazes de realizar todos os propósitos de Deus, a menos que ele intervenha com seu poder. Elias, uma pessoa de carne e osso como nós, ficou desanimado (19.3-5). O poder do Espírito não anula nossa humanidade nem evita que enfrentemos situações desanimadoras.

Quando nos dermos conta de que o poder e as ordens vêm de Deus, e não de nós mesmos, estaremos prontos para ser enviados por Deus e usados por ele como lhe parecer melhor. Devemos orar para que Deus conceda sinais a sua igreja para a obra de evangelismo (At 4.29,30); também devemos estar prontos para a vida de

fé que Deus pede de cada um de nós — com sinais, sofrimento e suficiência nele, e em ninguém mais. O objetivo supremo vai além dos sinais e além até mesmo do evangelismo e do crescimento da igreja; o objetivo rumo ao qual essas e outras atividades conduzem é apresentar pessoas maduras em Cristo (Cl 1.28). Embora Deus não vá conceder individualmente à maioria dos cristãos os mesmos dons no mesmo grau que concedeu a Elias, todos nós podemos aprender com seu exemplo de fé, perseverança e fidelidade. Também podemos orar para que Deus levante homens e mulheres de Deus com esses tipos de dons espirituais para nossa geração.

Satanás não tem problema algum em exibir seu poder. A fim de que o mundo reconheça que o poder de Deus é maior, os representantes de Deus devem crer nesse fato e agir de acordo.[8] Por vezes, não temos escolha. Durante meu primeiro ano na faculdade de teologia, estava pregando em uma missão que acolhia moradores de rua, quando um homem endemoniado começou a gritar que ele era "o Anticristo" e "Lúcifer". (Não é raro os demônios usarem as Escrituras sem contexto; na Bíblia nenhum desses títulos se aplica a um demônio. Discutir com o demônio sobre os princípios elementares da interpretação bíblica, porém, não teria ajudado em nada.) Sempre imaginei que estivesse espiritualmente preparado para expulsar um demônio, mas ao me lembrar da história dos sete filhos de Ceva, percebi que estava assustado demais para fazer uma tentativa. E se o homem pulasse em cima de mim e começasse a rasgar minhas roupas, como aconteceu em Atos 19? Outros obreiros levaram o homem para fora e eu terminei o sermão como pude. Talvez aquele homem tivesse procurado a missão a fim de ser liberto, mas em vez de expulsar os demônios, expulsamos o homem. Envergonhado com meu fracasso, percebi que a maioria dos "demônios" que eu havia tentando expulsar com orações anteriormente não eram demônios de verdade e que eu não tinha fé suficiente para um confronto real. Decidi, portanto, me fortalecer na fé e, alguns meses depois, voltei a ser testado.

Dessa vez, eu estava visitando uma viúva recém-convertida cuja filha enfrentava problemas sérios. Enquanto orava por elas do lado de fora de sua casa, subitamente o Espírito me conduziu de volta até uma porta, que se abria para uma escadaria e, descendo as escadas, para outra porta no porão. Percebi, contudo, que não era capaz de me aproximar da segunda porta. Uma presença maligna

[8]Em várias partes do mundo, a igreja — menos influenciada pelo racionalismo ocidental — já considera a apologética cristã especialmente sob a perspectiva de um "confronto de poder"; veja, e.g., a perspectiva africana resumida em William A. Dyrness, org., *Emerging voices in global Christian theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), p. 11-2. Na Bíblia, veja Êxodo 7.8-13; 12.12; 1Reis 18.20-40.

irradiava ameaçadoramente daquele cômodo e parecia o fantasma do marido da viúva. Ciente de que "fantasmas" são apenas demônios que se fazem passar por pessoas falecidas, orei do alto da escadaria e então desci novamente com determinação, sentindo forças renovadas. Abri a porta de uma vez e, em nome de Jesus, ordenei que o espírito fosse embora e nunca mais voltasse. No mesmo instante ele desapareceu. Quando voltei para falar com a viúva, ela me contou três coisas que eu não sabia: (1) o porão ficava logo abaixo do quarto de sua filha; (2) o marido falecido havia praticado ocultismo, e as coisas dele estavam guardadas no porão; e (3) um homem com o qual ela havia se envolvido no ano anterior, e que dizia ter poderes mediúnicos, tinha tentando confrontar o "fantasma" do marido dela naquele cômodo, mas tinha sido expulso do porão.

Embora seja mais conveniente para mim compartilhar aquilo que testemunhei em primeira mão (pois sei mais detalhes a respeito dessas experiências), muitos outros que trabalham nas linhas de frente do evangelismo tiveram experiências ainda mais dramáticas sobre a necessidade do poder do Espírito. Se levarmos em conta aquilo que enfrentamos diariamente em nossas cidades e em várias regiões não evangelizadas do mundo, tenho convicção de que somente a fé radical, muitas vezes acompanhada de sinais, permitirá que evangelizemos as áreas mais "difíceis". Frequentemente missionários dão testemunho de como Deus concede sinais. Em alguns grupos étnicos, a maioria dos convertidos foi alcançada inicialmente por meio de sonhos e visões.

E, no entanto, ao orarmos para que Deus conceda dons a sua igreja (At 4.30; 1Co 12.31), não precisamos apenas de novos Elias. Há outros modelos de ministério na Bíblia; João Batista, por exemplo, foi, em alguns aspectos, mais parecido com Jeremias (que não realizou sinais, mas chamou ao arrependimento diante do juízo iminente) do que com Elias (Jo 10.41). No momento, a igreja como um todo talvez precise de mais profetas como Jeremias para nos tirar de nossa comodismo acerca da missão de Deus no mundo. Oremos para que o Espírito de Deus nos dê as diversas vozes de que mais precisamos a fim de alcançar nossa geração para Cristo.

O Espírito nos prepara para sofrermos ao realizar a obra de Deus (Mc 1.7-13)

Em minha juventude, dei testemunho cristão em algumas situações em que o sofrimento era algo provável. Por duas semanas seguidas, tinha levado pessoas a Cristo na noite de domingo em certa área da cidade e na terceira semana decidi repetir a experiência. Infelizmente, o primeiro sujeito com quem falei não estava

de bom humor; ele veio para cima de mim de imediato, cheio de raiva, dando socos e chutes. Consegui fugir, enquanto ele ameaçava me matar, caso me visse outra vez. Em algumas ocasiões em que tomei uma surra, a dor física durou vários dias. Certa vez, porém, em sua misericórdia, o Senhor permitiu que eu não sentisse coisa alguma, embora parte de meu cabelo tivesse sido arrancada enquanto alguém batia com minha cabeça repetidamente no chão.

Ocorrências desse tipo não são comuns nos Estados Unidos, mas meus amigos em outras partes do mundo relatam mais exemplos. Um professor universitário nigeriano conta que participou da equipe da Cruzada Estudantil durante manifestações violentas de extremistas islâmicos cerca de dez anos atrás. Embora as manifestações aparentassem ser espontâneas, na verdade os radicais muçulmanos haviam mapeado o endereço de todos os pastores cristãos da cidade. Foram de casa em casa, assassinando esses obreiros e suas famílias. Meu amigo e a esposa dele se esconderam com seu bebê debaixo de uma mesa, enquanto pedras eram atiradas nas janelas. Só escaparam da morte porque um vizinho muçulmano moderado, para o qual meu amigo havia falado de Cristo, foi até a rua e explicou em árabe que aquela era uma "casa de paz". Em tempos mais recentes, amigos nigerianos perderam colegas de ministério e parentes quando centenas de pessoas foram massacradas (de ambos os lados do conflito resultante daquelas manifestações). Ao redor do mundo, milhares de cristãos são martirizados todos os anos, e episódios como os da escola em Columbine e em outros lugares mostram que acontecimentos desse tipo podem se tornar cada vez mais comuns nos Estados Unidos também.

É parte da missão do Espírito preparar-nos para sofrer em nome de Cristo. De acordo com os Evangelhos, João Batista anunciou que Jesus batizaria no Espírito. Examinaremos essa promessa em mais detalhes em Mateus, em um capítulo posterior; aqui, voltaremos nossa atenção para o relato em Marcos. O Evangelho de Marcos fornece o resumo mais sucinto desse episódio, pois Marcos o insere em sua introdução, e era costume que as introduções fossem curtas e objetivas. Portanto, Marcos traz apenas os pontos de maior relevância e usa-os para apresentar os principais temas de seu Evangelho.

Marcos menciona o Espírito apenas seis vezes em seu Evangelho, mas três dessas referências aparecem na introdução. Esse fato indica que Espírito é consideravelmente mais importante para Marcos do que se poderia imaginar com base nas poucas referências que Marcos faz a ele mais adiante, pois, em geral, introduções preparam o leitor para aquilo que virá em seguida. Marcos estrutura três parágrafos concisos sucessivos ao redor do tema do Espírito: João anuncia aquele

que batiza no Espírito (1.8); o Espírito desce sobre Jesus (1.10); o Espírito leva Jesus ao deserto para o embate com o Diabo (1.12).

Como a progressão desses três parágrafos indica, aquele que foi prometido e que batiza no Espírito é, ele próprio, o modelo para a vida de quem é batizado no Espírito, e que é uma vida de antagonismo vitorioso com o reino do Diabo. O restante de Marcos acompanha a continuidade desse conflito: Jesus derrota o Diabo ao curar os enfermos e libertar os endemoninhados. O Diabo ataca Jesus por meio de agentes religiosos e políticos. Por fim, Jesus morre, mas vence a morte na ressurreição. Esse é o modelo para a existência cheia do Espírito: o cristão deve estar disposto a mostrar o poder de Deus, mas também a pagar por isso com sua vida. O Espírito que inspirou as Escrituras (Mc 12.36) e concedeu poder a Jesus para realizar as obras miraculosas que os céticos desprezaram (3.22-29) também ungirá as testemunhas de Jesus para que anunciem sua mensagem em tempos de perseguição (13.11).[9]

Marcos era "carismático", no sentido de que enfatizou o poder do Espírito para realizar a obra de Deus. Contudo, ele era bem diferente do tipo de carismático atual que enfatiza apenas as bênçãos de servir a Deus. Marcos sabia que o Espírito nos capacita para realizar grandes feitos por Deus, mas também para sofrer em sua honra. Como em Atos, sinais irrefutáveis da ação de Deus resultaram não apenas em conversões, mas em atos de hostilidade e perseguição (e.g., At 4.7; 5.16,17; 14.3-6).

Na opinião de alguns estudiosos, Marcos escreveu seu Evan-gelho para a igreja sofredora em Roma, onde Paulo havia redigido uma carta alguns anos antes. Nessa carta, Paulo declarou que o Espírito junta-se à presente criação sofredora que geme com dores de parto pela nova era por vir e nos convida a "gemer" com ele (Rm 8.22,23,26). Portanto, Deus opera em nossas provações para nosso bem; orações feitas por meio do Espírito permitem que ele nos conforme à imagem de seu Filho e nos prepare para nosso papel na era vindoura (8.26-30). Em resumo, o Espírito torna o presente suportável ao nos lembrar de que vivemos para outro mundo, pois pertencemos a outro mundo. Estamos aqui não como cidadãos desta era, mas como invasores chamados a ser fiéis ao Senhor do mundo por vir.

[9]De modo mais detalhado, veja minha obra *Spirit in the Gospels and Acts*, p. 49-90. Mateus acrescenta aqueles que insultam o testemunho do Espírito acerca de Jesus (12.24,31,32) e, portanto, rejeitam a identidade messiânica de Jesus (veja 12.18,28). Outros autores também enfatizam como o Espírito capacitou Jesus para realizar sinais (e.g., At 10.38) e para sofrer (Hb 9.14). O Espírito é fundamental, ainda, no ato de ressurreição (Rm 8.11; 1Pe 3.18; veja Ap 11.11).

Conclusão

Se desejamos evangelizar nosso mundo hoje, não podemos nos atrever a fazê-lo com nossas próprias forças. Como Dawson Trotman observou em certa ocasião, a igreja primitiva não tinha todo o equipamento que hoje consideramos necessário para realizar a obra: não contava com literatura cristã, comunicação em massa nem meios de transporte rápidos; admitia, ainda, que não possuía prata nem ouro.[10] Contudo, visto que dependia radicalmente do poder de Deus, virou seu mundo de ponta-cabeça. Deus não chama nem prepara a todos para testemunhar da mesma forma; mesmo em Atos, diferentes obreiros foram capacitados para ministrar de diferentes maneiras. Apolo sabia debater (18.28); Pedro realizava sinais (5.15,16); outros cristãos, provavelmente a maioria, embora não sejam o foco no livro de Atos, anunciaram as boas-novas de Cristo durante suas viagens (8.4). Cada um de nós, porém, é chamado a testemunhar, e o Espírito Santo de Deus não nos deixará na mão se aprendermos a depender dele.

Por vezes, Deus está apenas esperando que oremos (cp. Mt 9.38; Lc 10.2). Durante meu trabalho de doutorado, alguns amigos da Aliança Bíblica Universitária me ajudaram a entender a importância estratégica de alcançar alunos de regiões menos abertas para o evangelho e oraram comigo para que Deus abrisse portas e me ajudasse a enxergá-las quando ele as abrisse. Naquele mesmo dia, tive a oportunidade de testemunhar a dois alunos, um deles um importante cientista da China. Dali em diante, Deus começou a criar oportunidades frequentes para que eu compartilhasse a Palavra com pesquisadores do doutorado e do pós-doutorado de regiões menos evangelizadas da Ásia, do Oriente Médio e de outras partes do mundo. Estamos prontos para confiar que Deus abrirá portas e para crer que ele nos capacitará a fim de que realizemos a obra para a qual ele nos chamou?

[10]"The need of the hour", *Discipleship Journal* 7 (January 1982): 24-6; veja tb. *Discipleship Journal 61* (January 1991): 31-3.

4

O Espírito e nosso modo de viver

Ao longo dos anos tenho visto curas miraculosas e outros sinais extraordinários da bondade de Deus, mas o maior milagre que já testemunhei foi encontrar cristãos de contextos bem diferentes do meu cujo coração revela o mesmo caráter que Deus colocou dentro de mim. Nós, cristãos comprometidos, temos diferentes personalidades e dons e viemos de diferentes culturas e contextos eclesiásticos, mas quando nos encontramos, em geral, ainda somos capazes de reconhecer a mesma imagem de nosso Pai.

Como os dois primeiros capítulos enfatizaram, para conhecer a voz de Deus precisamos conhecer o caráter de Deus. Quando começamos a conhecer seu caráter, somos transformados como participantes desse caráter. Moisés viu a glória de Deus e, portanto, refletiu sua glória (2Co 3.7-16). Algum dia, veremos e refletiremos plenamente a glória de Deus (1Jo 3.2), mas já estamos sendo transformado a sua semelhança e glória por seu Espírito, à medida que o conhecemos melhor (2Co 3.17,18; 4.6,17).

O presente capítulo trata desse processo de transformação. Para muitos hoje, ouvir a voz de Deus, a capacitação pelo Espírito para o evangelismo e os dons espirituais são temas empolgantes. Com frequência, porém, não consideramos o fruto do Espírito algo tão empolgante ou sobrenatural — como se pudéssemos manifestá-lo por nossa própria conta! Mas não importa o quanto obras puramente humanas possam parecer externamente com o fruto do Espírito, as motivações e o poder por trás delas são, muitas vezes, bem diferentes. Outras pessoas se empolgam com as diversas questões éticas de nosso tempo, porém, por mais cruciais que sejam essas questões, em última análise jamais purificaremos a igreja do ponto de vista ético ou moral sem o poder do Espírito de Deus operando em sua igreja. Aliás, jamais alcançaremos vitória em nossas próprias lutas se não aprendermos a depender daquilo que Deus, em Cristo, faz em nós por meio de seu Espírito.

Mais adiante, trato de outros aspectos de ser "cheio do Espírito". Aqui, porém, eu me concentro na questão da obra profunda do Espírito dentro de nós: o Espírito nos transforma em novas pessoas à imagem de Deus; o Espírito produz o fruto de seu caráter em nossa vida; a pessoa verdadeiramente cheia do Espírito serve os outros; e o poder do Pentecostes cria um novo modo de viver.

A urgência por renovação espiritual na igreja

Os avivamentos em Atos 2 e 4 desafiam não apenas o antissobrenaturalismo iluminista dos cristãos norte-americanos (o ceticismo de nossa cultura acerca de milagres), mas também nosso materialismo (2.44,45; 4.32-37). Jesus e as necessidades de seu povo são mais importantes para nós do que qualquer outra coisa? Não é uma questão de ascetismo (como se os bens materiais fossem maus), mas de prioridades e sacrifícios.

Voltarei ao exemplo de Atos 2 no final deste capítulo; nesse meio tempo, porém, farei vários contrastes entre a igreja primitiva e o cristianismo norte-americano que podem nos proporcionar uma visão mais clara. (Emprego aqui certa dose de cinismo, como ocasionalmente fizeram os autores bíblicos, a fim de deixar claro o quanto somos frequentemente desatentos às questões eternas. Talvez eu use palavras fortes, mas, a meu ver, elas nem sequer refletem toda a dimensão do desperdício trágico dos recursos que Deus nos deu diante da necessidade de nosso mundo perdido.) As formas de abnegação dos cristãos primitivos podiam por vezes beirar o ascetismo, algo que não recomendo para hoje. Ao mesmo tempo, contudo, o zelo desses ascetas em se sacrificarem por Cristo torna vergonhosa nossa frequente relutância em fazer qualquer coisa que nos seja inconveniente.

- *Entretenimento:* os cristãos do segundo século se recusavam a ir a anfiteatros com amigos não cristãos para verem pessoas serem trucidadas por gladiadores ou animais.
- *Administração de recursos:* os cristãos primitivos sacrificavam uma parcela tão grande de seus recursos para cuidar dos pobres que os pagãos de classe alta zombavam deles por sua falta de discernimento. Nesse ínterim, a igreja estava convertendo os pobres do império romano que viam o amor dos cristãos por eles. Posteriormente, Antônio soube da instrução de Jesus nos Evangelhos para abandonar tudo e assumiu o compromisso de seguir essa ordem de modo literal.
- *Evangelismo:* com frequência, os cristãos colocavam a vida em risco e, por vezes, morriam por causa de seu testemunho.

- *Justiça:* alguns membros da igreja primitiva compravam escravos, treinavam-nos para que tivessem uma profissão e os libertavam.
- *Disciplinas espirituais tradicionais:* os cristãos valorizavam a oração, o aprendizado da Bíblia e o jejum; alguns cristãos do movimento monástico posterior dedicavam a maior parte do tempo a essas disciplinas.

Cristãos ocidentais de hoje, em contrapartida, refletem um repertório bem diferente de valores culturais.

- *Entretenimento:* em vez de irmos a anfiteatros para nos divertirmos com o sofrimento de outros, trazemos esse entretenimento para nossa sala de estar por meio de televisão e vídeos. Dizemos que assistimos a esses filmes e programas só para relaxar e que, embora passemos horas assistindo a cenas de imoralidade sexual ou violência, na verdade não gostamos dessas coisas. (Dizemos gostar muito mais de estudar a Bíblia do que de assistir televisão, embora raramente peguemos a Bíblia para lê-la.)
- *Administração de recursos:* em média, o cristão norte-americano oferta 2,5% de sua renda como dízimo. Podemos racionalizar, obviamente, que tendo em vista a força da economia dos Estados Unidos, nossos 2,5% vão mais longe do que os 100% de Antônio.
- *Evangelismo:* procuramos ser pelo menos tão gentis quanto os não cristãos para que, se alguém vier a descobrir que somos cristãos, não tenhamos dado um mau testemunho, caso essa pessoa entenda algum dia em que os cristãos creem e decida abraçar essa fé.
- *Justiça:* sempre que temos conflitos insolúveis com outros cristãos, nós os processamos.
- *Disciplinas espirituais tradicionais:* oramos antes das refeições e o fazemos com tamanha fé que podemos nos dar o luxo de ser concisos. Temos mais Bíblias do que a igreja primitiva, mas depois de cinco horas assistindo televisão, não sobra muito tempo para *lê-las*. De vez em quando, porém, meditamos em ideias bíblicas e citamos versículos das Escrituras, mesmo que fora de contexto. Jejuamos entre uma refeição e outra, pelo menos quando estamos de dieta para perder o peso que acumulamos ao consumir os recursos que teriam sido mais úteis para as crianças em regiões do mundo onde há fome. Felizmente, alimentamos os moradores de rua de nosso país nas festas de fim de ano e supomos que isso seja suficiente para mantê-los até o ano seguinte. (Cristãos que aceitam o darwinismo social talvez sejam consolados,

pelo menos, pela ideia de que a fome pode ser o modo de Deus extirpar pessoas e nações menos aptos a sobreviver.)

Aqueles que são apenas cristãos nominais foram extremamente bem-sucedidos em tornar o cristianismo aceitável para nossa cultura (embora quase não se distinga dela). Talvez eles mereçam um título mais expressivo do que "cristãos", algo como "povo de fé norte-americana" ou "norte-americanos que, por acaso, têm certa afinidade doutrinária com a cristandade antiga". Evidentemente, entre os nominais e os intensamente devotos existe uma ampla gama de cristãos. Mas, à medida que nossas prioridades não são eternas, nossos hábitos merecem reflexão.

Quando Roma caiu em 410 d.C., os pagãos se queixaram de que foi resultado de juízo dos deuses por causa da propagação do cristianismo. Agostinho respondeu que, na verdade, era um juízo pelos séculos de pecado desenfreado de Roma, e que a fé dos cristãos em Roma fora superficial demais para impedir o juízo divino (cp. 1Pe 4.17). Já conversei com cristãos de outras partes do mundo que escaparam da morte por um triz e viram amigos e familiares cristãos indefesos serem massacrados. Em muitos casos, esses cristãos eram testemunhas de Cristo mais fiéis do que a maioria dos cristãos norte-americanos. Se o sofrimento chegar a nossa nação, estamos preparados para a provação? E, em caso negativo, estamos dispostos a começar a preparar a nós mesmos e a nossos irmãos em Cristo para isso?

Nascidos de novo e nova criação

Felizmente, o processo de transformação depende mais de nossa disposição de aceitar a ajuda de Deus do que de nossa autodisciplina. Ser inteiramente dedicado a Deus deve ser nossa segunda natureza — ou melhor, deve ser nossa primeira natureza! Todos sabem que os filhos compartilham de características genéticas de seus pais, e que todas as criaturas procriam segundo sua própria espécie. A Bíblia, no mesmo contexto em que ensina essa verdade (Gn 1.11,12,21,24,25), relata que quando Deus criou os seres humanos era seu desígnio que, de modo finito e limitado, fôssemos seus filhos e portadores de sua imagem. Ele desejava que os seres humanos revelassem seu caráter moral e sua sabedoria na forma como governavam a criação (1.26-28). Adão teve um filho à sua "imagem", i.e., com suas características genéticas (5.3). De modo semelhante, Deus criou homens e mulheres para serem seus filhos, à sua "imagem" (1.26,27; 5.1). Imagens de escultura não são capazes de revelar a glória divina, mas, de modo limitado, os filhos de Deus são.

O pecado da humanidade desfigurou a imagem de Deus em nós, mas em Cristo fomos "criados" novamente à imagem de Deus (Ef 4.24). Não é sem

motivo que Paulo nos chama "nova criação" (2Co 5.17; Gl 6.15). Como nova criação, somos a vanguarda do novo mundo vindouro de Deus (2Pe 3.13,14; Ap 21.1). Também somos nova criação no sentido de que a obra que Deus realizou por meio de Adão foi realizada de modo ainda mais excelente por meio de Jesus Cristo, o Novo Adão (Rm 5.14; 1Co 15.22,45).

Deus prometeu que, algum dia, colocaria um novo Espírito e um novo coração dentro dos membros de seu povo (Ez 36.26), quando lhes desse seu Espírito a fim capacitá-los a fazer sua vontade (Ez 36.27). Recebemos esse Espírito quando nascemos de novo por meio do Espírito de Deus (Jo 3.6). Ao nascermos de Deus (Gl 4.29; 1Jo 2.29; 3.9; 4.7; 5.1,4,18), nascemos com sua nova natureza, assim como nascemos fisicamente com uma natureza genética (Jo 3.6). Por isso, Pedro diz que nos tornamos "participantes da natureza divina" (2Pe 1.4). Como Corpo de Cristo, somos seus membros; usando termos contemporâneos, compartilhamos de seus genes morais. Evidentemente, participar da natureza divina de Deus não significa que nos tornamos parte da Trindade. Antes, ao compartilharmos do caráter moral de Deus, somos renovados à sua imagem em Cristo (Rm 8.29) — a imagem suprema de Deus (2Co 4.4; Cl 1.15; Hb 1.3). Ao olharmos para Jesus e aprendermos dele, somos transformados à sua imagem (2Co 3.18; 4.16-18; Cl 3.10) e, algum dia, o veremos face a face e assumiremos seu caráter de modo pleno (1Co 15.49; 1Jo 3.2,3). Desejamos refletir a glória de Deus em nossa vida no presente? À medida que aprendermos a conhecer Jesus mais intimamente e, como Moisés, passarmos tempo com Deus no monte, começaremos a refletir sua glória de modo mais completo (2Co 3.3-18).

O Novo Testamento leva a ideia de novo nascimento para além do que apenas o começo da vida cristã. A concepção e o nascimento dão início à vida; Deus nos concebeu e nos deu à luz para uma nova "vida eterna" (Jo 3.3-5,16). Dependendo de como traduzimos essa expressão, é possível até entender que Paulo quisesse dizer que participamos da "vida de Deus" (Ef 4.18); dependemos dele para aquilo que agora estamos nos tornando (Gl 2.20). De modo semelhante, graças ao fato de termos nascido de Deus como seus filhos, podemos crer em nossa herança nele (1Pe 1.3,4).

A presença de sua nova natureza em nós não significa que podemos permanecer passivos a respeito de nossa transformação. Paulo diz que devemos nos despir da velha natureza e nos revestir da nova criação à imagem de Deus (Ef 4.22-24). Por meio de uma vida de obediência (4.25-32), nos conformamos ao modelo e à imagem de Deus em Cristo (4.32—5.2), e a nova natureza se torna, cada vez mais, parte do modo como vivemos. Pedro diz que nos purificamos ao obedecermos à verdade, pois Deus nos fez nascer de novo com sua palavra, uma semente

que reflete sua natureza (1Pe 1.22-25; cp. Lc 8.11; Tg 1.21; 1Jo 3.9). Em seguida, Pedro acrescenta que, como bebês dependentes do leite materno, crescemos à medida que continuamos a absorver a mensagem de Deus (1Pe 2.1,2).

Deus usa provações externas para nos conformar à sua imagem (Rm 8.18-29; cp. 2Co 4.10,11,16-18), mas opera principalmente por meio de seu Espírito dentro de nós. A disciplina pode nos ajudar a cooperar com o Espírito (cp. 1Co 9.24-27; 2Tm 2.3-5), mas a transformação à imagem de Cristo depende de Deus. Paulo afirma que é o próprio Cristo, operando nele (Paulo), quem realiza seu ministério (1Co 15.10; 2Co 13.3-6; Gl 2.8; Cl 1.28,29). Também afirma que nossa maturidade é resultado da obra de Deus e da presença de Cristo em nós (1Co 12.6; Gl 2.20; Ef 3.20; Fp 2.12,13; cp. 1Ts 2.13).

O fruto do Espírito (Gl 5.16-25)

Enquanto a conversão (veja o cap. 7 deste livro) aplica aos crentes a obra salvífica de Cristo, a obra contínua do Espírito nos faz crescer conforme seu caráter. Não é coincidência que Paulo tenha escrito a respeito do fruto do Espírito para a igreja na Galácia. Os membros dessa igreja estavam se esforçando para obter retidão por si mesmos, em vez de aceitarem-na como dádiva gratuita de Deus em Cristo. A retidão é uma dádiva concedida no momento da conversão, embora viver essa retidão diariamente também faça parte dessa dádiva (Ef 2.8-10).

Aquilo que a lei não pôde fazer

A lei era um ótimo paradigma para a ética, mas, por si só, não tinha poder para salvar ninguém. Embora Deus houvesse concedido a seu povo um bom paradigma pelo qual deveriam viver, desde o princípio, Israel havia desobedecido à lei repetidamente. Deus sabia que seu povo só guardaria a lei se ela fosse escrita em seu coração (Dt 30.11-14). Portanto, prometeu uma nova aliança por meio da qual isso aconteceria (Jr 31.31-34). Ezequiel explica como essa capacitação moral funcionaria: Deus purificaria o espírito de seu povo e colocaria seu Espírito Santo dentro dele (Ez 36.26,27). Paulo frequentemente repete essa promessa: o Espírito nos transforma para que vivamos conforme a vontade de Deus (Rm 8.2-10; 14.17; Gl 5.13—6.10; cp. Gl 2.20 com 5.24,25; Rm 15.30; Ef 4.25-32; Fp 2.1; Cl 1.8; 1Ts 4.8; 2.13; 1Pe 1.2,22; 1Jo 3.6,9; 5.18).

A lei do Antigo Testamento, como as leis de todas as culturas, lidava com as pessoas de forma externa, mas Jesus exige mais do que obediência externa. A lei

ordena: "Não matarás!"; Jesus exige: "Não terás o desejo de matar". A lei ordena: "Não cometerás adultério"; Jesus exige: "Não terás o desejo de cometer adultério" (Mt 5.21-28). O mero esforço humano não é capaz de transformar nosso coração; antes, isso nos leva à negação, a uma forma de retidão fingida, estejamos enganando a outros ou apenas a nós mesmos (1Jo 1.7-10).

Jesus veio para nos salvar e nos dar seu Espírito. Veio para nos renovar interiormente a fim de desejarmos fazer o que é correto. As regras têm seu papel em refrear o pecado, mas é Cristo vivendo em nós que nos transforma. Como Paulo destaca no contexto da passagem que fala do fruto do Espírito em Gálatas, é impossível ser legalista e, ao mesmo tempo, andar no Espírito (Gl 5.16-18). A religião legalista depende da carne; a religião cheia do Espírito depende de Deus e do poder de sua graça.

Carne e Espírito no cristianismo gálata

Na Galácia, nem todos entendiam a graça de Deus em Jesus da mesma forma que Paulo. Alguns "missionários" cristãos judeus naquela região estavam tentando impor certos costumes judaicos aos convertidos gentios de Paulo. O problema não era o fato de esses costumes serem judaicos. O problema era que nenhum costume pode nos salvar, e nenhuma cultura, nem mesmo quando elaborada em vários aspectos conforme a Bíblia, deve ser misturada ao evangelho salvífico. Ao longo de toda a carta de Paulo aos cristãos gálatas, ele refuta as asserções desses falsos missionários. Enquanto a religião humana apela, na melhor das hipóteses, às realizações da "carne", a salvação deve depender exclusivamente da obra de Deus pelo Espírito (Gl 3.2-5; 5.5,16-25; 6.7,8), por meio do qual Cristo vive em nós (2.20).

O que Paulo quer dizer quando nega que possamos depender da "carne"? (A expressão "natureza pecaminosa" na NIV transmite uma impressão equivocada se por ela imaginarmos uma natureza perversa de nossa alma, uma ideia que talvez seja originária da filosofia grega posterior e do gnosticismo.) O Antigo Testamento faz um contraste entre a "carne", isto é, a fragilidade dos seres humanos ou criaturas, e o Espírito de Deus (Gn 6.3; Is 31.3). Na época de Paulo, para alguns judeus (como os que escreveram os Manuscritos do Mar Morto), as coisas "carnais", meramente humanas, eram fracas e inadequadas para estar diante de Deus. Em nossa humanidade caída, somos suscetíveis ao pecado, mas Cristo vivendo em nós nos dá vitória. Portanto, em vez de lutarmos contra o pecado por meios carnais, precisamos ter a coragem de confiar na presença e no senhorio de Cristo e deixar que ele viva seu caráter por meio de nós.

Paulo adverte seus leitores gálatas que o amor é o verdadeiro cumprimento da lei (5.13,14), mas que a religião humana "carnal" só resulta em competição espiritual e animosidade (5.13, 15; cp. 1Co 3.3). Os judeus costumavam falar de "andar" conforme os mandamentos de Deus e, desse modo, guardá-los. De modo semelhante, Paulo declara que, se "andarmos" no Espírito, não satisfaremos as paixões carnais. Em grego, as palavras de Paulo são particularmente enfáticas: é impossível fazer a vontade do Espírito e, ao mesmo tempo, a vontade da carne (Gl 5.16). Em seguida, Paulo apresenta os motivos para essa incompatibilidade: os objetivos do Espírito e da carne são mutuamente excludentes (5.17).

De acordo com alguns filósofos gregos, a pessoa sábia não precisava de nenhuma lei externa. Aqui, Paulo declara que aqueles que são conduzidos pelo Espírito não estão "debaixo da lei" (5.18). Sem dúvida, Paulo queria dizer que os cristãos dirigidos pelo Espírito cumpririam os princípios morais da lei, como o amor, pois a lei estava escrita em seu coração (Jr 31.33; Ez 36.27). Ele contrasta o modo de vida dirigido pelo Espírito com a vida impelida apenas por poder humano, por mais religiosa que pareça externamente. A religião hipócrita finge retidão, mas, ao mesmo tempo, reveste a pessoa apenas com um fino verniz que encobre sua paixão pecaminosa. Usando um recurso comum da literatura antiga, uma lista de comportamentos condenáveis, o apóstolo declara que as "obras" da carne abrangem pecados de toda espécie (Gl 5.19-21). Visto que Paulo se queixa das "obras" humanas na religião ao longo de toda a carta aos gálatas, eles provavelmente entenderam que o apóstolo aponta para a inadequação da religião humana.

Em lugar de dependerem de "obras carnais", Paulo chama os crentes a produzirem o "fruto" do Espírito. Jesus disse que a árvore é conhecida por seus frutos; uma árvore produz conforme sua natureza (Mt 7.16-20). Como Jesus afirmou, se dependermos dele, sua vida dentro de nós nos levará a produzir muito fruto (Jo 15.4,5). Paulo declara que os cristãos são novas criaturas em Cristo e, portanto, espera que nossa [nova] natureza e a presença do Espírito de Deus dentro de nós produzam bons frutos, a menos que impeçamos essa produção por meio de escolhas intencionalmente pecaminosas. O comportamento dos cristãos deve fluir de sua nova identidade, e esta é determinada não pelo passado deles, mas pelo seu destino com Cristo (Rm 6.4,5).

Paulo não está dizendo que vamos sempre nos *sentir* novos, mas que devemos aceitar a realidade de nossa nova condição pela fé e viver em conformidade com ela (6.11). O que produz boas obras não é a carne nem o esforço humano por si mesmo, mas o poder transformador de Cristo e de seu Espírito. E, como Paulo

diz em seguida, visto que verdadeiramente pertencemos ao Espírito, e não à carne, devemos viver de acordo com essa realidade (Gl 5.24,25). Jesus nos salvou do pecado pela graça; da mesma forma, agora temos condições de *viver* como salvos do pecado, pela fé na obra consumada de Cristo (2.20; 5.24; 6.14), ao "nos considerarmos mortos" para o pecado (Rm 6.11). Embora eu creia que não é correto cristãos saírem por aí "apropriando-se da bênção" de carros novos e de outros desejos, as Escrituras nos convidam a nos lembrarmos *tenazmente* de que Deus fez de nós nova criatura para estarmos em Cristo. O mesmo Espírito que nos fez novos em Cristo (Gl 4.29; 6.15) nos dá poder para reconhecermos nossa nova identidade em Cristo — uma identidade definida não por sentimentos ou por nosso passado, nem por nossas circunstâncias, mas por Cristo (5.16,25; veja tb. Rm 8.13). Embora Paulo enfatize essa questão aos gálatas, ensina a mesma coisa a outras igrejas: toda boa obra que o evangelho produz em nós é "fruto" (Fp 1.10,11; Cl 1.10), decorrente do entendimento de como amar (Fp 1.9) e inclui alegre perseverança (Cl 1.11) graças a nossa esperança quanto ao futuro (1.12).

Outros judeus da época de Paulo enfatizavam a obra do Espírito na purificação moral e, acima de tudo, na capacitação profética, mas raramente ou nunca afirmavam que o Espírito nos permite participar do caráter moral de Deus. Paulo não enfatiza o fruto do Espírito porque seus contemporâneos o faziam, mas porque era parte da realidade que ele e outros cristãos primitivos experimentavam em Cristo.

Frutos específicos do Espírito

Por que Paulo cita esses frutos específicos do Espírito? Será que poderia igualmente ter citado outros? Outros escritos do apóstolo indicam que esta lista de frutos que o Espírito produz no crente (Gl 5.22,23) é, provavelmente, específica para aquele contexto específico, como o são suas listas de dons espirituais (veja Ef 5.9; Fp 1.11; Cl 1.6,10; cp. Tg 3.17).

Não obstante, essa amostra de fruto que ele cita na lista dá uma boa ideia do tipo de vida que o Espírito produz. A religião legalista frequentemente gera desavença e competição espiritual; é egocêntrica e motivada somente pela carne, ou seja, pelo ego (Gl 5.13-15,19-21). De modo contrastante, o Espírito nos chama ao serviço abnegado e amoroso. O Espírito produz cooperação e relacionamentos saudáveis dentro do corpo de Cristo (Gl 5.25—6.10). Sua presença e influência em nossa vida ficam evidentes quando começamos a agir uns em relação aos outros como ele age em relação a nós. Boa parte do fruto que Paulo relaciona diz respeito ao modo como tratamos uns aos outros.

Amor

O fruto que Paulo menciona em primeiro lugar é o mais importante, tanto neste contexto (5.22; veja 5.13-15; 5.26—6.2) como de modo universal. Em outras passagens, Paulo menciona fé, esperança e amor como virtudes cristãs fundamentais (5.5,6; Cl 1.4,5; 1Ts 1.3), mas a maior delas é sempre o amor (1Co 13.13). Para muitos escritores antigos, o amor era apenas uma dentre várias virtudes. Os autores cristãos primitivos, que seguiam a interpretação de Jesus para a lei bíblica (Mc 12.29-31; Jo 13.34,35; 15.12; Rm 13.8-10), concordavam, porém, que o amor era a principal virtude.

O amor é o fruto que Paulo mais deseja enfatizar aqui, pois cumpre a intenção moral de toda a lei (Gl 5.14; 6.2). Os gálatas estavam preocupados em cumprir a lei por meio de seus próprios esforços, mas ao longo de toda a carta, Paulo afirma repetidamente que, se o Espírito de Cristo vive neles, cumprirão a intenção da lei simplesmente por meio do fruto do amor. Em lugar de suas tentativas legalistas de alcançar realização moral humana, deviam depender, pela fé, da obra consumada de Cristo e praticar essa fé ao andar em amor (5.6). Quando aceitamos o ato de amor de Deus de nos justificar diante dele, somos libertos do desejo de competição ou de realização espiritual pessoal e podemos nos dedicar às necessidades de outros. Várias das outras expressões da presença do Espírito são relacionadas ao fruto do amor: por exemplo, a paz uns com os outros, a paciência uns com os outros e a mansidão (5.22,23; 6.1). "Contra essas coisas", Paulo exclama, "não existe lei!" (5.23; veja tb. 5.18; 6.2).

Alegria

A alegria é a linguagem da celebração e da adoração que nós, crentes, oferecemos porque temos certeza da presença de Deus conosco (Sl 5.11; 9.14; 13.5; 32.11; 35.27; 42.4; 43.4; 48.2,11; 63.7; 67.4; 71.23; 105.43; 119.162; 132.9,16; 149.2). Alguns cristãos acostumados com cultos voltados apenas para o aspecto intelectual se ofendem com o espírito de celebração de muitas igrejas pentecostais tradicionais de afrodescendentes, não ocidentais, ou de outras igrejas em que os membros batem palmas. Os cultos devem incluir o elemento racional do ensino, e existe a possibilidade de as emoções causarem desordem, mas o fato de Paulo colocar a alegria em segundo lugar em sua lista do fruto do Espírito deve nos desafiar a reavaliar os estilos de culto que costumam reprimir a alegria. É evidente que nossas maneiras específicas de expressar alegria e louvor e de sentir a grandeza de Deus,

sejam elas mais extrovertidas (e.g., por meio da dança, Sl 30.11; 149.3; 150.4) ou mais serenas (ao nos aquietarmos diante de Deus, Sl 46.10), são todas válidas e, muitas vezes, as diferenças são de ordem cultural.[1] Em muitas igrejas batistas negras, pentecostais latinas e outras comunidades, as pessoas batalham para sobreviver em empregos difíceis a semana inteira e se reúnem para celebrar a bondade de Deus em sustentá-las por mais uma semana.

Seja de modo mais introvertido ou extrovertido, devemos nos alegrar no Senhor como sinal de nossa confiança nele. Embora as provações por vezes dificultem a celebração alegre (os salmos são repletos de lamento, bem como de alegria), em circunstâncias normais, a lembrança daquilo que Cristo fez por nós deve produzir alegria (Fp 4.4-7; 1Ts 5.16-18; Tg 5.13).

Paz

Paz é o oposto daquilo que os gálatas estavam vivenciando; é o fim dos conflitos (veja Tg 3.14-18). Embora, por vezes, signifique tranquilidade interior (talvez em Rm 8.6), em geral, Paulo usa o termo *paz* para se referir à reconciliação ou a um relacionamento correto com Deus (5.1; cp. Ef 6.15), uns com os outros (Rm 14.19; Ef 2.14,15; 4.3; Cl 3.15; 1Ts 5.13) e até mesmo com pessoas de fora (Rm 12.18; 1Co 7.15; talvez 2Ts 3.16). Com frequência, Paulo considera a paz uns com os outros um fruto do Espírito. Nós, cristãos, devemos preservar a unidade do Espírito estabelecida entre nós porque fomos unidos por Deus pelo vínculo da paz (Ef 4.3). Todos os seus dons visam promover união mais profunda em um só corpo e Espírito (4.4-12, e esp. v. 13), objetivo que é colocado em prática na vida cristã quando amamos uns aos outros (Ef 4.25—5.2; 1Pe 1.22).

De modo semelhante, conflitos de personalidade estavam prejudicando a igreja de Filipos (Fp 4.2,3), daí a carta de Paulo aos filipenses apresentar exemplos de submissão e serviço: Jesus (2.5-11), Timóteo (2.19-24), Epafrodito (2.25-30) e o próprio Paulo (2.16-18). Nessa carta, Paulo enfatiza a união (1.27—2.4) e observa que a paz de Deus guardará a mente e o coração dos membros de seu povo quando aprenderem a tratar uns aos outros de modo pacífico e a apresentar suas necessidades a Deus (4.2-9). Embora apliquemos o termo *comunhão* de

[1] O fato de determinadas formas de dançar serem muitas vezes expressas culturalmente pode ser ilustrado por algumas igrejas norte-americanas de afrodescendentes em que formas específicas de dança (como o "*shout*", que tem suas raízes nas expressões emocionais intensas de adoração africanas) se tornam um veículo para demonstrar entusiasmo com a presença de Deus, ou por muitas congregações judaicas messiânicas em que a *horah* e outras danças são incorporadas ao culto, muitas vezes, carismático.

modo superficial a qualquer conversa entre cristãos, Paulo enfatiza a "comunhão do Espírito" (2.1; veja tb. Atos 2.42-44; 2Co 13.14; 1Jo 1.3). Por mais importantes que sejam os vínculos interpessoais costumeiros, nossa união é mais profunda do que eles: o mesmo Deus habita dentro de todos os cristãos verdadeiros, e é impossível alguém agir como cristão e, ao mesmo tempo, desprezar outro membro do corpo de Cristo. Não temos controle sobre aquilo que outros nos fazem, mas no que depender de nós, devemos ter paz com todos (Rm 12.18).

É evidente que, se exercitarmos a paz, não teremos divisões entre nós por causa de questões secundárias no que diz respeito ao evangelho, inclusive por causa de diferentes interpretações a respeito dos dons espirituais e de ouvir a voz de Deus. Nos Estados Unidos, os evangélicos se encontram profundamente divididos quanto a várias questões, e alguns questionam a autenticidade do cristianismo de outros por diferenças de pontos de vista não só sobre os dons espirituais, mas também sobre o ministério das mulheres, o fim dos tempos ou a natureza do livre-arbítrio humano. Essas divisões são trágicas, tendo em vista os desafios mais amplos que enfrentamos em nossa cultura. Ter união não significa que concordamos em todos os detalhes, mas significa que amamos uns aos outros e trabalhamos juntos para o bem do evangelho, apesar de nossas diferenças.

Longanimidade

Longanimidade (ou paciência, ou perseverança) pode se referir a suportar qualquer provação (Cl 1.11; Tg 5.10,11), mas Paulo geralmente aplica o termo a relacionamentos. A longanimidade caracteriza a forma que Deus tolera a humanidade (Rm 2.4; 9.22) e representa o modo como os apóstolos enfrentam a oposição (2Co 6.1-6). Ela também caracteriza como nós devemos nos relacionar uns com os outros (Cl 3.12,13; 1Ts 5.14). Em várias ocasiões, Paulo associa esse fruto ao amor (1Co 13.4; 2Co 6.6; Cl 3.12-14) e à mansidão ou humildade (Ef 4.2; Cl 3.12,13).

Benignidade

Nas cartas de Paulo, a benignidade geralmente representa a atitude de Deus em relação àqueles que não a merecem (Rm 2.4; 11.22; Ef 2.7; Tt 3.4). Nas versões gregas do Antigo Testamento, o termo também é usado desse modo (refletindo a forma como os gregos se referiam a governantes benevolentes). No entanto, pode representar, ainda, o modelo apostólico de benignidade em relação a perseguidores (2Co 6.6)

e o modo como devemos ser misericordiosos uns com os outros no corpo de Cristo (Ef 4.32; Cl 3.12). Para Paulo, esse comportamento só se torna natural quando somos feitos nova criação em Cristo (Rm 3.12). Isso não significa que os incrédulos nunca são benignos (cp. Atos 27.3; 28.2), mas sim, que os cristãos sempre devem ser.

Bondade

A bondade caracteriza a condição dos crentes obedientes (Rm 15.14; 2Ts 1.11) e, junto com a retidão e a verdade, também resume de forma geral a obra de Deus (o fruto do Espírito) em nossa vida (Ef 5.9; Cl 1.10). Paulo toma esse termo emprestado da tradução grega do Antigo Testamento, contexto em que pode se referir a "coisas boas" materiais (Ec 4.8; 5.11; 6.6; 9.18), às dádivas imerecidas que Deus concede a seu povo (Ne 9.25,35) e também a uma ação moral correta (Jz 8.35 [alguns manuscritos]; 2Cr 24.16), que é o oposto da perversidade (Sl 52.3). Talvez Paulo empregue o termo de forma geral para abranger qualquer excelência moral que não esteja incluída nos outros termos.

Fé

Fé, ou fidelidade (como vários estudiosos traduzem o termo), refere-se ao conceito veterotestamentário de confiar em Deus ao nos apegarmos a ele em obediência baseada no relacionamento com ele. Paulo enfatiza essa confiança, ainda, como dependência exclusiva de Deus (o único inteiramente confiável) e, em diversos momentos, exorta os crentes a exercerem essa fé (fidelidade) em contraste com as obras legalistas, em Gálatas. Chegamos a Cristo e ao Espírito ao recebermos com fé a mensagem de Cristo e continuamos a crescer na fé por meio da nova presença do Espírito dentro de nós (Gl 3.2-5; 5.5).

Mansidão

Ser manso significa ser despretensioso e amoroso, e não egocêntrico. A pessoa mansa não é receosa, mas dá o tipo de resposta branda que desvia o furor (Pv 15.1; 1Co 4.21; 2Tm 2.25; Tg 1.21; 3.13; 1Pe 3.15). Paulo apresenta Jesus como modelo de mansidão (2Co 10.1; cp. Mt 11.29) e espera que os cristãos tratem uns aos outros da mesma forma (Ef 4.2; Cl 3.12). Jesus resistiu à injustiça verbalmente (Mc 12.38-40; Jo 18.23) e, em algumas ocasiões, vigorosamente (Mc 11.15,16), mas não correu atrás de poder humano (Mt 12.19,20; 21.5). Foi um "rei manso" (Mt 21.5). Nos tempos antigos, com frequência os reis serem tiranos cheios de

ira, mas os governantes que controlavam suas emoções e tratavam súditos e inimigos com bondade eram denominados "mansos".[2] E, ainda mais relevante neste contexto é o fato de que quem tem esse fruto do Espírito demonstra compaixão, e não uma atitude condescendente em relação a um irmão em Cristo que caiu na armadilha do pecado (Gl 6.1; cp. 1Co 4.21).

Domínio próprio

Tanto na língua grega em geral quanto nos textos de Paulo, domínio próprio se refere à autodisciplina e ao controle sobre os próprios apetites, sejam eles sexuais (1Co 7.9) ou de outro tipo, como a disciplina necessária quando alguém treina para competições atléticas e que serve de ilustração para a disciplina cristã (9.25). A disciplina de termos um período devocional regular, de controlarmos a língua ou de dizermos não a um hábito em nossa vida não precisa depender exclusivamente de esforço humano (da "carne"). Reconheçamos ou não, o êxito do cristão nessas empreitadas é fruto do Espírito de Deus.

Listas de virtudes eram comuns na Antiguidade e, como muitas outras listas desse tipo, é provável que a de Paulo represente apenas uma amostra. Não obstante, não é coincidência que o amor apareça em primeiro lugar nessa lista (cp. tb. 1Co 13.13). Devemos procurar desenvolver essas qualidades em nossa vida (2Pe 1.4-11). Elas de fato caracterizam nossa identidade em Cristo e mostram que aspecto nossa vida deve ter quando nos sujeitamos à gentil direção interior do Espírito. Nenhum dom espiritual nos caracteriza como pessoas do Espírito se não tratamos outros com amor e mansidão.

O Espírito e a sujeição (Ef 5.18-21)

Seja lá o que mais Paulo queira transmitir a respeito da vida cheia do Espírito, o que ele diz é que ela afeta o modo como vivemos. Enquanto Atos enfatiza especificamente que o Espírito nos capacita para o evangelismo, Paulo afirma que o Espírito nos capacita para a adoração e para os relacionamentos com outros. Adverte que devemos produzir o fruto da luz (Ef 5.9), pois não somos mais quem éramos antes (5.8). Então, em Efésios 5.18, Paulo contrasta o tipo errado de inspiração, resultante da embriaguez, com a boa inspiração resultante de ser enchido com o Espírito.

[2]Veja o texto mais completo, recente e persuasivo de Deirdre J. Good, *Jesus the meek king* (Harrisburg: Trinity, 1999), no qual ele mostra que, para os antigos, "mansidão" era um poder moral de autodisciplina, e não uma fraqueza.

Em grego, depois da ordem para "ser enchido com o Espírito", Paulo apresenta várias orações subordinadas como "dar graças" e "sujeitar-se". É de se presumir que essas orações forneçam exemplos da vida que flui do fato de ser cheio do Espírito. Movidos pelo Espírito, os cristãos adorarão a Deus com cânticos e ações de graças (5.19,20), um experiência que a maioria dos leitores de Paulo provavelmente vivia em suas igrejas nas casas. Se havia adoração dirigida pelo Espírito no tempo de Davi (1Cr 25.1-7), sem dúvida a experiência cristã ideal da adoração dirigida pelo Espírito é ainda mais plena (Jo 4.23,24; 1Co 14.26; Ef 6.18; Jd 20).[3]

No entanto, a vida cheia do Espírito abrange, necessariamente, mais que a adoração e o louvor que proferimos com nossos lábios. Inclui "sujeitar-nos uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5.21). Embora nem todas as traduções reflitam a ideia expressada aqui pelo texto grego, trata-se de outra oração subordinada que explica como é a vida cheia do Espírito. Ninguém que espanca a esposa ou os filhos, espalha calúnias na igreja ou guarda rancor perpétuo no coração é cheio do Espírito, por mais dons sobrenaturais que afirme ter. Visto que pessoas religiosas são capazes de adotar quase todos os princípios gerais das Escrituras e, ainda assim, fingir que a maioria das correções que a Bíblia faz não se aplica a elas, Paulo felizmente descreve na sequência o que ele quer dizer por sujeição mútua.

Enquanto escrevia de dentro da cela de uma prisão romana, Paulo tinha plena consciência da crise que a igreja primitiva estava enfrentando: a elite romana que controlava o império olhava com forte desconfiança para seitas subversivas que poderiam solapar as tradicionais estruturas familiares romanas e suspeitava que os cristãos fossem uma dessas seitas. Paulo instrui os cristãos a defenderem os valores de maior excelência de sua sociedade e, para tanto, toma emprestadas algumas formas tradicionais de transmissão de sabedoria ética. Filósofos do tempo de Aristóteles em diante haviam fornecido listas de instruções a respeito de como o cabeça da família deveria governar a esposa, os filhos e os escravos. Paulo instrui as esposas a se sujeitarem aos maridos, as crianças menores de idade a obedecerem a seus pais, e os escravos a obedecerem a seus senhores. Ao fornecer essas instruções, em momento algum Paulo abre mão da ética cristã. Os cristãos devem sujeitar-se àqueles que exercem autoridade e, naquela sociedade, o homem da casa sempre exercia autoridade sobre esposa, filhos e escravos. (Para os leitores que ficaram preocupados, creio que Paulo adaptaria a aplicação desse princípio

[3]De modo coerente com o uso judaico tradicional, "no Espírito" provavelmente indica inspiração do Espírito, embora também possa abranger adoração no próprio idioma da pessoa (1Cr 25.1-7), bem como em línguas.

a diferentes culturas; a maioria dos cristãos de hoje concorda que o apóstolo abordaria culturas diferentes de maneiras distintas, pelo menos no tocante à escravidão. Contudo, diferentes pontos de vista a respeito de como devemos aplicar os ensinamentos de Paulo nos dias de hoje não afetam o ponto principal que defendo aqui.)[4]

Ao mesmo tempo em que condescendia com valores romanos que não conflitavam com virtudes cristãs, Paulo também reconhecia que as virtudes cristãs iam muito além da ética romana. Não apenas aqueles que ocupavam posições subordinadas, mas também aqueles em posições de autoridade deveriam servir outros com humildade. Portanto, em momento algum ele simplesmente repete a exortação tradicional dos filósofos para que os maridos governem esposas, filhos e escravos. Antes, espera que os maridos amem as esposas como Cristo amou a igreja e entregou a vida por ela (Ef 5.25). Em nossa sociedade, muitos meninos tentam se tornar homens gerando bebês, em vez de cuidarem deles; correndo atrás de poder sobre outros, em vez de usarem de modo responsável o poder que têm para servir outros; maltratando mulheres, em vez de respeitá-las, honrá-las e servi-las. Ao longo de toda a história humana, aqueles que tomam o poder também são, com frequência, tomados por ele e se tornam opressores de outros. A conduta conforme o Espírito, porém, é diferente. O marido cheio do Espírito deve servir sua esposa a ponto até mesmo de entregar a vida por amor a ela.

De modo semelhante, Paulo exorta os pais a não frustrarem seus filhos com disciplina injusta. A disciplina deve sempre ser para o bem da criança, e nunca fruto da ira dos pais (6.4). Por fim, depois que Paulo exorta os escravos da casa a obedecerem a seus senhores com sinceridade, instrui os senhores a fazerem o mesmo, pois sabe que todos nós estamos em pé de igualdade, debaixo da autoridade de Deus (6.9). Se fossem seguidas à risca, essas instruções acabariam com o abuso de autoridade e, com isso, aboliriam a escravidão.

Em outras palavras, Paulo nos exorta a honrar os papéis de autoridade em nossa cultura caso estejamos em posição subordinada (embora também incentive os escravos a melhorarem sua situação quando possível, 1Co 7.21). Se estivermos em posição de autoridade, devemos reconhecer que ela é decorrente do chamado

[4]Expressei em outro texto minhas ideias (*Paul, women, and wives* [Peabody: Hendrickson, 1992], p. 139-224), que se assemelham às de estudiosos carismáticos como Gordon Fee, Peter Davis, Ben Witherington e Rebecca Merril Groothuis. Contudo, há outros estudiosos carismáticos, como meu amigo Wayne Grudem, que argumentam em favor do posicionamento oposto; as posições ou práticas de uma pessoa a respeito dos dons espirituais não determinam, necessariamente, seus posicionamentos a respeito dessas questões.

e da oportunidade de ajudar outros que Deus nos dá, e não de algum mérito próprio; temos a responsabilidade de servir. A vida cheia do Espírito é caracterizada por sujeição autêntica uns aos outros. Cristãos que não conseguem sujeitar-se a outros, assumir responsabilidades e humilhar-se servindo a outros com amor não estão se submetendo à vida plena do Espírito. Cristãos que fazem fofoca, espalham calúnias, agem de modo arrogante ou têm uma atitude autoritária, suprimem o fruto do Espírito de Deus. Isso se aplica até mesmo aos cristãos capazes de exercer dons espirituais, que desempenham papéis de liderança na obra de Deus ou que são tidos por outros como membros dos altos escalões do reino de Deus. O Senhor nos julgará por nosso caráter e por nossa obediência, e não pelo tanto de poder que ele nos deu (cp. Mt 7.15-23; 1Co 3.6-15; 4.1-5).

Não é de surpreender que, nesta passagem, Paulo defina a vida cheia do Espírito, ao menos parcialmente, a partir da perspectiva dos relacionamentos. Ao que parece, os cristãos aos quais ele se dirige tinham problemas nessa área, pois, ao longo de toda a carta, ele enfatiza a união (esp. Ef 4.1-16) e os relacionamentos (4.25—5.5). No entanto, o Espírito também afetava os relacionamentos em outras igrejas (Gl 5.22—6.3). Ademais, Paulo não é o único autor do Novo Testamento a associar o poder do Espírito em nossa vida com o modo que tratamos uns aos outros.

Os frutos do Pentecostes (At 2.44,45)

Antes de encerrarmos as considerações sobre o fruto do Espírito, devemos observar que até mesmo Atos, que enfatiza a capacitação do Espírito para o ministério, ensina que o Espírito produz transformação moral. Como em Efésios, essa transformação moral afeta os relacionamentos; em Atos, vemos como isso capacita membros de uma igreja inteira a se relacionarem uns com os outros.

Embora o sinal imediato do derramamento do Espírito no Pentecostes tenha sido a capacitação profética para testemunhar, demonstrada pela capacidade de falar em línguas (At 1.8; 2.4,17,18), o ápice da descrição que Lucas faz desse acontecimento é o impacto do Pentecostes em longo prazo, visto em 2.41-47. A diversidade cultural dos peregrinos judeus presentes no Pentecostes (2.9-11) prefigurou a união da igreja, uma união capaz de transpor divisas culturais, e se tornou parte de uma só igreja que representa diversas culturas (2.41,42; 4.36; 6.1,5). Os crentes se uniram em torno dos ensinamentos apostólicos e da oração (2.42,46,47), e os sinais e maravilhas apostólicos tiveram continuidade (2.43).

A comunidade cristã cresceu não apenas numericamente, mas em sua coesão, por meio do compromisso dos cristãos uns com os outros. O termo grego para "comunhão" (2.42) pode se referir a um compartilhar em sentido econômico e também a passar tempo juntos. Quando saímos para jantar com amigos da igreja, achamos que estamos agindo bem; e, sem dúvida, essa comunhão é melhor do que o isolamento vivenciado por muitos membros de igrejas hoje em dia. No entanto, os primeiros cristãos levavam muito mais a sério que nós a comunhão no sentido bíblico. Os crentes "tinham tudo em comum" (2.44).

"Ter tudo em comum", não significa que se mudaram para moradias comunitárias ou que passaram a morar todos juntos nas ruas. Significa que, quando um membro da família cristã tinha uma necessidade, os outros membros vendiam seus bens para suprir essa necessidade (2.45). Ninguém dizia que seus bens eram exclusivamente seus; tudo pertencia a todo o corpo de Cristo (4.32). Embora atualmente não confiemos que certos líderes da igreja distribuam de modo equitativo os recursos da igreja (4.35; 6.1-6), o princípio continua válido: pessoas são mais importantes do que bens. Devemos, portanto, usar nossos recursos para suprir as necessidades dos outros (Lc 16.9-15). Nossa resistência frequente a esse conceito bíblico talvez indique o quanto é difícil o Espírito nos tocar quando os "frutos morais" que ele deseja produzir atingem nossa carteira ou nossa bolsa.

Lucas não estava falando de uma prática da qual ele discordava. A expressão grega que ele usa para descrever como a igreja compartilhava seus bens retrata a comunidade ideal; ele apresenta as atividades dos cristãos primitivos de forma elogiosa. Mas, ao mesmo tempo em que Lucas emprega expressões que autores antigos aplicavam a outras comunidades ideais, como os pitagóricos e os essênios, a renúncia de bens pessoais por parte dos cristãos era mais voluntária do que nesses outros círculos (5.4), sem ser "comunista". Nem por isso, contudo, devemos minimizá-la. O cerne da diferença reside precisamente no fato de que o coração dos cristãos havia sido transformado por Deus, e não por regras. Ao dar maior valor uns aos outros do que a seus bens, os cristãos de Jerusalém mostravam sua preocupação com as prioridades de Deus. Não se tratava de uma ideia humana, mas de um conceito que nasceu da comunhão do Espírito Santo. Podemos fazer um contraste com o padrão atual de comunhão, no qual temos membros de uma mesma igreja que não conhecem muitos outros e membros solteiros, divorciados ou viúvos que voltam para casa depois dos cultos sentindo-se tão sozinhos quanto antes.

Podemos usar nosso estilo de vida para desafiar os valores do mundo. Desde minha conversão, sempre procurei ter uma vida simples, em parte para poder usar

meus recursos sabiamente para o reino. Outro motivo desse compromisso, porém, é o desejo de contestar, por meio de meu estilo de vida, a mentira do mundo de que os bens materiais têm alguma relação com nossa felicidade, e de protestar contra essa mentira. A maior parte do meu apartamento de um quarto é ocupada por arquivos de pesquisa; tenho uma cama, mas faz parte do apartamento alugado. Não tenho carro nem televisão, embora um dia provavelmente venha a precisar de um carro e, se me casar, minha esposa certamente exigirá algumas mudanças em meu estilo de vida. A maior parte de minha renda atual é destinada a necessidades de países em desenvolvimento. (Ninguém diga, portanto, que todos que aceitam os dons espirituais propagam o materialismo do "evangelho da prosperidade"!) Não espero que todos os cristãos tenham um estilo de vida semelhante ao meu; aliás, ele não é viável para quem tem família. Uso-o apenas como exemplo de que a fartura material não é necessária para sermos felizes. Sacrificar todo nosso tempo e nossos recursos para coisas de importância eterna é muito mais gratificante do que desperdiçá-los em prazeres momentâneos ou em extravagâncias.

Quando recolheu a oferta para os santos em Jerusalém (2Co 8 e 9), Paulo aplicou e expandiu esse princípio do compartilhar exemplificado pela igreja em Jerusalém. Hoje, igrejas em diferentes partes do mundo devem ajudar umas às outras. Quando cristãos de uma parte do mundo se encontram necessitados, as partes mais afluentes do corpo de Cristo devem socorrê-los. Já no segundo século, inimigos do cristianismo constantemente comentavam como os cristãos cuidavam uns dos outros por meio do compartilhar de seus bens.

Depois que a perseguição se tornou mais rara e surgiu a possibilidade de a igreja usar mais recursos para construir templos em vez de cuidar dos pobres ou libertar os escravos, o compromisso radical dos cristãos primitivos de cuidarem uns dos outros começou a se dissipar. Contudo, esse compromisso caracterizou o primeiro (At 2.44,45) e o segundo (4.34-37) derramamento do Espírito, e seria de esperar que acompanhasse os genuínos derramamentos do Espírito nos dias de hoje. Também acompanhou os movimentos de renovação dos valdenses, dos franciscanos e dos morávios. Fazia parte dos ensinamentos de John Wesley, Charles Finney e outros. Wesley e muitos outros líderes, em derramamentos passados do Espírito, enfatizaram a dedicação ao trabalho, a vida frugal e a generosidade. Embora alguns que se dizem porta-vozes do Espírito na atualidade enfatizem quantos bens podem receber de Deus, o verdadeiro povo do Espírito enfatiza o quanto pode dar a seus irmãos e à causa de Cristo.

Quando temos coragem de crer naquilo que Jesus disse, vivemos de acordo com o princípio de que pessoas são mais importantes do que bens. Quem ama

Jesus Cristo não pode acumular posses que não têm valor eterno algum enquanto pessoas pelas quais o Senhor morreu passam fome ou ainda não ouviram o evangelho. É evidente que não devemos ser como os ascetas medievais que consideravam comida, bebida, sono e outras dádivas de Deus como algo nocivo; Deus deseja que desfrutemos sua criação (1Tm 4.3,4; 6.17). Os bens não são nocivos; apenas não têm valor algum quando comparados com a necessidade humana mais ampla e a obra do reino de Deus. No entanto, um aspecto em que deveríamos nos envergonhar em comparação com os ascetas é o fato de que eles entendiam o valor do sacrifício, algo cujo sentido a maioria de nós já esqueceu, especialmente no cristianismo ocidental. Se verdadeiramente amamos Cristo, amaremos uns aos outros. E esse fruto do Espírito não é um mero sentimento piegas; ele exige ação e compromisso.

Conclusão

Ousamos crer que somos, de fato, nova criação em Cristo? Alguns confiam demais em suas aptidões; outros são consumidos por suas imperfeições; todos nós precisamos aprender a depender da obra de Cristo em nós por meio de seu Espírito. Se desejamos depender dele mais plenamente, devemos começar a pedir que realize sua obra em nós (Jo 14.13). Precisamos estar cientes, contudo, de que o fruto da presença de Deus em nossa vida implica não apenas um coração transformado, mas um comportamento transformado que revela as mudanças do coração. Significa que precisamos mudar a forma de nos relacionarmos com os outros, mesmo quando isso nos custar algo.

5

Os dons espirituais aplicam-se ao presente?

Eu havia me oferecido para fazer a apresentação sobre Rudolf Bultmann para a matéria de interpretação bíblica no curso de doutorado. (Bultmann, importante estudioso do século 20, considerava os relatos de acontecimentos sobrenaturais no Novo Testamento apenas mitos edificantes.) Depois de resumir algumas das contribuições positivas de Bultmann para os estudos acadêmicos da Bíblia, apresentei uma crítica daquilo que, a meu ver, era uma falha fatídica em sua rejeição dos milagres bíblicos:

— Bultmann declara que ninguém no mundo moderno crê em milagres e, com isso, exclui do mundo moderno a maioria dos indivíduos de hoje.

Tinha olhado ao redor da classe antes de falar, contando em minha mente os alunos que provavelmente concordariam que Deus realizou milagres.

— A crença de Bultmann de que os indivíduos modernos não têm como aceitar a ação visível de Deus na história exclui do mundo moderno a maioria de nós ao redor desta mesa —, prossegui. — De fato, Bultmann exclui não apenas cristãos, judeus e muçulmanos ortodoxos, mas também espíritas, membros de religiões tribais tradicionais e outros que creem em fenômenos sobrenaturais; em resumo, todos exceto os racionalistas e marxistas ateístas que adotaram alguns de seus conceitos. Bultmann define o mundo moderno somente com base em seu elitismo acadêmico ocidental de meados do século 20, o que o torna uma pessoa etnocêntrica e culturalmente intolerante.

Naturalmente, meu professor erudito que, como sabíamos, era o último defensor de Bultmann restante na universidade, objetou.

— Bultmann tinha as pressuposições dele, mas você também tem as suas! —, disse ele, parecendo bastante irritado.

— É verdade —, reconheci. — Quando eu era ateu, negava que milagres pudessem ocorrer. Como cristão, insisto na ideia de que Deus pode realizar milagres. No entanto, um ponto de partida agnóstico e neutro seria perguntar: "Que provas existem a favor de milagres ou contra eles?". A fim de argumentar contra os milagres de modo indutivo, Bultmann precisaria examinar todas as alegações possíveis de milagres e demonstrar que são falsas. (E, mesmo assim, não teria como provar que essas alegações *jamais* poderiam ser verdadeiras.) De minha parte, para começar a argumentar que milagres acontecem, de fato, só preciso citar provas fornecidas por testemunhas oculares confiáveis.

E foi exatamente o que comecei a fazer, relacionando curas instantâneas que eu havia testemunhado em resposta a orações de fé, especialmente quando eu havia sido curado ou havia orado pela cura de outros. Para concluir, disse:

— Se alguém ainda deseja negar a ocorrência de milagres, o próximo passo lógico é desafiar minha credibilidade como testemunha ocular.

Por uma questão de cortesia para comigo ou por falta de argumentos sólidos, o professor mudou de assunto mais que depressa.

Os professores adeptos de Bultmann não são os únicos céticos. Embora durante boa parte de sua história a igreja tenha acreditado que milagres ainda podem ocorrer (e, por vezes, tenha sido crédula a ponto de aceitar até diversos milagres falsos), alguns círculos da igreja de hoje não creem na maioria das alegações de ocorrências sobrenaturais. Depois do surgimento do preconceito ocidental moderno contra milagres, alguns cristãos ocidentais, embora reconheçam que milagres tenham ocorrido na Bíblia, criaram um sistema que os obriga a desconsiderar provas de que eles ainda acontecem nos dias de hoje. Talvez seu ceticismo seja compreensível. Não é a primeira vez na história que as circunstâncias levaram o povo de Deus a se perguntar se ele daria continuidade a suas obras poderosas na presente geração (Jz 6.13).

Muitos outros cristãos, os quais ainda reconhecem o poder de Deus para realizar milagres em resposta a orações, afirmam que os dons sobrenaturais cessaram e, portanto, duvidam que Deus continue a operar de forma miraculosa como nos tempos bíblicos.[1] Tendo em vista os frequentes abusos e simulações em torno de

[1]Para um posicionamento cessacionista atual plausível e equilibrado, que não restringe a atividade de Deus como o fizeram muitas perspectivas cessacionistas, veja Daniel B. Wallace, "Who's afraid of the Holy Spirit?", *Christianity Today* (12 September 1994): 35-8. Para mais argumentos em favor do cessacionismo, veja Richard B. Gaffin Jr., *Perspectives on Pentecost* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979); John F. MacArthur Jr., *Charismatic chaos* (Grand Rapids: Zondervan, 1992). Apesar da dificuldade de me identificar com o posicionamento cessacionista, tenho amigos cristãos sérios que o adotam (inclusive dois autores mencionados nesta nota) e minha discordância não significa, de modo algum, falta de respeito por eles.

alguns dons hoje em dia, esse ponto de vista tem certo apelo. Apesar de muitas exceções, porém, Deus geralmente realizou seus milagres na Bíblia em conjunto com as orações ou com o ministério de servos que ele escolheu para representá-lo; e considerando-se que este é um padrão que se repete ao longo de toda a Bíblia, seria necessário haver indícios claros na Bíblia de que, a certa altura, esse padrão mudou. O presente capítulo examinará se as evidências bíblicas corroboram, de fato, esse posicionamento.

Segundo Dallas Willard, quem duvida que Deus age e fala hoje como fez na Bíblia é uma espécie de "deísta bíblico". Enquanto os deístas originais pensavam que Deus havia criado o universo e, depois, deixado de se envolver ativamente, alguns cristãos de hoje agem como se Deus tivesse deixado de se envolver assim que a Bíblia foi concluída.[2]

O mais provável é que a maioria dos cristãos da atualidade reconheça que dons espirituais continuam disponíveis, embora poucos de nós testemunhemos sua manifestação com a mesma amplitude e frequência observadas em Atos. E, no entanto, muitos de nós que reconhecemos que milagres de proporção bíblica ainda podem ocorrer (inclusive alguns pentecostais) morreríamos de susto se acontecessem conosco. A cultura antissobrenaturalista do Iluminismo influenciou de tal modo a igreja ocidental, especialmente os cristãos europeus e norte-americanos mais instruídos, que a maioria olha com suspeita para qualquer coisa sobrenatural. Será que Deus tem algo mais a ensinar a sua igreja de hoje a respeito dos dons sobrenaturais?

Os dons sobrenaturais cessaram no início da história da igreja?

Os dons espirituais tornaram-se motivo de grande controvérsia, especialmente desde que a renovação carismática nas décadas de 1960 e 1970 levou a experiência dos dons para além das fronteiras do pentecostalismo clássico. (Como observei na Introdução, ao usar o termo "carismático", refiro-me àqueles que aceitam e buscam a prática dos *charismata*, termo usado por Paulo para os dons espirituais; não descrevo, portanto, um conjunto de ideias. Esse sentido do termo abrange cristãos de uma grande variedade de denominações, bem como de igrejas independentes.)

Alguns observadores continuam a defender o ponto de vista "cessacionista" tradicional segundo o qual cessaram os dons espirituais sobrenaturais, ou seja,

[2]Willard, *In search of guidance: developing a conversational relationship with God* (New York: Harper Collins, 1993), p. 110-11.

qualquer dom (ou a maioria dos dons) que não possa ser explicado por meios naturais. Aqueles que propõem essa ideia geralmente argumentam em favor dela com base em 1Coríntios 13.8-10 ou Efésios 2.20 e, especialmente, com base na história. No entanto, as evidências usadas para corroborar essa interpretação são vigorosamente (e justificadamente) contestadas por outros. Quem nega a continuidade desses dons na atualidade precisa encontrar outras explicações para os fenômenos carismáticos que ocorrem entre verdadeiros irmãos em Cristo. No passado, alguns atribuíam esses fenômenos a demônios; hoje, porém, as interpretações psicológicas são mais frequentes.

Contudo, mesmo que excluíssemos os movimentos pentecostal e carismático modernos, ao longo da história a igreja persistiu em sua crença na continuidade ou na recorrência periódica dos dons sobrenaturais.[3] Os pais da igreja primitiva, por exemplo, fornecem inúmeras provas de que dons como os de profecia e de milagres ainda existiam em sua época, mesmo que não de forma tão abundante quanto no primeiro século.[4] Cristãos dos períodos medieval e moderno continuaram a aceitar essas atividades do Espírito.[5] Na verdade, é o cessacionismo que carece de farto registro na história mais antiga; não parece ser coincidência o fato de ele ter surgido apenas em uma cultura dominada pelo antissobrenaturalismo.[6]

---

[3]Para um ponto de vista equilibrado dos dons carismáticos na história, veja D. A. Carson, *Showing the Spirit: a theological exposition of 1Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 165-8 [edição em português: *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios 12—14*, tradução de Caio Peres (São Paulo: Vida Nova, 2013)]. Veja, ainda, James D. G. Dunn, *Jesus and the Spirit: a study of the religious and charismatic experience of Jesus and the first Christians as reflected in the New Testament* (London, Reino Unido: SCM, 1975), p. 192; da perspectiva de um historiador carismático, Eddie L. Hyatt, *2000 years of charismatic Christianity* (Chicota: Hyatt International Ministries, 1996).

[4]Veja Gary Shogren, "Christian prophecy and canon in the second century: a response to B. B. Warfield", *Journal of the Evangelical Theological Society* 40 (4 December 1997): 609-26; Ronald A. N. Kydd, *Charismatic gifts in the early church* (Peabody: Hendrickson, 1984); as fontes em Siegfried Schatzmann, *A Pauline theology of charismata* (Peabody: Hendrickson, 1987), p. 82, nota 40; e John Wimber; Kevin Springer, "Apêndice A", in: Idem, *Power evangelism* (San Francisco: Harper & Row, 1986), p. 157-74.

[5]Stanley M. Burgess, "Evidence of the Spirit: the ancient and Eastern churches", p. 3-19, e "Evidence of the Spirit: the medieval and modern Western churches", p. 20-40 (esp. p. 20-6), in: Gary B. McGee, org., *Initial evidence: historical and biblical perspectives on the Pentecostal doctrine of Spirit baptism* (Peabody: Hendrickson, 1991).

[6]O antissobrenaturalismo fazia parte do deísmo de Thomas Paine (veja Mark Noll, *History of Christianity in the United States and Canada* [Grand Rapids: Eerdmans, 1992], p. 166); veja críticas ao antissobrenaturalismo secular, e.g., em William A. Dembski, *Intelligent design: the bridge between science and technology* (Downers Grove: InterVarsity, 1999), p. 49-69; ensaios in: R. Douglas Geivett; Gary R. Habermas, orgs., *In defense of miracles: a comprehensive case for God's action in history* (Downers Grove: InterVarsity, 1997) (nem todos os autores dos ensaios concordariam com meu anticessacionismo).

O argumento de que os dons espirituais cessaram na história não seria, porém, muito sólido contra os dons espirituais no presente, mesmo que fosse indubitavelmente verdadeiro. Dizer que os dons *devem* cessar com base na asserção de que eles cessaram não é uma conclusão lógica. Primeiro, sinais e maravilhas ocorreram com maior ou menor frequência (embora jamais estiveram ausentes) em períodos diversos, até mesmo na Bíblia, e tiveram especial predominância em tempos de avivamento. Não poderiam, então, tornar-se comuns novamente em tempos de avivamento na atualidade?

Segundo, o argumento de que os dons cessaram e, portanto, devem cessar, se baseia em apenas um tipo de experiência. Contudo, aqueles que o defendem simplesmente desconsideram a experiência de centenas de milhões de cristãos de hoje (calcula-se que sejam mais de quatrocentos milhões; é possível que pentecostais e carismáticos representem o maior segmento de cristãos depois dos católicos). De fato, as alegações de experiências sobrenaturais feitas por algumas pessoas não são autênticas, mas os cessacionistas precisam estar muito certos de sua exegese antes de desconsiderar *todas* essas alegações.

Pontos de vista contemporâneos a respeito dos dons espirituais

Outro grupo de observadores, embora reconheça que os dons espirituais poderiam, *teoricamente*, ocorrer hoje em dia, demonstra uma reticência compreensível em aceitá-los devido aos excessos ocorridos em círculos carismáticos nas últimas décadas. Alguns cristãos, a princípio, aprovam em princípio os dons espirituais, mas tiveram pouco contato pessoal com eles e não veem razão de buscá-los ativamente em sua própria vida. Outros aceitam os dons espirituais pessoalmente, mas consideram que outras questões dentro da igreja são mais prementes. Ainda outros (provavelmente a maioria dos pentecostais e carismáticos tradicionais) acreditam que os dons espirituais são fundamentais e que toda a igreja deve aceitá-los. Por fim, uma minoria (principalmente em alguns círculos apostólicos e da Igreja Pentecostal Unida [UPCI]) acredita que o dom de línguas de modo específico é essencial para a salvação. (No entanto, conheço várias pessoas até mesmo dessas igrejas que *não* adotam esse ponto de vista.) Com base em minhas próprias observações e nas observações de outros em relação a diversas partes do corpo de Cristo, parece que os dois extremos — os cessacionistas radicais (que negam os dons miraculosos no presente) e aqueles que consideram o dom de línguas um requisito para a salvação — estão se

tornando cada vez mais escassos. A maioria dos cristãos se encaixa em alguma posição moderada entre esses dois extremos.

De modo semelhante a outros estudiosos pentecostais e carismáticos de hoje, como Gordon Fee e o ex-cessacionista Jack Deere, creio que ninguém que leia a Bíblia adotaria a posição de que os dons sobrenaturais cessaram se não houvesse sido ensinado de antemão a fazê-lo. Também se trata de um posicionamento baseado em uma leitura moderna do texto, moldada pela cultura do Iluminismo. Ao mesmo tempo, é um posicionamento evangélico possível, em contraste com o outro extremo, pois este último, ao acrescentar uma condição à salvação (seja o dom de línguas ou qualquer outra coisa) distorce a suficiência de Cristo e entra no âmbito da heresia. Muitas pessoas que adotam ideias perigosas em teoria, felizmente, não são muito coerentes com essas ideias na prática e, sem dúvida, muitos dos que afirmam adotar esse ponto de vista são irmãos em Cristo. No entanto, ainda que, na prática, esses indivíduos que consideram o dom de línguas necessário para a salvação sejam cristãos, o conceito em si não deixa de ser uma distorção extremamente nociva do evangelho de Cristo.

Os pontos de vista situados entre esses dois extremos não apenas se enquadram no evangelicalismo tradicional, mas também diferem em questões relativamente secundárias.[7] Muitos de nós adotamos um posicionamento um tanto eclético com probabilidade de se tornar o consenso (caso surja um consenso). Não cremos que os dons espirituais representem a questão mais importante para a igreja de hoje, mas cremos que eles apontam para um elemento crucial e inegociável: chamam-nos a depender do Espírito de Deus em nosso ministério a outros. Não cremos que aqueles que exercem determinados dons sejam mais "espirituais", mas consideramos que todos os dons espirituais devem pertencer a todo o corpo de Cristo em nossos dias (em vez de haver dons específicos segregados a partes específicas da igreja).

Deus provê dons para que sirvam à igreja, e não para que exaltem indivíduos. Muitos de nós aprendemos, por experiência, que existem maneiras de ensinar a respeito dos dons espirituais em igrejas não pentecostais sem causar divisão (especialmente ao não enfatizar demais os dons a ponto de excluir outras questões fundamentais) e de forma a sensibilizá-las para uma dependência maior do Espírito. De modo semelhante, muitas igrejas pentecostais podem se beneficiar

[7]Para aqueles que duvidam que pentecostais sejam evangélicos tradicionais, a Assembleia de Deus, uma denominação pentecostal, é neste momento a maior denominação da organização National Association of Evangelicals [Associação Nacional de Evangélicos] nos Estados Unidos.

de uma reanálise dos dons espirituais, pois, entre os pentecostais, assim como entre os não pentecostais, muitos dos dons raramente operam como deveriam.

Visto que o termo *carismático* passou a ter significados diferentes para grupos diferentes, reitero que o emprego aqui para descrever aqueles que aceitam os dons espirituais na prática, pertençam ou não a igrejas nas quais eles são exercitados. No sentido mais amplo do termo, é evidente que todos os cristãos são carismáticos, pois Deus concedeu a cada um de nós um papel e um propósito específico quando o Espírito nos batizou para que nos tornássemos parte do corpo de Cristo (1Co 12.7-13; *charisma* significa "dom da graça"). No entanto, mesmo no sentido mais restrito com que usarmos essa designação aqui, não nos referimos a certos pontos de vista específicos que se tornaram associados a esse termo em alguns meios. Muitos não carismáticos objetam, com razão, à teologia da prosperidade e ao modo como muitos pastores carismáticos atuais tratam as Escrituras. Essas práticas, contudo, não têm relação alguma com o fato em si de serem carismáticos, pois nasceram de modismos posteriores de uma ala do movimento carismático, e não da renovação carismática original. (De fato, alguns pastores fundamentalistas anticarismáticos aplicam as Escrituras com a mesma falta de consideração pelo contexto, e muitos dos que rejeitam a teologia da prosperidade nem por isso são menos materialistas.) Estamos nos referindo exclusivamente às ideias carismáticas a respeito dos dons espirituais.

Ademais, embora esses ensinamentos nos levem a questionar quanta sensibilidade alguns carismáticos têm exercido em relação ao dom de *ensino*, eles, em todo caso, não precisam negar a realidade de sua experiência pessoal com o Espírito Santo. Sem dúvida, o ensino é um dos dons de posição mais elevada (1Co 12.28), e aqueles cujos ensinamentos não se mostram confiáveis não são qualificados para o ministério pastoral (1Tm 3.2; 2Tm 2.24; Tt 1.9). Não obstante, a fim de ensinar corretamente, é necessário que os mestres reconheçam a necessidade de outros dons além do dom de ensino. Não estamos treinando apenas outros mestres! Como membros distintos do corpo de Cristo, todos nós precisamos uns dos outros e precisamos contar com os dons uns dos outros (1Co 12.28-31). O fato de uma pessoa não ter o dom de ensino e outra não ter o dom de cura é motivo ainda maior para aprendermos com os dons uns dos outros e para nos beneficiarmos deles. Quando nos rendemos ao Espírito de Deus, ele produz o fruto da humildade para que possamos aprender uns com os outros (Gl 5.22—6.2), mantendo a unidade do Espírito no corpo de Cristo (Ef 4.3-13). Se formos humildes, haverá maior probabilidade de sermos ouvidos quando procurarmos apresentar mais da verdade para o restante da igreja.

A importância dos dons espirituais e dos milagres no presente

Embora haja quem argumente que os milagres se restringem a períodos específicos da história bíblica, uma simples sondagem do texto bíblico mostra que esse argumento é equivocado. Ao mesmo tempo, contudo, os milagres parecem, de fato, *agrupar-se* em certas gerações da história, tanto na Bíblia como em períodos subsequentes. Ao examinar a Bíblia e a história da igreja, logo se vê que a distribuição de milagres não é aleatória. Em várias ocasiões, Israel se desviou de Deus, até que ele levantou servos para conduzir o povo de volta à lei, um processo que se repetiu ao longo da história. Embora nem todos os servos de Deus operassem milagres (Gideão, Jeremias e João Batista, e.g., não o fizeram), o surgimento de profetas verdadeiros antecedia, em especial, períodos de avivamento e, em geral, esses profetas ou avivamentos eram acompanhados de ocorrências como milagres e renovação do culto (quanto ao culto, veja repetidamente em 1 e 2Crônicas).

Reconhecer que Deus é soberano sobre os períodos de avivamentos é diferente de imaginar que não podemos fazer coisa alguma a fim de nos prepararmos melhor para eles. Nossa geração precisa buscar a face de Deus, pedir que ele realize seu propósito em nosso mundo hoje. No entanto, também devemos estar prontos a deixar que Deus faça o que for necessário para responder a essa oração, mesmo que signifique julgamento e a perda de coisas valiosas para nós, a fim de aprendermos a valorizar o que realmente importa. Nossos antepassados espirituais oraram para que Deus desse ousadia e poder a seus servos ao proclamar Cristo, concedendo-lhes curas, sinais e maravilhas (At 4.29,30). (Embora a NIV separe em duas frases, o grego favorece esta tradução: "concede-nos ousadia ao estender tua mão para curar" [cp. KJV] ou "enquanto estendes tua mão para curar" [cp. RSV, etc.]; veja tb. 14.3.) Sinais e maravilhas são comprovação eficaz do poder de Deus e de seu interesse por este mundo e chamam a atenção para o evangelho que proclamamos.

Mais importante e crítica, porém, é a oração para que o Espírito conceda poder. No Evangelho de Lucas, a oração do Senhor pela vinda do reino de Deus e por livramento da tentação se dá no contexto de uma oração que chega a seu ápice com uma súplica pelo dom supremo: o Espírito de Deus (Lc 11.1-13). No contexto mais amplo da ênfase de Lucas sobre o Espírito, essa é uma oração por poder para realizarmos a obra necessária para a vinda final do reino.

Um argumento bíblico a favor dos dons para o presente

Diversas linhas de evidências indicam que milagres e dons sobrenaturais devem continuar ativos na igreja de hoje. Embora existam várias outras linhas possíveis, procuro fornecer aqui apenas uma amostra dos argumentos existentes.[8]

Primeiro, Lucas apresenta a capacitação da igreja em Pentecostes como uma experiência normativa para os cristãos. Como observamos acima, essa experiência abrange capacitação para falar por meio de inspiração do Espírito, especialmente para testemunhar e, pelo menos em Atos, costuma incluir pronunciamentos "inspirados" como profecias ou línguas. (Não estou afirmando que devam ocorrer em todos os casos, mas apenas que esses pronunciamentos, assim como a experiência que geralmente os acompanhava, se aplicam ao presente.)

Segundo, os autores dos Evangelhos (neste caso, usaremos Mateus como exemplo) apresentam o ministério de milagres realizado por Jesus como modelo para os discípulos. Evidentemente, como Paulo destacou, isso não significa que todos nós devemos ter a mesma proficiência em todos os dons. Significa, porém, que a igreja, por meio de alguns de seus membros, deve continuar a realizar esses atos.

Terceiro, a apresentação que Paulo faz dos dons é inseparável do modo como ele vê a igreja. Ou seja, Paulo crê que cada membro do corpo de Cristo tem uma função especial e deve contribuir com seu dom (ou seus dons) para o fortalecimento do corpo. Ele não imagina que qualquer uma dessas funções específicas no corpo deva deixar de operar antes da volta do Senhor. De fato, Paulo declara explicitamente que nossos dons imperfeitos só cessarão quando Cristo voltar (1Co 13.8-13). A fim de não estender excessivamente este capítulo, farei a investigação dos dons específicos em duas das listas paulinas citadas com mais frequência no próximo capítulo, embora explore algumas outras questões relacionadas aos dons ao considerar passagens que tratam deles.

O dom de Pentecostes é para o presente? (Atos)

Embora eu tenha tratado de Pentecostes no capítulo 3, é necessário fazer algumas observações aqui a respeito da continuidade do dom de Pentecostes. Ao se referir

[8]Para uma lista mais ampla de argumentos, veja Jack Deere, *Surprised by the power of the Spirit* (Grand Rapids: Zondervan, 1993), p. 219-27 [edição em português: *Surpreendido pelo poder do Espírito*, tradução de João Marques Bentes (Rio de Janeiro: CPAD, 2005)]. Deere, professor e ex-cessacionista, fornece respostas para várias objeções específicas às quais não temos condições de dedicar espaço aqui.

à "dádiva do Espírito" antes prometida a todos os crentes (At 1.4,5), Pedro afirma explicitamente que "essa promessa" não é apenas para todos os seus ouvintes que se voltarem para Cristo, mas também para os descendentes deles e para "todos os que estão longe", todos quantos o Senhor chamar (2.38,39). Talvez fortuitamente neste ponto, Pedro usa a linguagem das Escrituras: os que "estão longe" representam o restante de "toda carne" mencionada por Joel, os gentios (Is 57.19; Ef 2.17). Pedro já havia citado "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo", palavras de Joel 2.32 (At 2.21). Passou o restante do sermão explicando que esse convite se refere especificamente a invocar o nome de Jesus (2.25,34-36). Agora, encerra a frase com Joel 2.32: "todos quantos o Senhor chamar" (2.39). A dádiva do Espírito pertence, por direito, a todos que deixam o pecado e aceitam Jesus Cristo como Senhor. Atos parte do pressuposto de que o dom disponibilizado em Pentecostes continua em vigor.

Ademais, a citação inicial que Pedro faz de Joel indica que o dom *deve* ter continuidade no presente. Pedro interpreta a profecia de Joel corretamente como uma referência aos "últimos dias" (2.17) e, com base no contexto de Joel (Jl 3.1) e de outros profetas (e.g., Is 44.3), entende que Deus derramaria seu Espírito no fim dos tempos. "Últimos dias" era uma expressão bíblica para esse período (Is 2.2; Mq 4.1). O Espírito derramado indica que Cristo se assentou à direita do pai (Sl 110.1; At 2.33-35) e que, em certo sentido, seu reinado já se iniciou. A menos que Deus tenha permitido que os últimos dias começassem e depois os tenha suspendido — derramando seu Espírito e depois o tomando de volta, confirmando o reinado de Cristo e depois o ocultando — ainda devemos estar na era em que o Espírito foi derramado.

De modo mais relevante, a própria estrutura da argumentação de Pedro exige que esse dom esteja disponível ao longo de toda a presente era em que as pessoas são salvas por meio da fé em Cristo. Quando estrangeiros ficam admirados ao ouvir os discípulos falarem em outras línguas sob a inspiração do Espírito, Pedro afirma que esse acontecimento cumpre a profecia de Joel a respeito do Espírito de profecia que seria derramado nos últimos dias. Nesse caso, Pedro argumenta, o restante da profecia também está em vigor: quem invocar o nome do Senhor será salvo (2.21). A salvação e a dádiva do Espírito pertencem à mesma era; de fato, aqueles que aceitam Jesus recebem o dom na conversão (2.38; veja a discussão anterior no capítulo 3).

Evidentemente, nem todos os aspectos de Pentecostes são normativos para todas as pessoas na presente era. Alguns aspectos do primeiro Pentecostes, como vento e fogo, não se repetiram depois de Atos 2. Mas, embora algumas narrativas em Atos de fato deixem espaço para discussão sobre com que *frequência* o dom de línguas acompanhava a dádiva do Espírito, na prática, as línguas (juntamente

com a profecia) marcavam claramente o recebimento de poder profético do Espírito (a capacidade de falar em nome de Deus) em Atos 2.4; 10.44-47; e 19.6. Na verdade, quando Pedro ouve gentios falarem em línguas, maravilha-se porque "receberam o Espírito da mesma forma que nós" (10.47).

O padrão recorrente fornecido por Atos indica que esse fenômeno profético acompanha, ao menos *com frequência*, a dádiva do Espírito no sentido enfatizado por Lucas (veja cap. 9), sem jamais dar a entender que esse padrão deva mudar. Visto que (1) a dádiva é permanente (2.39), (2) em três ocasiões Lucas usa a capacidade de falar em línguas para atestar o recebimento da dádiva, (3) ele retrata essa ocorrência como um fenômeno que surge por inspiração do Espírito, e não da cultura humana (2.4) e, por fim, (4) em momento nenhum ele indica que esse fenômeno deveria cessar; quem argumenta que o dom de línguas cessou nos dias atuais tem diante de si o difícil ônus de oferecer provas disso. Em suas narrativas, Lucas apresenta um modelo da atuação do Espírito e, se desejasse restringir aspectos do modelo não relevantes para seu público, seria de esperar que tivesse deixado clara essa restrição.[9] (Para comentários sobre o método interpretativo usado aqui, veja o Apêndice: "O que as narrativas bíblicas podem nos ensinar?". Embora devamos proceder com cautela, a Bíblia deixa claro que podemos extrair princípios de narrativas [2Tm 3.16].)

A continuidade da obra do Espírito em Atos também não se limita à capacidade de falar em línguas. Atos enfatiza o ministério de milagres praticado pelos primeiros apóstolos (5.12), por apóstolos posteriores (14.3) e por outras testemunhas que receberam poder do Espírito (6.8). Como observamos anteriormente, em Atos, sinais e maravilhas são o principal método de chamar a atenção das pessoas para o evangelho (veja 2.5-41,43; 3.11—4.4; 5.10,11,12-16; 6.3,5,8-10; 8.6,7,13,39,40; 9.34,35,40-42; 13.9-12; 15.12; 16.25-34; 19.11-20; 28.5,6,8-10;[10]

[9]De modo semelhante, quem argumenta que as "outras" línguas representam apenas os idiomas dos discípulos (grego e aramaico) forçam o sentido do texto para apoiar sua tese. Dificilmente aramaico e grego eram "outras" línguas, visto que tanto os judeus de fala grega como alguns judeus estrangeiros de fala aramaica (o principal foco de Lucas no texto) e, mais ainda, os judeus locais, eram fluentes nessas línguas. Nenhum texto antigo indica que os idiomas locais na Palestina pudessem ser considerados "outras" línguas; essa proposta também torna inexplicável a natureza das línguas em Atos 10 e 19. Descartar, com essas explicações, o poder sobrenatural dos discípulos de falar em línguas que eles não haviam aprendido exige que se desconsidere detalhes do texto e aspectos da cultura, por melhor que seja a argumentação em favor de alguns pontos específicos que contribuem para essa tese.

[10]Embora a Bíblia certamente não seja contra a medicina e os médicos (Cl 4.14; 1Tm 5.23), a apresentação de Atos 28.9 por John MacArthur é tendenciosa: ele acredita que esse versículo mostra Lucas curando como médico, pois o termo grego é diferente do termo usado em 28.8 (MacArthur, *Charismatic chaos*, p. 219). Contudo, a diferença se deve indubitavelmente a uma variação literária, típica do estilo de Lucas; de modo algum indica algo não miraculoso — pelo contrário, Lucas emprega o termo com frequência para as curas realizadas por Jesus!

veja esp. 4.29-31; 14.3,9), embora cristãos eruditos também participassem de palestras e debates públicos (6.8-10; 17.2,3; 18.28; 19.8-10), e o evangelho fosse transmitido ainda por meio do testemunho pessoal de cristãos individuais (8.4).

Como observamos no capítulo 3, o poder sobrenatural concedido pelo Espírito para nosso testemunho é um elemento crucial em Atos. O testemunho em primeira mão daquilo que se tinha "ouvido e visto" se aplica tanto a testemunhas oculares do Cristo ressurreto (4.20) quanto a testemunhas oculares de fenômenos subsequentes realizados por seu poder (2.33; cp. Lc 2.20). Além do mais, a "palavra de Deus" e a "palavra do Senhor", que no Antigo Testamento se referiam principalmente à proclamação passada ou presente dos profetas de Deus, em Atos se refere de modo específico ao evangelho salvífico de Cristo (6.7; 8.4,14; 10.44; 13.44; 14.3; 16.32; 17.13; 19.20). Seja por meio da direção do Espírito sobre nossas palavras ou da resposta de Deus para nossas orações de maneiras que evidenciam miraculosamente a realidade de seu reino, o poder sobrenatural concedido pelo Espírito continua a ser essencial para o evangelismo.

Em Atos, o Espírito de Deus conferiu à igreja poder para evangelizar o mundo, seja por meio de sinais, ou com ousadia para falar, ou ambos. Acaso alguém pode imaginar que precisamos menos de seu poder para realizar essa tarefa em nossa geração? Devemos observar, contudo, que diante das dificuldades de sua época, os cristãos primitivos *buscaram* pela oração esse poder contínuo para realizar sinais e maravilhas evangelísticos (4.29-31). Se, muitas vezes, falta poder à igreja de hoje, talvez isso se deva em parte ao fato de não o buscarmos, ou de o buscarmos apenas para engrandecer a nós mesmos, e não para evangelizar o mundo.

Os sinais miraculosos do reino são para o presente? (Mateus)

Como observamos anteriormente, no capítulo 3, Marcos retrata Jesus como aquele que pode responder às orações de seu povo e enfatiza que Jesus concede poder a seus seguidores para fazer milagres e para sofrer em prol da honra dele. Mateus relata essa mesma realidade a partir de outra perspectiva.

Os sinais de Jesus

Nos capítulos 8 e 9, Mateus fornece dez exemplos específicos do poder de cura de Jesus em nove relatos e mescla essas demonstrações práticas da autoridade de Jesus com uma convocação recorrente para sujeitar-se a essa autoridade

(8.18-22; 9.9-17,35-38). Embora os autores dos Evangelhos extraiam conceitos espirituais desses relatos, a maioria das narrativas também nos ensina algo a respeito da cura física.

Vejamos o exemplo da cura do leproso em Mateus 8.1-4. Esse relato nos ensina sobre a natureza da fé e sobre a compaixão do Senhor pelos enfermos. O leproso se aproxima de Jesus com total confiança em sua autoridade. Embora sua situação seja desesperadora, ele reconhece humildemente que a escolha de curá-lo ou não pertence a Jesus (8.2). Ao contrário do que alguns supõem, reconhecer que Deus tem o direito de recusar-se a atender a uma oração não é sinal de falta de fé. Pode ser simplesmente indicação de respeito pela autoridade divina (Gn 18.27,30,32). A fé bíblica não é uma fórmula por meio da qual Deus pode ser manipulado, mas sim, um relacionamento com alguém em cujo caráter passamos a confiar. Ao mesmo tempo, Mateus revela algo a respeito do caráter de Jesus: ele *queria* curar o homem (8.3; Mc 1.41 fala da "compaixão" de Jesus). Jesus estava tão preocupado com a situação desse homem que tocou o intocável e, com isso, aos olhos de sua cultura, compartilhou da impureza do leproso (8.3). Quaisquer que sejam os propósitos de Deus em determinada situação, não temos dúvida de que o caráter e a compaixão de Jesus permanecem os mesmos no presente.

Outra história de cura apresenta dois milagres: a cura de uma mulher que sofria de hemorragia há anos e a ressurreição de uma menina. Mais uma vez, Jesus parece desejoso de curar e até mesmo de trazer de volta à vida, como mostra sua atitude em relação a Jairo (9.18,19). A mulher com hemorragia, porém, acrescenta um novo elemento didático à narrativa. Sua fé era *escandalosa* (9.20,21). Conforme a lei bíblica e judaica, essa mulher transmitia impureza ritual a todos em quem ela tocasse. Sua iniciativa de se espremer por entre a multidão para chegar até Jesus foi, portanto, um escândalo. Tocar intencionalmente a veste de Jesus, tornando-o, com isso, impuro aos olhos dos judeus que guardavam a lei, foi um escândalo ainda maior. No entanto, ela estava desesperada. Vivia em uma sociedade em que as mulheres não tinham como trabalhar para se sustentarem sozinhas adequadamente e, tendo em vista sua enfermidade, era quase certo que ela jamais se casaria. Mas ela tinha tamanha convicção do poder de Jesus que agiu de modo escandaloso e, em seu desespero, depositou todas as suas esperanças na capacidade dele de curá-la. A narrativa não termina com Jesus rejeitando ou escondendo o toque dessa mulher, mas com ele reconhecendo publicamente sua enfermidade e participando de sua impureza aos olhos da sociedade, a fim de poder declarar publicamente que ela estava curada (9.22). Jesus aceitou seu desespero como um ato de fé (9.22). O fato de o Senhor Jesus demonstrar tamanha

misericórdia não deve nos surpreender: ele levou sobre si nossas enfermidades e sofreu em nosso lugar para nos libertar (8.17).

Mateus enfatiza que a compaixão era a principal motivação de Jesus para ministrar ao povo (9.36). Se seu caráter ainda é o mesmo, podemos estar certos de que Jesus ainda deseja curar e libertar muitas pessoas nos dias de hoje, assim como fez no passado. Jesus declara explicitamente, porém, que precisa de mais obreiros para completar a tarefa de proclamar o reino e curar (9.37,38). Quando Jesus veio em carne, só podia estar em um lugar de cada vez; portanto, havia um limite para o número de pessoas que ele podia curar, até que treinou outros para ajudar nesse trabalho (9.37). Por isso ele instruiu os discípulos a orarem por mais obreiros (9.38). Não é preciso ler muito adiante para ver que aqueles a quem Jesus ensinou a compartilhar sua compaixão se tornaram, eles próprios, obreiros (Mt 10.10). Portanto, Jesus multiplicou sua missão por meio de seus seguidores.

O ministério dos discípulos

Alguns aspectos de sua primeira missão, como o fato de estar restrita a Israel (10.5,6), são especificamente revogados mais adiante (28.19). Em sua maior parte, porém, no discurso sobre missões que registra no capítulo 10, Mateus visa trazer um modelo para a igreja de como continuar a evangelizar. Esse fato fica claro pelos seguintes motivos:

1. A comissão para "ir" faz dessa passagem um modelo para a Grande Comissão em 28.19 (embora a ênfase ali seja sobre fazer discípulos por meio do batismo e da instrução).
2. Aqui, os discípulos perpetuam a mensagem do reino anunciada por João Batista e por Jesus (3.2; 4.17; 9.35; 10.7), e essa mensagem acerca da autoridade divina também é a nossa mensagem hoje (28.18,19).
3. Os discípulos devem *demonstrar* o reino de Deus como Jesus fez, por meio de curas e exorcismos (9.35; 10.8), uma comissão que Mateus não revoga em parte alguma (em contraste com a revogação subsequente em 10.5,6).
4. Esses sinais cumprem as Escrituras e atestam não apenas o ministério terreno de Jesus, mas também sua mensagem sobre a nova era, o reino de Deus (11.4-6; veja Is 35.5,6).
5. A compaixão que motivou Jesus (9.36) continua atuante, assim como o princípio da agência daqueles que ficaram como representantes de Cristo por meio do evangelho (10.40-42).

6. Atos e os escritos de Paulo mostram que a comissão de Jesus para realizar curas e viver com simplicidade continuou a ser o modelo para os missionários cristãos primitivos.
7. E, o que é mais revelador, Mateus inclui aqui conteúdo sobre o fim dos tempos extraído de outra passagem em Marcos. (Biógrafos antigos tinham liberdade de reorganizar o material de suas fontes.) Como Marcos, que examinamos no capítulo 3, Mateus crê que o ministério capacitado pelo Espírito inclui perseguição (10.17-39). Sem dúvida, sua ideia de capacitação divina não garante uma vida fácil, ao contrário do que esperam alguns cristãos de hoje.

Especialmente em vista do item 7, Mateus não somente relata a primeira comissão dos discípulos (embora ela faça parte da narrativa); ele também mostra que esse ministério deve ter continuidade e que só será concluído quando o Filho do Homem voltar (10.23). Portanto, a intenção de Mateus é que esse discurso sirva de instrução missionária para seu público, e não apenas de repetição de fatos do passado. Cada um dos itens mencionados anteriormente poderia ser explicado e defendido de modo mais detalhado, mas tomados em conjunto eles indicam que os sinais do reino devem ter continuidade entre nós hoje. Ao desconsiderar sistematicamente o quanto baste de evidências bíblicas (digamos, todas as narrativas ou, pior ainda, todas as evidências bíblicas anteriores à morte dos apóstolos), pode-se provar praticamente qualquer coisa. Porém, se todo o Novo Testamento fala conosco, aquilo que John Wimber e outros chamam "evangelismo de poder" deve continuar a ser um método importante de pregação do evangelho.

Dons como evidências iniciais do apostolado?

Antes de voltarmos a atenção para a continuidade dos dons espirituais nos escritos de Paulo, devemos tratar de uma objeção que ainda não foi considerada neste capítulo. Vemos em Hebreus 2.3,4 que Deus confirmou a mensagem das primeiras testemunhas com sinais e dons do Espírito e, com base nisso, alguns inferem que esses sinais e dons já haviam cessado quando Hebreus foi escrito. Se esse argumento fosse correto e tratasse do único propósito dos sinais, iria longe demais até para a maioria de seus proponentes; indicaria que Deus não realiza mais milagres em nossos dias!

No entanto, o argumento é tão inadequado que não justifica qualquer peso que lhe seja atribuído. O autor de Hebreus está advertindo que, pelo fato

de o evangelho de Cristo ser uma revelação maior do que a lei, quem o desconsiderar sofrerá pena maior (2.1-3). No passado, Deus havia confirmado sua mensagem por meio de sinais notáveis (2.4), mas isso não significa que Deus havia deixado de realizar sinais, assim como não significa que o evangelho não devesse mais ser pregado. O verbo usado para o testemunho divino com sinais é simultâneo ao verbo usado para as primeiras testemunhas pregarem a respeito de Cristo. Em ambos os casos, refere-se à época em que os hebreus receberam o evangelho. Se o testemunho divino por meio de milagres cessou, pode-se argumentar da mesma forma que a pregação a respeito de Cristo também cessou. Aqueles que creem que Deus proveu sinais para corroborar as testemunhas de Cristo talvez estejam corretos, mas mesmo que em algumas ocasiões Deus tenha agido dessa forma, esse dificilmente foi o único propósito dos sinais no Novo Testamento. Diz-se com mais frequência que ele corroborou sua *mensagem*, e não apenas as primeiras testemunhas dessa mensagem (e.g., At 14.3); portanto, é plausível esperar que Deus continue a usar sinais para confirmar sua mensagem hoje. As cartas posteriores de Paulo também não mostram que os dons desapareceram, como alguns imaginam (1Tm 1.18; 4.14; 2Tm 1.6). O fato de alguém não ser curado (2Tm 4.20) não é um fenômeno inédito; indivíduos de um período anterior também não foram miraculosamente curados (Gl 4.13,14; Fp 2.27).

Todos os dons espirituais bíblicos são para o presente? (Paulo)

Paulo trata dos *charismata*, "dons da graça", em vários contextos distintos, mas todas as passagens relevantes associam esses dons a membros do corpo de Cristo, algo que todos nós consideramos existir ainda hoje. Cada uma dessas passagens precisa ser vista em seu contexto mais amplo para que possamos aprender mais sobre as Escrituras e os dons, e também responder a algumas objeções.

Enquanto na cultura antiga acreditava-se que alguns homens excepcionalmente santos tinham influência sobre Deus ou sobre deuses, Paulo afirma que todos os crentes têm um relacionamento especial com Deus e recebem incumbências específicas de Deus. Trata-se de algo importante, pois significa que, de acordo com Paulo, todos os cristãos são carismáticos, ou seja, dotados de dons especiais para edificar outros. Como Siegfried Schatzmann afirma, Paulo caracteristicamente "considerava todas as comunidades de crentes comunidades carismáticas. Ele não dá a menor indicação de que conhecesse igrejas carismáticas

e igrejas não carismáticas".[11] Ele também não dá indicação alguma de que espera a cessão de determinados dons (em contraste com outros, como pastoreio e ensino, cuja continuidade até o presente todos nós reconhecemos).[12] Três das cartas de Paulo que chegaram até nós tratam de dons, sempre no contexto do corpo de Cristo (Rm 12; 1Co 12; Ef 4; cp. 1Pe 4.10,11).

Romanos

Em várias ocasiões, ao se dirigir a igrejas com problemas de divisão, Paulo fala da questão de um só corpo com vários dons, mesmo quando a falta de união não tinha ligação com a diversidade de dons. Em sua carta aos cristãos em Roma, Paulo se dirige a uma igreja em que há tensão entre cristãos judeus e gentios. Ele começa a carta lançando os alicerces teológicos para a reconciliação. Os judeus criam que eram automaticamente salvos por serem descendentes de Abraão e que eram especiais por guardarem a lei. A literatura antiga revela que os gentios romanos desprezavam os judeus devido a questões associadas à alimentação e aos dias santos. Portanto, Paulo mostra que:

- todos são igualmente pecadores (1—3);
- o que conta não é ser descendente étnico de Abraão, mas sim, seu descendente espiritual (4.1—5.11);
- todos os povos (inclusive os descendentes de Abraão) também são descendentes do pecador Adão (5.12-21);

---

[11]Schatzmann, *Pauline theology of charismata*, p. 101 (veja tb. Dunn, *Jesus and the Spirit*, p. 263, 297). Note a definição de *carismático* com base em *charisma* em Schatzmann, p. 1-7. Esses *charismata* paulinos certamente pertencem a todo o corpo de Cristo. Schatzmann, p. 18, também observa corretamente que, por vezes, Paulo aplica o termo *charisma* à dádiva da vida eterna (veja Rm 16.23), o que torna *todos* os cristãos carismáticos no sentido de que receberam a dádiva da graça de Deus.

[12]Para os argumentos cessacionistas dispensacionalistas tradicionais, veja vários artigos da *Bibliotheca Sacra*, e.g., C. L. Rogers, "The gift of tongues in the post apostolic church (A.D. 100-400)", *Bibliotheca Sacra* 122 (1965): 134-43; Z. C. Hodges, "The purpose of tongues", *Bibliotheca Sacra* 120 (1963): 226-33; S. L. Johnson, "The gift of tongues and the book of Acts", *Bibliotheca Sacra* 120 (1963): 309-11; e sobre 1Coríntios 12, S. D. Toussaint, "First Corinthians thirteen and the tongues question", *Bibliotheca Sacra* 120 (1963): 311-16. O cessacionismo não é, porém, elemento obrigatório do dispensacionalismo contemporâneo (veja Robert L. Saucy, *The case for progressive dispensationalism* [Grand Rapids: Zondervan, 1993], p. 186). Trataremos abaixo, em mais detalhes, de uma das abordagens reformadas tradicionais, referindo-nos a Gaffin; o leitor interessado encontrará mais conteúdo em Benjamin B. Warfield, *Counterfeit miracles* (Carlisle: Banner of Truth Trust, 1972) e em alguns artigos do *Westminster Theological Journal*.

- a lei, por si mesma, não tem poder para livrar do pecado (7.7-25);
- o critério usado por Deus ao soberanamente escolher pessoas para a salvação não é étnico (Rm 9);
- a consciência da história espiritual não permite que os cristãos gentios menosprezem os judeus (Rm 11).

Tendo definido a questão teológica de que judeus e gentios devem achegar-se a Deus nos mesmos termos, Paulo volta a atenção para as questões pastorais. Os crentes devem servir uns aos outros (12.4-16), o enfoque central da lei é amar uns aos outros (13.8-10), e os cristãos gentios não devem menosprezar a observância do sábado e as práticas alimentares dos judeus como fazem os gregos e romanos que não são cristãos (Rm 14). Tanto Cristo (15.7-12) como o próprio Paulo (15.15-32) se tornam exemplos da reconciliação entre judeus e gentios, e a exortação final de Paulo é para que evitem aqueles que causam divisão.

Portanto, Paulo trata dos dons espirituais (12.4-8) no contexto mais amplo da unidade da igreja (neste caso, unidade racial e cultural). Embora Paulo não tivesse visitado a igreja romana, escreve como se esperasse que conhecessem os dons que ele relaciona.

Diante das misericórdias de Deus ao longo da história relatadas em Romanos 9—11, Paulo exorta os cristãos romanos a agirem como sacerdotes que oferecem sacrifícios. O sacrifício que devem oferecer é usar seu corpo para ter um modo de vida correto, norteado por uma escolha de sua mente (12.1; o grego fala literalmente de culto "racional", e não "espiritual"). Considerando-se, porém, que devemos tomar a decisão de usar nosso corpo para a glória de Deus, como saber que papel específico escolher no plano de Deus? Uma mente renovada identificará os propósitos de Deus e saberá o que é bom aos olhos dele (12.2). A mente renovada não pensa em si mesma (12.3), mas reconhece que todos nós exercemos funções específicas no corpo de Cristo (12.4-8). Em outras palavras, neste contexto, para ser um sacrifício vivo é preciso usar os dons que Deus nos deu a fim de edificar o corpo de Cristo e respeitar igualmente os dons de outros. Esses dons são essenciais para a edificação do corpo de Cristo e, enquanto o corpo de Cristo precisar ser edificado, os dons devem continuar ativos para que o corpo permaneça saudável.

Na lista de Romanos 12, Paulo inclui dons "sobrenaturais" como a profecia (12.6, um dom que Paulo sempre coloca perto do topo da lista) e "naturais", como o ensino (12.7). Hoje em dia, há quem proponha que os dons incontestavelmente sobrenaturais cessaram, mas que os dons naturais, como o ensino, continuam ativos. Essa distinção tem origem, porém, na filosofia iluminista, e

não no texto bíblico; é contrária a todo o raciocínio de Paulo nessa passagem. A cosmovisão cristã reconhece que *tudo* em nossa vida é, em última análise, "sobrenatural", pois até mesmo o alimento sobre nossa mesa é uma dádiva da providência de Deus. O dom de ensino não é meramente um exercício intelectual que não depende do Espírito de Deus; se fosse assim, uma pessoa não salva poderia ter esse mesmo "dom". O ensino é uma dádiva especial da graça que, como 1Coríntios 12.8-11 mostra, também é uma concessão especial de poder do Espírito de Deus. De minha parte, não gostaria de tentar ensinar numa igreja nem numa sala de aula sem primeiro reconhecer diante de Deus minha dependência de seu Espírito para me ajudar a articular os conceitos do texto bíblico de modo preciso e convincente.

1Coríntios

É provável que os dons fossem um assunto recente na memória de Paulo quando ele escreveu sua carta aos romanos, pois havia escrito a carta em Corinto, em uma igreja que tinha claras dificuldades com os dons espirituais.

MUITOS DONS, UM CORPO

Como a igreja em Roma, a igreja em Corinto estava dividida; nesse caso, porém, a divisão dizia mais respeito a classe social do que a etnia. Cristãos de classe alta se preocupavam com o que os outros de sua classe social pensariam de seus mestres. Esses membros da elite esperavam que seus mestres fossem oradores de primeira categoria e que dependessem do sustento financeiro de seus ouvintes. Em vez disso, Paulo os envergonhou ao se mostrar um orador de segunda categoria, ao menos em comparação com Apolo (1Co 1—4), e ao trabalhar como um simples artesão para se sustentar (1Co 9). A necessidade que teve de tratar de questões sexuais (1Co 5—7) pode ou não refletir tensões entre classes sociais; intelectuais de diversas escolas filosóficas justificavam o sexo sem compromisso e, ao mesmo tempo, evitavam o casamento. Ainda mais evidente era o fato de os membros mais instruídos da igreja também não verem problema em consumir alimentos oferecidos a ídolos, desde que se tivesse consciência de que os ídolos não significavam coisa alguma. Nesse ínterim, as mulheres da elite não viam motivo para seguir a tradição de cobrir a cabeça na igreja (1Co 8—11).

Além de todos esses problemas, contudo, a igreja de Corinto fazia uso indevido dos dons espirituais. Ao que parece, alguns cristãos coríntios se vangloriavam

de que eram capazes de orar em línguas que eles próprios e seus ouvintes desconheciam. No entanto, Paulo coloca o dom de línguas em seu devido lugar ao observar que o propósito dos dons nas reuniões públicas era edificar a igreja (1Co 12.7; 14.1-5,19). Podiam orar em línguas no âmbito particular (14.18,19,28; veja 14.2-5), mas esse dom só beneficiava outros ao ser exercido publicamente quando havia alguém para interpretar (14.5,13-17,27,28). Os coríntios se empolgavam, ainda, com discursos sábios e inteligentes (1.5,17), de modo que Paulo também menciona esses dons (12.8). No entanto, coloca todos os dons em seu lugar: quando usados nas reuniões públicas, deviam visar apenas servir a igreja.

Como em Romanos, Paulo associa os dons especificamente a nossa identidade cristã. Somos membros do corpo de Cristo, cada qual com seu papel como membro desse corpo — mãos, pés e assim por diante (12.15-26). Escritores mais antigos haviam comparado tanto o universo como o Estado a um corpo, mas é possível que Paulo tenha sido o primeiro a usar essa ideia para falar de um grupo religioso, a igreja. Paulo afirma que cada membro tem sua função, e que precisamos de cada função. Se os membros não operam conforme seus dons, todo o corpo sofre. Uma das razões pelas quais 95% da obra do reino nunca é feita hoje em dia é o fato de que 5% dos cristãos fazem todo o trabalho, enquanto os dons da maioria do corpo não são usados. Mas se todos os membros do corpo continuam a ser essenciais no presente, todos os dons representados por esses membros são igualmente essenciais.

O FIM DE ALGUNS DONS?

A pressuposição paulina de que todos os dons terão continuidade até a volta de Cristo fica evidente em sua argumentação em 1Coríntios 13. Nessa passagem, Paulo afirma que o amor é mais importante que os dons (13.1-3) e que, ao contrário dos dons, o amor é eterno (13.8-13). Paulo menciona três dons representativos de importância particular para os cristãos coríntios: profecia, línguas e conhecimento (13.8), talvez com ligeira ênfase em profecia e conhecimento (13.9). Ao longo de sua argumentação sobre a temporariedade dos dons, descobrimos quando Paulo espera que eles tenham fim. A igreja não precisará mais desses dons quando conhecermos do mesmo modo que somos conhecidos (13.12; cp. Jr 31.34), o que acontecerá quando virmos Cristo face a face (13.12).

No momento, vivemos em um tempo em que conhecemos Cristo de modo imperfeito, mas quando o virmos face a face, virá "o que é perfeito". O contexto não deixa dúvida: "o que é perfeito" virá quando Cristo voltar. Ainda que para alguns intérpretes mais antigos a expressão paulina "o que é perfeito" se

referisse à conclusão do cânon, essa ideia não poderia ter ocorrido nem a Paulo nem aos coríntios em seu próprio contexto histórico (pois àquela altura, ninguém sabia que *haveria* um cânon do Novo Testamento, embora Paulo supostamente tivesse consciência de que o Espírito de Deus estava dirigindo seu trabalho de escrever).[13] Indícios do contexto de que a expressão "o que é perfeito" se refere à segunda vinda aliados à impossibilidade de Paulo esperar que os cristãos coríntios imaginassem que ele se referia ao cânon fizeram com que poucos estudiosos evangélicos continuassem a usar esse texto para sustentar a ideia de cessação dos dons. Richard Gaffin, cessacionista proeminente, reconheceu que "não há como tornar exegeticamente crível a visão de que esta é uma descrição do ponto em que o cânon do Novo Testamento é concluído".[14]

Alguns procuraram usar essa passagem para excluir apenas dons específicos antes da volta de Cristo, mas seus argumentos não são muito persuasivos. Profecia

[13]Veja esp. Paul Elbert, "Face to face: then or now?" (trabalho apresentado no sétimo encontro anual da Society for Pentecostal Studies, Springfield, December 1-3, 1977). Elbert leva em consideração centenas de exemplos de grego coiné para mostrar que essa passagem se refere à segunda vinda. Veja tb. G. D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1987) [edição em português: *1 Coríntios*, Série Comentário Expositivo (São Paulo: Vida Nova, a ser publicado)]; e *Gospel and Spirit: issues in New Testament hermeneutics* (Peabody: Hendrickson, 1991), p. 7-8; também G. D. Fee; Douglas Stuart, *How to read the Bible for all its worth* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), p. 60 [edição em português: *Entendes o que lês?*, tradução de Gordon Chown; Jonas Madureira (São Paulo: Vida Nova, 2011)].

[14]Gaffin, *Perspectives on Pentecost*, p. 109. Veja ainda Harold Ellis Dollar, "A cross-cultural theology of healing" (tese de doutorado em missiologia, Fuller Theological Seminary School of World Mission, 1981), p. 48; Wayne A. Grudem, *The gift of prophecy in 1 Corinthians* (Lanham: University Press of America, 1982), p. 210-19. Para a proposta relacionada de que os dons de línguas, profecia e conhecimento cessaram no início da igreja (uma vez que fé, esperança e amor existem no presente e só o amor permanecerá no futuro), veja R. L. Thomas, "Tongues... will cease", *Journal of the Evangelical Theological Society* 17 (1974): 81-9. No entanto, o fim das coisas imperfeitas e a chegada da maturidade correspondem em 1Coríntios 13.12 a ver Cristo face a face, e a expressão de Paulo "agora permanecem" se refere ao tempo da volta de Cristo, visto que "o maior" em 13.13 não é temporal. D. A. Carson mostrou que a forma média grega de "cessar" (1Co 13.8) neste caso não significa "cessar de si mesmos" e que o uso no Novo Testamento não corrobora essa distinção (*Exegetical fallacies*, 2. ed. [Grand Rapids: Baker, 1996], p. 76-7 [edição em português: *Os perigos da interpretação bíblica*. Tradução de Valéria Fontana (São Paulo: Vida Nova, 2001)]; veja tb. *Showing the Spirit*, p. 66-7).

Acrescento esse registro aqui porque ainda levará algum tempo até que meu trabalho acadêmico sobre Paulo, em contraste com minha obra sobre os Evangelhos, seja publicado. Mestres judeus posteriores entendiam que Jeremias 31.31-34 prometia a plenitude de conhecimento na era vindoura (W. D. Davies, *Paul and rabbinic Judaism*, 4. ed. [Philadelphia: Fortress, 1980], p. 224; cp. o Talmude Babilônico, Shabbat 63b, em Davies, *Torah in the messianic age and/or the age to come*, Journal of Biblical Literature Monograph Series 7 [Philadelphia: Society of Biblical Literature, 1952], p. 82). Ireneu atribui ao gnosticismo a ideia de que é possível ter conhecimento perfeito na presente era (*Contra as heresias*, 2.28).

e línguas cessarão quando passar o conhecimento, e se o "conhecimento" já cessou, como é possível "conhecer" o suficiente para dizer que isso aconteceu? (Quanto ao significado de "conhecimento" em 1Coríntios, veja "palavra de conhecimento" no capítulo seguinte.) Também não é possível manter conhecimento e profecia, mas descartar línguas. No sentido bíblico, a profecia comumente depende de inspiração espontânea tanto quanto o dom de línguas. Não é apenas "pregação", pois no tempo de Paulo os "sermões" abrangiam principalmente ensino e exortação, talvez aquilo que Paulo tem em mente ao falar em "palavra de conhecimento". Não se pode fazer com que os verbos que descrevem a cessação de profecia, línguas e conhecimento signifiquem coisas diferentes, indicando que o dom de línguas cessa rapidamente, enquanto a profecia e o conhecimento permanecem até o final (como sugerem alguns intérpretes). Paulo usa termos diferentes por uma questão de variação, como faz com frequência. Contudo, mesmo que alguém fosse tentado a fazer com que os termos significassem algo distinto, nada faria com que um dos termos sugerisse que o dom de línguas cessou primeiro — isto é, nada exceto o desejo do intérprete de fazer com que a passagem dissesse isso. Diversas passagens nos escritos dos pais da igreja primitiva indicam que eles estavam cientes da continuidade dos dons espirituais em sua própria época, apesar do declínio do uso público de alguns dons à medida que a autoridade passou a ser centrada na liderança institucional (e.g., Justin Martyr, *Dialogue with Trypho*, p. 35, 82, 85; Tertullian, *De Spectaculis*, p. 26).

Jack Deere, professor outrora um cessacionista que foi obrigado a reexaminar seu posicionamento ao deparar com milagres contemporâneos, fornece seis motivos extraídos apenas de 1Coríntios 12—14 que refutam o cessacionismo. Em sua réplica ao cessacionismo, bastante popular, embora bíblica e teologicamente fundamentada, *Surprised by the power of the Spirit*, Deere destaca os seguintes pontos: (1) os dons são para o bem comum (12.7); (2) Deus ordena que busquemos zelosamente os dons espirituais (12.31; 14.1); (3) Paulo adverte que não devemos proibir outros de falar em línguas (14.39); (4) Paulo valorizava o dom de línguas (14.5,18); e (5) os dons espirituais são necessários para a boa saúde do corpo de Cristo (12.12-27). Acaso Deus colocaria essas ordens nas Escrituras se fossem relevantes apenas para quatro décadas, especialmente tendo em vista que, durante boa parte desse período a maioria dos cristãos antigos ainda não tinha acesso às cartas de Paulo? Por fim, Deere observa, (6) Paulo deixa claro que esses dons só cessarão quando Cristo voltar (13.8-12).[15]

[15]Deere, *Surprised by the power*, p. 134-43.

Minha própria exegese ao longo dos anos me levou às mesmas conclusões básicas. Visto que Deere e eu experimentamos dons miraculosos, alguns poderiam nos acusar de ter uma predisposição exegética. Mas, como ele reitera com veemência ao longo de todo o seu livro, aqueles que argumentam em favor da cessação dos dons têm uma predisposição experiencial de *não* haverem visto esses dons, e o próprio Deere costumava ensinar que eles haviam cessado. A acusação de predisposição pode ser usada para ambos os lados; a meu ver, porém, o cessacionismo não ocorreria naturalmente a alguém que lesse o texto bíblico sem ter aprendido essa abordagem ou que não tivesse uma predisposição experiencial que exigisse esse posicionamento.

Apenas uma correção de abusos?

Visto que Paulo menciona o dom de línguas apenas em 1Coríntios 12—14, passagem em que corrige abusos, alguns escritores consideram que ele vê o dom de línguas por um prisma negativo. Sem dúvida, ele não o considera o dom mais importante para o culto público, mas tratá-lo como algo negativo é ainda mais severo. Se Paulo tivesse uma visão *negativa* do dom de línguas, simplesmente estaria se adaptando à *ignorância* dos coríntios, pois o relaciona na lista dos "dons" concedido por Deus (12.10). Certamente, todos os dons concedidos por Deus são bons, ainda que alguns sejam melhores que outros (12.31). É fato que alguns de nós recebemos presentes impensados de Natal ou aniversário, mas quem ousaria dizer: "*Deus* me concedeu um dom *ruim*"?.

De importância ainda mais crítica é o fato de que esse ponto de vista não capta a argumentação de Paulo. Ele próprio orava em línguas no contexto *particular* mais do que todos os coríntios, embora não atribuísse importância excessiva a esse fato (14.18). Apesar de os abusos na igreja em Corinto exigirem que ele enfatizasse a necessidade de manter o dom de línguas em seu devido lugar e de que fosse exercitado de modo devidamente ordeiro (14.40), ele faz uma ressalva para que ninguém caia no outro extremo: o dom de línguas não deve ser proibido pela igreja em seus cultos públicos (14.39). Dificilmente Paulo acrescentaria essa advertência para não proibir o dom de línguas se, na verdade, quisesse proibi-lo! Se o apóstolo evita uma visão excessivamente negativa do dom de línguas, mesmo ao corrigir o uso indevido desse dom, quão menos negativo ele teria sido se não houvesse abuso?

Na verdade, Paulo trata aqui de motivações e de ordem pública: o uso do dom de línguas em público sem interpretação não é proveitoso para a igreja reunida.

Com respeito não apenas a línguas, mas a outros dons e práticas, muitas igrejas de hoje fariam bem em atentar à admoestação de Paulo de que "o espírito do profeta está sujeito ao profeta" (14.32,33). Embora Deus possa nos conceder determinado dom em dose maior do que necessitamos, precisamos estar preparados para limitar nossa expressão até mesmo do dom de profecia (14.29-33). De modo semelhante, talvez eu seja capaz de ensinar as Escrituras por dez horas seguidas, mas isso não significa que Deus sempre queira que eu o faça. De fato, eu *amo* lecionar por várias horas, mas a maioria de meus alunos só consegue absorver o que ensino por algumas horas seguidas. A necessidade da igreja, e não apenas a disponibilidade de inspiração divina, deve determinar o uso de qualquer dom espiritual.

Embora Paulo corrija o abuso do dom de línguas apenas em 1Coríntios, isso não significa que esse dom era exercitado somente em Corinto. Antes, significa apenas que não temos cartas que tratam do *abuso* do dom de línguas em outros lugares. Primeiro, Paulo orava em línguas com regularidade (14.18) e, ao que parece, considerava a oração em línguas uma forma especial de oração, "orar com o espírito" (14.14,15). Essa referência não deixa a impressão de que se trata de uma prática positiva que talvez ele *incentivasse* em outros lugares? Segundo, Atos dá a entender que o dom de línguas era evidência de inspiração divina em muitas das primeiras comunidades cristãs, embora Paulo tenha ocasião para tratar dele somente ao se dirigir a Corinto, uma congregação que o estava usando de modo indevido. Terceiro, sabemos que vários dos dons relacionados por Paulo em 1Coríntios 12 eram práticas comuns nas outras igrejas de Paulo. Embora suas cartas se concentrem principalmente nos abusos e questões de interesse local, fica evidente que ele esperava a ocorrência frequente de profecias (1Ts 5.20), até mesmo em igrejas que nunca havia visitado (Rm 12.6). Essa expectativa não deve nos surpreender, pois seus contemporâneos judeus criam que a profecia devia acompanhar a restauração do Espírito.

Por fim, é fato que, se não fosse pelo abuso do dom de línguas em Corinto, saberíamos pouco a respeito dele nas igrejas de Paulo. Mas, se não fosse pelo abuso da ceia do Senhor, também não saberíamos que as igrejas de Paulo a praticavam. Em geral, as cartas de Paulo tratam de situações específicas, e as lemos para saber como ele lidava com essas situações e para entender como eram a fé e as experiências dos primeiros cristãos. Esta última informação é frequentemente pressuposta, e não articulada por Paulo e seu público.

Efésios

O estudioso do Novo Testamento Richard Gaffin fundamenta sua argumentação em favor da cessação de determinados dons espirituais quase inteiramente em Efésios 2.20.[16] Com base nesse texto, ele afirma que apóstolos e profetas — e, portanto, os dons de apostolado, profecia e línguas (este último incluso no dom de profecia) — constituíram o fundamento. Portanto, se tornaram desnecessários depois da conclusão do Novo Testamento. (Em pessoa, Gaffin é um exemplo de bondade como cessacionista que não se opõe a pentecostais ou carismáticos e que muito gentilmente atuou como mentor de alguns deles no programa de doutorado do seminário em que leciona. Cito-o mais extensamente aqui porque é um dos exponentes mais articulados desse posicionamento.)

Gaffin está correto ao afirmar que, nesse contexto, os apóstolos e profetas cristãos desempenhavam um papel de revelação (3.5). No entanto, o ministério apostólico de Paulo parece ir além da revelação inicial do evangelho com o objetivo de torná-lo conhecido o máximo possível (veja 3.8-13). Se apenas os apóstolos e profetas de sua época constituíram o fundamento, isso exclui necessariamente outros que não faziam parte desse fundamento, mas que deram continuidade à obra de proclamação do evangelho? Afinal, aqui Paulo parece se referir a profetas cristãos, e não aos profetas israelitas antigos, como parte desse fundamento (3.5; 4.11). E, no entanto, os profetas existiam desde o início da história de Israel; podemos concluir, portanto, que o fundamento talvez não abranja o número total de apóstolos e profetas.

Gaffin diria, então, que o cânon concluído elimina a necessidade de novos apóstolos e profetas. Contudo, os profetas do Antigo Testamento fizeram muito mais do que apenas redigir textos das Escrituras. Um levantamento dos profetas mencionados nos livros históricos do Antigo Testamento revela que, na verdade, a maioria deles não redigiu textos das Escrituras. Ademais, a missão apostólica de Paulo não chegou ao fim quando ele anunciou o evangelho a *alguém*; sua missão consistia em proclamá-lo a *todos* (3.8,9), uma empreitada que ainda não se completou.

E, para completar, Gaffin parece levar longe demais a metáfora do fundamento em 2.20. De modo semelhante aos autores dos Manuscritos do Mar Morto, Pedro e Paulo retrataram suas comunidades de fé por meio da imagem de um templo. Contudo, forçar uma cronologia a essa imagem, de modo que todas as partes do fundamento sejam, obrigatoriamente, associadas à primeira geração,

[16]Veja Gaffin, *Perspectives on Pentecost*. Com exceção dos argumentos cessacionistas, a maior parte da exegese do livro é proveitosa.

talvez torne a ilustração de Paulo mais específica do que ele pretendia que fosse. Examinada a partir de vários ângulos, a hipótese de Gaffin não consegue provar que dons como o de profecia devem cessar; logo, prova ainda menos a cessão do dom de línguas (que ele associa ao de profecia).

Esse ponto crítico do argumento de Gaffin, embora empregue a exegese (interpretação bíblica), não é estritamente exegético. Ele começa com uma argumentação lógica, à qual ele acrescenta, então, a exegese de textos que, isoladamente, não corroborariam essa argumentação. Embora qualquer "argumento lógico" pareça coerente dentro do sistema que o apoia, não convence aqueles que se encontram fora do sistema, pois depende de outros elementos do sistema para apoiá-lo. Esse é o tipo de objeção que estudiosos bíblicos costumam levantar contra alguns teólogos sistemáticos ou outros estudiosos bíblicos que, a seu ver, estão presos demais a determinados pressupostos teológicos. Como Gordon Fee observa a respeito do cerne da argumentação de Gaffin em favor da cessação:

> A lógica *antecede* a exegese. Na verdade, a forma lógica da proposta [de Gaffin] é inteiramente estruturada em cima de uma pergunta que nenhum dos textos bíblicos tem a intenção de responder. A tônica de Gaffin é: "Quando as línguas cessarão?". O único texto que minimamente trata desse assunto — e até mesmo nesse caso, de modo bem secundário ao tema central de Paulo — é 1Coríntios 13.10, que quase certamente assim pretende respondê-la: "no *eschaton*". Visto, porém, que a resposta não é do agrado de Gaffin, ele organiza seus círculos lógicos de forma que a resposta a sua pergunta seja "no fim do primeiro século". Em momento algum, porém, ele tem como mostrar que a resposta para essa pergunta faz parte da intenção do autor bíblico nos textos examinados.[17]

De qualquer modo, a analogia de Efésios 2 fornece uma base pouco sólida para argumentar que os dons cessaram, considerando-se que implicações mais fortes de outros textos, inclusive de Efésios 4, argumentam no sentido oposto.

Em Efésios 4, Paulo volta a tratar da unidade do corpo de Cristo (4.3-5). Embora ele aborde os dons e o corpo de Cristo por um ângulo diferente daquele que usou em Romanos e 1Coríntios (aqui, os dons são [de] uns membros tendo em mente outros membros), Paulo não mudou inteiramente de assunto. Neste contexto, ele ainda aplica o vocabulário que conhecemos de Romanos 12 e 1Coríntios 12 ("medida", "graça"). Declara que Deus distribuiu "graça" ("dons da graça", *charismata*) a cada membro do corpo, fornecendo a cada um deles uma

[17]Fee, *Gospel and Spirit*, p. 77.

porção especial do dom de Cristo. Paulo talvez queira dizer que os membros do corpo de Cristo dão continuidade aos aspectos não expiatórios do *ministério* de Jesus ("o dom de Cristo" em 4.7; mas, veja tb. a interpretação na NIV, em que a expressão de Paulo "dom de Cristo" é entendida como "dom *proveniente de* Cristo", e não como "dom *que caracteriza* Cristo").

Depois de apresentar o tema do dom gracioso de Cristo, Paulo parafraseia um salmo em que um governante vitorioso recebe despojos e os distribui entre seus súditos (4.8). Em Romanos e 1Coríntios, Paulo escreve que Deus concedeu graça especial a cada cristão. Nesta passagem, contudo, enfatiza primeiramente outro tipo de dom. Aqui, o primeiro dom que o Cristo exaltado concede a seu corpo é um grupo especial de pessoas que, por sua vez, mobilizarão os outros membros do corpo de Cristo para seus ministérios.

Comento mais sobre esses dons específicos no próximo capítulo, mas convém observar aqui que apostolado e profecia estão ligados a outros dons como elementos necessários para capacitar os demais membros da igreja a ministrarem uns aos outros (4.11-13). Ao fazê-lo, conduzem a igreja à maturidade, à unidade na fé e no conhecimento de Jesus. Enquanto a igreja precisar de mais maturidade e unidade, portanto, esses dons permanecerão. Ao que parece, assim como precisamos de pastores-mestres para promover essa maturidade, também precisamos dos outros dons que Paulo menciona.

Conclusão

Embora tenha ouvido falar sobre a ocorrência frequente de milagres como os de Atos em alguns lugares, confesso, sinceramente, que não testemunhei muitos milagres nessa escala. Poderia buscar racionalizações teológicas para essa minha deficiência e afirmar que Deus simplesmente não deseja realizar milagres desse tipo hoje em dia, mas buscar um argumento para validar minha experiência violaria meu compromisso de interpretar minha experiência à luz das Escrituras. Declaro que as Escrituras são a Palavra de Deus e, portanto, devo sujeitar-me a elas, em vez de fazê-las dizer o que é conveniente. Como estudioso bíblico que, por uma questão de convicção, identifica primeiramente o significado do texto e, só então, pergunta quais são suas implicações para hoje, devo conformar minha experiência à Bíblia, e não a Bíblia à minha experiência. Em outras palavras, permaneço comprometido com os dons espirituais porque sou comprometido com as Escrituras, e não o contrário (embora minha experiência espiritual tenha, em muitas ocasiões, ajudado a fortalecer minhas convicções evangélicas enquanto

trabalhava com estudiosos liberais de peso ao longo dos anos). A mensagem bíblica não confirma simplesmente minha própria experiência de milagres; ela me chama a ser mais aberto do que já sou aos sinais e maravilhas pertinentes.

Deus muitas vezes aumentou a ocorrência de milagres em tempos de avivamento e, em algumas ocasiões, realizou esses milagres por meio de indivíduos como Moisés, Elias, ou os apóstolos. Deus não concede dons a todos nós para as mesmas tarefas, mas aqueles que têm o dom de ensino precisam mobilizar o corpo de Cristo para que use seus dons bíblicos e não apenas, como é comum fazermos, para treinar outros mestres. Sem dúvida, Deus é soberano e não precisa realizar um milagre simplesmente porque pedimos. Se, contudo, reconhecemos Deus como nosso Senhor soberano, precisamos estar à sua disposição para que ele trabalhe por intermédio de nossas orações caso seja de sua vontade realizar um milagre. Precisamos cada vez mais nos fortalecer como povo do Espírito, a quem Deus possa capacitar pelos meios que ele escolher.

Nossa geração se encontra em situação desesperadora. Aqueles que participam do evangelismo nas regiões mais necessitadas das grandes cidades e em outros ministérios nas linhas de frente precisam de fé pessoal na proteção de Deus, como os profetas Elias e Eliseu buscaram ao enfrentar grandes perigos provenientes de oposição mortal. Alguns intelectuais seculares se desiludiram com seu antissobrenaturalismo, mas muitos estão se voltando para forças sobre-humanas infinitamente menos poderosas e benevolentes do que o Deus ao qual servimos. Talvez seja hora de clamarmos como Eliseu, assim que recebeu poder: "Onde está agora o SENHOR, o Deus de Elias?" (2Rs 2.14, NIV).

Ao mesmo tempo, devemos buscar os dons com a motivação correta. É possível orar em línguas sem levar uma vida cheia do Espírito (cp. os espiritualmente imaturos em 1Coríntios 14.20); é possível profetizar sem ser salvo (1Sm 19.21-24; Mt 7.21-23); é possível entoar cânticos de louvor carismáticos sem dar atenção a Deus, celebrando o ritmo ou a melodia, e não a grandeza de Deus (cp. as meras formalidades religiosas em Zacarias 7.5-10).

Um dos pioneiros do avivamento de curas na metade do século 20 crê que o início desse avivamento se deveu, em sua maior parte, ao Espírito de Deus. Muitos do povo de Deus estavam buscando sua face e, quando o fizeram, Deus abriu sua mão para abençoá-los. Mas este mesmo ministro concluiu que, quando o povo de Deus passou a buscar a mão, e não a face de Deus, ele a fechou de novo. Daí em diante, grande parte do "avivamento de curas" foi levado adiante na carne, e vários evangelistas que realizavam curas competiram por atenção e perderam a bênção do Espírito de Deus. Esse líder pioneiro advertiu que, a seu ver, Deus não

voltaria a abrir sua mão dessa forma novamente enquanto não houvesse levantado uma geração de cristãos que não seriam corrompidos por dinheiro, sexo ou poder — uma geração que, a seu ver, finalmente está começando.

Se Deus opera milagres, eles devem ser para a honra somente do nome dele. Deus pode nos usar ao conceder vários dons, como ensino, cura, evangelismo, oração carismática e profecia, mas, a menos que busquemos sua honra em primeiro lugar e trabalhemos em conjunto com todos os outros dons para a edificação da igreja e de sua missão neste mundo, não estaremos nos comportando como povo do Espírito. Que Deus envie um avivamento de sinais, maravilhas e dons espirituais. Acima de tudo, porém, que Deus envie um avivamento de seu Espírito, que leva nosso coração a sentir o coração de Deus, pois o poder do Espírito (1Co 2.4,5) reside, acima de tudo, não em sinais poderosos, mas na mensagem de fraqueza da cruz (1.18; 2.6-8). É em nossa fraqueza, em nossa absoluta dependência dele, que nos tornamos vasos verdadeiramente preparados para sua honra (2Co 11.18—12.10; 13.3,4,9).

6

Uma investigação mais detalhada de alguns dons espirituais

Atualmente, várias igrejas e ministérios fazem uso de "inventários de dons espirituais" que, com frequência, se parecem com testes de interesse ou de personalidade usados no aconselhamento cristão. Embora testes desse tipo costumem ser úteis e, por vezes, Deus nos conceda dons que correspondem a nossos interesses e personalidade, não devemos limitar os dons àquilo que esses inventários revelam. Isso se aplica particularmente quando falamos não de dons inatos, mas de dons que pedimos a Deus em oração a fim de edificar o corpo de Cristo (1Co 12.31; 14.1).

No outro extremo, vemos alguns cristãos que têm a tendência de desprezar as aptidões ou habilidades naturais em favor de dons sobrenaturais. Essa atitude não segue o exemplo de Paulo, que fez uso de tudo o que era vantajoso para o reino: sua cidadania romana, sua fluência em grego ou aramaico ou mesmo sua ortodoxia judaica (At 21.37; 21.40—22.5; 22.25-29), embora alguns desses mesmos fatores fossem desvantagens para ele em outros meios (16.20,21). Até mesmo muitas igrejas que enfatizam determinados dons exercitam com regularidade apenas alguns deles (seja o dom de línguas, de ensino, de profecia ou de evangelismo).

Neste capítulo, examinaremos duas passagens (1Co 12.8-10 e Ef 4.11) que tratam dos tipos de dons espirituais não inatos aos cristãos. Os dons nessas duas passagens (ou, pelo menos, na primeira) talvez sejam apenas uma amostra, mas as listas nos dão a oportunidade de investigar alguns dons em mais detalhes. Em alguns casos, ideias mais difundidas a respeito das implicações desses dons se baseiam apenas em "tradição" carismática, embora, em outros casos, a percepção geral provavelmente seja próxima daquilo que Paulo tinha mente.

Os dons em 1Coríntios 12.8-10

Embora alguns autores bastante conhecidos tenham argumentado que a lista de nove dons que Paulo cita em 1Coríntios 12.8-10 é uma relação completa dos "dons do Espírito", temos motivos plausíveis para crer que não é o caso. Paulo se expressa de modo semelhante em outras passagens com listas diferentes. Uma comparação entre suas diversas relações de dons (Rm 12.4-8; 1Co 12.28; 12.29,30; 13.1,2,8,9; 14.26; Ef 4.11; veja tb. 1Pe 4.10,11) mostra que são listas *ad hoc* — isto é, são elaboradas para situações específicas — e que há variações consideráveis entre elas. Ele poderia ter relacionado outros dons além daqueles que aparecem nas listas, e é possível que nem mesmo seus primeiros leitores soubessem *exatamente* o que cada dom citado significava.

Embora outras cartas de Paulo falem de dons como os de profecia e de ensino, em 1Coríntios ele se concentra em dons específicos que eram mais relevantes para a situação de seus leitores. A cultura de Corinto valorizava a oratória e o raciocínio; competições de retórica chegaram a fazer parte dos Jogos Ístmicos, realizados próximo dali. Era natural que os cristãos de Corinto prezassem dons como a "palavra de sabedoria" e a "palavra de conhecimento". As cartas de Paulo também mostram que os coríntios prezavam o dom de línguas, talvez por ser (pelo menos hoje) um dos dons que demanda menos trabalho. Paulo menciona em 1Coríntios 12.8-10 dons específicos que tinham ligação com a experiência dos cristãos de Corinto. É provável que coloque o dom de línguas no final dessa lista (12.10) justamente porque muitos na igreja de Corinto lhe atribuíam importância excessiva em comparação com os outros dons (13.1; 14.2-5).

Contudo, pelo fato de tantos escritores e palestrantes enfatizarem a lista de dons dessa passagem, faremos um levantamento do significado geral desses dons. Isso é particularmente necessário diante das diversas ideias que circulam a respeito da natureza desses dons. As conjecturas de um autor se tornam a informação do autor seguinte, e a informação desse autor se torna a tradição de um movimento. Embora estudiosos pentecostais e carismáticos do meio acadêmico realmente costumem dar mais atenção àquilo que Paulo afirma do que a maioria dos mestres carismáticos nos meios mais populares, há muitos carismáticos que adotaram conceitos desses dons baseados em tradições carismáticas, e não em abordagens sadias de entendimento bíblico. Examinaremos esses dons à luz de indícios do contexto de 1Coríntios, a carta que os primeiros leitores de Paulo tinham diante de si.

Há uma sobreposição entre alguns dons da lista (e.g., curas, milagres e, provavelmente, fé). É possível até que Paulo tenha criado espontaneamente os nomes de

alguns desses dons para a lista aos coríntios (e.g., a expressão "palavra de conhecimento"; veja discussão abaixo). Outros dons, contudo, ele explica de modo bem mais detalhado. Aliás, tendo em vista os antecedentes veterotestamentários sobre profecia e cura, seria possível escrever livros inteiros sobre esses dons.

Palavra de sabedoria

Quando Paulo fala de um "pronunciamento de sabedoria" em 12.8, é provável que os cristãos coríntios o tenham entendido de imediato. A cultura da cidade enfatizava a aptidão para oratória (o termo grego para "palavra" também pode ser traduzido por "pronunciamento" ou "retórica"), bem como o conhecimento e a sabedoria. Competições de retórica faziam parte dos jogos atléticos organizados a cada dois anos pelos coríntios. Os cristãos locais, seguindo o exemplo de sua cultura, valorizavam o discurso sábio e informado, especialmente a oratória cheia de pompa dos sofistas e as reflexões inquisitivas dos filósofos. Aliás, pelo menos parte da igreja era tão empolgada com discursos sábios e informados que seus membros preferiam Apolo, o competente orador público, a Paulo (veja 1Coríntios 1—4).

Embora Paulo afirme que não lhes faltavam dons espirituais como palavra e conhecimento (1Co 1.5-7), isso não o impressiona. Ele insiste na ideia de que a verdadeira sabedoria é a sabedoria oculta de Deus, a mensagem da cruz. O poder de Deus se revelou na fraqueza de Cristo, uma mensagem coerente com algo que Jesus chamava mistério do reino (1.18—2.16). Talvez exagerando a inadequação de sua aptidão oratória (como era costume), Paulo enfatiza que a mensagem que salvou os coríntios não foi retórica nem filosoficamente profunda. Foi simplesmente a mensagem divina da salvação em Cristo.

O "pronunciamento de sabedoria" talvez represente, então, a revelação dos mistérios divinos com base no discernimento dos propósitos de Deus, e não apenas em mero raciocínio humano. (Linguagem semelhante em referência ao discernimento dos mistérios de Deus ocorre nos Manuscritos do Mar Morto.) Em outra passagem, Paulo afirma que apóstolos e profetas transmitiram tal sabedoria em maior escala (Ef 3.4-6), embora talvez pressuponha que os mestres também podem exercer esse dom dentro das congregações locais.

Palavra de conhecimento

A expressão "palavra de conhecimento" também pode ser traduzida como "discurso de conteúdo culto, instruído". Para os não cristãos de Corinto, os "pronunciamentos

instruídos" talvez se referissem aos discursos improvisados que os oradores públicos apresentavam, discorrendo sobre diversos assuntos com o objetivo principal de se exibirem. De modo semelhante, muitos cristãos em corinto afirmavam ter conhecimento doutrinário especial dado por Deus que, segundo supunham, os tornava superiores aos cristãos que não tinham o mesmo conhecimento. Paulo os repreende pelo uso indevido desse dom (8.1-3). Como os dons de línguas e de profecia, o conhecimento cessará (13.8); ademais, é incompleto e, por vezes, impreciso (13.9). Algumas pessoas que, justificadamente, criticam outros por serem arrogantes a respeito do dom de línguas são, elas próprias, arrogantes quanto ao conhecimento! Qualquer que seja o motivo, a arrogância é sempre ruim.

Ao mesmo tempo em que Paulo reprova o uso indevido desse dom, como faz com outros dons, incentiva-o em sua forma positiva (14.6; 2Co 8.7; 11.6). A "palavra de conhecimento", ou aptidão de comunicar conhecimento publicamente, sem dúvida significa transmitir conhecimento a respeito de Deus; em outras palavras, é o dom de ensino (como concordam muitos outros estudiosos pentecostais e carismáticos, e.g., Stanley Horton e J. Rodman Williams).

Em seu uso carismático mais tradicional, "palavra de conhecimento" se aplica à transmissão sobrenatural de conhecimento a respeito de alguma necessidade ou situação humana. Embora essa interpretação do dom não se encaixe tão bem com o uso que Paulo faz da expressão, o dom em questão (não importa como o chamemos) aparece com frequência nas narrativas do Antigo e do Novo Testamento (e.g., 1Rs 21.17,18; 2Rs 4.27; 5.26; 6.12; Mc 2.8; At 14.9). Paulo provavelmente o teria classificado na categoria de "profecia" ou "revelação" (veja 1Co 14.26,30). No final da década de 1970, quando era jovem na fé, testemunhei em várias ocasiões esse dom de revelação em uma comunidade interdenominacional no estado de Ohio chamada High Mill Christian Center. Gostava de convidar não cristãos para os cultos durante a semana, pois o pastor muitas vezes revelava com precisão os dilemas que alguém estava enfrentando no momento. Certa vez, um visitante que planejava cometer suicídio naquela noite acabou aceitando a Cristo. Duvido que esse seja o significado pretendido por Paulo ao falar aqui de "palavra de conhecimento", mas é uma forma válida do dom de profecia (14.24,25).

Fé

A fé é a força motriz de todos os dons; Deus provê a todos os cristãos a fé necessária para desempenhar sua função no corpo de Cristo (Rm 12.3,6). Na passagem que estamos analisando, porém, Paulo fala de uma concessão específica de fé, do

tipo que move montanhas (13.2). Embora todas as coisas sejam possíveis para Deus, nem as Escrituras nem a história da igreja falam de cristãos que literalmente moveram montanhas (exceto, talvez, por terremotos em resposta a oração ou adoração; 1Rs 19.11; At 4.31; 16.25,26; Ap 6.10-12). O importante, contudo, é que nada que Deus chama os cristãos a realizarem é impossível se exercitarmos fé absoluta. "Mover montanhas" era uma figura de linguagem usada pelos judeus para se referir a fazer algo praticamente impossível, e Jesus havia prometido que nada seria impossível para aqueles que exercitassem até mesmo a menor porção de fé (Mc 11.23).

Visto que Deus é o objeto de nossa fé, ter essa fé pressupõe que agimos conforme a vontade de Deus, e não conforme a nossa (1Rs 18.36; 2Rs 4.28; 1Jo 5.14); em outras palavras, o objetivo dessa fé autêntica não é conseguir o que desejamos, mas realizar a comissão de Deus, aquilo que ele nos chama a fazer. Isso não significa que não podemos exercitar fé em relação a questões sobre as quais Deus não se pronunciou; com frequência, Deus também ouve essas orações (e.g., 2Sm 15.31; 2Rs 20.3-6; Mc 2.4,5). Nesses casos, porém, às vezes Deus tem motivos para dizer não (e.g., Jr 14.11; 2Co 12.8-10).

Embora o ideal fosse que todos os cristãos tivessem esse nível de fé, Paulo reconhece que alguns cristãos são dotados dela de modo especial. Em vez de menosprezarem os cristãos menos dotados nessa área, aqueles que têm fé excepcional devem usar seu dom em favor de outros membros do corpo de Cristo, incentivando-os a crescer em fé por meio de seu exemplo.

Dons de curar

O plural provavelmente indica, como muitos comentaristas propõem, que o Espírito desenvolve em diferentes cristãos a fé para orar por diferentes tipos de enfermidades. Embora isso não signifique que uma pessoa não possa receber o dom para orar por qualquer tipo de enfermidade — ao que parece, era o que fazia a maioria dos apóstolos da primeira geração (At 5.15,16; 28.8,9) — muitos cristãos que recebem o dom de curar são, inicialmente, capazes de exercitar fé especial apenas para tipos específicos de enfermidades. É possível que essa ideia esteja implícita em Atos 8.7, embora também possa representar apenas um exemplo concreto das obras realizadas. Essa limitação talvez mostre que a continuidade desse dom no presente não garante que todo indivíduo será curado de modo sobrenatural, embora Deus com frequência opere curas dramáticas para suprir as necessidades de seus filhos ou para chamar a atenção para o evangelho que eles proclamam.

Talvez, em certos contextos, cristãos maduros tenham desenvolvido fé para esse dom. Ao que parece, cristãos judeus como Tiago esperavam que os presbíteros estivessem preparados para fazer a oração de fé (Tg 5.14,15). É provável que, nas igrejas de Paulo, quem tinha o dom de fé para realizar curas devesse agir nesse sentido. Em testemunhos bíblicos sobre profetas que realizaram milagres, como Elias e Eliseu, a grande diversidade de atos miraculosos não indica que não há uma limitação necessária para a fé de uma pessoa, exceto a certeza de estar agindo conforme a vontade de Deus. Essa certeza não é garantida por fórmulas; antes, ela se desenvolve no contexto de um relacionamento íntimo e obediente com Deus. Quando Deus cura, ele não o faz em razão de nosso poder ou de nossa piedade, mas por sua fidelidade ao nome de Jesus (At 3.12). Devemos, portanto, evitar a tentação de nos parabenizarmos quando Deus responde nossas orações pela cura de alguém; somente Deus merece o louvor (Mc 2.12; 5.19).

Embora devamos crer que Deus muitas vezes (ou mesmo normalmente) responderá orações pedindo cura e devamos seguir o exemplo de Cristo de compaixão pelos que se encontram física, bem como emocional e espiritualmente feridos (Mt 9.35,36; Mc 1.41), precisamos evitar a suposição de que o fato de alguém não ser curado indica uma deficiência espiritual de sua parte (cp. Jó 12.5; 42.7,8). Nem sempre Deus cura de imediato (Jó 42.10; Gl 4.13,14; Fp 2.27; 2Tm 4.20) e, por vezes, por algum motivo, Deus não cura nesta vida (1Rs 1.1; 2Rs 13.14,20,21; 1Tm 5.23).

No entanto, a disposição de Jesus de curar todos que o procuravam certamente desafia aqueles que consideram a cura algo extraordinário hoje em dia, a menos que queiram argumentar que o caráter de Jesus mudou, ou que o poder dele no mundo tenha diminuído. É possível que vejamos menos pessoas serem curadas no presente do que Deus requer, uma situação preocupante, pois a dor desses enfermos é real. As Escrituras mostram que, em alguns casos, Jesus desejava que pessoas fossem curadas, mas seus discípulos se mostravam espiritualmente despreparados para prover o que elas necessitavam (Mt 17.16,17,19,20; Mc 9.18,19,28,29), ou as pessoas se recusaram a crer nele (Mt 13.58; Mc 6.3-6). Nem sempre é o caso, mas esperamos que no tocante a esse dom, como a outros, possamos crescer na fé arraigada em um relacionamento cada vez mais profundo com Deus (Tg 5.14-18).[1]

[1]Até o presente momento, o estudo acadêmico possivelmente mais detalhado sobre cura na teologia bíblica se encontra em Michael L. Brown, *Israel's divine healer*, Studies in Old Testament Biblical Theology (Grand Rapids: Zondervan, 1995).

Operações de milagres

O termo "milagres" significa literalmente "demonstrações de poder", e o plural talvez indique tipos diversos de operações para diferentes indivíduos que realizam milagres, como no caso de curas.[2] No Antigo Testamento e em histórias a respeito de Jesus relatadas por Paulo aos coríntios, é possível que "milagres" incluísse curas e, supostamente, abrangesse atos de fé como mover montanhas (1Co 13.2). É provável que haja uma sobreposição desse dom e dos "dons de curar" e a "fé", mencionados em outras partes da lista, mas sem dúvida ele também abrange outros tipos de milagres, como os milagres naturais. Quando os discípulos de Jesus o despertaram de seu sono para acalmar uma tempestade que, pelo visto, ameaçava a vida deles, Jesus censurou sua incredulidade. Talvez quisesse saber por que não agiram conforme ele os havia ensinado, em vez de o despertarem cheios de medo (Mc 4.40); sem dúvida, no mínimo Jesus questionou se esperavam, de fato, que o barco afundasse com Jesus dentro dele.

De modo semelhante, outro autor cristão antigo usa a fé exercida por Elias para controlar a chuva conforme a vontade de Deus como exemplo para os crentes (Tg 5.17,18). Ao mesmo tempo, Deus nem sempre dirige ou autoriza os crentes a acalmarem tempestades (At 27.24-26). Tiago aplica o exemplo de modo específico à fé para curar (5.14-16). É provável que o termo fosse usado com mais frequência para um tipo padrão de "demonstração de poder" atestado em Atos, tal como o exorcismo de incrédulos demonizados (5.16; 16.18).

O Deus que sustenta o universo com seu poder frequentemente atua sem usar instrumentos humanos (Êx 3.2; Jo 5.17,21), mas muitas vezes também escolhe realizar suas obras por intermédio de seus servos. É o caso do episódio em que um profeta confronta o rei Jeroboão que, de modo semelhante ao faraó obstinado de outrora, precisa ser disciplinado por meio de um sinal (1Rs 13.1-6). No próximo registro que temos de um encontro entre Jeroboão e um profeta, é Jeroboão que toma a iniciativa do contato, e não o contrário, pois, como resultado de juízo divino direto, seu filho está à beira da morte (14.1-3). Deus chama a atenção das pessoas de forma direta ou por meio de seus servos. Por exemplo, Deus muitas vezes fala por intermédio de julgamentos (Is 26.9,10), mas, em geral, primeiro envia profetas para interpretar os julgamentos (48.3-5; Am 3.7,8).

---

[2]Carson, *Showing the Spirit: a theological exposition of 1 Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 40 [edição em português: *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12—14*, tradução de Caio Peres (São Paulo: Vida Nova, 2013)].

De qualquer modo, aqueles que têm o dom de realizar milagres devem se lembrar de que os milagres se dão em resposta à ordem de Deus (1Rs 18.36) ou à oração de alguém que caminha com Deus (2Rs 1.10), e não apenas conforme nossos desejos egocêntricos (cp. Tg 4.1-4). Aqueles cujos desejos são atendidos são aqueles que têm prazer em Deus e anseiam por sua vontade acima de todas as coisas (Sl 37.3-7). Agir com base em uma palavra do Senhor não é o mesmo que "declarar" ou "determinar" que algo deve acontecer, como se nós mesmos, e não Deus, tivéssemos autoridade para fazer algo existir por meio de nossos pronunciamentos (Lm 3.37; Rm 4.17). Também precisamos reconhecer que, para a edificação do corpo de Cristo, os dons relacionados à Palavra de Deus ocupam uma posição mais elevada que esse dom espetacular (1Co 12.28), embora, ao mesmo tempo, milagres sejam extraordinariamente eficazes para cativar a atenção das pessoas para o evangelismo (e.g., At 14.3).

Profecia

Na profecia, Deus fala com ou por meio de um servo que ouve sua voz (ou, às vezes até por meio de alguém que não a ouve; e.g., 1Sm 19.22-24; Mt 7.22; Jo 11.51). Aqueles que entendem a profecia em 1Coríntios 12—14 apenas como pregação devem considerar irrelevante o uso do termo no Antigo Testamento (o contexto que Paulo tinha em comum com seus leitores cristãos), em Atos e no texto em questão propriamente dito.

É evidente que os profetas podiam "pregar", mas a profecia também podia "revelar os segredos do coração" (14.24,25) e ser revelação espontânea (14.29-31). Aliás, a terminologia bíblica para profecia é ampla o suficiente para abranger qualquer mensagem que um profeta recebesse do Senhor e deixasse claro que vinha de Deus. Desde o início, Deus falou a seu povo por meio da profecia, mas ela assumia diversas formas: visões, sonhos, vozes audíveis, transes extáticos e, provavelmente com mais frequência, palavras que o Espírito colocava no coração e/ou na boca de um profeta. Alguns textos mostram até mesmos profetas que receberam mensagens ao profetizarem para si mesmos (2Sm 23.2,3; Os 1.2; possivelmente tb. Jr 25.15; 27.2). A inspiração profética assumia formas tão variadas que podia transitar livremente entre oração ou adoração e profecia (e.g., 1Cr 25.1-8; Sl 12.1,5; 46.1,10; 91.3,14-16). De fato, a adoração constantemente definia o tom da profecia ou fornecia o contexto para ela (1Sm 10.5; 2Rs 3.15; possivelmente tb. Hc 3.19).

A característica distintiva desse tipo de profecia não é a forma usada, mas se a palavra do Senhor está sendo proclamada. Embora a maioria dos livros

proféticos do Antigo Testamento esteja direcionada para profecias que dizem respeito ao povo de Deus ou a outros grupos, os profetas também transmitiram inúmeras profecias a indivíduos. Devido a seu enfoque, os livros veterotestamentários registram frequentemente profecias pessoais para reis, mas indivíduos de menos destaque também receberam mensagens (e.g., 1Rs 17.13,14; 2Rs 4.3,4). Textos como 1Samuel 9.6-10 mostram que indivíduos também tinham o costume de consultar profetas proeminentes. Atos registra profecias pessoais para Paulo (21.4,11; cp. 20.23).

Antes do Exílio, a maioria dos profetas que registrou suas profecias se pronunciou em forma de poesia; depois do Exílio, a maioria das profecias aparece em prosa (e.g., a maior parte de Ageu e de Malaquias). As profecias não precisam, por natureza, ser apenas espontâneas, como alguns propõem. Em muitas ocasiões, profetas bíblicos receberam uma profecia em determinado momento, mas a transmitiram depois (Jr 28.12-17), e um profeta podia até mesmo registrar sua profecia e permitir que outro a lesse posteriormente (36.4-8).

Embora todo discurso inspirado seja "discurso profético" no sentido mais amplo do termo (cp., e.g., At 2.4,16-18; Ap 19.10), ao falar de "profecia", Paulo se refere de modo específico a palavras de revelação, neste caso, proferidas no contexto da congregação. Ele não confunde esse dom com ensino (exposição das Escrituras ou das implicações do evangelho), embora seja possível aprender por meio de profecias (1Co 14.31). Também não o confunde com "exortação", como dom separado (Rm 12.8; Paulo usa o dom em 12.1), embora a profecia também pudesse abranger essa função (1Co 14.3).

No ensino, a autoridade de Deus se encontrava no texto ou numa mensagem anterior, e o mestre dela se apropriava uma vez que expusesse seu conteúdo com precisão. Na profecia, a mensagem de Deus estava na profecia em si à medida que refletisse com precisão o que o Espírito estava dizendo (embora a profecia do Novo Testamento, como a do Antigo Testamento, muitas vezes reflita a linguagem de profecias bíblicas anteriores). Na profecia, a pessoa era inspirada a falar de modo direto como agente de Deus, declarando, em essência: "Assim diz o Espírito" (At 21.11; Ap 2.1; 3.1).[3]

[3]Neste aspecto, discordo de meu amigo Wayne Grudem, embora aprove a linha geral que ele segue quanto à profecia e considere de grande valor seu importante trabalho sobre esse assunto; veja meu texto *Paul, women, and wives* (Peabody: Hendrickson, 1992), p. 245. A preocupação central de Grudem parece ser de manter a revelação canônica em um nível superior às profecias atuais, que precisam ser testadas conforme aquilo que já foi provado e que hoje constitui as Escrituras. Concordo plenamente com essa preocupação e com a prioridade absoluta da revelação canônica; veja comentários adiante no dom de "discernimento de espíritos".

Embora Paulo pareça ter conhecido profetas experientes que transmitiam a mensagem de Deus (At 11.28; 21.10; Ef 4.11), em 1Coríntios ele emprega o termo *profeta* de modo mais amplo para descrever todos que profetizam (14.29-32). Pelo menos teoricamente, visto que todos os cristãos receberam o Espírito, todos os cristãos podem profetizar (14.5,31; cp. Nm 11.29; At 2.17,18), embora, na prática, nem todos o farão (1Co 12.29). No entanto, os profetas podem atuar em diferentes níveis. Talvez valorizemos as profecias de encorajamento, que parecem ser comuns hoje em dia, mas infelizmente continua a haver uma escassez de profetas que defendam os ideais divinos de justiça contra a opressão dos pobres, dos bebês que ainda não nasceram e de outros membros impotentes da sociedade. A reflexão sobre essa ênfase na profecia bíblica (e.g., Is 1.15-17; 58.1-14; Jr 22.13-17; Am 5.7-24; Tg 5.1-6) pode ampliar a abrangência da profecia contemporânea.

Discernimento de espíritos

Embora leitores contemporâneos empreguem essa expressão de diversas maneiras, o contexto indica que Paulo se refere especificamente ao dom de avaliar profecias com precisão. Não significa, porém, que a aptidão para identificar erro em situações não relacionadas a profecias não venha do Espírito. Tive oportunidade de conhecer pessoas e saber, por meio do Espírito, que estavam participando de determinada seita ou que adotavam ensinamentos falsos antes mesmo de fornecerem indícios desse fato. Em uma dessas ocasiões, tinha saído para evangelizar e me senti dirigido a levar um folheto que refutava os erros de uma seita conhecida como Way International. O único indivíduo com o qual deparei naquela noite parecia ser cristão, mas o Senhor me orientou a perguntar se ele participava dessa seita. Ele respondeu que sim, de modo que lhe dei o folheto e, mais adiante, fiz um acompanhamento com ele. Em outra ocasião, não me senti à vontade quando ouvia um palestrante e, depois da palestra, perguntei se ele conhecia Sam Fife (líder de uma seita na década de 1970), sem ter qualquer motivo racional para fazer essa pergunta. O palestrante havia sido amigo de Fife e membro do grupo que ele tinha começado.

Quando Paulo usa essa expressão, porém, tudo indica que ele se refere de modo específico à avaliação de profecias. Posteriormente, ele usa o mesmo termo grego para "discernir" desse modo (14.29) e, adiante, fala de "espíritos" juntamente com profecia (14.32; veja tb. talvez Ez 13.3; 1Jo 4.1-6; Ap 22.6).

O discernimento em relação a profecias é importante. No período do Antigo Testamento, profetas experientes costumavam mentorear o desenvolvimento

profético dos novatos (1Sm 19.20; 2Rs 2.15; 4.38). Entre os cristãos da primeira e da segunda geração, porém, os profetas em desenvolvimento tinham de realizar um trabalho recíproco de mentoria, avaliando as profecias uns dos outros (1Co 14.29). Assim como nosso ensino, nossas profecias não são perfeitas nem completas, pois "em parte conhecemos e em parte profetizamos" (13.9). Sentir-se movido pelo Espírito com a responsabilidade de transmitir uma mensagem não é o mesmo que redigir Escrituras canônicas. (O fato de que profecias não constituem automaticamente Escrituras fica evidente nas próprias Escrituras — a maioria das profecias nos tempos bíblicos não foi registrada nas Escrituras; veja e.g., 1Rs 18.13). Ademais, o erro humano pode interferir em nossa profecia; aliás, até mesmo apóstolos podiam se enganar em algumas de suas asserções ou ações (At 11.1,2; Gl 2.11-14), ou precisar de entendimento mais profundo (At 15.6).

No entanto, Deus fornece um mecanismo de segurança para o uso dos dons proféticos na igreja ao nos advertir que o erro humano pode causar distorções e ao exigir que testemos todas as nossas certezas finitas de que o Espírito está falando conosco. Por isso as profecias precisam ser testadas (1Ts 5.20-22), e não apagadas (1Ts 5.19). Tanto quem não avalia as asserções de pessoas que dizem ter recebido uma mensagem de Deus quanto quem rejeita sem analisar todas as revelações sobrenaturais desobedece às Escrituras (1Co 14.39,40).

Algumas pessoas que profetizam hoje em dia simplesmente usam expressões estereotípicas e as corroboram com textos fora de contexto; algumas talvez estejam apenas tentando profetizar sem desenvolver, primeiramente, um relacionamento com o Deus das Escrituras. Em outros casos, quem profetiza desse modo fraco talvez sinta a inspiração do Espírito, mas ainda não tenha revelação bíblica suficiente para traduzir esses sentimentos em um entendimento mais preciso daquilo que Deus está dizendo. Em vez de sempre supor que essas pessoas não dão prova alguma de que têm o dom de profecia, devemos incentivá-las a mergulhar nas Escrituras e ser instruídas pelas profecias da Palavra de Deus interpretadas em seu devido contexto, levando em consideração seu cenário cultural. A linguagem dos profetas bíblicos é repleta de alusões a profetas anteriores e, especialmente, à aliança mosaica. Talvez até mesmo os falsos profetas da época de Jeremias poderiam ter sido conduzidos à verdade e ter encaminhado outros nessa direção, se houvessem aprendido, de fato, a ouvir a voz de Deus e proclamar as mensagens impopulares de Deus para seu povo desobediente (Jr 23.21,22; cp. 1Tm 1.12,13,20). Embora haja exceções (At 8.13; 2Tm 2.25,26), profetas inteiramente falsos normalmente reconhecem seu erro apenas quando é tarde demais (1Rs 22.24,25).

Toda profecia deve ser testada pelas Escrituras e, quando isso não for possível em razão do tema da profecia, deve ser testada por outros profetas maduros, fundamentados na Bíblia e sensíveis ao Espírito (1Co 14.29). Até mesmo o crente mais sensível ainda tem o que aprender a respeito de sensibilidade à voz do Espírito e deve sujeitar-se às Escrituras, entendidas em seu contexto. Por isso as Escrituras são o "cânon" ou "vara de medida" e, portanto, o árbitro supremo da revelação. Deixar de avaliar o que alegamos ter ouvido do Senhor é arrogância e traz disciplina do Senhor. Acaso podemos, verdadeiramente, imaginar que algum de nós ouve Deus de modo preciso se contradizemos os apóstolos e profetas inspirados por Deus ao longo dos séculos, cujas profecias foram testadas pelo tempo e se cumpriram? Quando aqueles que profetizam aplicam as Escrituras de acordo com ensinamentos que circulam apenas em seus próprios meios carismáticos, e não de acordo com o contexto das Escrituras, devemos levantar nossa guarda. (Voltaremos a tratar dessa questão no último capítulo.)

Línguas

Pelo fato de Paulo tratar o dom de línguas de modo extenso em 1Coríntios 14 e também porque esse dom é cercado de dúvidas em nossos dias, examinarei várias de suas facetas.

LÍNGUAS COMO DOM PARA A ADORAÇÃO

A principal função do dom de línguas da qual se tem registro no âmbito público, assim como sua função no âmbito particular, é a oração e o louvor (1Co 14.14-17; veja tb. At 2.11; 10.46).[4] Seja em uma língua conhecida ou não pelo interlocutor, Paulo considerava a oração importante demais para ser feita sem a inspiração e a capacitação do Espírito (veja tb. Ef 6.18; Jd 20). Evidências bíblicas em favor de línguas atuando como mensagem da parte de Deus, talvez para um indivíduo (1Co 14.28), são possíveis, mas permanecem inconclusivas. Isso não significa que Deus, em sua soberania, não possa usar hoje pronunciamentos públicos em línguas de modo diferente do que fez na Bíblia, mesmo que isso significasse uma opção por ajustar-se à tradição humana para transmitir sua vontade. Ainda há controvérsia entre estudiosos pentecostais a esse respeito, mas não vejo motivo pelo qual Deus não poderia operar desse modo, pelo menos

[4]Atos 19.6 apresenta uma construção especial que faz distinção entre "falar em línguas" e "profetizar"; tecnicamente, os termos gregos em Atos 10.46 permitem identificar dom de línguas com louvor.

ocasionalmente. A ênfase bíblica do dom de línguas, porém, é claramente sobre a oração dirigida pelo Espírito.[5]

Embora Paulo considere que seria bom se todos falassem em línguas, assevera que seria ainda melhor se todos profetizassem (14.5). O dom de línguas só tem valor para a pessoa cujo espírito está orando, a menos que ela própria ou outra pessoa sirva de intérprete e torne as línguas inteligíveis para os demais presentes (14.13-19). Evidentemente, o princípio que Paulo aplica a este caso vai além do dom de línguas. Quando a igreja se reúne, devemos nos certificar de que qualquer contribuição nossa, seja ela na forma de dons sobrenaturais, cântico ou sermão, tenha valor para aqueles que nos ouvem. Se o que apresentamos tiver proveito apenas para nós mesmos, deve ser oferecido no âmbito particular.

Paulo não proíbe línguas interpretadas, mas restringe línguas não interpretadas inteiramente ao contexto em que ele próprio faz uso do dom: na oração particular (14.28; cp. 14.18,19). Talvez Paulo não tivesse levantado objeções a uma reunião de oração em que vários falam simultaneamente por inspiração, algo semelhante à experiência descrita em 1Samuel 10.5,6 e 19.20, mas objetava a qualquer coisa que distraísse a congregação dos propósitos centrais do encontro: edificação, exortação e evangelismo (14.3,23-25).

Embora em 1Coríntios 12—14 Paulo concentre-se nos dons para a edificação da igreja (daí sua insistência em que haja interpretação quando o dom de línguas é usado em público), faremos uma breve digressão para investigar o uso de línguas no âmbito particular. Aqueles de nós que costumam ministrar em igrejas nas quais o uso do dom de línguas em público provavelmente traria mais divisão do que edificação têm a tendência de enfatizar mais o uso particular de línguas. Não obstante, de acordo com Paulo, o dom de línguas quando usado em público tem valor quando elas são interpretadas, e uma vez que a igreja entenda e valorize sua função.

Paulo indica que o dom de línguas corresponde a orar com o espírito (14.14-16) e edifica a pessoa que ora (14.4). Edificar a si mesmo não é um objetivo cristão inferior, mesmo que não seja o objetivo do ministério na igreja (veja,

[5]Veja os diversos posicionamentos a favor e contra os textos de William Graham McDonald, "Biblical glossolalia — thesis 7", *Paraclete* (Spring 1994) e *Paraclete* (Winter 1995), inclusive artigos de David Bundrick e Benny Aker. Bundrick cita outros dentro da Assembleia de Deus segundo os quais a função principal do exercício do dom de línguas em público é a oração (Anthony Palma e Gordon Fee) e observa que isso não viola os parâmetros doutrinários da denominação (o próprio Bundrick encontra alguma corroboração implícita das Escrituras para seu posicionamento).

e.g., Jd 20). Fortalecer nosso relacionamento com o Senhor não é uma das razões pelas quais oramos e estudamos a Bíblia em particular?[6]

Paulo não se importaria se todos orassem em línguas, apesar de a profecia ter mais valor porque edifica a igreja toda (14.5). Embora, línguas não interpretadas não tenham publicamente função alguma, e Paulo pareça reticente em orar em línguas em público, ainda assim ele ora em línguas com frequência, sem dúvida em sua vida devocional particular (14.18,19). É possível que ele também escolhesse interpretar esses pronunciamentos a fim de edificar sua mente (daí "orar com o entendimento" no contexto de 14.13-16).

Ao mesmo tempo, o dom de línguas não é o objetivo maior da vida cristã nem o ápice da experiência cristã (um conceito que, por vezes, os pentecostais são acusados de adotar, embora a maioria dos pentecostais que conheço não pense dessa forma). Cada um de nós experimenta apenas um antegosto da glória de Deus e apenas uma medida do poder de Deus; não devemos criticar a medida de outros.

LÍNGUAS COMO LINGUAGEM

Ao contrário de alguns pentecostais, acredito que "línguas", tanto em Atos como em 1Coríntios, seja uma referência a linguagens propriamente ditas, isto é, a línguas que realmente existem, embora sejam desconhecidas do interlocutor. Creio que as línguas faladas por quem exerce esse dom de acordo com a Bíblia devem ser iguais hoje em dia, embora considere necessário qualificar minha declaração antes de prosseguir. É possível que Vern Poythress e D. A. Carson também estejam corretos a respeito da "codificação" da linguagem em vários casos do dom de línguas,[7] e não nego que Deus possa trabalhar por meio de algo que esteja em um nível inferior ao dom bíblico. Também não proponho que os pentecostais devam supervisionar uns aos outros para certificar-se de que as palavras *soem* como linguagem verdadeira; já ouvi idiomas estrangeiros que pareciam apenas sons incoerentes para mim. Também precisamos dar espaço para que alguém ainda inexperiente em determinado dom amadureça em seu uso dele, como acontece nos casos dos dons de profecia, ensino ou qualquer outro dom. O enfoque do interlocutor deve estar direcionado para o ato de orar com sinceridade a Deus, com seu espírito, e permitir que o Espírito faça as palavras serem articuladas corretamente.

[6]É impossível que Paulo veja a edificação própria em 1Coríntios 14.4 de modo negativo, tendo em vista que ele incentiva o exercício do dom de línguas sem interpretação nas devoções pessoais em 14.5 (Carson, *Showing the Spirit*, p. 102, nota 89).

[7]Carson, *Showing the Spirit*, p. 84-6.

Alguns que falam em línguas, porém, parecem exercitar seu "dom" por hábito ou mecanicamente, e não pelo desenvolvimento de sensibilidade ao Espírito. Quando ouvimos determinada expressão (e.g., "shonda ma kee") ser repetida dez vezes e ser seguida de uma "interpretação" bem mais clara, é tentador nos mostrarmos céticos a essa "língua". O fato de crer na realidade do dom autêntico não significa que devemos considerar autênticas todas as supostas manifestações do dom. Jonathan Edwards advertiu a respeito de falsificações espirituais em tempos de verdadeiro avivamento, e William Seymour afirmou que quem se concentrasse mais em sinais que em Deus e sua santidade receberia apenas uma imitação. Visto que minha preocupação é de ordem pastoral, espero que essa observação nos leve a buscar uma sensibilidade mais profunda ao Espírito, em vez de levar fiéis sinceros, porém inseguros, a duvidar da realidade de sua experiência espiritual. Assim como profecias vindas até mesmo de profetas reconhecidos pela igreja precisam ser testadas, assim como mestres precisam amadurecer no uso de seu dom, assim como "em parte conhecemos e em parte profetizamos", também podemos presumir que as orações em línguas possam tornar-se mais fluentes e dirigidas pelo Espírito.

Treze anos atrás, quando passava pela crise mais profunda de minha vida como cristão, uma família me levou a uma igreja carismática. Durante a oração, alguém se aproximou e começou a orar por mim, fazendo um zumbido semelhante ao de uma abelha, um ruído que, segundo minha impressão, esse indivíduo provavelmente imaginava ser uma língua. Eu não queria que ele orasse por mim; queria que fosse embora e me deixasse orar sossegado! É possível que ele tenha notado minha perplexidade, pois explicou: "Senti o Senhor me mostrar que você estava passando por algo e que eu devia me aproximar e orar por você". Permiti que ele orasse, mas, de tão perturbado com o zumbido, não lhe contei que, de fato, estava passando por uma crise. Depois do culto, me queixei a uma das pessoas que tinha me levado à igreja e comentei que, com certeza, aquilo não era dom de línguas. "Ele tem a unção da abelha", a pessoa explicou. Fiquei ainda mais irritado! Não acreditava, e ainda não acredito, que ele estivesse orando em línguas conforme a Bíblia. Contudo, o homem demonstrou sensibilidade suficiente ao Espírito e preocupação por um irmão a ponto de ir orar por mim. Embora eu tenha certeza de que ele não havia recebido a "unção da abelha", creio que ele era meu irmão em Cristo e que, provavelmente, estava fazendo o melhor possível para seguir a direção do Espírito.

Orar com o Espírito

Hoje em dia, alguns meios cristãos enfatizam a mente a ponto de excluir os demais aspectos da personalidade humana, enquanto outros grupos enfatizam as

emoções a ponto de excluir a razão. O dom de línguas não é, fundamentalmente, racional; quem privilegia a racionalidade em outros aspectos da fé talvez tenha necessidade particular do tipo de expressão emocional que o dom de línguas provê. Para ilustrar o valor de "orar com o espírito" (1Co 14.14-16), mesmo quando não se compreende de imediato o que se está orando, apresento o seguinte relato.

Um seminarista norte-americano se envolveu em uma discussão acalorada com seu professor de interpretação bíblica por causa da interpretação de um versículo em Filipenses e, durante o resto do dia, sentiu-se inexplicavelmente ameaçado. Embora soubesse que precisava pedir desculpas ao professor por ter perdido a calma, não entendia por que a discussão ainda o perturbava tanto. Começou a orar em línguas e, enquanto seu espírito orava, os mecanismos mentais de defesa não puderam mais reprimir seus verdadeiros sentimentos. Enquanto ele derramava seu coração diante do Senhor em línguas, o Espírito também começou a lhe dar a interpretação de seus sentimentos. Ele percebeu que se sentia ameaçado por figuras de autoridade porque sempre havia se sentido ameaçado por seu pai (a única figura de autoridade presente em sua vida durante sua fase formativa). Até o ponto que era capaz de se recordar, seu pai sempre havia ridicularizado tudo o que dizia, por mais que ele se esforçasse para defender-se com argumentos válidos. À medida que os sentimentos reprimidos vinham à tona, ele percebeu outra coisa que nunca havia verbalizado: sentia ódio de seu pai. Ao continuar orando, porém, começou a chorar e se deu conta do quanto também havia amado seu pai.

No dia seguinte, ele pediu desculpas ao professor, que também se desculpou e disse: "Depois disso seremos amigos ainda mais chegados". No entanto, o seminarista ainda precisava se acertar com seu pai, que não era cristão e com o qual ele nunca havia conversado abertamente. Começou a orar a respeito de resolver as pendências em seu relacionamento com o pai e, nas férias, pela primeira vez em muitos anos, foi visitá-lo. Uma tarde, enquanto os outros membros da família estavam fora, encontrou o pai lendo um jornal.

— Posso falar com você, pai? — ele perguntou. Até mesmo a tentativa de tocar no assunto foi difícil.

— Claro, filho — o pai respondeu, ainda segurando o jornal diante do rosto.

— O que eu quero lhe dizer, e não estou afirmando que você era assim, mas foi como o percebi durante a infância e a adolescência, é que nunca me senti à vontade para conversar com você. Era como se você não prestasse atenção em nada do que eu dizia, e eu o odiava por isso. Quero lhe dizer, porém, que lamento muito por ter me sentido dessa forma, pois hoje eu o amo de verdade.

Ainda com o jornal diante do rosto, o pai respondeu:

— Tudo bem, filho. Todo jovem se sente assim em relação ao seu pai — Apesar dessa reação do pai, o rapaz entendeu que havia feito sua parte.

Tempos depois, a mãe do seminarista perguntou sobre o que ele e o pai haviam conversado. "Seu pai está diferente desde que você falou com ele", a mãe comentou, e observou que ele estava passando mais tempo com o filho mais novo, que ainda estava em casa. Quando o seminarista contou para a mãe o que tinha dito para o pai, ela disse: "Ele sentia o mesmo em relação ao pai *dele*, mas não fez as pazes com o pai antes de ele falecer". Hoje, o seminarista e seu pai expressam abertamente o afeto um pelo outro.

Graças a uma oração com o espírito, o seminarista conseguiu resolver conflitos emocionais que, talvez, jamais haveria reconhecido ter. Foi capaz de romper um ciclo de dor envolvendo várias gerações porque seu espírito pôde ser honesto a respeito de sentimentos que sua mente não queria admitir.

Os dons em Efésios 4.11

Hoje, muitos cristãos lançam mão de Efésios 4.11, especialmente em círculos que enfatizam os "cinco ministérios". (O grego provavelmente indica quatro ministérios, e não cinco, mas a ideia fundamental de que a igreja precisa de todos os dons ainda é válida; veja o contexto de 4.11-13 e a discussão no capítulo anterior.)

Cristo provê ministros de sua Palavra em várias formas. A maioria dos indivíduos relacionados em Efésios 4.11, com exceção dos evangelistas, transmite a palavra de Deus parcialmente (apóstolos) ou principalmente (profetas e pastores-mestres) para sua igreja (4.12); tendo em vista o contexto, neste caso até mesmo os evangelistas parecem servir à igreja de algum modo.

Essas quatro designações não precisam ser mutuamente excludentes. É possível que Paulo atuasse como profeta e mestre antes de iniciar seu ministério apostólico (At 13.1; não há consenso entre os comentaristas quanto à gramática). Muito depois disso, continuava a atuar como profeta (1Co 14.37,38) e mestre (1Tm 2.7; 2Tm 1.11). Pelo menos na igreja primitiva de Antioquia, profetas e mestres pareciam desempenhar o papel de bispos (pastores; At 13.1), e em igrejas paulinas posteriores, pelos menos alguns dos presbíteros (pastores) tinham o dom profético (1Tm 4.14). Timóteo era mestre (2Tm 2.24) e evangelista (4.5). E não há como ler Atos 13—28 sem reconhecer que Paulo era evangelista itinerante tanto quanto Filipe havia sido em tempos anteriores. Sem dúvida, esses

chamados ministeriais podem se sobrepor. A despeito disso, procuraremos resumir os aspectos básicos de cada um.

Apóstolos

Primeiro Paulo fala de apóstolos. Trato dessa designação de modo um pouco mais detalhado que as outras não apenas por causa de sua importância, mas também porque ela não é definida especificamente em parte alguma do Novo Testamento, o que requer uma investigação mais apurada. Em alguns círculos hoje, muitos tomam esse título para si, mas nem todos têm consciência do preço que esse chamado implica na Bíblia.

Em momento algum Paulo restringiu o uso da expressão "apóstolos de Deus" aos Doze, ou aos Doze mais ele próprio (Rm 16.7; 1Co 15.5-7; Gl 1.19; cp. ocasionalmente até em At 1.26; 14.4,14). Tendo em vista a necessidade de apóstolos para conduzir o corpo de Cristo à maturidade (Ef 4.12,13), Paulo supostamente presume que esse dom, como os outros que ele menciona, continuará ativo até a volta de Cristo. (Alguns limitam os apóstolos àqueles que viram Cristo com base em 1Coríntios 9.1, mas Paulo faz quatro perguntas distintas nesse versículo, inclusive: "Não sou livre?". Outros objetam à continuidade dessa função porque consideram que apóstolos redigem Escrituras, embora a maioria dos apóstolos da Bíblia não o tenha feito. Qualquer que possa ser a definição de apóstolo, as Escrituras como cânon estão, por definição, encerradas. Como argumentamos anteriormente, crer na possível continuidade de apóstolos e profetas depois do primeiro século não significa que alguém ainda esteja redigindo as Escrituras. Nenhum carismático ortodoxo de hoje acredita que as Escrituras ainda estejam sendo redigidas.)

Muitos cristãos de hoje veem os apóstolos do Novo Testamento como missionários, mas, embora Paulo certamente fosse missionário, a missão aos gentios era um chamado específico dele. As evidências do Novo Testamento em relação à maioria dos outros apóstolos não são conclusivas; não obstante haver tradições cristãs posteriores a respeito do eficiente trabalho missionário dos apóstolos em período posterior da vida, ao que parece, a maioria deles permaneceu em Jerusalém quase duas décadas depois da ressurreição de Jesus (At 15.4). Com base nessas evidências, o máximo que podemos dizer é que alguns apóstolos foram missionários, "construtores-mestres" que elaboraram estratégias e lançaram os alicerces da igreja em novas regiões (1Co 3.10). Conheço alguns missionários hoje que se encaixam nessa categoria.

Ao examinar todos os usos do termo *apóstolo* no Novo Testamento, concluí que alguns elementos costumavam caracterizar os apóstolos, embora, em outros aspectos, houvesse grande diversidade neles (Paulo e os Doze eram bem diferentes em vários aspectos). Primeiro, ao que parece, os apóstolos exploravam novos territórios e iniciavam novos ministérios. Diferiam, contudo, no tipo de novo território: os Doze fundaram a igreja em Jerusalém ao transmitirem a mensagem de Jesus e permaneceram ali. Paulo, desejoso de não construir sobre o alicerce lançado por outros (2Co 10.15-18; 11.5,6; cp. Rm 15.17-20), plantou em todo o mundo mediterrâneo pequenos grupos de estudo bíblico que, aos poucos, se multiplicaram. Permaneceu em contato com eles, mas, na maior parte do tempo não tinha como estar presente em pessoa; ainda assim, esses grupos eram prova de seu ministério (1Co 9.1,2; 2Co 3.1-3). Deus podia chamar apóstolos para funções específicas (ou povos específicos; Rm 11.13; Gl 2.8,9; 1Tm 2.7). Apóstolos eram como embaixadores imperiais que representavam a autoridade daquele que os enviava, mas Paulo e seus colegas alcançaram mais novos territórios do que os Doze.

Segundo, tudo indica que os apóstolos exerciam autoridade decorrente de seu papel ministerial, e não da estrutura institucional da igreja. Os Doze em Jerusalém tinham autoridade especial como superintendentes da mensagem de Jesus, designados para essa função (At 4.35-37; 5.2). Essa autoridade, porém, não era apenas administrativa. Antes, os Doze a compartilharam de bom grado com os sete (6.6) e especialmente com os "presbíteros" locais na igreja em Jerusalém (15.2,4,6,22,23; 16.4). Mostravam-se dispostos a reconhecer a obra de Deus na liderança de outros (8.14) e a dar ouvidos a outros cristãos (9.27).

Os verdadeiros apóstolos precisam ser servos, e não pessoas que impõem superioridade hierárquica (cp. 15.22; 1Co 4.9-16; 2Co 11.5-15; Cl 1.24,25). Em algumas ocasiões — mas apenas quando necessário — Paulo impôs sua autoridade e deu ordens às igrejas (1Co 4.17; 5.3-5; 2Co 2.9; 13.1-3,10; como profeta, 1Co 14.36-38). Com mais frequência, porém, ele preferia deliberar com elas (2Co 1.24; 8.8) e dar exemplo de serviço humilde (1.3-7; 4.15). Reafirmava continuamente seu amor pelos membros de suas igrejas, mesmo quando tinha de repreendê-los (e.g., 2Co 4.15; 5.13; 6.11-13; 7.3; 11.2,11; 12.14,15,19); enfatizava que deviam ser capazes de sentir orgulho dele (5.12) do mesmo modo que Paulo se orgulhava deles (7.4,14; 9.2). Recusou dinheiro desses membros porque tinha o compromisso de cuidar deles como um pai cuida de seus filhos (1Co 4.14-16; 2Co 12.14). Quer gastar o que tem e se desgastar por eles (12.15) e prefere ele próprio sofrer a deixar que eles sofram (13.9; cp. 4.12; Ef 3.13; 1Ts 2.18). Observou que o Senhor lhe deu autoridade principalmente para edificá-los; só

os destruiria se eles o obrigassem a fazê-lo (2Co 13.10; cp. 12.19). Essa é a linguagem de um relacionamento de amor, e não de pura autoridade institucional. A autoridade apostólica parece fluir da mensagem especial dos apóstolos, uma mensagem geralmente investida de maior autoridade do que a mensagem dos profetas (At 2.42; 4.33; cp., porém, Lc 11.49; Ef 3.5).

Terceiro, o ministério apostólico era caracterizado por sinais e por um modo de vida simples e sacrificial. Quando Jesus enviou ("apostolou") seus representantes pela primeira vez, ele os comissionou para que realizassem sinais, os instruiu a não levar bagagem (Mt 10.1,2; Mc 6.6-10,30) e os advertiu para contar com a perseguição (cp. Mt 10.16-39). Os apóstolos de Jerusalém parecem ter sofrido (Lc 11.49; At 5.18,29,40; 12.2) e continuado a viver de modo sacrificial (At 3.6) e, sem dúvida, realizaram sinais (2.43; 5.12; 8.18; 14.3,4). As Escrituras deixam claro que Paulo viveu de modo sacrificial, um estilo de vida que pode ser associado a seu chamado como apóstolo, chamado que, como ele dá a entender, exigia sofrimento peculiar (1Co 4.9-13; cp. 2Co 11.12,13). Paulo também realizou sinais, especialmente em alguns períodos de ministério evangelístico (At 19.11,12; Rm 15.18), e falou deles como prova de seu chamado e ministério apostólicos (2Co 12.11,12).

Contudo, embora Filipe viajasse sem bagagem, tivesse fundado a igreja em Samaria e realizasse sinais, ele é chamado "evangelista", e não apóstolo, talvez porque não exercesse autoridade apostólica. Em momento algum o Novo Testamento define o apostolado, mas parece pressupor determinada autoridade, embora confirmada por meio de sofrimentos. Também é um chamado que pode vir somente de Deus (Mc 3.14; Rm 1.1; 1Co 1.1; 2Co 1.1). (Ele pode convidar voluntários para diversos ministérios, como alguns textos sugerem, e.g., 1Co 14.1; 1Tm 3.1. No final, porém, Deus decide a quem nomear e exaltar. Logo, é importante lembrar que ninguém deve se sentir um cristão de segunda categoria em função de seu chamado; em última análise, Deus não nos avalia com base no chamado que nos dá, mas em como aceitamos esse chamado e somos fiéis a ele.)

O termo *apóstolo* e seu uso podem nos fornecer mais informações a respeito dessa função. Embora Paulo por vezes o empregue com sentido mais geral ("apóstolos *das igrejas*", 2Co 8.23), quando usado de forma isolada refere-se a enviados ou embaixadores especiais de Deus. Um apóstolo é, literalmente, um "mensageiro" comissionado, semelhante à ideia antiga de arauto ou ao costume judaico de *shaliach*. Como agente oficial do indivíduo que o enviou, o *shaliach* contava com a plena autoridade desse indivíduo (à medida que o representasse fielmente).

Por vezes, os judeus consideravam os profetas bíblicos *shaliachim* de Deus, e a versão grega do Antigo Testamento costuma utilizar o verbo relacionado a apóstolo para o comissionamento de Moisés e dos profetas por Deus. É provável que o Novo Testamento desenvolva essa ideia, mas empregue o termo apóstolo de modo um pouco mais específico. O único modelo veterotestamentário específico de apostolado citado no Novo Testamento é Moisés (Jo 1.14-18; 2Co 3.6-18; 2Tm 3.8). Embora Deus houvesse autorizado os profetas a falarem em nome dele, a missão divina conferiu autoridade especial a alguns profetas como Moisés, juízes proféticos (Débora, Samuel) e líderes que deram origem a movimentos proféticos (Elias e Eliseu). (Deus também ungiu os primeiros reis, Saul e Davi, de modo profético, indicando seu desejo de que os líderes tivessem certa combinação de qualidades espirituais e administrativas; 1Sm 10.10,11; 16.13; At 2.30. Infelizmente, até certo ponto, o poder corrompeu ambos, especialmente Saul.) Ao que parece, Cristo comissionou os apóstolos cristãos (no sentido específico de apostolado) de modo a ocuparem uma posição superior à dos profetas normais a fim de formarem estratégias e atuarem com autoridade.

Profetas, evangelistas e pastores-mestres

Em segundo lugar, Paulo trata de profetas, cujo foco era a mensagem profética recebida de Deus. O termo *profeta* se aplicava de modo geral a qualquer um que falava em nome de Deus. No sentido mais amplo (como em At 1.8 com 2.16-18), podia se referir a todos os cristãos que testemunhavam (Ap 19.10). Em Efésios, porém, Paulo com frequência associa profetas a apóstolos como expositores contemporâneos dos mistérios de Deus encontrados na Bíblia (2.20; 3.5). Portanto, ao falar de profetas aqui, Paulo provavelmente se refere a indivíduos cuja atuação vai além de meras profecias de encorajamento (1Co 14.31) ou da capacidade de localizar jumentos perdidos (1Sm 9.6-9,20).

É possível que, neste caso, Paulo tivesse em mente aqueles que fornecem direção divina e estratégias para o corpo de Cristo no mundo, revelando os propósitos de Deus para que o povo de Deus possa influenciar sua geração da maneira mais sábia possível. Provavelmente ele se refere a um ofício de profetas reconhecidos (At 11.27; 13.1; 21.10) e não a qualquer um que profetize ocasionalmente. Se a igreja recebe a mensagem de verdadeiros profetas, é porque foram testados em todas as coisas e se mostraram fiéis à mensagem de gerações anteriores de apóstolos e profetas na Bíblia. Embora os profetas tivessem menos autoridade administrativa do que os apóstolos, ocupavam uma posição logo

abaixo destes (1Co 12.28), em função da missão profética de revelar os propósitos de Deus.[8]

O terceiro grupo, os evangelistas, tinha como foco o evangelho salvífico. Um evangelista era, literalmente, um "arauto das boas-novas" ou "evangelizador". Portanto, os evangelistas serviam a igreja ao anunciarem a palavra que levava as pessoas à igreja (Ef 1.13). Eram guerreiros das linhas de frente, pois a única parte da armadura criada especificamente para avançar em território inimigo e a única arma ofensiva são ambas relacionadas ao evangelho (6.15,17).

Por meio de seu exemplo, é provável que esses evangelizadores capacitados também incentivassem ou mobilizassem outros na igreja a testemunhar, continuando a edificar, desse modo, o corpo de Cristo (4.11-13). De forma contrastante com o uso do termo em algumas tradições eclesiásticas, os evangelistas bíblicos não são simplesmente pessoas que vão de igreja em igreja animando seus membros durante uma semana. Evangelistas são indivíduos que anunciam o evangelho diretamente nas ruas, hospitais, escolas e em outros locais, levando a mensagem salvífica de Cristo (At 21.8; cp. 2Tm 4.5). Se alguns deles vão de igreja em igreja animando seus membros, provavelmente não é apenas para lhes ensinar que devem testemunhar, mas também para lhes mostrar como fazê-lo, levando-os junto consigo para as ruas, por exemplo. É possível que esse dom assuma outras formas (e.g., músicos que atraem um público imenso e falam de Cristo para essas pessoas, evangelistas que falam para multidões e assim por diante), mas o cerne do chamado diz respeito à pregação do evangelho.

Em quarto lugar, Paulo volta a atenção para os "pastores-mestres" que expõem as Escrituras a suas igrejas. A linguagem usada por Paulo no grego se refere a pastores-mestres como um só chamado cujo foco era explicar a palavra de Deus já apresentada no Antigo Testamento e as tradições acerca de Jesus (hoje registradas no Novo Testamento). Embora todos os dons anteriores possam se sobrepor, os pastores devem, por definição, ser mestres da Palavra de Deus. O termo *pastor* vem de "pastor de ovelhas", alguém nomeado por Deus para cuidar de seu rebanho e suprir suas necessidades, como faziam os líderes espirituais de Israel (Ez 34.2-4). Os pastores também são chamados "bispos" e "presbíteros" (At 20.17,28; Tt 1.5-7; 1Pe 5.1-4).

[8]Por vezes, autores bíblicos usam "primeiro, segundo, terceiro" apenas para resumir algo cronologicamente, sem classificar em importância (Gn 32.19; Mt 22.25,26). Em 1Coríntios 12.28, porém, Paulo enumera itens específicos em que a cronologia é irrelevante e a numeração é desnecessária. Em contraste com vários estudiosos, acredito que pelo menos os três primeiros itens, com os apóstolos encabeçando a lista, apontam para uma ordem de importância.

Assim como alguém podia buscar outros dons espirituais (1Co 14.1), também podia almejar a função de bispo (1Tm 3.1), desde que o aspirante preenchesse os requisitos para ser irrepreensível na comunidade local em que atuava como líder da igreja (3.2-7). (Na primeira geração, esses líderes normalmente vinham das congregações locais [At 14.23] e, portanto, tinham conhecimento prático de sua comunidade.) A leitura e exposição das Escrituras se tornaram normativas na igreja, como haviam sido nas sinagogas (1Tm 4.13), pois eram necessárias para a perseverança na salvação (1Tm 4.16; 2Tm 3.14—4.4). Os líderes da igreja tinham de depender do dom de Deus (1Tm 4.14; 2Tm 1.6). Tudo indica que os pastores-mestres dedicavam-se a explicar e aplicar a Palavra de Deus às necessidades dos membros de suas igrejas.

O propósito desses dons

Chama a atenção o fato de Efésios 4 indicar o propósito desses ministérios da Palavra: visavam capacitar todo o povo de Deus para a obra ministerial a fim de que, por meio do evangelismo, do ensino e da direção inspirada a igreja pudesse tornar-se tudo que devia ser (4.12,13). A função mais importante desses ministros da Palavra era, portanto, mobilizar o restante do corpo de Cristo, pois *todos* os cristãos são chamados a serem ministros. Os lugares em que os cristãos trabalham, estudam e moram são suas paróquias. Se pudéssemos mobilizar todos os cristãos a ministrarem onde vivem, teríamos um exército espiritual para proclamar Cristo, atender às necessidades de nossa sociedade e lançar alicerces mais apropriados para nossa ética social. Imagine o impacto sobre a igreja e, portanto, sobre o mundo, se esses dons ministeriais começassem a funcionar como devem. Enquanto essa obra continuar incompleta em qualquer geração, continuaremos a precisar dos apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres que, de acordo com Paulo, foram chamados para esse propósito (4.11-13).

Se você se sente atraído por algum desses dons, deve começar a pedir a Deus que lhe dê direção mais específica a respeito de como buscá-lo. Também é prudente, quando possível, aprender com outros. A primeira geração de cristãos foi ensinada diretamente por aqueles que conheceram Jesus; precisamos estudar esses ensinamentos e aprender sobre a cultura e os contextos dos quais eles tratavam inicialmente. O chamado é nosso ponto de partida, mas a preparação também leva tempo (especialmente no caso de alguns dons), seja por anos de sofrimento (José, Davi) ou de espera (Abraão e Sara, Paulo; cp. At 9.30; 11.25; 13.1,2; Gl 1.18; 2.1). O preparo acadêmico muitas vezes é proveitoso (At 7.22; 17.28; 18.24; 22.3),

mas nenhum instituto bíblico ou seminário pode transformá-lo em um homem ou uma mulher de Deus; somente Deus pode fazê-lo, e precisamos encarecidamente de seus dons e de seu chamado.

A busca de dons

Quaisquer que sejam outros motivos pelos quais muitos de nós não experimentamos dons específicos, uma das razões pode ser porque não os buscamos como Paulo ordena (1Co 12.31; 14.1). Sem dúvida, Paulo deseja que a igreja como um todo busque os dons, portanto essa sua exortação talvez não signifique que Deus concederá, necessariamente, cada um dos dons que cada cristão deseja (12.11). Ademais, Paulo certamente não dá a entender que todos os cristãos devem exercitar todos os dons (12.28-30). Com frequência, porém, Deus atende pedidos de oração, especialmente quando os cristãos fazem esses pedidos para honrá-lo. Paulo nos fornece algumas diretrizes para os tipos de dons que Deus pode se mostrar mais desejoso de nos conceder.

Alguns traduzem o verbo em 1Coríntios 12.31 como uma declaração ("vocês desejam"), e não como uma ordem ("desejem"). O mesmo termo, contudo, ocorre em 14.1 (em que é claramente uma ordem, como em 14.39) e forma uma moldura literária ao redor do capítulo 13. O capítulo entre essas duas ordens define quais são os "melhores" dons que devemos buscar: aqueles que edificam a igreja por meio do amor. Nas igrejas em que não surgirem divisões por preconceito ao dom, a profecia certamente contribui para a edificação dos membros e, portanto, está no rol dos "melhores" dons nesses contextos (14.1). (Em algumas igrejas e denominações de hoje, até mesmo o dom de profecia provoca divisões, portanto, pelo menos em curto prazo, talvez não seja o "melhor" dom nesses locais. Será preciso ao menos preparar o terreno com ensino a respeito desse dom e de seu uso apropriado e estar prontos a usar de discernimento.)

Alguns autores levantam objeções ao dizerem que a Bíblia não fornece exemplos de pessoas que buscam dons. Contudo, assim como argumento em outras partes deste livro que devemos acolher o ensino das narrativas sobre questões das quais as cartas de Paulo não tratam diretamente, também devemos aceitar [o que dizem] as cartas de Paulo sobre determinadas questões, mesmo que as narrativas não tratem delas. Não temos muitas narrativas para consultar sobre esse assunto. Além dos Evangelhos, Atos é o único livro narrativo do Novo Testamento, e ele não fornece exemplos da busca de dons de modo piedoso (quando ocorreu o dom de línguas, manifestou-se espontaneamente com a vinda do Espírito). Contém

poucos exemplos de qualquer coisa fora do âmbito de Lucas e mostra os dons principalmente sendo usados para o evangelismo, e não na igreja. (Encontramos um par de exemplos negativos de pessoas que procuraram obter dons apostólicos de poder sem buscá-los em Deus: 8.18-24; 19.13-19).

Existem, porém, alguns modelos bíblicos de busca por capacitação do Espírito. No Antigo Testamento, Eliseu se apegou a seu mentor e buscou a capacitação de Elias, apesar de Elias não o haver garantido (2Rs 2.1-14). E, no Novo Testamento, quando os samaritanos não receberam a dádiva do Espírito de imediato, dois apóstolos foram até Samaria para certificar-se de que isso acontecesse (At 8.14-17). Essas e outras experiências semelhantes servem de modelo (veja o Apêndice), indicando que devemos buscar a mesma capacitação que a igreja primitiva tinha, se carecemos dela (cp. Lc 11.13). Um discípulo de Jesus chega a pedir para ter a oportunidade de aprender fé miraculosa e, embora de modo imperfeito, caminha sobre as águas por mais tempo que a maioria de nós, seus críticos, jamais caminhamos (Mt 14.28-31).

O fato de que Deus é soberano sobre a distribuição de dons (1Co 12.7) não é motivo para deixar de buscá-los. Deus também é soberano sobre nossos alimentos, mas, embora ele queira prover para seus filhos (cf. Mt 6.25-34) e deseje que busquemos seu reino em primeiro lugar (6.9,10,33), espera que peçamos sua provisão de alimento (6.11; 7.7-11). Quem argumenta que jamais devemos buscar dons, que Deus os dará, peçamos ou não, talvez expresse uma falsa piedade, como alguns membros acomodados de igrejas norte-americanas dos séculos 18 e 19 que concluíram: "Se Deus nos predestinou, ele nos salvará, portanto de nada adianta tentar fazer algo a esse respeito". A Bíblia ensina tanto a soberania de Deus como nossa responsabilidade de orar. Se Deus despertou paixão por ele em nosso coração, nosso ato de buscá-lo também é uma dádiva dele. Deus não atende a todos os pedidos, mas isso não é motivo para deixar de pedir.[9] Na própria busca, aprendemos mais a seu respeito e, muitas vezes, se perseverarmos na fé, Deus começa a nos capacitar com esse dom ou com outros em seu lugar.

Dons e além

A própria diversidade dos dons que Paulo menciona nos chama a ser abertos para uma obra de Deus que vá além do modo como ele operou em nosso meio no

[9]Cp. Michael Green, *I believe in the Holy Spirit*, 2. ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1989), p. 252-3; Carson, *Showing the Spirit*, p. 41-42. Quanto ao uso do imperativo em 1Coríntios 12.31 e 14.1,39, veja tb. Carson, *Showing the Spirit*, p. 57-8.

passado. Embora não devamos minimizar a importância de nenhum dom que Deus tenha para nós, é fácil nos concentrarmos tanto em determinado dom a ponto de não percebermos áreas amplas de experiência espiritual na Bíblia que não têm relação com esse dom específico. Paulo não apenas orava em línguas (1Co 14.18), mas também experimentava revelações mais profundas no Espírito (2Co 12.1). No entanto, preferia reservar essas experiências principalmente para sua devoção particular e exultar em seus sofrimentos e fraquezas, nos quais somente Deus era glorificado (2Co 12.1-10).

Alguns de nós se contentam simplesmente em orar em línguas ou exercer algum outro dom sem considerar que talvez haja mais coisas a aprender com o Espírito de Deus. Quando Ezequiel viu a majestade impressionante do Senhor, ficou tão maravilhado que se prostrou com o rosto em terra diante de Deus (Ez 1.28), mas o Espírito lhe capacitou para suportar a glória da revelação e, desse modo, receber o que Deus tinha a dizer (2.1,2). Aqui, o Espírito não apenas revela a majestade de nosso Deus, mas também nos capacita com a mensagem de Deus para nossa geração.

A diversidade da obra do Espírito não deve surpreender quem ler o Antigo Testamento. Embora o Espírito de Deus estivesse ativo em toda a criação (Gn 1.2; Sl 104.30; 139.7; talvez Jó 33.4; Is 34.16; 40.7), o Antigo Testamento o associa especialmente à profecia (Nm 11.25-29; 24.2; 1Sm 10.6,10; 19.20,23; 2Sm 23.2; 1Rs 22.24; 1Cr 12.18; 2Cr 15.1; 18.23; 20.14; 24.20; Ne 9.30; Is 61.1; Mq 3.8; Zc 7.12), a revelações (Ez 2.2; 3.12,14,24; 8.3; 11.1,5,24; 37.1; 43.5), a outros pronunciamentos em nome de Deus (Is 42.1; 44.1-5; 48.16; 59.21; veja 43.10) e, talvez, a capacitação concedida aos profetas para realizar milagres (2Rs 2.9,15; cp. 1Rs 18.12).

Contudo, o Antigo Testamento também mostra que o Espírito confere várias aptidões a indivíduos, inclusive para arte e arquitetura dedicadas a Deus (Êx 31.3; 35.31; veja 28.3) e liderança militar e política (Nm 27.18; Dt 34.9; Jz 3.10; 6.34; 11.29; 13.25; 14.6,19; 15.14; 1Sm 11.6; 16.13,14; Is 11.2; Zc 4.6; talvez Sl 51.11). Por vezes, a capacitação profética se evidenciava em capacitação para liderança (Nm 11.17,25,26; 1Sm 10.6,10). Paulo reflete a mesma ênfase sobre a diversidade das obras do Espírito, embora, como no Antigo Testamento, predominem as várias formas de discurso profético.

Conclusão

Deus proveu muitos dons para a edificação de sua igreja. Embora a discussão acima seja apenas uma amostra, esperamos que sirva para evidenciar a ampla gama

de dons diversos que Deus tem para seu povo. Devemos aprender a ter confiança nos dons e no chamado que Deus nos concede para sua obra, pois confiamos no Deus que os concede. Jamais devemos nos atrever a rebaixar ou exaltar nossos dons específicos. Deus incumbe cada um de nós com diferentes tarefas e nos julga conforme nossa fidelidade em realizá-las, e não conforme a impressão que nossa tarefa pareça causar. Ao mesmo tempo, Paulo também nos chama a considerar quais dons são mais necessários para a igreja em nossa época. Depois de refletir a esse respeito, devemos pedir que Deus conceda esses dons a seu corpo e estar abertos para que Deus nos use, caso lhe aprouver.

Devemos procurar cultivar especialmente os dons que mais edificam o corpo de Cristo. Devemos aceitar e incentivar os dons uns dos outros e, em nossa busca por dons, honrar a unidade do corpo de Cristo. Os dons não devem ser segregados aos círculos "carismáticos" da igreja; pertencem a todo o corpo de Cristo, uma realidade da qual muitos crentes, tanto carismáticos como não carismáticos, com frequência não se dão conta.

Ainda assim, o objetivo maior da obra do Espírito em nossa vida não é o poder para realizar milagres, mas um coração transformado que aprende a amar. O poder espiritual sem amor é perigoso, mas o amor sem certo grau de poder espiritual para realizar seus propósitos é impotente. Uma vez que nosso coração estiver sintonizado com o coração de Deus em amor, seremos capazes de buscar diversos dons espirituais para sua glória, a fim de servir nossos irmãos em Cristo e mudar o mundo ao nosso redor, que necessita encarecidamente ser transformado pelo poder de Cristo. Podemos orar juntos para que Deus estabeleça seu reino, e não nossos próprios reinos, e para que sejamos, uns para com os outros, as dádivas que Deus nos chamou para sermos.

7

O Espírito e a salvação

Como observamos acima ao tratarmos do fruto do Espírito, a maior obra que o Espírito faz nesta era é nos transformar em novas criaturas em Cristo. Refiro-me a essa obra como a maior de todas porque está em conformidade com o maior de todos os atos de poder de Deus, a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (Ef 1.19-23; 2.1,6). Quando Deus trouxe o mundo à existência por meio de sua palavra, foi um ato de poder. A nova criação por vir, contudo, reflete uma expressão ainda maior do poder de Deus, e o poder dessa nova criação, iniciada na ressurreição de Jesus Cristo, continua em nós (Ef 3.16,20; 4.22-24). Poucos de nós reconhecemos a grandeza do poder de Deus operando em nós!

O fruto do Espírito reflete a continuidade do poder divino de criação em nossa vida. No entanto, também é importante identificar o início dessa atividade de criação em nossa vida, quando reconhecemos Jesus Cristo como Senhor, o próprio Deus entra em nossa vida e nos transforma em novas criações. Temos de voltar os olhos não apenas para o que Deus está nos capacitando a nos tornarmos, mas também para a transformação que ele já começou a fazer em nós.

Diversos aspectos da obra do Espírito

Aos leitores que se sentirem tentados a pular para o capítulo seguinte, por acharem que já sabem tudo a respeito de uma questão básica como a conversão, recomendo ainda assim a leitura deste capítulo. Mesmo que você entenda tudo de conversão, achará interessantes as discussões das passagens bíblicas que a apresentam. Embora muitas passagens bíblicas deem testemunho da obra de transformação realizada pelo Espírito na salvação, neste breve capítulo voltarei a atenção para apenas dois exemplos. Ambos são pré-requisitos necessários para o capítulo seguinte sobre o batismo no Espírito Santo.

Visto que os judeus usavam o batismo com água para simbolizar purificação, conversão e transformação, esta era uma analogia conveniente para a purificação e a transformação realizada pelo Espírito na conversão. Analisaremos esse tema no Evangelho de João, onde tem seu desenvolvimento mais completo, mas também no modo como é articulado na pregação de João Batista. No capítulo seguinte, examinaremos alguns exemplos em Atos que podem ser usados para corroborar uma experiência subsequente, possivelmente um "batismo no Espírito Santo". O presente capítulo trata de dois exemplos que podem ser usados para corroborar o batismo pelo Espírito na conversão.

Deixarei a discussão da maior parte das questões para o capítulo seguinte; aqui, enfatizarei de modo sucinto a obra do Espírito na conversão. Buscando um foco mais específico do que de outras partes do Novo Testamento, Lucas-Atos enfatiza a obra do Espírito de nos capacitar para falar em nome de Deus (veja cap. 3 sobre Espírito e evangelismo). Mas, embora a maioria dos outros escritores do Novo Testamento faça o mesmo, ou seja, associe o Espírito a falar em nome de Deus (talvez mais especificamente, e.g., Jo 15.26,27), eles também enfatizam o papel do Espírito em nossa conversão.

Se a expressão "batismo no Espírito Santo" se aplica a toda a obra do Espírito em nossa vida, é perfeitamente plausível que diferentes passagens se apliquem a diferentes aspectos de sua obra em nossa vida. Algumas distinções são, em sua maior parte, semânticas: a maioria dos cristãos concorda que o Espírito nos transforma na conversão, mas continua a operar em nós, e que talvez tenhamos experiências especiais com o Espírito depois da conversão. Portanto, peço aos leitores de ambos os lados da discussão do batismo no Espírito que me ouçam até o final destes dois capítulos. Antes que nós cristãos possamos caminhar para um consenso, precisamos apresentar todas as provas cabíveis para os dois lados da discussão.

Purificados pelo Espírito

Jesus apresenta o tema do novo nascimento em sua conversa com Nicodemos (Jo 3.3-5; cp. 1.12,13; Gl 4.29; Tt 3.5; 1Pe 1.3,23). Esse diálogo a respeito de "nascer de novo" é bastante conhecido, mas muitos cristãos não se dão conta de que João fala da purificação espiritual em várias outras ocasiões além dessa passagem.

Uma das formas pelas quais João descreve o novo nascimento é o nascer "da água" (3.5). Essa referência à água reflete um tema presente em todo o Evangelho

de João: a ablução que Deus nos oferece não é um mero ritual; é uma transformação por seu Espírito![1]

Nascidos da água e do Espírito (Jo 3.3-5)

Quando Nicodemos vai até Jesus à noite, Jesus lhe diz que ele precisa "nascer de novo" (Jo 3.3). Embora hoje entendamos que Jesus estava se referindo ao renascer espiritual, uma transformação miraculosa de nosso caráter pelo Espírito de Deus, Nicodemos não entendeu esse conceito. Imaginou que Jesus estivesse dizendo que ele precisava voltar ao ventre de sua mãe para nascer outra vez fisicamente (3.4). Para ele, imaginar outra coisa era impensável. O único tipo de renascimento espiritual que Nicodemos conhecia era aplicável apenas a pagãos, não a judeus religiosos como ele próprio. Para os judeus de modo geral, um gentio que se convertia ao judaísmo precisava ser batizado. Visto que os gentios eram impuros, precisavam lavar essa impureza quando se convertiam à fé judaica. Depois que um gentio se convertia, alguns mestres o consideravam uma "criança nascida de novo" com uma condição legal nova e "limpa".

Nicodemos, como os religiosos que João Batista admoestou em Mateus 3.9, não era capaz de imaginar que precisava "nascer de novo" nesse sentido; esse batismo de arrependimento era somente para os gentios! Por isso Jesus esclarece o conceito de nascer de novo: é preciso nascer "da água e do Espírito". A "água" deve ter lembrado Nicodemos de imediato da parte batismal da cerimônia judaica usada para os gentios que "renasciam" legalmente como judeus. Se Nicodemos entendeu a comparação, não deve ter gostado muito dela, pois Jesus estava dizendo que até mesmo um mestre de Israel precisava se arrepender a fim de se tornar filho de Deus.

No entanto, Jesus não estava pedindo a Nicodemos apenas que fosse batizado com água conforme o ritual judaico, por mais constrangedor que teria sido para Nicodemos. Jesus desejava que ele nascesse da água espiritual, que fosse espiritualmente convertido pela "água do Espírito". No grego, os termos "Espírito" e "água" estão regidos pela mesma preposição. Por isso, a expressão "da água e do Espírito" também pode ser traduzida como "da água do Espírito". Para não deixar

[1]Apresentei uma documentação mais completa dessa abordagem de João ao Espírito e à purificação em *The Spirit in the Gospels and Acts: divine purity and power* (Peabody: Hendrickson, 1997), p. 135-89 [edição em português: *O Espírito nos Evangelhos e em Atos: pureza e poder divino*, tradução de Susana Klassen (São Paulo: Vida Nova, 2018); quanto ao batismo de prosélitos, ibidem, p. 63-4; ou *A commentary on the Gospel of Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 120-2.

dúvida de que esse é o sentido provável aqui, devemos observar que, mais adiante nesse Evangelho, Jesus usa a água como símbolo do Espírito (Jo 7.37-39). Esse uso simbólico da água dá continuidade a uma comparação bíblica que ainda era corrente entre alguns dos contemporâneos de Jesus (Ez 36.25-27). Portanto, Jesus fala em seguida daquele que "é nascido do Espírito" (Jo 3.6). O nascimento natural era absolutamente insuficiente para o reino de Deus e precisava ser complementado pelo novo nascimento no Espírito; o novo nascimento no Espírito de Deus é o início da vida eterna (3.16).

O restante do Evangelho de João desenvolve o mesmo tipo de comparação e enfatiza que a "água" espiritual de Jesus é melhor do que qualquer tipo de "água" ritual oferecida por religiões humanas. João Batista declara que, enquanto ele batiza apenas com água (o que é bom), Jesus batizará com o Espírito Santo (o que é melhor, Jo 1.31-33). De modo semelhante, em Caná Jesus honra a necessidade de um amigo acima das tradicionais lavagens rituais judaicas. Embora as festas de casamento costumassem durar sete dias, ficar sem vinho durante a festa era tão humilhante que o amigo de Jesus teria se tornado alvo de piadas em Caná por muitos anos. Por isso Jesus pede que os servos encham de água seis talhas reservadas para a cerimônia de purificação (2.6). Aos olhos da tradição judaica, a transformação dessa água em vinho profanava o tradicional propósito santo das talhas, mas Jesus não estava preocupado com pureza ritual nem com tradição. Tinha prioridades maiores do que honrar usos meramente rituais da água.

Poços de água (João 4)

No capítulo 4, Jesus encontra uma mulher samaritana pecadora. Transpõe três barreiras para alcançá-la, embora, a princípio, ela não entenda a intenção dele. Primeiro, ela era mulher, e muitos mestres judeus consideravam imoral falar com uma mulher em público (até os discípulos ficaram surpresos; 4.27). O fato de ser samaritana piorava a situação; para muitos mestres judeus, as mulheres samaritanas eram impuras desde o nascimento. Pior ainda, Jesus estava conversando com uma pecadora: todos sabiam que uma mulher obrigada a ir sozinha ao poço era desprezada por outras mulheres em razão de seu comportamento pecaminoso (no mínimo, ela vivia com um homem com o qual não era casada; 4.18).

O lugar do encontro talvez tenha feito a bondade de Jesus parecer ainda mais ambígua: Jacó, o servo de Isaque e Moisés encontraram suas esposas junto a poços e, na opinião de alguns mestres judeus, os poços ainda eram um bom lugar para encontrar candidatas a casamento. Logo, não surpreende que, a princípio, a

mulher samaritana o interprete equivocadamente: "Não sou casada", ela afirma (4.17). A resposta de Jesus coloca a discussão de volta nos trilhos. Por fim, ela não apenas crê em Jesus, mas também leva seu povo até ele (4.28-42).

O poço de Jacó, cuja água era sagrada para os samaritanos, é o cenário para essa história. Representa outro aspecto do ritual religioso: os povos antigos costumavam imaginar que era possível encontrar Deus em lugares santos específicos. (Se essa ideia nos parece supersticiosa hoje em dia, devemos nos lembrar quantos cristãos nominais procuram encontrar Deus na igreja no domingo de manhã depois de passarem a semana inteira sem sequer pensar nele.) Jesus é maior do que Jacó e do que o poço de Jacó; ele dá a água da vida eterna, o Espírito (4.14). Desse modo, ele é maior não apenas do que o batismo de João ou do que as talhas de água para rituais, mas é maior também do que a água considerada sagrada pelos samaritanos.

Água que cura (Jo 5.1-9; 9.1-7)

Jesus não é superior apenas à boa ablução pregada por João (1.31-33), à ablução da costumeira purificação judaica (2.6), à água do batismo judaico de prosélitos (3.5) e à água do poço de Jacó (4.14). Ele também é superior à água de antigos santuários de cura, inclusive, talvez, à do tanque de Betesda. Era comum os antigos buscarem cura em tanques sagrados. Se a identificação feita por arqueólogos estiver correta, há indícios de que o tanque de Betesda foi um santuário de cura até mesmo em séculos posteriores, depois que gentios voltaram a se estabelecer em Jerusalém.

Um paralítico que ficava junto ao tanque havia buscado cura ali sem sucesso durante 38 anos. De modo contrastante, Jesus o cura de imediato (5.5-9). João compara e contrasta esse homem com outro que Jesus curou junto a um tanque em João 9. O homem retratado em João 5 havia ficado enfermo como castigo por seu pecado (5.14), enquanto o homem retratado em João 9 havia nascido cego sem ter pecado (9.3). Ambos são curados junto a tanques, mas o primeiro homem praticamente entrega Jesus às autoridades (5.10-16), enquanto o segundo aprofunda seu compromisso com Jesus apesar de ser castigado por fazê-lo (9.24-39). Os dois homens curados ilustram reações contrastantes à transformação que Jesus realiza em nossa vida: podemos continuar a buscá-lo, ou podemos nos afastar dele.

Em João 9, o tanque em questão é o Tanque de Siloé, usado para rituais especiais durante a Festa dos Tabernáculos, que estava terminando nessa ocasião. Durante os sete primeiros dias dessa comemoração, os sacerdotes marchavam em procissão do Tanque de Siloé para o templo. No oitavo dia, recitavam profecias

antigas de que, algum dia, rios de água viva fluiriam da pedra fundamental do templo e trariam vida a toda a terra (Ez 47.1-6; Zc 14.8).

Rios de água viva (Jo 7.37-39)

No último dia da Festa dos Tabernáculos, Jesus se colocou no meio da congregação reunida no templo e anunciou aos presentes a promessa do Espírito (7.37-39). Mas de quem flui o Espírito nessa passagem? Os textos gregos mais antigos não têm pontuação, de modo que há divisão entre os estudiosos acerca de como o texto deve ser pontuado. Muitos seguem a leitura tradicional: "Que todo aquele que tem sede venha a mim e beba. Acerca daquele que crê em mim, a Escritura diz: 'De seu interior fluirão rios de água viva'" (7.37,38). A NRSV chega a inserir essa ideia no texto: "do coração do crente fluirão".

Neste contexto, porém, creio que a outra abordagem antiga à pontuação, adotada por muitos pais gregos da igreja, é mais provável: "Quem tem sede, venha a mim; que beba, todo aquele que crê em mim. Como a Escritura diz: 'De seu interior fluirão rios de água viva'". Esta segunda forma de pontuação nos ajuda a entender que Jesus é a pedra fundamental de um novo templo, a fonte de água viva para o crente. É possível que o crente tenha uma fonte que jorra dentro dele (4.14), mas Jesus é a fonte de água viva e, de acordo com esse texto, quem crê nele receberá (e não dará) o Espírito (7.39). Os sacerdotes haviam acabado de ler textos a respeito da água que fluirá do templo de Deus no fim dos tempos; embora sejamos templo de Jesus, ele é o alicerce desse novo templo. Qualquer que seja a pontuação que adotemos para o texto, fica claro que Jesus é a fonte de água.

De acordo com João, o Espírito só poderia ser concedido depois que Jesus fosse glorificado (7.39), ou seja, depois que ele fosse "levantado" na cruz (12.23-25,32,33; veja tb. 8.28; 17.1-5). Mais adiante em seu Evangelho, João ilustra de modo vívido a dádiva do Espírito depois da crucificação de Jesus. As narrativas, de modo diferente de livros proféticos como Apocalipse, não costumam ser muito ricas em simbolismo. Entre os livros narrativos João é, por vezes, uma exceção. Por exemplo, tendo em vista o uso simbólico que Jesus faz do termo "noite" (9.4; 11.10), não é de surpreender que o Evangelho mencione "noite" em casos de covardia (3.2) ou perversidade (13.30).

Depois da morte de Jesus na cruz, João descreve um acontecimento que os outros Evangelhos não relatam, pois tem relevância especial para seus leitores. Quando um soldado transpassa o lado de Jesus com uma lança, corre não apenas sangue, mas também água (19.34). Qualquer que seja o motivo fisiológico para a

presença de água, as ilustrações de João a respeito de água em outras partes de seu Evangelho nos conduzem ao ápice do tema aqui: a água que sai do lado de Jesus representa a dádiva do Espírito, enfim disponível depois da morte de Jesus. Do trono de Deus e do Cordeiro flui a fonte do rio da vida; quem tem sede, que venha e beba à vontade (cp. Ap 22.1,17).

Esse tema da purificação pela água do Espírito concedida por Jesus, em contraste com a mera água ritual, aparece em todo o Evangelho. Portanto, quando lemos o relato de Nicodemos, devemos entender o quanto é fundamental a mensagem de João 3.5: o verdadeiro batismo prosélito, a verdadeira conversão, é realizado somente pelo Espírito. Quando nos tornamos crentes, não foram nossa autodisciplina, nossas emoções e nossa convicção intelectual que nos transformaram; a transformação foi obra do Espírito de Deus que entrou em nós. Devemos reconhecer pela fé a obra decisiva que Deus realizou em nós "no momento em que cremos".

A obra contínua do Espírito (Jo 14—20)

Jesus concede o Espírito como água viva a seu povo, uma dádiva que aceitamos na conversão (4.13,14; veja tb. 1Co 12.13). No entanto, o novo nascimento é o começo, e não o fim, de nossa experiência com o Espírito. Ele continua a fluir como a fonte de um rio (cp. Jo 7.37,38). Os verdadeiros participantes da vida eterna são aqueles que continuarem a comer e beber de Cristo (6.53-71; cp. 8.31 com 8.59). Jesus prometeu que, depois que ele fosse para o Pai, o Espírito continuaria a capacitar seus discípulos tanto para entenderem sua mensagem (14.26; 16.12-15) quanto para darem testemunho dele (15.26—16.11). Essa parte do Evangelho de João enfatiza a presença contínua de Jesus conosco por meio do Espírito (14.16-23) e nossa dependência contínua dele para uma vida espiritual frutífera (15.1-7; veja tb. caps. 1 e 2).

Embora Lucas forneça uma versão mais completa sobre o poder concedido pelo Espírito algum tempo depois, João 20.19-23 faz a ligação entre menções anteriores do Espírito que dizem respeito ao Evangelho de João. Visto que João encerra seu Evangelho antes da ascensão de Jesus, ele não inclui Pentecostes. Portanto, enfatiza as maneiras pelas quais a promessa do Espírito começou a se cumprir logo depois que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Assim, ele inclui um incidente que aconteceu logo após a ressurreição, quando Jesus veio para conceder o Espírito a seus discípulos ao soprar sobre eles do mesmo modo que Deus soprara o fôlego de vida em Adão (Gn 2.7; Jo 20.22; veja Jó 27.3; Is 32.15; Ez

37.5-14; Jo 3.8). Desse modo, os discípulos "nasceram de novo" com nova vida e foram equipados para sua missão: "Como o Pai me enviou, eu os enviei" (20.21).

"Ele batizará no Espírito Santo e no fogo" (Mt 3.11)

Muitos cristãos de hoje falam de ser batizados em fogo como se fosse uma experiência agradável, mas não era esse o sentido pretendido por João Batista. De modo contrastante, todos concordam que o batismo no Espírito de Deus é algo positivo. Como saber ao certo o significado de "batismo no fogo"? Ao contrário da introdução sucinta que Marcos faz a seu Evangelho (sobre a qual falamos anteriormente), Mateus e Lucas descrevem em mais detalhes a proclamação do Espírito por João Batista no deserto. Com base no contexto em Mateus, entendemos que ele apresentou essa promessa de batismo em fogo para uma multidão majoritariamente hostil.

No tempo de João, a maioria das pessoas considerava as profecias algo raro e, os profetas, algo mais raro ainda. Muitos acreditavam que o surgimento de verdadeiros profetas no deserto prefigurava a vinda do reino de Deus. Portanto, quando João Batista começou a profetizar no deserto a respeito do reino vindouro de Deus, pessoas de todas as regiões foram até ele. Uma vez que João se vestia como o Elias dos tempos antigos (2Rs 1.8; Mt 3.4), é provável que muitos de seus seguidores o considerassem um novo Elias. Afinal, os profetas haviam prometido que Elias voltaria pouco antes do fim dos tempos (Ml 4.5,6). A alimentação de João também refletia seu compromisso sério com sua missão (Mt 3.4). Embora alguns outros judeus também comessem gafanhotos, uma dieta restrita a insetos e adoçante natural (mel) demonstrava dedicação total.

É evidente que João não tinha muita escolha quanto a sua alimentação ou seu local de atuação; profetas que dizem a verdade raramente são bem recebidos nas sociedades instituídas. Quando verdadeiros profetas como João Batista começam a falar na sociedade atual, geralmente os expulsamos, exatamente como fizeram nossos pares de outrora. (Imagine qual seria nossa reação se um profeta virasse a mesa da ceia na igreja no domingo de manhã e questionasse como podemos nos chamar discípulos de Cristo enquanto levamos uma vida materialista, ou como somos capazes de participar do corpo de Cristo enquanto frequentamos uma igreja deliberadamente racista, dentro de uma comunidade em que há segregação racial.)

Além de João não ser bem-vindo em grande parte da sociedade, condenava até mesmo alguns de seus ouvintes! Ao observar as multidões (Mateus se concentra

nos líderes religiosos que tinham ido até lá para avaliá-lo), João as chama "ninhada de víboras" (3.7), um insulto maior do que os leitores contemporâneos podem imaginar. No tempo de João, muitos pensavam que as víboras comiam a carne da própria mãe para sair do ventre dela e, com isso, matavam-na. Visto que, para os antigos não havia indivíduos moralmente mais perversos do que os parricidas, chamar alguém de filho de uma víbora era ainda pior que chamá-lo de víbora. Sem dúvida, os religiosos não acharam a menor graça, mas João não se limitou a esse insulto. Os religiosos daquela época, como a maioria dos religiosos de hoje, tinham certeza absoluta de sua salvação. Os judeus se consideravam salvos por serem descendentes de Abraão (3.9). João adverte, porém, que somente o arrependimento verdadeiro os poupará da ira vindoura (3.7,8).

João não deixa espaço para ambiguidade quanto à "ira vindoura" e explica a seus ouvintes que tipo de ira devem esperar. Compara-os a árvores e diz que, se não derem fruto de arrependimento, serão cortados e lançados no fogo do julgamento (3.10). Aquele que está por vir juntará seu trigo num celeiro, mas queimará a palha com fogo inextinguível (3.12). Quando agricultores colhiam trigo, lançavam-no no ar, para o alto, a fim de que o vento levasse embora a palha, uma substância leve usada apenas como combustível barato que queimava rapidamente. João afirma a seus ouvintes que quem não se arrepender e produzir fruto de arrependimento em seu modo de agir será lançado no fogo que nunca se apaga, o fogo do inferno.

Esse é o contexto da profecia de João a respeito do batismo no Espírito Santo. O tempo prometido do reino e da restauração de Israel se aproximava (3.2). Deus estava se preparando para reunir seus servos e queimar os perversos com fogo. Em passagens diferentes "fogo" pode representar coisas diferentes, mas neste contexto (bem como de modo mais frequente na Bíblia), simboliza juízo (3.10,12). Nem todos os ouvintes de João se arrependerão. Alguns serão trigo, outros serão palha. Alguns serão batizados no Espírito, outros serão batizados no fogo.

Portanto, quando João anuncia que aquele que está para vir batizará no Espírito e no fogo, seus ouvintes entenderam que não se tratava apenas de boas notícias. Nesse contexto, o batismo no fogo só pode ser uma promessa negativa de um batismo de juízo para os perversos, enquanto o batismo no Espírito é uma promessa positiva para os justos. (Meus alunos por vezes lamentam que a denominação chamada Igreja da Santidade Batizada no Fogo seja um nome equivocado. No entanto, a maioria das igrejas que menciona o batismo no fogo em seu nome se refere à santidade, algo em que todos nós cremos. A questão é se devemos basear o título nessa passagem.)

O que João quis dizer com "batismo" no Espírito Santo? Sem dúvida, ele tinha em mente as profecias do Antigo Testamento a respeito de como Deus "derramaria" seu Espírito como água sobre seu povo (Is 44.3; Ez 39.29; Jl 2.28). Logo, talvez tivesse em vista tanto a capacitação profética, como é o caso em Joel e, possivelmente, em Isaías (42.1; 44.8), quanto a purificação, como em Ezequiel (36.25-27). A primeira ênfase guarda relação com o que a maioria dos pentecostais (e, creio eu, o livro de Atos) parece entender por batismo no Espírito Santo; a segunda ênfase (a purificação) guarda relação com o que a maioria dos pensadores batistas e reformados (bem como Paulo em 1Co 12.13) entende por batismo no Espírito. A profecia de João a respeito do derramamento do Espírito, porém, deve incluir no mínimo a conversão, pois ele a contrasta nitidamente com o batismo de juízo para os perversos.

Talvez o aspecto mais importante seja que João considerava o batismo no Espírito, de modo semelhante ao batismo no fogo, como um batismo do fim dos tempos, ou seja, um acontecimento que pertencia ao fim iminente da presente era. Ele predisse um batismo no Espírito tão próximo de acontecer quanto o reino de Deus e a ira ardente que ele proclamava. Evidentemente, João não sabia que Jesus teria uma primeira e uma segunda vinda; portanto, não fazia ideia de que o reino viria em dois estágios (observe sua perplexidade em Mt 11.2,3). Ao olharmos para trás, contudo, entendemos que o Rei que virá um dia para reinar já iniciou seu reinado entre seus seguidores, embora os primórdios desse reinado pareçam tão insignificantes (comparados com o reino futuro) quanto uma semente de mostarda antes de tornar-se uma grande planta (Mc 4.30-32).

Embora João talvez não estivesse ciente desse fato, sabemos que diferentes aspectos de sua profecia se cumpriram em diferentes momentos. Como observamos anteriormente, os seguidores de Jesus provaram o poder do reino vindouro (Ef 1.13,14; Hb 6.5). O Rei que ainda está por vir já veio uma vez e, portanto, invadiu a história com seu governo. Enquanto a maioria das pessoas define sua identidade em relação a seu passado ou seu presente, o evangelho chama os crentes a definirem sua identidade em relação ao que seremos, ao que Deus nos chamou para sermos. Pelo poder do Espírito, devemos representar o reino futuro em meio à era presente e perversa.

Conclusão

A Bíblia deixa claro que o Espírito participa da conversão. Intérpretes atuais não discordam quanto a isso, mas, sim, quanto ao significado específico da expressão

"batismo no Espírito Santo". Alguns a aplicam ao que ocorre na conversão, enquanto outros a usam para descrever uma experiência posterior à conversão.

Visto que João Batista contrasta o batismo no Espírito Santo com o fogo do inferno, ele aparentemente aplica esse batismo a todos os verdadeiros crentes. Em João 3.5, texto em que Jesus parece falar de nascer de novo "da água e do Espírito", de modo semelhante a um batismo prosélito "espiritual", tudo indica que ele descreve o novo nascimento como um "batismo no Espírito Santo".

No entanto, existem algumas passagens em Atos em que os cristãos parecem receber a capacitação do Espírito depois da conversão, de maneiras idênticas ao que algumas passagens de Atos denominam "batismo no Espírito Santo". É possível essas duas visões serem bíblicas? É possível que o batismo no Espírito se refira à totalidade da obra do Espírito em nossa vida, talvez iniciada na conversão, mas também descoberta em aspectos da obra do Espírito revelados, por vezes, posteriormente? Voltaremos nossa atenção para esse assunto no próximo capítulo.

8

Quando somos batizados no Espírito?

O que a Bíblia tem a dizer a respeito do batismo no Espírito Santo vai além das controvérsias entre os cristãos de hoje. Portanto, em meio às discussões a respeito de quando e como se é batizado no Espírito, frequentemente perdemos de vista o *motivo* pelo qual o Senhor batiza seus seguidores no Espírito. Por isso, antes de chegarmos a essa questão mais polêmica, voltamos o foco sobre o poder para o evangelismo, o fruto do Espírito e outros aspectos da obra do Espírito.

Agora, porém, precisamos tratar deste assunto que é tema frequente de discussões. O Espírito me transformou em minha conversão, mas experimentei algo que pareceu ser um encontro ainda mais avassalador com ele dois dias depois, quando entendi melhor a natureza do compromisso que havia assumido. Qual dessas experiências foi o "batismo no Espírito"? Somos batizados no Espírito na conversão ou depois dela? Ou será que a Bíblia nos desafia a irmos além dessas duas alternativas?

Uma questão de semântica

Se conseguíssemos deixar para trás as controvérsias semânticas em nossas discussões a respeito do momento do batismo no Espírito Santo, teríamos mais tempo para tratar de questões mais práticas associadas à capacitação concedida pelo Espírito. A grande maioria dos cristãos concorda, por exemplo, que pelo fato de terem nascido de novo todos os crentes têm o Espírito. Também concordamos que todos nós devemos experimentar com regularidade uma vida cheia do Espírito, andar no Espírito, viver na dependência do poder do Espírito em nosso testemunho e comportamento, e estar abertos para experiências do Espírito de Deus posteriores à

conversão. Desejamos cultivar uma dependência diária mais profunda do Espírito de Deus e entender quão profundamente precisamos dele para servir a Deus neste mundo e para viver a vida cristã. Na prática, concordamos quanto à maior parte das questões que nos afetam de modo mais relevante. Em outras palavras, as áreas de divergência mais importantes hoje talvez sejam mera questão de semântica.

Esse não é o único caso de divisão entre os cristãos a respeito de palavras ou expressões, em vez de questões que estão por trás dessa linguagem, até mesmo em assuntos associados ao Espírito. Alguns não carismáticos, por exemplo, censuram os carismáticos por usarem termos como *revelação* e *inspiração* para outra coisa que não as Escrituras; no entanto, concordam que o Espírito de Deus pode dirigir nossa vida diária, e é isso que a maioria dos carismáticos têm em mente ao usar esses termos. Sem dúvida, é proveitoso estabelecer a diferença entre nossa experiência da direção do Espírito e a Bíblia, a qual é o parâmetro para todas as demais alegações de pronunciamento divino. No entanto, não devemos condenar outros por usarem termos da mesma forma que muitas de nossas próprias versões bíblicas.

Como no exemplo acima, todos concordamos que a Bíblia é o padrão para avaliar as alegações sobre a direção do Espírito em nossa vida; a Bíblia é a "revelação" escrita suprema. Contudo, embora alguns limitem o termo *revelação* somente à Bíblia, o termo bíblico traduzido como "revelação" não se restringe às Escrituras. Pode se referir a um encontro com Cristo como o que Paulo teve na estrada para Damasco (Gl 1.12,16) ou a informações reveladas em profecias (1Co 14.26,30; cp. talvez Gl 2.2 com At 11.28-30).

De modo semelhante, muitos cristãos aplicam o termo *santificação* ao conceito bíblico de amadurecimento em Cristo. Contudo, embora esse amadurecimento seja um conceito bíblico, o uso de uma concordância mostra que o Novo Testamento quase nunca usa o termo que traduzimos por "santificação" para descrever essa ideia. Um levantamento de referências do Novo Testamento à santificação mostra que, na maioria dos textos, ela diz respeito ao fato de sermos separados para Deus na conversão. Outras passagens, porém, de fato indicam que devemos aprender a viver da forma como Deus nos chamou a viver em nossa conversão (algumas delas nos exortam a "ser santos", adjetivo que guarda relação com o verbo *santificar*). Será que precisamos mesmo brigar a respeito dos termos específicos que usamos para descrever essa realidade?

Muitas vezes, pressupomos determinadas definições práticas de termos que nem todos aceitam. Ao adotar alguns termos e expressões razoavelmente neutros, como "conversão" e "ser cheio do Espírito", poderíamos tratar das questões centrais com muito menos conflito. Portanto, quando ensino em público, geralmente

contorno o aspecto semântico e enfatizo a questão prática de buscar o poder de Deus para realizar sua obra. Afinal, a Bíblia nos proíbe de discutir sobre semântica (2Tm 2.14).

Essa solução prática não esclarece, contudo, o que a Bíblia quer dizer com expressões como "batismo no Espírito Santo". Será que interpretações diversas dessa expressão talvez não sejam, também, diferenças semânticas? Proponho que esse é o caso, embora o conjunto de evidências bíblicas a respeito dessa expressão seja pequeno a ponto de me obrigar a reconhecer que outras propostas também são viáveis.

Diferentes pontos de vista acerca da questão de "quando"

A controvérsia a respeito de quando o batismo no Espírito Santo ocorre na vida do crente já é antiga e não dá sinais de arrefecer. Na verdade, embora alguns falem como se apenas os pentecostais aceitassem uma obra decisiva do Espírito posterior à conversão, essa ideia era comum mais de um século antes do surgimento do movimento pentecostal moderno.

John Wesley e muitos de seus seguidores tinham convicção de que a Bíblia ensinava acerca de uma segunda obra da graça na vida do crente, posterior à conversão, na qual o Espírito conduzia o crente a um nível mais elevado de pureza interior.[1] Richard Baxter e outros puritanos e reformados que criam que a experiência do batismo no Espírito seria sinônima ao "selo do Espírito", mencionado pelo apóstolo Paulo em Efésios 1.13, também imaginavam haver uma obra subsequente. A busca por essa experiência mais profunda de santidade se tornou um elemento comum nos avivamentos norte-americanos da metade até o fim do século 19. Alguns passaram a usar o título "batismo no Espírito Santo" para designar essa concessão subsequente de poder. No final do século 19 e início do século 20, alguns pastores reformados como R. A. Torrey,

[1]Para as perspectivas wesleyana, anglicana e católica da segunda experiência, veja W. J. Hollenweger, *The Pentecostals* (Peabody: Hendrickson, 1988), p. 21, 26, nota 2; veja em mais detalhes H. I. Lederle, *Treasures old and new: interpretations of "Spirit-baptism" in the charismatic renewal movement* (Peabody: Hendrickson, 1988), que fornece um levantamento completo dos pontos de vista; Vinson Synan, *The Holiness-Pentecostal movement in the United States* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 18-21; e para a análise mais completa das raízes dessa terminologia nas tradições wesleyana e do movimento de santidade, veja Donald W. Dayton, *Theological roots of Pentecostalism* (Metuchen: Scarecrow; reimpr.: Peabody: Hendrickson, 1994). Visto que os usos sacramentais habituais da expressão (nos meios católicos e anglicanos) são diferentes das experiências que estão em questão, mas não excluem essas experiências, não os tratamos como parte desta discussão específica.

superintendente do Moody Bible Institute, batistas como A. J. Gordon e outros, também enfatizaram o batismo no Espírito como segunda obra da graça, como fizeram Andrew Murray e F. B. Meyers. Na verdade, alguns dos evangelistas mais prolíficos da história, inclusive Charles Finney, Dwight Moody e Torrey, consideravam o batismo no Espírito Santo como uma capacitação para o serviço que era posterior à conversão.[2]

Os primeiros pentecostais pensaram ter encontrado uma terceira experiência no Espírito (subsequente à conversão e a essa segunda experiência de santificação), embora outros pentecostais (que hoje provavelmente são maioria) tenham concluído que a experiência em questão era a segunda e última, a saber, o batismo no Espírito Santo. Embora ninguém deva culpar outro cristão por buscar mais intensamente a santidade de Deus, muitos outros cristãos duvidam que a expressão específica "batismo no Espírito Santo" se aplique a essa experiência do Espírito de Deus posterior à conversão. Muitos creem que ela se aplique apenas à conversão propriamente dita.

Os movimentos evangelísticos mais eficazes da atualidade estão presentes nos dois lados da discussão; a maioria dos membros da Convenção Batista do Sul, por exemplo, identifica o "batismo no Espírito" com a conversão, enquanto a maioria dos pentecostais o identifica com uma capacitação subsequente. Menciono esse contraste para destacar, antes de prosseguir, que Deus usou amplamente, e continua a usar, cristãos com pontos de vista diferentes acerca dessa questão. À luz da bênção de Deus sobre cristãos com diferentes posicionamentos, tudo indica que o fato de receber de fato o poder do Espírito Santo é mais importante do que nossas opiniões a respeito de *como* o Espírito nos equipa. Isso não significa que esse assunto seja irrelevante, ou que devamos pular o restante deste capítulo. Antes, essa percepção coloca a questão mais ampla na perspectiva correta.

---

[2]Quanto a Finney, veja, e.g., John L. Gresham Jr., *Charles G. Finney's doctrine of the baptism of the Holy Spirit* (Peabody: Hendrickson, 1987); com relação a Torrey e Gordon, veja Gary B. McGee, "Early Pentecostal hermeneutics: tongues as evidence in the Book of Acts", in: Idem, org., *Initial evidence* (Peabody: Hendrickson, 1991), p. 96-118, esp. p. 101; quanto aos puritanos e aos reformados que criam que a experiência do batismo no Espírito seria sinônima ao "selo do Espírito", veja Lederle, *Treasures*, p. 5; Dayton, *Theological roots*, p. 37. Veja tb. Frederick Dale Bruner, *A theology of the Holy Spirit: the Pentecostal experience and the New Testament witness* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 76, 323-41 [edição em português: *Teologia do Espírito Santo*. Tradução de Júlio Paulo Tavares Zabatiero (São Paulo: Vida Nova, 1983)], que discorda da subsequência, mas documenta os posicionamentos de subsequência de Wesley, Finney, Torrey, Andrew Murray, A. J. Gordon e F. B. Meyer.

Diferentes pontos de partida

A maioria dos cristãos evangélicos de hoje adota uma entre duas formas de ver o batismo no Espírito: os cristãos recebem o batismo na conversão (o posicionamento reformado típico) ou os cristãos recebem uma concessão especial de poder posterior à conversão (o posicionamento mais comum dos pentecostais e do movimento de santidade). Aqueles que enfatizam as declarações teológicas da Bíblia (como os comentários de Paulo) em vez de seus exemplos narrativos (como as histórias de Atos) geralmente identificam o batismo no Espírito com a conversão à fé em Cristo. Aqueles que priorizam Atos às declarações paulinas geralmente acreditam que o batismo no Espírito ocorre depois da conversão.

Cada tradição constrói sua argumentação com base em textos bíblicos, mas cada uma escolhe textos diferentes. Argumentarei que ambas as tradições possivelmente interpretaram de modo correto os textos pelos quais optaram e que, de fato, ambos os grupos de intérpretes estão, em sua maior parte, corretos em suas asserções. Tudo indica que o Novo Testamento ensina os dois pontos de vista, pois diferentes textos parecem empregar a expressão "batismo no Espírito Santo" de diferentes maneiras. O fato de que a expressão "batismo no Espírito" possa enfatizar diferentes aspectos da obra do Espírito em diferentes passagens bíblicas não é difícil de aceitar, uma vez que reconheçamos que todas essas ênfases distintas fazem parte da obra do mesmo Espírito. No entanto, antes que alguém se sinta tentado a imaginar que essa minha abordagem é conveniente demais para ser correta, apresentarei motivos pelos quais considero que ela seja a maneira mais imparcial de ler os textos bíblicos em seus próprios termos.

Tendo em vista o uso que João Batista fez dessa expressão (contrastando-a com o juízo com fogo), ele provavelmente considerava que a obra do Espírito abrangia diversos aspectos, inclusive a salvação e quaisquer capacitações posteriores. Quando Jesus diz que Nicodemos deveria nascer de novo da "água do Espírito", está chamando Nicodemos a receber um batismo prosélito "espiritual", ou seja, um batismo no Espírito Santo. De modo semelhante, sempre que os autores do Novo Testamento tratam de ocasiões em que crentes receberam o Espírito, eles invariavelmente dizem que o Espírito veio no momento da conversão (e.g., At 2.38; Gl 3.2). A obra de Cristo é completa (Cl 2.6-23), e nada podemos acrescentar ao que Deus proveu para nós na conversão (Rm 5.5; Gl 3.2-5). Já tratamos dessa questão de modo um pouco mais detalhado no capítulo anterior.

Ainda assim, o pleno acesso ao poder divino transformador na conversão não significa, necessariamente, que cada um de nós se apropriou de todo esse poder na vida diária. Tenho a impressão de que a maioria de nós reconhece que, na prática, nos entregamos de modo crescente à direção do Espírito de Deus com o passar do tempo. Nas narrativas de Atos, exemplos indicam que os cristãos aceitaram alguns aspectos do Espírito em uma experiência posterior à conversão (2.4; 8.15,16; 9.17; 19.4-6, passagens das quais trataremos mais adiante).

Em contrapartida, outras passagens raramente citadas por qualquer dos lados da discussão mostram que a obra do Espírito significa não apenas mais do que a conversão, mas também mais do que uma única experiência subsequente. Atos indica que os crentes podem receber capacitações posteriores a sua "segunda experiência" (4.8,31; 13.9). Semelhantemente, Paulo fala de ter uma vida cheia do Espírito (Ef 5.18) e de caminhar no Espírito já recebido (Gl 5.16-23), passagens que certamente merecem mais ênfase no modo como a maioria de nós vive.

Essas passagens indicam que todo o âmbito da obra do Espírito se torna disponível no momento da conversão, mas que os crentes talvez experimentem certos aspectos da obra do Espírito somente depois da conversão. Uma vez posta de lado a discussão semântica tradicional, essa imagem do Novo Testamento faz sentido para a maior parte de nossa vida pessoal. Pode-se traçar uma comparação entre outros ensinamentos neotestamentários a respeito de apropriar-se regularmente da obra consumada de Cristo. Paulo ensina, por exemplo, que os cristãos morreram para o pecado na conversão, mas poucos discordam que precisamos aprender a nos apropriar dessa realidade em nossa vida diária. (Por mais terrível que isso seja, a maioria dos cristãos que conheço pecou depois de sua conversão.) Os intérpretes que enfatizam o fato de sermos completos em Cristo e a suficiência dos recursos espirituais providos para nós na salvação estão corretos: quando o Espírito entra em nossa vida, Deus nos renova e nos dá pleno acesso aos recursos do Espírito. Ao mesmo tempo, também é bíblico enfatizar que precisamos lançar mão dessa capacitação na prática e que todos os cristãos, por mais cheios que sejam do Espírito de Deus, podem crescer no sentido de buscar a Deus mais profundamente.

Antes de analisarmos os ensinamentos do Novo Testamento a respeito do batismo no Espírito Santo, devemos repassar os antecedentes do que pensavam os contemporâneos de Jesus a respeito do Espírito de Deus. Por enfatizarem certos elementos do que o Antigo Testamento dizia a respeito do Espírito, os primeiros cristãos pressupunham alguns conceitos a respeito do Espírito sem ter de explicá-los em todas as ocasiões. Uma vez que tenhamos entendido alguns

desses conceitos que os autores do Novo Testamento pressupunham, estaremos preparados para nos aprofundar nos pontos de vista neotestamentários sobre o batismo no Espírito.[3]

O que a expressão "batismo no Espírito Santo" significava para os ouvintes do primeiro século?

A expressão "batismo no Espírito Santo" obviamente abrange dois elementos básicos: "batismo" e "Espírito Santo". "Batismo" é o elemento mais fácil de resumir: os judeus batizavam por imersão em água os gentios que desejavam se converter ao judaísmo. A imagem do batismo implicava, portanto, duas ideias para os ouvintes judeus antigos: conversão e imersão. Aqueles que identificam o batismo no Espírito com a conversão podem encontrar corroboração para seus argumentos na primeira ideia (conversão); aqueles que o identificam com uma segunda obra na qual o Espírito envolve completamente o crente (imerso no Espírito) podem lançar mão da segunda ideia (imersão).

O "Espírito Santo", segundo elemento da expressão, era para os contemporâneos judeus de Jesus a forma de Deus purificar seu povo ou (com muito mais frequência) como lhes capacitava para profetizar. A primeira imagem pode corroborar a ideia de que o batismo no Espírito ocorre na conversão; a segunda, que esse batismo reflete uma experiência subsequente de capacitação. Vemos, portanto, que a expressão, por si mesma, não é precisa o bastante para resolver a questão cronológica apresentada acima.

Não obstante, aquilo que os ouvintes do primeiro século sabiam a respeito do Espírito Santo nos ajuda a explicar de que maneira os primeiros discípulos de Jesus entenderam sua promessa, pondo de lado a questão cronológica. A Bíblia diz que os profetas do antigo Israel experimentaram o Espírito (1Sm 19.20-23; Ez 3.12; 1Pe 1.10,11; 2Pe 1.21); é provável que muitos deles desejassem que todo o seu povo experimentasse o Espírito de modo mais pleno

[3]Para uma discussão bem mais detalhada dos primeiros conceitos judaicos do Espírito (e questões abaixo, como a antiguidade do batismo judaico de prosélitos), veja o extenso primeiro capítulo e pontos relevantes em capítulos subsequentes em minha obra *The Spirit in the Gospels and Acts: divine purity and power* (Peabody: Hendrickson, 1997) [edição em português: *O Espírito nos Evangelhos e em Atos: pureza e poder divino*, tradução de Susana Klassen (São Paulo: Vida Nova, 2018). Veja tb. as excelentes obras de R. P. Menzies, *The development of early Christian pneumatology with special reference to Luke-Acts* (Sheffield: Sheffield Academic, 1991), que enfatiza o aspecto profético do Espírito, e de Max Turner, *The Holy Spirit and spiritual gifts* (Peabody: Hendrickson, 1996), que de modo proveitoso enfatiza uma gama mais ampla de atividades do Espírito do que minha obra ou a de Menzies.

(Nm 11.29). No início do sétimo século a.C., Isaías começou a anunciar que Deus tornaria o Espírito mais amplamente disponível. Depois de julgar seu povo, Deus o salvaria e o restauraria e derramaria sobre ele seu Espírito como água sobre o solo seco (Is 44.3; cp. 42.1; 59.21). Durante o Exílio na Babilônia, o profeta Ezequiel anunciou a mesma mensagem: Deus lavaria seu povo com a água pura de seu Espírito (Ez 36.26,27), o faria reviver com seu Espírito (37.14) e derramaria seu Espírito sobre ele (39.29). O profeta Joel anunciou que Deus derramaria seu Espírito sobre os membros de seu povo — usando, mais uma vez, a imagem do Espírito como água — e que eles profetizariam como os profetas de outrora (Jl 2.28,29).

Alguns séculos antes de Jesus, porém, muitos judeus concluíram que essa restauração plena do Espírito e dos profetas dizia respeito inteiramente ao futuro distante. A seu ver, os profetas haviam cessado em sua época (embora aceitassem que, ocasionalmente, a profecia tinha continuidade) e, de modo geral, o Espírito não estava mais disponível para indivíduos. Para alguns grupos, como os essênios, que redigiram os Manuscritos do Mar Morto, o Espírito continuava ativo em seu meio, mas a maioria dos judeus acreditava que, em grande medida, o Espírito havia sido apagado em sua era. Ansiavam pelo futuro em que Deus restauraria seu povo e derramaria seu Espírito.

Embora todos os judeus conhecessem os ensinamentos veterotestamentários acerca do Espírito, diferentes grupos de judeus enfatizavam diferentes aspectos do Espírito. As duas ênfases mais frequentes eram o Espírito de purificação e (mais comumente) o Espírito de profecia. Alguns intérpretes, especialmente os essênios, recitavam a promessa de Ezequiel de que Deus purificaria seu povo do pecado (Ez 36.26,27; veja tb. 18.31; 37.14). Quase todos os judeus (mesmo, em menor grau, os essênios) associavam o Espírito à profecia, uma ênfase ainda mais comum no Antigo Testamento (Nm 11.25-29; 2Sm 23.2; 2Cr 15.1-7; 18.23; Mq 3.8). Pensadores judeus como um todo raramente comentavam sobre algumas ideias que se tornaram mais comuns no Novo Testamento, como a concessão contínua de poder moral ou a presença de Deus dentro de cada crente. Leitores judeus do Novo Testamento, porém, devem ter reconhecido prontamente a ênfase cristã primitiva sobre o Espírito de purificação (ser "nascido da água e do Espírito") e de profecia (a capacitação do Espírito para que os cristãos profetizassem ou realizassem outros pronunciamentos fortemente influenciados pelo Espírito).

Várias passagens do Novo Testamento pressupõem que os leitores entendem a associação entre Espírito e profecia (Mt 22.43; Lc 1.17; 2.27; 4.18; At 11.28;

21.4; 1Co 7.40; 12.3; 1Ts 5.19; 1Tm 4.1; 1Pe 1.11; 1Jo 4.1-6; Ap 1.10; 2.7; 3.6; 4.2; 14.13; 17.3; 19.10; 21.10; 22.17; cp. 2Ts 2.2). Essas associações abrangem poder para falar em nome de Deus no evangelismo (Mt 10.20; At 1.8; 6.10; 8.29; 10.19; 11.12; 16.7; 2Co 3.3-8; Ef 6.17), revelação do verdadeiro entendimento do evangelho (1Co 2.10-14; Ef 1.17; 3.5) e milagres apostólicos (Rm 15.19; talvez 1Co 2.4). Outros textos pressupõem que entendemos a relevância do Espírito na vivificação e transformação (Jo 3.5-8; 1Co 6.11; Gl 4.29; 5.17,18,22,23; 6.8; Jd 19). Essas duas ênfases representam, em certa medida, as ideias básicas acerca do Espírito a respeito da quais muitos cristãos atuais se dividiram: o papel do Espírito na conversão e o papel do Espírito em capacitar os crentes para fazer pronunciamentos movidos pelo Espírito (línguas, profecia, testemunho, etc.).

Uma, duas ou mais obras da graça?

Como observamos anteriormente, muitos cristãos das tradições wesleyana, pentecostal e do movimento de santidade argumentam em favor de uma segunda obra da graça que ocorre depois da conversão. Nesses círculos, tal obra é chamada, por vezes, "santificação" ou "batismo no Espírito Santo". Alguns grupos também fazem distinção entre santificação e batismo no Espírito Santo e, com isso, estipulam três obras da graça. Com algumas exceções dignas de nota (como no caso de vários autores puritanos), a tradição reformada geralmente argumenta que o cristão recebe tudo na conversão.

Como também observamos, as duas tradições estão, em sua maior parte, corretas naquilo que afirmam. De fato, a maioria dos cristãos concorda quanto às questões fundamentais: o Espírito nos transforma na conversão, mas depois dela Deus pode nos encher com o Espírito de maneiras especiais para tarefas específicas. A divergência quanto à terminologia nasce principalmente das diferentes formas que os autores do Novo Testamento usam para falar a respeito do Espírito. Graças à variedade da obra do Espírito, Paulo pode se referir a um aspecto da obra do Espírito com a expressão "receber o Espírito", enquanto Lucas talvez use a mesma expressão para indicar outro aspecto. Não há contradição entre esses autores; Deus os dirigiu a enfatizar questões diferentes.[4]

[4]Embora eu tenha, com muito esforço, chegado a esses conceitos por minha própria conta, outros articularam posicionamentos semelhantes. Veja, e.g., as ideias de David Watson (resumidas em Lederle, *Treasures*, p. 151): todos os cristãos têm o Espírito, mas nem todos são cheios do Espírito — a expressão "batismo no Espírito" se aplica tanto a um como ao outro grupo — e, de qualquer forma, o poder e a realidade importam mais que a terminologia.

A teologia paulina do Espírito

Paulo deixa claro que recebemos toda a provisão de Cristo na conversão. Aqueles que procuram acrescentar algo à obra consumada de Cristo, sejam eles os adeptos da circuncisão na Galácia ou os místicos em Colosso, enfraquecem o evangelho. Na conversão, fomos "selados" em Cristo para o dia da redenção (Ef 4.30); aqueles que não têm o Espírito simplesmente não são cristãos (Rm 8.9).

Alguns cristãos que questionam essa conclusão procuram argumentar que o ato de ser "selado" pelo Espírito em Efésios 1.13 ocorre depois que o indivíduo crê no evangelho, pois o tempo verbal usado aqui geralmente implica subsequência. O problema desse argumento é que ele se concentra em uma norma gramatical, e não no contexto e no estilo do autor; no entanto, não faltam exceções a essa norma gramatical. Apenas alguns versículos adiante, trecho em que Paulo usa a mesma construção, não é possível que implique subsequência, pois, se implicasse, significaria que Deus exerceu a força de seu poder em Cristo *depois* de ressuscitá-lo, e não ao ressuscitá-lo (Ef 1.19,20; cp. Rm 1.4). E, mais importante ainda, o texto indica que esse selo do Espírito é um "pagamento adiantado" que garante nossa herança futura na redenção de nosso corpo (Ef 1.13,14). Se o selo é subsequente à conversão, então a conversão não é garantia adequada de nosso lugar no reino de Deus! Diferente disso, fomos selados pelo Espírito "para o dia da redenção" (4.30).

Paulo é igualmente claro em outros textos sobre o recebimento do Espírito. Qualquer que seja o sentido pretendido por Lucas quando ele afirma que os discípulos "receberam o Espírito" (veja abaixo), Paulo certamente se refere à conversão. Os gálatas desejavam esforçar-se para ganhar experiência espiritual por meio da obediência às normas culturais dos missionários cristãos judeus que guardavam a lei. Portanto, Paulo enfatiza que eles "receberam o Espírito" pela fé, e não pela obediência à lei (Gl 3.2; cp. 1Co 2.12). O Espírito é sempre concedido como dádiva, e não como algo que nos esforçamos para merecer (Rm 5.5). Até mesmo em Efésios 5.18, a ordem para ser "cheios do Espírito" é passiva, o que talvez indique receptividade da ação divina. Se o começo da vida dos cristãos gálatas no Espírito (a conversão) foi uma dádiva, como podiam esperar completar a vida cristã por meio de obras da lei (Gl 3.3)?

Em 1Coríntios, Paulo divide a humanidade em dois grupos: os que têm o Espírito ("espirituais") e os que não têm ("carnais" ou "naturais"; 2.10-16). É claro que a obra consumada de Cristo não nos obriga a viver conforme o Espírito. Embora os cristãos coríntios pertencessem ao Espírito em virtude de sua conversão

(6.11), ao se dividirem e competirem espiritualmente se portavam de modo parecido com o mundo. Paulo usa duas expressões gregas, uma que significa "semelhante à carne" e outra que significa "como se fossem carnais" (3.1-3). Por vezes, não agimos como se o Espírito nos governasse, mas Paulo não chega a dizer que os verdadeiros cristãos são inteiramente "carnais".

Romanos 8

Romanos 8, que menciona o Espírito de Deus mais vezes do que qualquer outro capítulo da Bíblia, traz uma argumentação semelhante. A fim de entender mais plenamente esse texto, devemos começar pelo controverso capítulo anterior, Romanos 7. Não há consenso entre os cristãos se esse capítulo retrata a experiência de Paulo como crente; sou propenso a argumentar que o contexto e a profundidade do pecado retratado nessa passagem excluem essa abordagem. Diante disso, proponho que ele usa os verbos no presente para deixar a apresentação mais vívida (como o uso do presente histórico no grego dos Evangelhos). Se, contudo, eu estiver enganado (e eu posso estar), podemos todos concordar ao menos que a ênfase do capítulo é a vida debaixo da lei (7.5-14).

O grau em que nossa vida se assemelhar a Romanos 7 (se for o caso) se deve ao fato de que lutamos para conquistar retidão própria, em vez de aceitar e simplesmente vivenciar a dádiva divina da retidão em Jesus Cristo. Como contraponto à ideia de alguns cristãos judeus de que a lei lhes dava uma vantagem espiritual, Paulo assevera que ele também já vivera debaixo da lei (7.9-14). Porém, enquanto a maioria dos mestres judeus considerava que a lei capacitava as pessoas para que vencessem os impulsos malignos dentro de si mesmas, Paulo afirmava que, para ele, a lei simplesmente ressaltava ainda mais o mal, a ponto de o mal chegar a controlá-lo. Pessoa alguma podia obter retidão se dependesse de sua própria capacidade de cumprir a lei. Só se podia morrer para o pecado por meio de Cristo, ao aceitar a obra consumada de Cristo e reafirmá-la continuamente pela fé (Rm 6.1-11). De acordo com Paulo, debaixo da lei ele era "carnal", "vendido para a escravidão do pecado" (7.14). Em Cristo, porém, Paulo não estava "na carne" (8.9), mas havia sido redimido da escravidão do pecado (6.18,20,22).

A lei deixara de ser apenas uma sentença de morte. Agora, escrita no coração do cristão, a lei era a direção moral do próprio Espírito de Deus (8.2; cp. Jr 31.33,34; Ez 36.26,27). O pecado que habitava no indivíduo não o controlaria mais (Rm 7.17,18). Agora o Espírito habita no cristão, e todo aquele que se diz cristão, mas não tem o Espírito, não pertence a Cristo (8.9).

Isso não significa que já chegamos a nossa "terra prometida", mas certamente estamos a caminho dela! Em Romanos 8, Paulo toma emprestadas imagens relacionadas à primeira ocasião em que Deus salvou seu povo, Israel, e as aplica aos cristãos: como Israel, "gememos" por causa de nossa escravidão (Êx 2.23; Rm 8.23); Deus começou a nos libertar da servidão (Êx 2.24; Rm 8.15); ele nos adotou como seus filhos (Êx 4.22; Rm 8.14-16); ele nos guia no presente (Êx 13.21; Rm 8.14); e tem uma herança futura reservada para nós (Nm 33.53,54; Rm 8.17), de modo que o cumprimento de nossa redenção aguarda essa herança futura prometida (8.23).

Do começo ao fim, os cristãos são pessoas cuja esperança no futuro é garantida pelo Espírito de Deus dentro delas (8.9-11,14-16,23,26,27), assim como a presença de Deus junto a Israel lhes garantia a vitória. Sem sombra de dúvida, quem não tem o Espírito no sentido proposto por Romanos 8 ainda não é salvo. Se Paulo crê no recebimento do Espírito como uma segunda obra distinta da primeira, não dá a mínima indicação disso aqui nem em qualquer outra parte de seus escritos.

Paulo considera o Espírito apenas algo no passado?

Ao mesmo tempo, Paulo reconhece que os crentes podem valer-se de uma "provisão" contínua do Espírito Santo (Fp 1.19).[5] Ele os chama a "permanecerem cheios do Espírito" continuamente (Ef 5.18) e espera que andem no Espírito e produzam o fruto do Espírito (Gl 5.16-23), uma questão a respeito da qual os exorta exatamente porque estavam aquém do necessário. Talvez sua ideia de que Deus continua a "conceder" (tempo presente) seu Espírito aos gálatas também deixe implícita uma provisão contínua do poder de Deus (3.5). (Embora possa se referir, ainda, à experiência contínua de receber recém-chegados à comunidade, em nenhuma outra parte da carta Paulo tem em vista esses recém-chegados.)

Em outras palavras, embora toda a plenitude de Deus venha a ser nossa, em Cristo, no momento de nossa conversão, ainda precisamos tornar essa plenitude uma realidade em nossa vida diária. Voltando a nossa analogia, uma coisa é estar

[5]Veja Gordon D. Fee, *God's empowering presence: the Holy Spirit in the letters of Paul* (Peabody: Hendrickson, 1994) e seus argumentos lexicais sobre esta passagem. É provável que sua argumentação não seja resultado de meras pressuposições; Fee rejeita corretamente a maioria das leituras de uma "segunda obra" propostas para Paulo. A seu ver, tanto Paulo como Lucas mostram "que o dom do Espírito não é um complemento à experiência cristã, nem uma espécie de segunda parte mais relevante da experiência cristã. Antes, é o principal elemento da vida cristã do começo ao fim" (*Gospel and Spirit: issues in New Testament hermeneutics* [Peabody: Hendrickson, 1991], p. 98).

morto para o pecado em Cristo, algo realizado na conversão (Rm 6.3,4; Cl 3.3). Outra coisa bem diferente é viver em conformidade com esse fato (Rm 6.11-14; 8.13; Cl 3.5). Qualquer cristão que desde sua conversão tenha pecado reconhece a diferença. De modo semelhante, qualquer cristão que alguma vez fraquejou em seu testemunho ou na sensibilidade sobre a direção de Deus reconhece a necessidade de uma dependência maior do poder do Espírito, ao qual Deus nos deu pleno acesso em Cristo.

A experiência cristã do Espírito em Atos

Quando o Espírito de Deus inspirou a Bíblia por intermédio de pessoas escolhidas, obedientes a sua direção (Rm 1.2), operou por meio de seus estilos e formas de expressão característicos. Por isso a leitura de Isaías é diferente da de Jeremias, e a de Jeremias, diferente da de Ezequiel, e assim por diante. Deus tinha até um apelido especial para Ezequiel — "filho do homem" ou "o humano" — que não aplicou à maioria de seus profetas. Essas diferenças refletem a própria natureza da linguagem, ou seja, no sentido de que há mais de uma forma de dizer algo. Esse é um dos motivos pelos quais não ousamos nos apressar em concluir que determinada expressão signifique a mesma coisa em todas as passagens ou para todos os autores. Às vezes, fica claro que significa algo diferente. Por esse motivo, Tiago e Paulo não contradizem um ao outro, embora digam coisas bem diferentes a respeito da fé; apenas usam certos termos de formas distintas (Rm 4.5; Tg 2.14). Ao empregar a expressão "receber o Espírito", João ou Paulo talvez se refiram a determinado aspecto da obra do Espírito, enquanto Lucas talvez se refira a outro aspecto.

Observamos anteriormente que os judeus do primeiro século tinham vários pontos de vista a respeito do Espírito Santo. Enquanto João e Paulo combinam duas dessas ênfases (novo nascimento e capacitação profética: cp. 1Sm 10.6,10), os textos de Lucas se concentram quase exclusivamente na capacitação profética. Logo, ser "cheio do Espírito" geralmente resulta em alguma forma de pronunciamento profético (Lc 1.15,41,42,67; At 2.4; 13.9,10) ou testemunho profético (At 4.8,31; apenas 9.17 não relaciona efeitos, e unicamente 13.52 parece constituir uma exceção).

Enquanto é possível concluir, com base na leitura dos textos de Paulo, que o batismo no Espírito e o recebimento do Espírito ocorrem na conversão (mas que o preenchimento vem depois), Lucas parece identificar esse preenchimento inicial do Espírito profético com o batismo no Espírito (At 2.4 cumpre 1.4,5;

cf. 2.33,39) e com o "recebimento do Espírito" (2.38,39). O Espírito pode "vir sobre" os crentes (assim como veio sobre os profetas de outrora) quando eles o "receberem" (10.44,47; 19.2,6), uma experiência que é identificada com a experiência de Pentecostes dos primeiros discípulos e denominada ser "batizado no Espírito Santo" (10.47; 11.15-17; observe também a expressão "fosse derramado" em 10.45). Portanto, era possível os samaritanos serem convertidos e, ainda assim, não terem "recebido o Espírito" no sentido que Lucas tem em mente quando usa essa expressão (8.15,16; veja discussão mais adiante).

Até mesmo para Lucas, porém, a conversão é o único pré-requisito para receber o Espírito (2.38). No tocante a declarações teológicas diretas, Lucas provavelmente teria pregado exatamente a mesma mensagem que Paulo ou João: as pessoas recebem o Espírito quando aceitam Cristo como Senhor e Salvador. No tocante à experiência, porém, ele parece indicar que pelo menos algumas pessoas recebem do Espírito uma capacitação profética mais plena depois da conversão. Não ousamos subestimar a importância do testemunho de Lucas, pois Atos é o único livro do Novo Testamento que retrata de forma direta a experiência dos cristãos primitivos (embora possamos inferir outros aspectos dessa experiência com base em cartas que tratam dela). Em vez de interpretar metade dos exemplos de Atos de maneira que harmonizem com Paulo, talvez precisemos olhar para o livro de Atos a fim de entender como as declarações teológicas do Novo Testamento funcionam na prática. Ao que parece, a intenção de Lucas é que interpretemos sua declaração direta em 2.38 e seus exemplos narrativos à luz um do outro.

Convém fazer uma ressalva aqui. Uso expressões como "receber o Espírito" e "ser batizado no Espírito" de forma intercambiável. Tecnicamente, Lucas emprega a expressão "batizado no Espírito Santo" de modo explícito em apenas duas ocasiões: com referência a Pentecostes (At 1.5; cp. 2.1-4) e na descrição que Pedro faz da conversão dos membros da casa de Cornélio (11.15,16; cp. 10.44-47). Alguns de meus colegas argumentam, portanto, que a expressão se aplica apenas à conversão. Em resposta, proponho que Atos usa diversas expressões sinônimas identificadas umas com as outras (como observei alguns parágrafos acima) e que as aplica à experiência de recebimento de poder, aconteça ela ou não na conversão (como veremos mais adiante).

Portanto, aplico a expressão a todo o âmbito da obra do Espírito e creio que Lucas enfatiza um aspecto específico dessa obra que nem sempre é simultâneo à conversão. Meu maior interesse neste capítulo, porém, é a experiência e seus efeitos, e não a terminologia exata. Espero persuadir meus leitores ao menos de que Lucas nos mostra que experiências de recebimento de poder do Espírito Santo

são desejáveis, mesmo depois da conversão. Lucas enfatiza essa capacitação especial para transpor barreiras culturais e evangelizar o mundo e, a meu ver, relata ocasiões em que cristãos receberam essa capacitação depois da conversão.

Exemplos de recebimento do Espírito em Atos

Por vezes, até mesmo em Atos, o Espírito veio sobre as pessoas na conversão. Embora alguns argumentem que Cornélio e os membros de sua casa (10.2) já eram crentes antes de Pedro pregar para eles, indícios presentes no texto mostram o contrário. Em outras passagens, Atos dá testemunho de que Deus enviou Pedro precisamente para que esses gentios ouvissem o evangelho, cressem e fossem salvos e para que seu coração fosse purificado pela fé (11.14; 15.7-11). Anteriormente, Pedro havia declarado que todos que se arrependessem e fossem batizados receberiam a dádiva do Espírito (2.38), e a conversão dos membros da casa de Cornélio harmoniza perfeitamente com essa promessa, exceto pela questão da sequência. Ao ouvirem o evangelho, foram batizados de imediato com o Espírito Santo, mesmo antes de receberem o batismo com água (10.44-48; 11.15-17). (Foi bom que acontecesse dessa forma, do contrário os companheiros de Pedro poderiam ter desejado circuncidá-los antes de batizá-los.) Aqui, a teologia do Espírito funcionou na prática exatamente da mesma forma que na teoria (em 2.38): alguém recebeu o Espírito em sua imensurável plenitude por meio da fé no momento da conversão.

Mas será que o princípio sempre funciona na prática com essa mesma facilidade? A maioria dos cristãos, por exemplo, não tem uma experiência tão dramática do Espírito na conversão quanto esse texto descreve. Pelo menos nesse aspecto, não tomamos essa passagem como modelo universal, mas deixamos espaço para algumas variações de experiência. O evangelho declara que morremos para o pecado quando aceitamos Cristo; isso significa que a vida cristã normal deve ser sem pecado (o que inclui atitudes e pensamentos perfeitos). Ainda assim, a maioria dos cristãos que conheço não começou a levar essa vida cristã "normal" no exato momento da conversão (ou talvez nem viva desse modo no presente), embora o livramento do pecado esteja implícito em nossa conversão. Esse é o modelo que devemos almejar, mas não devemos declarar que uma conversão não foi autêntica se todos os frutos esperados não surgirem de imediato. O batismo no Espírito talvez seja outra espécie de ação protelada.

Outros exemplos de conversões em Atos que mencionam a vinda do Espírito não são tão simples quanto Atos 10. Alguns nem sequer mencionam

o Espírito explicitamente e não apresentam evidências a favor nem contra. Em outros casos, Lucas observa apenas um encontro com o Espírito depois da conversão. Paulo parece ter aceitado o senhorio de Cristo antes de ser enchido com o Espírito pela primeira vez (9.17). Em Atos 9.5, Paulo reconhece a identidade de Jesus. Alguns autores podem excessivamente enfatizar o entendimento de Paulo acerca de Jesus nesse ponto, dando a entender que todo o seu evangelho ficou implícito nessa revelação. Não obstante, Paulo parece ter expressado pelo menos o reconhecimento básico necessário para ser cristão. Uma vez que reconheceu Jesus como Senhor, sujeitou-se a obedecer ao que Jesus dissesse (9.5,6,8; 22.10; 26.15,16). Em contraste com o que alguns autores sugerem, o título "Senhor" usado por Paulo aqui não é apenas uma expressão de respeito; o caráter da revelação de Jesus a Paulo foi semelhante a manifestações veterotestamentárias da glória de Deus e não lhe deixou dúvidas quanto ao que de fato estava envolvido no senhorio de Jesus.

É verdade que Paulo talvez só tenha se tornado "oficialmente" cristão depois de seu batismo (22.16), mas isso não significa que ele já não houvesse assumido um compromisso interior com Cristo. Os judeus batizavam gentios como um ato de conversão ao judaísmo, portanto os judeus entendiam o batismo como um ato de conversão. Essa ideia não deve levar à conclusão, porém, de que o Espírito só transforma o coração arrependido depois que a água é aplicada ao corpo da pessoa. A imagem neotestamentária do batismo pode ser explicada por meio da analogia de um anel de noivado: o homem pede a mulher em casamento, mas geralmente ela quer algo além do pedido, quer ver o anel. O batismo é uma oficialização, um testemunho público do compromisso assumido com Cristo, mas é resultado (e não causa) do compromisso interior. Se meu entendimento estiver correto (e é bom destacar que eu já tinha esse entendimento do batismo antes de me tornar batista), Lucas mostra que Paulo já havia se sujeitado ao chamado de Cristo três dias antes de ser enchido com o Espírito.

Concordemos ou não que a fé em Cristo na vida de Paulo antecedeu sua capacitação pelo Espírito, a maioria dos leitores concordará que cristãos podem ser "enchidos" com o Espírito depois da conversão. O que incomoda algumas pessoas é a expressão "receber" o Espírito (que não aparece nesta passagem). Devemos, portanto, investigar outras duas passagens. A expressão "receber" o Espírito aparece de alguma forma em 1.8; 2.33,38; 8.15-19; 10.47; 19.2; o Espírito é chamado "dom" em 2.38; 8.20; 10.45; 11.17. Essas passagens parecem aplicar-se especificamente ao recebimento inicial de poder profético, de modo mais estrito do que ser "enchido" pelo Espírito, algo que pode acontecer em mais de uma ocasião (2.4; 4.8,31; 9.17;

13.9,52). (Lucas usa o mesmo verbo "encher" para descrever pecado e outros comportamentos negativos, 5.3,17; 13.45; 19.28,29).

Atos 19 afirma que "certos discípulos" receberam o Espírito. Em outras passagens de Atos, o termo "discípulos" se refere a cristãos, inclusive na descrição "certo(s) discípulo(s)" (9.10,36; 16.1), como destacam estudiosos pentecostais clássicos.[6] Ao mesmo tempo, esses discípulos em questão haviam recebido apenas o batismo de João e ainda não sabiam que o Espírito Santo tinha vindo, uma indicação de que tinham saído da Palestina antes do Pentecostes e não estavam em comunhão com outros cristãos. Em outras palavras, os estudiosos que argumentam que esses indivíduos eram, muito possivelmente, discípulos de João, provavelmente estão corretos.

A despeito disso, não recebem o Espírito no sentido proposto por Lucas, ou seja, no momento exato de sua fé mais plena em Cristo ou de seu batismo cristão; recebem-no posteriormente, quando Paulo impõe as mãos sobre eles (19.6). Não se sabe ao certo quanto tempo levou para encontrarem água para o batismo; talvez tenham usado uma fonte ou um banho público ou algum rio das redondezas. Podemos supor que levou pelo menos meia hora, mas como não se sabe onde estavam em Éfeso (perto de uma sinagoga, perto da ágora ou do mercado em que Paulo trabalhava?) não há como ter certeza. De qualquer modo, esses discípulos se converteram *pelo menos* alguns minutos antes de seu batismo. Do contrário, receberam o Espírito na conversão por meio da imposição de mãos? (Se é isso que esse texto ensina, certamente teríamos de adaptar nossos apelos, pelo menos nas igrejas batistas.) Conforme alguns argumentam, a conversão muitas vezes envolve um processo, mas, a menos que creiamos em um purgatório espiritual, certamente a fé, e não a imposição de mãos, é o que marca a passagem da morte espiritual para a vida espiritual.

Os samaritanos em Atos 8

Atos 2 afirma que crentes receberam o Espírito depois de já estarem seguindo a Cristo, mas muitos intérpretes consideram esse exemplo uma exceção. Embora

[6]Para uma argumentação de que esses "discípulos" já eram cristãos, baseada parcialmente na gramática da pergunta de Paulo, veja Stanley M. Horton, *What the Bible says about the Holy Spirit* (Springfield: Gospel, 1976), p. 159-62 [edição em português: *A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*, 7. ed., tradução de Gordon Chown (Rio de Janeiro, CPAD, 2004)]. Embora o livro de Horton ofereça várias considerações excelentes ao longo de todo o texto, diversas exceções à regra gramatical que ele cita enfraquecem esse argumento baseado na gramática que ele propõe, tanto em favor de seu posicionamento quanto contra ele.

minha impressão seja de que, sob vários aspectos, Lucas deseja que esse caso seja visto como modelo, e não como exceção, para fins de argumentação tratarei de Atos 8, passagem em que, pelo que parece, indivíduos são convertidos e, depois, recebem o Espírito.

Alguns intérpretes, como John MacArthur, consideram Atos 8 outra exceção devido ao período de transição abrangido por Atos. No entanto, intérpretes que tratam exemplos de subsequência em Atos como exceções precisam reconhecer com honestidade as implicações de sua abordagem. Se apenas o recebimento do Espírito no momento da conversão (At 10) é normativo, precisamos explicar como exceções os casos em que crentes receberam o Espírito em qualquer sentido depois da conversão (desde alguns minutos até alguns dias depois; veja At 2; 8; 9; 19). Contudo, quando quatro ou cinco exemplos bíblicos são "exceções", fica-se tentado a questionar a validade da "regra".

Atos é um relato histórico, mas pouquíssimos estudiosos de Atos nos dias de hoje desconsideram a realidade de que Lucas ensina teologia por meio desse relato histórico, fato já demonstrado de modo convincente por I. Howard Marshall, Charles Talbert e Robert Tannehill, entre outros. Paulo considerava possível extrair teologia da história (1Co 10.6,11; 2Tm 3.16; veja tb. o Apêndice da presente obra). Embora nem todo exemplo seja categórico ou universal, casos da atuação de Deus que não se encaixam em nossos paradigmas talvez tornem necessário ajustarmos esses paradigmas.

Lucas não trata de toda a história apostólica primitiva; antes, enfatiza os elementos que contribuem para os temas que capacitarão seus leitores. Se levarmos em conta que os escritores antigos normalmente esperavam que os leitores extraíssem princípios morais de suas narrativas, o ônus da prova cabe a quem argumentar que o relato histórico de Lucas não ensina teologia, e não a quem afirmar o contrário.

Sem dúvida, a maioria dos acontecimentos que Lucas relata é excepcional em algum sentido e mostra a proclamação do evangelho (acompanhada do batismo cristão e do dom do Espírito) a diferentes grupos. Isso não significa, porém, que a intenção de Lucas seja nos levar a concluir que os padrões que ele estabelece entre os diferentes grupos cessaram em sua época. Antes, seu intuito é nos mostrar que esse padrão acompanha todos os cristãos, independentemente de seus antecedentes. Ser cheio do Espírito deve ser parte normal da vida de todo e qualquer cristão.

Atos apresenta Filipe, assim como Estevão, sob uma ótica inequivocamente positiva (6.3-7; 8.4,5), pois, ao contrário dos apóstolos, mostrou-se disposto desde o princípio a transpor as barreiras culturais. Os habitantes de uma importante

cidade samaritana, talvez Siquém, receberam com alegria a pregação e o ministério de cura de Filipe (8.6-8). Essa recepção favorável também caracterizou o ministério de Paulo (13.48,52), embora a proclamação de Paulo tenha deparado, na maioria das vezes, não apenas com receptividade, mas também com reações hostis. A descrição de sinais e maravilhas se parece com os feitos que Deus realizou por intermédio de outros servos seus em Atos (2.43; 3.6,7; 4.30; 5.12-16; 6.8; 14.3; 19.11,12). Felipe pregava "Cristo" (8.5) e "as boas-novas do reino de Deus" (8.12), exatamente como Paulo fez posteriormente (20.25; 28.31). É de se imaginar que Filipe entendesse o evangelho, soubesse o que era essencial para a conversão e não batizasse quem não houvesse assumido um compromisso com Cristo.

O texto também afirma que os samaritanos "creram" (8.12), termo que se aplica à fé salvífica em outras passagens de Atos (e.g., 4.4; 10.45; 11.17; 14.1,2; 15.7,9; 16.1; 17.12,34; 19.18), especialmente quando acompanhada de batismo, como é o caso aqui (16.31-34; 18.8). O texto indica que creram "em Filipe, que proclamava as boas-novas do reino", ou seja, aceitaram o evangelho. Em todas as outras ocasiões em Atos em que seguidores de Jesus oferecem o batismo, é porque os batizados aceitaram o evangelho (2.41; 9.18; 10.47; 16.33; 18.8; 19.5). "Aceitaram a palavra de Deus" (8.14), uma forma de expressão que, em Atos, geralmente se refere à conversão (2.41; 11.1; cp. 17.11). Se esses crentes batizados que receberam a mensagem de Deus com alegria não eram convertidos, será que alguém em todo o livro de Atos era?

Há quem alegue que Lucas não menciona o arrependimento dos samaritanos. O arrependimento parece ser pressuposto como parte da fé e do batismo; é mencionado depois de 2.38 (11.18; 13.24; 14.15; 17.30; 20.21; 26.18), mas raramente na descrição de conversões. Se duvidarmos de todas as conversões em Atos em que o arrependimento não é mencionado de modo explícito, aceitaremos que bem poucos em Atos verdadeiramente se converteram. Em geral, Lucas inclui a ideia de arrependimento em suas descrições de fé e batismo, expresse isso de forma explícita ou não. De forma semelhante, o batismo frequentemente fica implícito no verbo *creu*; aqui, porém, é mencionado explicitamente e dá testemunho mais claro da conversão do que alguns outros exemplos de conversão em Atos.

E, no entanto, esses novos cristãos ainda precisavam "receber" o Espírito Santo (8.15), embora esse seja o mesmo termo prometido em 2.38 em resposta à conversão (10.47; 19.2). A promessa estava disponível mediante a conversão, mas, ao que parece, os convertidos ainda não haviam se apropriado dela. Se os primeiros cristãos consideravam essa demora normal ou não — os apóstolos

parecem preocupados com ela —, é evidente que se tem em vista uma demora. Ainda que fosse anormal, ela comprova que é uma ocorrência possível, qualquer que seja o motivo.[7]

Reações a Atos 8

Há outro modo de explicar o recebimento do Espírito depois da conversão em Atos 8? De fato, há. James Dunn, cuja excelente obra clássica sobre o ensino do Novo Testamento acerca do batismo no Espírito é, em muitos aspectos, bastante proveitosa, argumenta que os samaritanos não tinham genuinamente se convertido. Ao contrário de muitos estudiosos antes dele, segundo os quais os samaritanos devem ter recebido o Espírito anteriormente e que apenas sua manifestação ocorreu mais adiante (João Calvino, F. F. Bruce, G. R. Beasley-Murray), ou para os quais o relato se refere a um segundo recebimento do Espírito (a maioria dos católicos romanos e dos católicos anglicanos [como confirmação] e pentecostais), Dunn argumenta que os samaritanos não se converteram, de fato, até que os apóstolos de Jerusalém viessem e impusessem as mãos sobre eles.[8]

Caso a interpretação do texto por Dunn fornecesse um modelo de conversão, sugeriria um precedente extraordinário (que felizmente o próprio Dunn não

[7]Bruner, *Theology of Holy Spirit*, p. 177-8, faz um levantamento minucioso de autores pentecostais (embora muitos pentecostais de hoje discordem de vários dos posicionamentos mais antigos resumidos em sua obra) e fornece uma análise séria dos textos do Novo Testamento sob uma óptica não carismática bastante tolerante. Ele argumenta que a demora ocorrida em Samaria foi anormal, e que aqui o Espírito completa a experiência do batismo cristão. Se o texto deixa implícito que houve uma demora anormal na experiência, ainda é necessário perguntar se o tipo de acontecimento retratado aqui é possível sem uma dimensão experiencial; em caso negativo, a conversão deve normalmente incluir uma experiência dramática do Espírito que, por vezes, envolve uma demora (provavelmente com mais frequência no presente do que naquela época). Essa proposta se encaixa com o posicionamento de alguns carismáticos de que o batismo do Espírito é o complemento da salvação (em contraste com meu ponto de vista acima de que representa um tipo diferente de poder concedido pelo Espírito).

[8]James D. G. Dunn, *Baptism in the Holy Spirit: a re-examination of the New Testament teaching on the gift of the Spirit in relation to Pentecostalism today* (Philadelphia/London, Reino Unido: Westminster/SCM, 1970), trata de Atos 8 nas páginas 55-72. Atos 8 sem dúvida não é um padrão *normativo*; é possível que Deus tenha permitido a demora para curar a separação entre judeus e samaritanos (como propõe Michael Green, *I believe in the Holy Spirit*, 2. ed. rev. [Grand Rapids: Eerdmans, 1989], p. 167-8; D. A. Carson, *Showing the Spirit: a theological exposition of 1 Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 144-5 [edição em português: *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12—14*, tradução de Caio Peres (São Paulo: Vida Nova, 2013)]. Também ilustra, contudo, que Deus pode permitir uma demora; e se ele a permitiu naquela época, também pode fazê-lo hoje (por motivos diferentes e em outras circunstâncias).

propõe): as pessoas podem receber a Palavra de Deus com alegria, crer, receber o batismo cristão e, ainda assim, ser necessário ter a imposição de mãos de apóstolos para completar a conversão! Pior ainda, o texto poderia colocar em dúvida a terminologia que Lucas costuma usar para a conversão e levantar questionamentos a respeito da suficiência do batismo e da fé no evangelho de Cristo para a salvação.

Na tentativa de evitar essa conclusão, Dunn propõe que Lucas usa terminologia excepcional em Atos 8. Um levantamento da terminologia empregada por Lucas (mais adiante) indica, porém, que as variações são por demais sutis para que leitores comuns de Atos, anteriores a Dunn, as percebessem. Visto que a maior parte das pessoas que integravam a audiência inicial de Lucas apenas ouviu Atos ser lido nos cultos da igreja, não teria percebido a argumentação excessivamente sutil de Dunn. A meu ver, em grande medida, devem ter entendido essa passagem da mesma forma que os pentecostais.

A tese de Dunn, baseada em outras passagens do Novo Testamento, não lhe permite aceitar uma experiência do Espírito posterior à conversão neste caso:

> O problema de Atos 8, que há muito é o principal baluarte tanto de pentecostais (batismo no Espírito) como de católicos (confirmação), gira em torno de dois fatos: os samaritanos creram e foram batizados; só receberam o Espírito algum tempo depois. O problema é que, no contexto do restante do NT, esses fatos parecem mutuamente excludentes e totalmente irreconciliáveis.[9]

Mas será que é necessário forçar os detalhes de Atos 8 (como faz Dunn, a meu ver) a se encaixarem no "restante do Novo Testamento"? Ou será que existe uma explicação mais plausível? Como Clark Pinnock propõe, referindo-se à crença do próprio Dunn na possibilidade de que diferentes autores do Novo Testamento articulem sua mensagem de diferentes formas, "por ironia, pelo menos nesse ponto, há maior diversidade no Novo Testamento do que até mesmo Jimmy Dunn está disposto a reconhecer!".[10]

Para argumentar que a conversão dos samaritanos não foi autêntica, Dunn lança mão de elementos que, em sua opinião, são irregularidades específicas da narrativa.[11] Afirma que os samaritanos eram supersticiosos e facilmente influenciados pela magia. Textos antigos dizem o mesmo, contudo, a respeito da maioria dos povos antigos, inclusive dos habitantes de Éfeso (At 19.18,19), onde também

[9]Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, p. 55.

[10]Clark Pinnock, prefácio para Roger Stronstad, *The charismatic theology of Saint Luke* (Peabody: Hendrickson, 1984), vii.

[11]Dunn, *Baptism in the Holy Spirit*, p. 55-72.

houve alguns que creram e receberam o Espírito (19.1-6). Dunn também argumenta que o modo como os samaritanos "creram" aqui consiste apenas em aquiescência intelectual, em contraste com a fé salvífica, pois Lucas emprega o dativo no grego. Embora esse argumento talvez pareça convincente para quem não conhece grego, é importante lembrar que Dunn apresenta apenas dois exemplos de "crer" com esse sentido dativo, e nenhum deles é claro. Em geral, Lucas emprega a forma dativa com o verbo "crer" quando o objeto de fé é uma pessoa, sem que haja a mais remota indicação de que a fé é incompleta (e.g., 16.34; 18.8; 27.25). Visto que poucas "regras" do grego do primeiro século funcionavam sem exceções, argumentos baseados na gramática podem ser úteis, mas precisam sempre ser examinados com cautela.

Ademais, o batismo apostólico sempre pressupõe a fé em Cristo (22.16), e os apóstolos consideraram legítimo o batismo dos crentes samaritanos por Filipe. Sabemos que os apóstolos aceitaram o batismo dos samaritanos porque, em contraste com Atos 19.5 (um batismo incompleto realizado somente por João), eles não batizaram novamente os samaritanos.[12] Dunn está correto ao afirmar que a fé inicial de Simão, o mago, não parece ter sido tão duradoura quanto a dos samaritanos (8.18-24), mas Lucas (não menos do que o restante do Novo Testamento) exige perseverança bem como uma profissão inicial de fé (seja para provar a salvação, como acreditam alguns, ou para mantê-la, como acreditam outros). Conforme Ervin destaca, o fato de Simão ter se mostrado um convertido falso ou apóstata não esclarece coisa alguma a respeito da realidade da fé dos samaritanos, assim como a apostasia de Judas não esclarece coisa alguma a respeito da fé dos Doze (1.17).

Gordon Fee é um estudioso pentecostal que, assim como Dunn, não faz distinção entre batismo no Espírito e conversão; antes, considera o batismo no Espírito a dimensão experiencial da conversão. A despeito disso, para ele a argumentação de Dunn sobre Atos 8 é improcedente. A seu ver, a questão central em Atos 8 não é a subsequência que, reconhecidamente, não parece ser o ideal para a experiência cristã. (Observe que os apóstolos procuraram que os convertidos samaritanos recebessem o Espírito o mais rápido possível.) Antes, essa passagem enfatiza "a qualidade experiencial e dinâmica do dom do Espírito" que completa a experiência de conversão. Fee acredita que a igreja em séculos posteriores abandonou, em sua maior parte, essa dimensão experiencial da conversão ao deixar de esperá-la. Ele

[12]Quanto a várias dessas questões, veja Howard M. Ervin, *Conversion-initiation and the baptism in the Holy Spirit* (Peabody: Hendrickson, 1984), p. 28-32. Embora, com mais frequência, eu concorde com Dunn em oposição a Ervin, creio que Ervin está correto em relação a Atos 8.

não sugere que aqueles que não tiveram essa experiência não são convertidos, mas que (se eu o entendi corretamente) a maioria dos cristãos se contentou com algo aquém de seu direito espiritual inato como cristãos.[13]

Minha abordagem, que enfatiza o poder profético mais do que a dimensão experiencial da conversão, parece um tanto diferente da de Fee (embora, na prática, dê a impressão de ser estreitamente relacionada a ela). Apesar de Fee estar correto ao dizer que, em Atos, é bastante normal os cristãos experimentarem a obra plena do Espírito na conversão, meu ponto de vista é que Atos 8 permite crer que essa experiência de poder profético (implicitamente disponível na própria conversão) pode ocorrer depois da conversão. (Minha própria experiência se encaixa na visão de Fee e também na minha, embora não se encaixe na visão da maioria de outros cristãos comprometidos que conheço. Em última análise, é evidente que nossa experiência pode ser proveitosa, mas não é, de modo algum, a norma absoluta.)

De qualquer modo, grande parte da controvérsia a respeito da relação entre "receber o Espírito" (no sentido proposto por Lucas) e a conversão é de ordem semântica. A menos que adotemos o posicionamento de Dunn neste caso, esses cristãos tiveram uma experiência clara de algo que os apóstolos consideravam essencial para os cristãos, e essa experiência ocorreu depois da conversão. Essa demora talvez não fosse o ideal naquela época, nem seja hoje, mas Atos mostra a experiência cristã real, e não apenas o ideal teológico. Em geral, a igreja vive no âmbito da experiência cristã real, ainda que busquemos vivenciar o ideal.

Somente duas experiências em Atos?

Embora os cristãos em Atos por vezes entrassem nesse novo âmbito de experiência espiritual pouco depois da conversão (8.14-17; 9.17; veja tb. 1.4,5; 19.5,6), em outras ocasiões também ingressavam nele durante a conversão ou de modo quase simultâneo a ela (10.44; 11.14,15; de modo quase simultâneo, 19.4-6). Talvez surpreenda alguns leitores o fato de o poder concedido pelo Espírito não se restringir àquilo que alguns chamam "segunda obra da graça", mesmo entre os que, àquela altura, certamente já haviam recebido uma "dose" completa do Espírito.

Pedro e João, por exemplo, certamente estavam entre aqueles que receberam o Espírito em Pentecostes (2.1-4,14); contudo, receberam poder adicional posteriormente para uma circunstância específica, um poder que lembra as ocasiões em que o Espírito de Deus "veio sobre" seus profetas e outros servos no antigo Israel

[13]Fee, *Gospel and the Spirit*, p. 96-9, 117-9.

(At 4.8; veja Jz 6.34; 13.25; 14.19; 1Sm 10.6; 19.20). De modo semelhante, Paulo foi enchido pelo Espírito Santo pouco depois de Atos 9.17, mas Deus voltou a enchê-lo para uma situação especial em Atos 13.9. (Pelo menos a terminologia de "encher" não apresenta nenhuma distinção clara entre o enchimento em 13.9 e o que podemos chamar seu enchimento inicial em 9.17 ou o enchimento inicial da igreja em 2.4). Congregações inteiras também experimentaram derramamentos do Espírito em reuniões de oração fervorosas (4.31 e 13.52). Por certo, ocorreram outras experiências com o Espírito; Lucas fornece apenas amostras das obras do Espírito, geralmente associadas à oração ou ao ministério da Palavra.

Em outras palavras, Atos, assim como Paulo, não está simplesmente nos chamando a uma segunda (ou terceira, ou quarta) experiência espiritual. Nas palavras de D. A. Carson, "embora eu não encontre base bíblica para uma teologia da segunda bênção, encontro base para uma teologia da segunda, terceira, quarta ou quinta bênção".[14] Atos nos chama a ter uma vida equipada pelo Espírito, quaisquer que sejam as experiências iniciais e contínuas que nos levarão a ingressar nela. Portanto, o livro do Novo Testamento que retrata a experiência cristã primitiva de modo mais vívido não permite que nos acomodemos com uma investigação puramente intelectual e racional da fé. Embora precisemos do aspecto racional da fé (e.g., At 19.9; Tt 1.9), a Bíblia, que estudamos racionalmente, nos convida a *experimentar* o poder de Deus em nós e por nosso intermédio.

Por um lado, Atos desafia muitos pentecostais e carismáticos que se contentam em orar em línguas, mas que não atentam para o poder de Deus de outras maneiras (especialmente o poder para testemunhar). Por outro, desafia muitos não pentecostais que se contentam com uma vida devocional parada, desprovida de verdadeiro fervor ou poder. Ou seja, Atos desafia *a maior parte* da igreja a ter um encontro mais profundo com o Espírito de Deus. Se minha observação da igreja atual estiver correta, suspeito que quem experimenta de modo mais claro o poder de Deus como vemos em Atos é quem vive nas linhas de frente do evangelismo, cristãos que desafiam as forças das trevas em seu próprio território ao levarem as boas-novas a povos não evangelizados e, com frequência, hostis. Quando aqueles que nasceram do Espírito entram em situações de crise em obediência ao chamado de Deus, aprendem a depender do Espírito de Deus.

Pentecostais defensores da segunda obra e seus primos teológicos das tradições wesleyana e do movimento de santidade contribuíram para o restante do corpo de Cristo ao nos lembrarem de que todos nós precisamos receber poder do Espírito de

[14]Carson, *Showing the Spirit*, p. 160. Alguns de nós perdemos as contas!

forma experiencial, assim como outras tradições enfatizaram corretamente a necessidade de depender da obra consumada de Cristo. Se consideramos essa concessão, de poder algo implícito em nossa conversão, ou no batismo com água, ou em uma segunda ou terceira obra especial, reconhecemos que, na prática, precisamos nos render mais plenamente à graça e ao poder de Deus em nossa vida.

A principal questão em Atos, porém, não é a subsequência ou falta dela. Embora, do ponto de vista teológico, fosse ideal receber o pleno impacto do Espírito na conversão, o fato de as pessoas terem essa experiência de capacitação era mais importante do que a ocasião em que o recebiam. Será que já nos rendemos como Deus deseja, seja na conversão ou depois dela, à direção absoluta do Espírito, proferindo louvor ou profecia ou testemunhando? O fato de os apóstolos terem imposto as mãos sobre os samaritanos a fim de certificarem-se de que recebessem o Espírito mostra que consideravam o recebimento do Espírito com esse sentido de capacitação como algo normativo, necessário a todos os cristãos.

Em momento algum Lucas dá a entender que precisamos dessa obra específica do Espírito para a salvação ou para a virtude espiritual; é uma capacitação especial para o evangelismo e para a obra do reino. Há divergência quanto a se todos os cristãos recebem pleno acesso a esse poder em sua conversão (creio que têm pleno acesso, embora nem sempre plena experiência); também há divergências quanto ao tipo de manifestação que acompanha essa experiência de capacitação aos que creem (trataremos de uma dessas discussões no próximo capítulo). Afora essas questões, é fato que, na prática, precisamos do poder do Espírito. O Espírito não é apenas algo que *temos*; o Espírito é alguém cujo poder precisamos aceitar e do qual precisamos depender. Visto que procuramos cultivar um relacionamento íntimo com Deus, podemos buscar seu poder e sua ação em nossa vida. Se Lucas escreveu Atos para nos ensinar algo específico seria o fato de ele esperar que a igreja missionária fosse capacitada pelo Espírito na experiência, e não apenas na teoria.

Conclusão

Somos completos em Cristo e estamos mortos para o pecado; na prática, porém, isso não significa que todos nós vivemos sempre de acordo com essa verdade; também não significa que sempre nos apropriamos do poder do Espírito que nos permite viver assim. A conversão nos dá acesso a tudo de que precisamos, mas nem a conversão nem uma experiência isolada depois dela nos isentam da necessidade de buscar o poder de Deus na prática. Isso significa que não buscamos uma experiência isolada, mas um relacionamento contínuo, um encontro diário com nosso

Mestre no poder de seu Espírito Santo, o viver esse poder que já nos foi concedido quando nos tornamos seguidores de Jesus Cristo. Se, contudo, nos rendermos mais a seu poder em nossa vida por meio de experiências como as que Atos descreve, devemos, sem dúvida, estar prontos a encontrar com Deus dessas maneiras.

Todos nós, cristãos, precisamos cultivar uma dependência mais profunda do poder do Espírito em nossa caminhada diária de fé obediente em Deus. De minha parte, ao menos, posso garantir que certamente não tenho a coragem de encarar meu chamado e os conflitos que ele implica sem o auxílio do Espírito. Quer eu apresente palestras evangelísticas em *campi* seculares a respeito da confiabilidade histórica dos Evangelhos, quer lecione para alunos do seminário a respeito de questões de fé e obediência, preciso da força, direção e ousadia do Espírito.

Enquanto boa parte da igreja contemporânea se dividiu a respeito do momento em que o batismo no Espírito ocorre, se na conversão ou depois dela, muitas vezes deixamos de lado a percepção do que esse batismo no Espírito significa, de fato, para nossa vida diária em Cristo. Qualquer que seja o posicionamento que adotemos a respeito da cronologia do batismo no Espírito (alguns leitores, assim como eu, talvez optem por ambos), todos os crentes precisam entender o que o Espírito significa na prática para seu relacionamento com Cristo.

O que é o batismo no Espírito Santo? Afora as discussões a respeito de quanto poder divino é concedido em que momento da vida do crente, o batismo no Espírito Santo abrange a concessão de poder de Deus para a missão da qual ele incumbiu sua igreja. Resumi algumas das diversas ênfases sobre esse poder anteriormente (nos caps. sobre evangelismo, o fruto do Espírito e a salvação). Deus nos fez novas criaturas por meio de seu Espírito e, agora, nos capacita para que tenhamos uma vida santa e edifiquemos nossos irmãos em Cristo por meio do fruto e dos dons do Espírito (Paulo). Deus nos lavou e nos fez nascer dele com um novo caráter (João). Por meio do poder concedido pelo Espírito de Deus, somos chamados a levar a mensagem de Jesus aos que estão ao nosso redor e aos confins da terra (Atos). Por meio da capacitação do Espírito de Deus, Jesus nos prepara para enfrentarmos os conflitos que fazem parte de nossa missão e para confrontarmos e derrotarmos o Diabo no tocante à necessidade humana (Marcos). O Espírito nos transforma quando aceitamos a Cristo; desse ponto em diante, precisamos continuar a depender de seu poder para levar adiante a missão da qual Jesus nos incumbiu.

9

O dom de línguas e o Espírito

Quando eu cursava uma pós-graduação na Duke University, Julie, uma jovem católica que fazia bacharelado e trabalhava no ministério estudantil Young Life, me perguntou por curiosidade sobre o dom de línguas. Conversamos sobre o assunto e Julie pareceu interessada, mas garantiu que nunca aconteceria com ela. Cerca de um mês depois, contudo, ela participava de uma reunião de oração com outros membros da equipe do Young Life quando sua oração em voz baixa começou a ser articulada em outra língua.

Certo dia, enquanto eu conversava com Missy, tesoureira de nosso grupo da Aliança Bíblica Universitária e membro da igreja episcopal, Julie apareceu. Julie e eu começamos a falar de sua nova experiência e, de repente, me dei conta de que talvez estivéssemos assustando Missy.

— Essa conversa lhe incomoda, Missy? — perguntei, procurando ser sensível.

— De jeito nenhum, eu também oro em línguas — Missy respondeu.

Abri um sorriso e disse:

— Várias pessoas da Aliança Bíblica comentaram que oram em línguas quando estão a sós com Deus, mas nenhuma delas quer que eu conte para outros. Têm medo de ser consideradas esquisitas.

— Derek ora em línguas? — Missy perguntou. Derek era líder do grupo e membro da Convenção Batista do Sul. Hesitei em responder, pois Derek não queria que ninguém soubesse.

— Melhor perguntar para ele — sugeri. Naquele momento, Derek apareceu, o que, tendo em vista o tamanho do campus, foi uma "coincidência" e tanto.

— E aí, pessoal, tudo bem? — ele perguntou.

— Derek, você fala em línguas? — Missy quis saber de imediato. Derek fez uma pausa, baixou a cabeça e admitiu que sim.

— Eu também! — Missy declarou.

— Verdade? — Derek disse todo animado. Para comemorar, decidimos ir ao quarto de Missy e fazer uma pequena reunião de oração "carismática". Nesse mesmo instante, Alison, uma presbiteriana do grupo e caloura na faculdade, apareceu.

— O que está rolando?

— Vamos fazer uma reunião de oração — Derek respondeu, meio sem graça.

— Legal! Posso participar? — ela perguntou.

— Claro — respondemos enquanto subíamos para o quarto de Missy na ala de dormitórios. Antes de chegarmos lá, me ocorreu que seria bom perguntar a Alison se ela se incomodaria caso alguém orasse em línguas.

— Claro que não, eu também oro em línguas — Alison respondeu. Depois disso, os cristãos que oravam secretamente em línguas começaram a sair do armário.

Para alguns, qualquer um, todos ou ninguém?

Neste capítulo, procurarei apresentar de modo imparcial os argumentos mais sólidos tanto a favor do posicionamento pentecostal tradicional quanto a favor do posicionamento daqueles que apoiam a contemporaneidade dos dons, mas duvidam que o dom de línguas sempre acompanhe o batismo no Espírito. Os argumentos de ambos os lados são mais convincentes do que o outro lado geralmente reconhece.

Antes de tratar dessa questão, porém, devemos colocá-la dentro de seu contexto mais amplo. As partes do corpo de Cristo que têm diferentes dons podem ajudar umas às outras ao compartilhá-los, em vez de desconsiderar os dons dos outros, sejam de línguas, sabedoria ou conhecimento. Quem nunca experimentou determinados dons tem muito que aprender com aqueles que já tiveram essas experiências. De modo semelhante, a maioria dos cristãos pode aprender mais sobre como ler a Bíblia com aqueles que a conhecem e entendem melhor, pode aprender mais sobre a preocupação de Deus com o mundo caído e ferido com aqueles que passaram por sofrimento e descobriram como caminhar junto com outros em sua dor, e assim por diante. Somos um só corpo e precisamos dos dons uns dos outros. Se é impossível o reino de Satanás sobreviver dividido, também devemos questionar se a igreja serve a Cristo da melhor maneira quando há divisão em seu meio. Somos membros uns dos outros e devemos contribuir com todos os nossos dons para edificar o corpo de Cristo (Rm 12.4-8; 1Co 12.7).

A controvérsia atual

O dom de línguas não está relacionado entre os frutos do Espírito, nem é o dom mais espetacular do Espírito. Continua a ser, porém, o mais controverso dom do Espírito na atualidade e, portanto, merece uma discussão específica neste livro. Tratamos do dom de línguas de modo sucinto no capítulo sobre os dons espirituais; neste capítulo, porém, falaremos da ligação proposta entre esse dom e o batismo no Espírito Santo.

Embora pareça estar surgindo um consenso quanto a várias questões referentes ao Espírito, diferenças de opinião acerca do dom de línguas persistem. O ponto de vista extremo e relativamente raro de que o dom de línguas é obrigatório para a salvação está em declínio até mesmo nos círculos que o adotam oficialmente. Fora isso, porém, ainda há grande controvérsia. Alguns afirmam que o dom de línguas é válido para o presente e útil para aqueles que o exercitam, porém não necessário para todos. Muitos pentecostais e carismáticos independentes, porém, consideram-no o sinal físico inicial do batismo no Espírito Santo.

Começarei a discussão partindo do pressuposto de que a maioria dos leitores aceita a legitimidade do dom de línguas no presente. Mesmo aqueles que não aceitam a contemporaneidade do dom de línguas creem que é possível indivíduos que oram em línguas serem cristãos sérios, e estão dispostos a trabalhar com esses cristãos em prol da causa de Cristo. E, pelo menos nas esferas que conheço da cristandade, cristãos que recusam toda forma de comunhão com pentecostais também se mantêm separados de várias outras partes do corpo de Cristo.

O fato de dezenas de milhões de cristãos acreditarem que o dom de línguas deve acompanhar o batismo do Espírito (e de outras dezenas de milhões de cristãos acreditarem que não) é motivo suficiente para dar continuidade ao diálogo franco sobre esse assunto no corpo de Cristo hoje. Parece haver menos meio-termo nessa questão do que em outros assuntos, e os leitores com diferentes perspectivas que concordaram com grande parte deste livro talvez discordem de meus argumentos aqui. Nem todos os leitores aceitarão todas as minhas conclusões, mas espero apresentar os argumentos em favor dos diferentes posicionamentos de modo claro e imparcial o suficiente para contribuir para o diálogo. Minha esperança é de que, se cristãos com diferentes pontos de vista forem capazes de pelo menos ouvir os argumentos uns dos outros claramente, conseguiremos entender por que os outros assumem esses posicionamentos e trabalhar juntos com mais tolerância. Nós, cristãos, não precisamos concordar em todas as questões, mas não podemos desrespeitar uns aos outros nem desconfiar uns dos outros.

O dom de línguas e o batismo no Espírito Santo

A asserção de que o dom de línguas sempre acompanha o batismo no Espírito talvez represente a diferença principal e irreconciliável entre pentecostais tradicionais e aqueles que discordam deles, como D. A. Carson observa:

> Se o movimento carismático rejeitasse firmemente, com base bíblica, não o dom de línguas, mas sim a ideia de que ele constitui sinal especial de uma segunda bênção, parte considerável do muro entre carismáticos e não carismáticos ruiria. Será que 1Coríntios 12 exige algo menos que isso?[1]

É possível orar em línguas e, ao mesmo tempo, evitar controvérsias. Nos círculos dos quais participo, a maioria dos cristãos, inclusive aqueles de nós que oram em línguas, considera o dom de línguas simplesmente mais um dom entre muitos outros e um recurso útil para a oração (veja nossa discussão sobre o dom de línguas em 1Coríntios 14 no capítulo 6).

No entanto, muitos carismáticos e pentecostais tradicionais costumam associar o dom de línguas ao batismo no Espírito Santo em Atos, um posicionamento que merece uma avaliação mais justa do que geralmente recebe fora dos círculos pentecostais. Desejemos ou não associar o dom de línguas a essa experiência, não podemos negar que Atos faz essa associação, pelo menos algumas vezes e, provavelmente, em várias ocasiões. A principal discussão hoje é o que *nós* devemos fazer a respeito dessa associação.

É mais fácil falar do dom de línguas simplesmente do modo como Paulo faz (como uma forma de orar com o espírito); a maioria das pessoas que concorda com a contemporaneidade desse dom não se ofende com a descrição de Paulo. Mas também precisamos ser justos com a perspectiva aparentemente mais "pentecostal" de Lucas em Atos. Uma questão prática central é se Lucas forneceu um modelo que ele esperava que todos os cristãos posteriores imitassem. Creio que Lucas forneceu, sim, um modelo (veja a discussão no Apêndice quanto ao que podemos aprender com as narrativas da Bíblia); o que exatamente esse modelo nos ensina, porém, é uma questão mais complexa.

Três vezes, quando crentes em Atos "recebem o Espírito", eles falam em línguas; em pelo menos outros dois casos, o falar em línguas não é mencionado

[1]Carson, *Showing the Spirit: a theological exposition of 1Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 50 (cp. tb. p. 186) [edição em português: *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios 12—14*, tradução de Caio Peres (São Paulo: Vida Nova, 2013)].

expressamente. Visto que nosso foco nesta discussão repousa sobre as evidências em Atos, buscarei esclarecer dois posicionamentos: (1) a crença de que o dom de línguas sempre acompanha a capacitação do Espírito conforme retratado em Atos e (2) a crença de que é normal, e não surpreendente, mas também não obrigatório que o dom de línguas acompanhe a capacitação do Espírito retratada em Atos.

Minha experiência com o dom de línguas

É proveitoso para os leitores quando aqueles que escrevem sobre dons espirituais falam de seus antecedentes, sejam eles carismáticos, não carismáticos ou anticarismáticos, visto que experiências passadas podem moldar o modo como abordamos a questão. Minha experiência com línguas é parte tão importante de minha vida cristã que devo permitir que você a leve em conta quando ler o modo como trato desse assunto.

Embora eu ore em línguas, minha experiência inicial com esse dom se deu de modo completamente inesperado. Ouvi o evangelho pela primeira vez no caminho da escola para casa, quando estava no ensino médio e, depois de discutir durante 45 minutos com os batistas fundamentalistas que compartilharam as boas-novas comigo, caminhei para casa a passos trêmulos. Embora até então eu tivesse sido ateísta e não considerasse convincentes os argumentos intelectuais que eles apresentaram, o Espírito estava exigindo de mim uma decisão, e não cessaria sua insistência enquanto eu não me rendesse ou dissesse para ele me deixar em paz. Uma hora depois, caí de joelhos no chão do meu quarto e reconheci que, embora não compreendesse, aceitava a declaração de Deus de que Jesus havia morrido e ressuscitado para me salvar. "Mas eu não sei como ser salvo", confessei. "Deus, por favor me salve". No mesmo instante, senti algo passar por meu corpo, como nunca havia sentido antes, e me levantei de um salto, perguntando-me o que estava acontecendo.

Embora há muito tempo duvidasse do pouco que sabia a respeito do cristianismo, também havia resolvido que, se em algum momento eu descobrisse que o cristianismo era verdadeiro, serviria a meu Criador com tudo que eu era e tudo o que tinha. Havia até pedido secretamente a Deus que se revelasse a mim, caso existisse de fato. Meu desejo era receber provas empíricas, mas naquele dia Deus me confrontou primeiro com a comprovação de sua presença. O poder de sua presença era tão forte que decidi ser cristão dali em diante, embora não soubesse ao certo quais eram as implicações mais detalhadas desse compromisso. No

domingo, fui a uma igreja, e o pastor orou comigo para que eu entregasse minha vida a Cristo. Assegurado de que havia recebido Cristo "corretamente", senti a mesma presença avassaladora de Deus que havia sentido dois diante antes e, dessa vez, resolvi me render a ela inteiramente.

Naquele instante, fui tomado de tal modo pela majestade e presença impressionantes de Deus a ponto de entender que somente ele poderia me dar palavras adequadas para louvá-lo. E, como sabia intuitivamente que Deus entendia todas as línguas, não me surpreendi quando o Espírito me deu outra língua com a qual poderia louvá-lo. Durante uma ou duas horas, adorei a Deus em línguas, um período pontuado com frequência por um riso profundo e catártico (que ocorreu novamente em algumas ocasiões desde então), e experimentei uma alegria inédita. Quando terminei, tive convicção de que o propósito de vida que há tanto eu buscava era, exclusivamente, promover a glória de Jesus Cristo.

Ao longo dos anos, Deus proveu outras experiências (inclusive o aprendizado de ler a Bíblia em seu contexto) que tornaram essa experiência de oração em línguas apenas uma entre muitas outras, embora ela continue a ser parte importante de minha vida pessoal de oração. Uma vez que nunca tinha lido a Bíblia até então nem tinha ouvido falar sobre o dom de línguas, não sabia que esse dom existia, nem tinha ideias preconcebidas a respeito de suas implicações. Deus simplesmente concedeu-me esse dom em um ato de graça a um convertido que não havia tido contato algum com a igreja e que precisava, encarecidamente, de uma experiência intensa de sua presença.

Reconheço que cada pessoa tem uma experiência diferente, mas apresento minha própria história para exemplificar como Deus pode prover uma experiência semelhante às experiências de Atos para pessoas a quem não foi ensinado coisa alguma a respeito dos prós ou contras do dom de línguas. Também a menciono para que você possa avaliar como minha experiência talvez tenha moldado minha perspectiva de formas das quais não tenho consciência. Peço apenas que você seja igualmente honesto a respeito de como a sua experiência (ou a ausência dela) talvez tenha moldado o modo como você aborda as evidências bíblicas.

Visto que os círculos dos quais participamos podem influenciar o modo como abordamos certas questões, devo admitir que minha experiência pessoal é fortemente permeada por dons como os de línguas e de profecia, mas que grande parte dos círculos de comunhão e ensino que frequento, ou quase todos eles, não se incluem nos círculos em que esses dons são exercitados. Ademais, vários dos círculos carismáticos com os quais tenho comunhão no momento consideram o

dom de línguas um sinal "normal" (comum), porém não "normativo" (obrigatório) da obra do Espírito.[2] Outros amigos carismáticos que o consideram "normativo" preferem, ainda assim, enfatizar outros elementos distintivos que, a seu ver, são mais importantes.

O dom de línguas é um assunto que aparece raramente em meu trabalho como estudioso da Bíblia (ocorre de modo claro em apenas seis capítulos das Escrituras); ademais, nenhum de meus amigos mais chegados que não oram em línguas, inclusive cessacionistas, levanta objeções ao fato de eu fazê-lo e, portanto, não me dão motivos pessoais para transformar essa questão em algo controverso. Como mencionei anteriormente neste livro, muitos de meus colegas mais chegados de ministério (ou mesmo a maioria deles), pessoas que certamente ministram no poder do Espírito de Deus tanto quanto eu, não oram em línguas. Vem à mente o dr. Danny McCain, um amigo na Nigéria cujo ministério toca milhões de vidas; dediquei um livro a ele e, a meu ver, seu ministério é "apostólico" em quase todos os sentidos. Ele aceita aqueles que oram em línguas, mas até o presente momento, ele próprio não o fez. Vem à mente também uma amiga na África que se dedica a trabalhar entre os pobres, especialmente para alcançar e transformar a vida de prostitutas. Ela literalmente sacrificou todos os seus bens para o reino, entregando tudo à obra de Deus e, em certo sentido, também me parece "apostólica". (Em sua humildade, ela pediu que eu não mencionasse seu nome!) Embora ela também aceite o dom de línguas como algo positivo, ainda não o recebeu. Será que o dom de línguas os renovaria e fortaleceria? Talvez eles próprios estejam abertos a essa ideia. É difícil, contudo, duvidar que o Espírito esteja capacitando de modo mais poderoso o ministério deles — para o que Deus os chamou a fazer — que o ministério das muitas pessoas que oram em línguas.

Ao mesmo tempo, vejo com frequência recém-convertidos orarem em línguas quando oro com eles para que tenham a experiência de capacitação descrita nos capítulos anteriores. Nesses momentos de oração, a grande maioria dos indivíduos com os quais eu oro experimenta de modo dramático a presença avassaladora do Espírito de Deus, vários deles de maneiras que nunca haviam sentido antes. Com frequência, mas nem sempre, começam a orar em línguas nesse momento. Muitos

[2]Um dos motivos pelos quais gosto de ser batista é o fato de não devermos ter outro "credo" além das Escrituras; meu compromisso é com aquilo que encontro nas Escrituras (quaisquer que sejam as denominações que essas evidências corroborem em algumas questões) e, por isso, continuo tranquilamente a orar em línguas. Talvez o outro lado de ser um batista que ora em línguas seja descrito por meu colega batista Tony Campolo, autor da obra *How to be Pentecostal without speaking in tongues* (Dallas: Word, 1994).

outros, mas nem todos, oram posteriormente (inclusive muitos que declararam que jamais o fariam!).

Se eu desejasse fundamentar a argumentação apenas em minha experiência, provavelmente seria impelido para o consenso geral de que o dom de línguas é útil, mas não constitui uma forma válida de medir o compromisso espiritual de uma pessoa. Tendo em vista, porém, que nossas experiências são limitadas, resta a pergunta: "O que a Bíblia ensina?".

O dom de línguas como sinal do Espírito em Atos

Alguns textos parecem encaixar-se melhor no modelo pentecostal tradicional do que muitos não pentecostais admitem. Embora o enfoque de Lucas ao falar do batismo no Espírito seja o evangelismo, e não o dom de línguas (At 1.8), esse dom funciona claramente como o sinal inicial do batismo no Espírito em Atos 2.

Nesse capítulo, os ouvintes que reconhecem as línguas perguntam: "Que significa isto?" (2.12, NIV). Outras pessoas do público presente acusam os discípulos de estarem bêbados (2.13). Pedro responde aos comentários em ordem inversa: a acusação de embriaguez é absurda (2.15). A implicação quanto ao que significa (2.12) é clara: foi isso que Joel quis dizer quando anunciou que o Espírito seria derramado e o povo de Deus profetizaria (2.16-18). E, se essa parte da profecia de Joel se cumpriu, então o tempo da salvação também chegou (2.19-21). Pedro considera o dom de línguas uma evidência da vinda do Espírito, a comprovação da capacitação profética que Joel prometeu. Logo, Atos 2 passa a ser um modelo para a capacitação profética do Espírito da igreja em Atos.

É intenção de Lucas que outros cristãos sigam esse modelo? É interessante observar que, ao contrário de alguns aspectos do modelo de Pentecostes, o dom de línguas é repetido posteriormente em Atos (At 10 e 19). Falar em línguas comprova o recebimento do Espírito em 10.46,47 ("eles receberam o Espírito da mesma forma que nós"). Acompanha a profecia como evidência de poder profético em 19.6 (talvez indicando que outros tipos de pronunciamentos inspirados podem cumprir a mesma função). O falar em línguas não é mencionado no recebimento inicial do Espírito pelos convertidos samaritanos, em Atos 8, nem por Paulo, em Atos 9. No entanto, muitos estudiosos destacam que algo tangível aconteceu em Atos 8 (Simão viu algo e o cobiçou), e 1Coríntios 14.18 indica que, em algum momento, Paulo começou a orar em línguas.

Visto que a narrativa em Atos 9 prediz (mas não descreve) o recebimento do Espírito por Paulo, não se pode concluir com base no silêncio de Lucas que

o dom de línguas não ocorreu nessa ocasião. Ainda assim, pode-se concluir que, tenha ocorrido ou não, Lucas não procurou enfatizá-lo nesse momento. Alguns estudiosos pentecostais argumentam que o dom de línguas acompanha o batismo no Espírito Santo da mesma forma que o batismo com água acompanha a conversão: Lucas não menciona o batismo depois de cada conversão, mas espera que o leitor conclua sua ocorrência com base nos casos em que é mencionado. De acordo com esses estudiosos, a experiência do dom de línguas talvez fosse tão típica no círculo cristão de Lucas que os leitores simplesmente partiam do pressuposto de que o dom de línguas acompanhava o batismo no Espírito, mesmo quando não era mencionado.

Conclusões com base nesse modelo e objeções

Para pentecostais tradicionais, essas observações confirmam sua convicção de que o falar em línguas fornece a evidência física inicial do batismo no Espírito Santo. De acordo com uma versão do início da história pentecostal, em dezembro de 1900 Charles Parham instruiu seus alunos para que cada um identificasse de modo indutivo o sinal do batismo no Espírito em Atos. Quando todos os alunos chegaram, separadamente, à conclusão de que o dom de línguas era o sinal do batismo no Espírito Santo, o grupo decidiu orar pedindo esse dom. Deus iniciou um movimento de avivamento, desencadeado especialmente sob a direção de William Seymour na rua Azusa, movimento que agora conta com mais de quatrocentos milhões de pentecostais e carismáticos ao redor do mundo. O próprio Seymour foi convencido de tal modo que falar em línguas era bíblico que começou a pregar a esse respeito meses antes de ele próprio receber esse dom.

A maioria dos pentecostais norte-americanos mais tradicionais argumenta que o dom de línguas *sempre* acompanha o batismo no Espírito. E, no entanto, alguns pentecostais discordam (especialmente pentecostais de outras partes do mundo, como Chile e Alemanha), como também o faz uma porcentagem considerável de carismáticos não denominacionais e tradicionais, inclusive os membros do crescente Movimento Vineyard.

Tendo em vista as evidências acima, muitos daqueles que creem na continuidade dos dons do Espírito nos dias de hoje reconhecem que o dom de línguas acompanhou, em várias ocasiões, o batismo no Espírito Santo em Atos e não se surpreendem quando ambos ocorrem de forma concomitante no presente. Pelos motivos fornecidos no Apêndice, "O que as narrativas bíblicas podem nos ensinar?", muitos admitem que Atos provê modelos para a igreja cheia do Espírito

(especialmente nos casos em que o Espírito age de modo direto), e não apenas uma descrição de um estágio inicial da igreja.

Apesar dessas admissões, porém, não carismáticos, muitos carismáticos e alguns pentecostais da atualidade ressaltam que o uso da forma narrativa por Lucas para nos ensinar não garante automaticamente um consenso a respeito do teor de seu ensino. Portanto, o estudioso inglês do Novo Testamento James D. G. Dunn faz um levantamento do recebimento inicial do Espírito ao longo de Atos e conclui que em todos os casos em que esse recebimento do Espírito é descrito, os cristãos parecem ter falado em línguas. Portanto, "a inferência forçosa é que Lucas pretendia retratar o 'dom de línguas' como 'sinal físico inicial' do derramamento do Espírito". Logo em seguida, porém, Dunn observa que, embora Lucas se concentre nesses sinais tangíveis da presença do Espírito, ele também inclui claramente louvor (10.45,46), profecia (19.6) e ousadia (4.8,31); assim, se Lucas desejasse enfatizar o dom de línguas como sinal necessário, ele o teria mencionado de forma mais explícita em Atos 8.[3]

Aqueles que acreditam no dom de línguas, mas duvidam de que ele sempre acompanhe o batismo no Espírito, podem, com isso, levantar objeções importantes à ideia de que o dom de línguas acompanha, inevitavelmente, o batismo no Espírito. A questão não é se Lucas ensina algo por meio de sua narrativa (2Tm 3.16; veja Apêndice); a questão é simplesmente *o que* ele ensina. Visto que o dom de línguas é uma forma de pronunciamento inspirado, Lucas podia empregá-lo com frequência para informar seus leitores de que as pessoas em sua narrativa haviam recebido capacitação profética. Dizer que manifestações autênticas do dom de línguas são garantia de que capacitação profética foi concedida não implica necessariamente, contudo, que a capacitação profética é sempre acompanhada do dom de línguas. Ou seja, o fato de pessoas que falam verdadeiramente em línguas terem sido batizadas no Espírito não significa que todas as pessoas batizadas no Espírito precisam falar em línguas. (Da mesma forma, pode-se raciocinar que todos os verdadeiros apóstolos são cristãos, mas nem todos os verdadeiros cristãos são apóstolos.)

A intenção de Lucas, tanto quanto podemos concluir com base em seu texto, é mostrar que o derramamento do Espírito em Pentecostes continua a caracterizar a propagação do cristianismo a todos os povos. Cada estágio da expansão do evangelho em Atos é marcado por capacitação profética demonstrada de forma

[3]James D. G. Dunn, *Jesus and the Spirit: a study of the religious and charismatic experience of Jesus and the first Christians as reflected in the New Testament* (London, Reino Unido: SCM, 1975), p. 189-91.

empírica, como na primeira experiência da igreja, pelo dom de línguas. Ou seja, Lucas ensina acerca da propagação transcultural da obra do Espírito por meio da evidência do dom de línguas, e não acerca do dom de línguas por meio de exemplos de pessoas que receberam o Espírito.

Por que Lucas enfatiza mais o dom de línguas do que outros dons e sinais que poderia ter mencionado? Convém lembrar que seu tema central é o testemunho a outras culturas realizado no poder do Espírito (At 1.8). Que sinal mais crucial o Espírito poderia oferecer de que está capacitando para transpor barreiras culturais? Nesse caso, é possível que Lucas mencione o dom de línguas sempre que tem oportunidade. Portanto, quando ele não o menciona talvez seja porque não ocorreu, pelo menos não naquele momento.

Quaisquer que sejam as conclusões às quais se queira chegar sobre o que aconteceu nos casos em que Atos não faz referência explícita ao dom de línguas, a maioria dos leitores observa que o fato de Lucas não mencionar sua ocorrência indica que ele não está *ensinando* deliberadamente que o dom de línguas sempre acompanha o batismo no Espírito. Observam também que, se não é isso que ele está ensinando, não temos uma passagem sequer no Novo Testamento que ensine essa doutrina explicitamente.

Segunda rodada: objeções às objeções

Os pentecostais clássicos talvez digam em resposta, porém, que essa ressalva não contradiz a ideia de que o dom de línguas sempre acompanha o batismo no Espírito. Conforme alguns argumentam, mesmo que Atos não ensine explicitamente essa doutrina, é possível que, não obstante, seja uma janela para a experiência cristã primitiva. No mínimo, Atos mostra um padrão em que o dom de línguas com frequência acompanhou as experiências descritas. (É difícil refutar esse fato; o padrão está presente no texto, mesmo que Atos seja curto demais para fornecer um grande número de exemplos.)

Tendo em vista o caráter sucinto e o enfoque limitado de Atos, podemos supor que o Espírito operou de várias maneiras das quais restam poucos registros claros. Muitas doutrinas cristãs primitivas importantes aparecem no Novo Testamento apenas em razão de controvérsias que as cercaram (e.g., a ceia do Senhor em 1Co 11.17-34). O Novo Testamento não é um manual doutrinário escrito num simpósio de teólogos, mas uma coletânea de textos essenciais inspirados dos primeiros cristãos comissionados por nosso Senhor. Portanto, afirmar que nenhum texto da Bíblia comprova de modo *conclusivo* o posicionamento

pentecostal não é o mesmo que dizer que isso refuta o posicionamento pentecostal. O clássico e habitual ponto de vista pentecostal de que o dom de línguas acompanha necessária e imediatamente o batismo no Espírito Santo ainda pode ser verdadeiro, atestado por outros meios como a experiência pentecostal. Ademais, a ligação próxima em Atos entre o dom de línguas e o batismo no Espírito teria feito o maior sentido para um público que observasse a ocorrência concomitante de ambos com frequência.

No entanto, os não pentecostais também têm uma réplica para essa objeção dos pentecostais. Se os cristãos primitivos não reconheciam que o batismo no Espírito havia ocorrido a menos que a pessoa começasse a falar em línguas, causa surpresa o restante do Novo Testamento não preservar mais testemunhos desse sinal tão importante. Ademais, é questionável se até mesmo a experiência pentecostal contemporânea prova que o dom de línguas deve sempre acompanhar o batismo no Espírito, pelo menos de imediato (a menos que se argumente de forma circular que uma experiência carismática intensa não é verdadeiro batismo do Espírito sem o dom de línguas). As estatísticas indicam que uma grande porcentagem dos pentecostais não fala em línguas! (Alguns afirmam que essa porcentagem corresponde a mais da metade de todos os pentecostais.[4] Nesse ponto, o argumento dos pentecostais com base nas Escrituras é mais forte do que seu argumento com base na experiência.) Conheço alguns carismáticos que consideram presunçoso insistir que o dom de línguas acompanha o batismo no Espírito, assim como é presunçoso declarar que Deus sempre cura quando temos fé suficiente.

Além do mais, pode-se argumentar que os pentecostais não exigem que Deus se conforme a todos quantos forem os padrões das Escrituras. Embora tanto em Atos como em 1Coríntios o dom de línguas pareça ser usado somente na oração (veja a discussão sobre o dom de línguas entre os dons espirituais), alguns pentecostais justificam uma "mensagem em línguas" ao afirmar que Deus pode fazer o que desejar. Aceito essa resposta, pois Deus pode transmitir uma "mensagem em línguas" se assim o desejar, quer porque ele vem fazendo isso há muito tempo, quer porque ele está disposto a falar conosco da maneira que esperamos ouvi-lo.

E, no entanto, se o padrão bíblico normal não se aplica a todas as situações (afinal, Deus pode fazer qualquer coisa que não contrarie a sua natureza), Deus

[4]Em "Evidence and movement", in: Gary B. McGee, org., *Initial evidence: historical and biblical perspectives on the Pentecostal doctrine of Spirit baptism* (Peabody: Hendrickson, 1991), p. 136, Henry Lederle afirma que apenas 35% dos pentecostais já oraram em línguas alguma vez.

deve sempre conceder o dom de línguas quando batiza seus filhos no Espírito? Por exemplo, poderia Deus suspender o dom de línguas àqueles que foram ensinados a ter medo desse dom? Ele esperaria até a pessoa superar o medo desse dom específico para, então, lhe capacitar para o evangelismo? A maioria de nós que circula em meios não carismáticos tem muitos amigos cristãos que levam uma vida profundamente conduzida pelo Espírito sem o dom de línguas, e alguns deles agem como se estivessem mais capacitados para a santidade e o testemunho do que muitos dos que falam em línguas. O acréscimo do dom de línguas talvez pudesse fortalecer ainda mais sua vida de oração, mas eles já possuem alguns dons excelentes para oferecer ao restante do corpo de Cristo. Não carismáticos também chamam a atenção para a declaração de Paulo de que nem todos falam em línguas (1Co 12.30). Nesse contexto, Paulo argumenta que, embora precisemos de todos os dons no corpo de Cristo, ninguém deve considerar seus próprios dons superiores ou inferiores aos de outros.

Os pentecostais costumam refutar essa asserção de uma das seguintes maneiras. Primeiro, argumentam tradicionalmente que, neste caso, Paulo se refere ao uso do dom de línguas em público, e não a orar em línguas nas devoções pessoais. (É possível que o contexto corrobore essa distinção, embora talvez diga mais respeito ao modo de o dom ser usado do que com uma diferença intrínseca entre as duas formas de línguas propriamente ditas.) Segundo, alguns pentecostais também citam 1Coríntios 14.5 para propor que mesmo que nem todos os cristãos falem em línguas, na opinião de Paulo seria bom se o fizessem. No entanto, a escolha de interpretar 14.5 à luz de 12.30, ou vice-versa, com frequência depende dos pressupostos iniciais da pessoa, o que causa um impasse na argumentação para ambos os lados.

Diferenças entre pentecostais

Alguns escritores carismáticos chamam a atenção para o fato de que o posicionamento pentecostal tradicional não é inteiramente monolítico; para dizer a verdade, alguns pentecostais clássicos rejeitam esse posicionamento. Agnes Ozman (a primeira pessoa a falar em línguas no início do avivamento pentecostal do século 20), F. F. Bosworth e outros expoentes entre os primeiros pentecostais questionavam se o dom de línguas sempre acompanhava o batismo no Espírito.[5]

[5]McGee, "Early Pentecostal hermeneutics: tongues as evidence in the Book of Acts", in: ibidem, org., *Initial evidence*, p. 108-10. Quanto à dissensão entre os primeiros pentecostais, veja McGee, "Hermeneutics", p. 107, e H. I. Lederle, "Initial evidence and the Charismatic movement: an ecumenical

De fato, mesmo hoje, o elemento unificador daqueles que oram em línguas em igrejas pentecostais e de outras linhas tradicionais é mais uma experiência compartilhada do que um modo em comum de formular essa experiência.

Um dado talvez ainda mais relevante é o fato de William Seymour, líder do Reavivamento da Rua Azusa, ter mais tarde negado que o dom de línguas fosse "o sinal" do batismo do Espírito. A princípio, Seymour havia aceitado o ensino de Charles Parham de que o dom de línguas representava o sinal inicial do batismo no Espírito. Porém, quando confrontado com o comportamento do próprio Parham — que, segundo relatos, incluía sua retórica racista branca contra Seymour, que era negro —, conta-se que Seymour chegou a questionar se Parham sequer era salvo, visto que não tinha o fruto do Espírito em sua vida. Embora Seymour tenha continuado a insistir na importância de falar em línguas, rejeitou a doutrina de que o dom de línguas deveria sempre acompanhar o batismo no Espírito. Considerou-a um ensinamento falso, que limitava Deus e, portanto, constituía uma forma de idolatria.[6]

---

appraisal", p. 131-2, in: *Initial evidence*. Lederle, *Treasures old and new* (Peabody: Hendrickson, 1988), p. 29-31, também apresenta um resumo dos primeiros teólogos pentecostais que adotaram outros pontos de vista e observa que a liberdade doutrinária em questões importantes, mas secundárias em relação ao evangelho, caracterizou o início do pentecostalismo (veja esp. p. 29; veja tb. Hollenweger, *Pentecostals*, p. 32, 331-6). Para uma defesa exegética bem construída do posicionamento pentecostal clássico, veja Donald A. Jos, "Some new directions in the hermeneutics of classical Pentecostalism's doctrine of initial evidence", in: *Initial evidence*, p. 145-67. No aspecto histórico, a igreja católica apostólica do século 19, cujo último apóstolo faleceu no ano em que nasceu o movimento pentecostal (1901), considerava o dom de línguas um sinal proeminente do batismo no Espírito (veja David W. Dorries, "Edward Irving and the 'standing sign' of Spirit baptism", in: *Initial evidence*, p. 41-56; cp. Gordon Strachan, *The Pentecostal theology of Edward Irving* [Peabody: Hendrickson, 1973]; Larry Christenson, *A message to the Charismatic movement* [Minneapolis: Bethany Fellowship, 1972]).

[6]Veja Cecil M. Robeck Jr., "William J. Seymour and 'the Bible evidence'", in: *Initial evidence*, p. 81-9; Synan, *Holiness-Pentecostal movement* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 180. Algumas das ideias iniciais de Parham a respeito do dom de línguas, como de que era xenoglossia ou de que apenas aqueles que falavam em línguas seriam arrebatados antes da tribulação (veja James R. Goff Jr., "Initial tongues in the theology of Charles Fox Parham", in: *Initial evidence*, p. 64-5, 67), foram prontamente rejeitadas por outros pentecostais, como também o foi sua defesa do israelismo britânico. Quanto ao rompimento habitual de barreiras raciais nos primeiros círculos pentecostais, em conflito com o preconceito racial predominante na sociedade mais ampla, veja Synan, *Holiness-Pentecostal movement*, p. 80, 109-11, 165-9, 172, 178-9, 182-3, 221; Synan, "Seymour, William Joseph", in: Stanley M. Burgess; Gary B. McGee; Patrick H. Alexander, orgs., *Dictionary of Pentecostal and Charismatic movements* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 778-81; Leonard Lovett, "Black Holiness-Pentecostalism", in: *Dictionary of Pentecostal and Charismatic movements*, p. 76-84, esp. p. 83; Burgess; McGee; Alexander, "The Pentecostal and Charismatic movements", *Dictionary of Pentecostal and Charismatic movements*, p. 3.

Alguns outros que aceitavam a capacitação sobrenatural também enfatizavam o fruto do Espírito como sinal mais claro da obra do Espírito do que o dom de línguas. Wesley aceitava revelações, profecias, curas e afins entre seus seguidores, mas enfatizava que a verdadeira evidência do Espírito era a maturidade rumo à perfeição cristã. Alguns dos primeiros pentecostais também enfatizavam o amor como evidência central. Pandita Ramabai, por exemplo, figura-chave em um importante movimento de derramamento do Espírito na Índia, no início do século 20, destacou que, embora o dom de línguas fosse um sinal do batismo no Espírito, o sinal essencial e inevitável era o amor.[7]

Pentecostais clássicos geralmente respondem que o fruto do Espírito é um sinal essencial de sua presença, mas que o dom de línguas (conforme observado acima) é o sinal mais frequente da experiência inicial retratado em Atos, um padrão que para maioria dos pentecostais é normativo.

E eis como terminam as evidências bíblicas na discussão entre muitos pentecostais e não pentecostais: Atos mostra que o dom de línguas normalmente acompanha o primeiro enchimento com capacitação profética, mas o livro de Atos por si só tem dificuldades em comprovar que deve sempre ser dessa forma. Portanto, a maioria dos não pentecostais continua cética a respeito da possibilidade de concluir que alguém não esteja cheio do Espírito (mesmo no sentido de Atos) por não ter falado em línguas. Além desse ponto, a discussão frequentemente se torna uma questão de determinar a quem cabe o ônus da prova, pois cada lado costuma imaginar que sua experiência espiritual é desconsiderada pela outra parte.

Não obstante, todos aqueles que são sensíveis ao texto devem pelo menos reconhecer o valor dos estudiosos pentecostais por chamarem nossa atenção para uma característica inescapável de Atos: em Atos, o dom de línguas continuamente acompanha a primeira ocasião em que o crente é enchido com o Espírito, por vezes em conjunto com outros pronunciamentos inspirados pelo Espírito, como a profecia.

Embora cristãos continuem a discutir se o dom de línguas ocorre em todos os casos apresentados em Atos (e, o que é ainda mais controverso, se deve ocorrer com regularidade hoje), Lucas usa o dom de línguas com mais frequência do que qualquer outro sinal para indicar que os crentes receberam poder profético do Espírito. Ao ressaltar o dom de línguas, os pentecostais nos lembraram de que

[7]Stanley M. Burgess, "Evidence of the Spirit: the medieval and modern Western churches", in: *Initial evidence*, p. 33-4; McGee, "Hermeneutics", p. 107-8.

ser enchido com o Espírito, no sentido proposto por Lucas, é capacitação para transmitir a mensagem de Deus (At 1.8), uma capacidade de falar com particular sensibilidade aquilo que o Espírito coloca em nosso coração (4.31; cp. Ef 5.18-20). A meu ver, também era intenção de Lucas que percebêssemos nesse dom um sinal de que Deus chamou sua igreja para evangelizar todos os povos e todas as culturas.

Ao orar em línguas ou por outros meios, todos nós podemos ser beneficiados ao infundir uma sensibilidade mais profunda à direção do Espírito em nossas palavras. Para alguns de nós que oram em línguas, a sensibilidade espiritual desenvolvida durante a oração em línguas que desconhecemos nos ajuda a orar e testemunhar com mais eficácia nas línguas que conhecemos. Em última análise, porém, todos os cristãos concordam que a oração e o testemunho são mais importantes do que o fato de serem feitos ou não em uma língua desconhecida.

Considerando as questões práticas

Inteiramente à parte das questões acima, tanto carismáticos como não carismáticos concordam que nossa busca espiritual deve enfatizar o Espírito, e não o dom de línguas. Quando pedimos a Deus poder para orar em línguas, será que devemos rogar por um "sinal" de que tivemos uma experiência espiritual ou por um novo modo de orar e adorar a Deus? Mesmo que alguém creia que o dom de línguas é sinal do recebimento do Espírito em Atos (e, em três casos, Lucas o menciona com esse propósito), Atos não dá a entender que os cristãos devam *buscar* o dom de línguas com essa finalidade.

Lembro-me de amigos que fizeram longos jejuns, tiveram visões ou testemunharam com ousadia, mas depois rejeitaram a fé cristã. Em última análise, qualquer perspectiva que toma o lugar da lealdade a Cristo — por mais nobre que seja em si mesmo — se torna uma falsificação. O dom de línguas, como todos os outros dons, funciona melhor quando Cristo, e não o dom, cativa nossa atenção. Gosto de adorar Deus em línguas pelo mesmo motivo que gosto de adorá-lo em meu próprio idioma: ele merece nossa adoração, e nosso coração se sente mais à vontade que nunca quando está voltado para ele.

Este livro não será capaz de conciliar os dois posicionamentos a respeito do dom de línguas e o batismo no Espírito, cujas distinções são tão claras quanto os posicionamentos dos pentecostais clássicos e dos não pentecostais. A despeito disso, espero que cristãos de ambos os grupos consigam entender por que outros cristãos adotam pontos de vista diferentes e consigam reconhecer a profundidade de seu compromisso espiritual. Não devemos usar exemplos negativos de nenhum

dos lados para fazer uma caricatura do movimento inteiro. Além disso, quanto às questões centrais, ambos os lados são capazes de encontrar mais pontos em comum na Bíblia do que diferenças. Biblicamente, devemos reconhecer que o dom de línguas normalmente acompanha experiências espirituais descritas em Atos. Também podemos concordar que o aspecto mais importante dessa experiência não é o dom de línguas em si, mas o poder recebido para a missão a ser realizada.

Na prática, algumas discussões tradicionais talvez tenham menos a ver com as evidências iniciais do que com outras questões. Um dos motivos pragmáticos comuns apresentados pelos pentecostais para sua insistência em afirmar a doutrina do "sinal inicial" é a preocupação de que os pentecostais deixem de buscar a capacidade de orar em línguas caso abram mão dessa doutrina. Enquanto pentecostais e carismáticos tradicionais imaginarem que são os únicos que estão buscando esse dom, muitos talvez continuem a sentir a pressão de certificar-se de que o maior número possível de membros de seu grupo o exercite. E, no entanto (como proponho em meus comentários sobre dons espirituais), ainda que o dom de línguas seja útil para a oração nas devoções pessoais e que possamos orar a Deus pedindo dons espirituais, não devemos buscar esse dom apenas como "sinal necessário do batismo do Espírito". (Na verdade, ouvi alguns estudiosos pentecostais proporem que é mais pentecostal promover uma experiência espiritual — não apenas dons, mas outras formas de receptividade ao Espírito de Deus — do que promover as minúcias dessa doutrina.)

A oração em línguas, assim como outras formas de oração, pode acrescentar uma nova dimensão à vida de oração da pessoa. Poucos de nós podemos nos dizer proficientes em todas as formas de oração, e a maioria de nós deseja mais ajuda do Espírito ao orar. Essa ênfase também pode levar os resultados imediatos a parecerem menos urgentes, ajudar-nos a evitar a tentação de classificar as pessoas espiritualmente com base no fato de terem ou não falado em línguas e evitar o desânimo entre aqueles que buscam esse dom há muito tempo e não o receberam. (Isso não significa que quem aceita a ideia do dom de línguas como sinal deseja que outros se sintam cidadãos de segunda categoria porque não falaram em línguas; no entanto, encontrei cristãos que pensam desse modo.)

Não proponho aqui um teste pragmático da verdade capaz de determinar a autenticidade do posicionamento pentecostal clássico com base em resultados. Os pentecostais poderiam, com a mesma facilidade, indicar seu êxito no evangelismo mundial como prova pragmática de que seu posicionamento tem a bênção de Deus (suspeito que, no mínimo, sua ênfase sobre a capacitação do Espírito tem a bênção de Deus). Antes, proponho que podemos valorizar fortemente o dom

e, no entanto, articulá-lo de maneiras que o recomendem para uma parcela mais ampla do corpo de Cristo, levando mais pessoas a compartilhar esse dom mesmo que não concordem com todos os detalhes da teologia pentecostal clássica.

Visto que a maioria dos cristãos hoje não é contra falar em línguas, como era o caso em outros tempos, alguns pentecostais começaram a perceber que é menos importante se concentrar tanto na defesa dessa doutrina quanto era no passado. Muitos outros cristãos, ao aprenderem com aquilo que os pentecostais têm a oferecer, parecem dispostos a ir além da controvérsia sobre o dom de línguas e explorar o que o Espírito de Deus tem para a igreja (inclusive, mas não apenas, a oração em línguas).

Conclusão

Procurei apresentar ambos os lados de modo imparcial. Tendo em vista que minhas convicções não se encaixam com exatidão em nenhum dos "campos" tradicionais, busquei aprender com os argumentos bíblicos mais convincentes de cada um deles. A meu ver, no livro de Atos, Deus mostrou em várias ocasiões que tinha equipado seu povo para falar de modo profético a outras culturas ao capacitá-lo para falar em línguas. O padrão em Atos dá a entender que não devemos nos surpreender quando Deus capacita seu povo de modo semelhante nos dias de hoje. No entanto, Lucas não relata a presença desse padrão em todos os casos e, portanto, não devemos afirmar que ele o "ensinou" como algo obrigatório em todos os casos. O dom de línguas é um dom excelente e útil para a oração, mas não devemos nos atrever a declarar que alguns cristãos carecem de capacitação especial do Espírito simplesmente porque não oram em línguas.

Em situações de dúvida, a maioria dos cristãos recorre a conceitos denominacionais, e espera-se que façam isso sem desrespeitar irmãos em Cristo de diferentes denominações. Creio, porém, que a maioria dos leitores concorda a respeito de algumas questões práticas que ficam evidentes no testemunho do Novo Testamento: (1) falar em línguas é uma evidência bíblica de capacitação do Espírito para o evangelismo (mesmo que muitos de nós não estejamos convencidos de que todos que são capacitados pelo Espírito experimentem esse dom); (2) o dom de línguas constitui uma forma válida de adoração a Deus (veja capítulo sobre dons espirituais); (3) devemos desejar esse dom com o propósito de adorar a Deus, e não visando o elitismo espiritual; e (4) o dom de línguas usado para a adoração nas devoções pessoais pode fortalecer a vida de oração. Ainda que alguns cristãos tenham enfatizado excessivamente o dom de línguas em reação a

outros que o minimizaram, pelo menos chamaram a igreja de volta à valorização bíblica do dom e, o que é mais importante, levaram muitos a ansiar por intimidade mais profunda com Deus.

À luz de toda a perspectiva bíblica a respeito do Espírito, nosso foco deve estar voltado para a provisão, pelo Espírito, de um relacionamento íntimo com nosso Senhor Jesus ressurreto e o poder que nos concede para tornar Cristo conhecido e colocar em prática o fruto do caráter de Deus. Precisamos que o Espírito transforme nosso coração a fim de imitarmos o caráter de Cristo e perseverarmos em meio às provações. O dom de línguas é útil para a oração e pode ajudar a desenvolver nossa sensibilidade ao Espírito Santo; por esse motivo, podemos pedir que Deus nos conceda esse dom, bem como outros. Embora Deus, em sua sabedoria, não atenda a todos os pedidos, geralmente ele tem prazer em nos abençoar com dons que nos aproximarão dele. Devemos, portanto, orar com expectativa, e então adorá-lo, qualquer que seja a capacitação que venhamos a receber dele.

Se, contudo, nos considerarmos cheios do Espírito de Deus porque oramos em línguas, mas desprezarmos seu chamado para evangelizar o mundo e ser representantes da justiça, dos oprimidos e da retidão da Palavra de Deus, estaremos enganando a nós mesmos. Reconheço que todos os cristãos pentecostais e carismáticos bíblicos devem viver sob o poder do Espírito de Deus em todas as áreas de suas vidas. Se todos os cristãos começassem a falar em línguas amanhã, isso não seria um avivamento. Mas se todos os cristãos começassem a amar Jesus e uns aos outros com tamanha paixão a ponto de cumprir a Grande Comissão, experimentaríamos um avivamento como o mundo jamais viu.

10

Por que discernir o Espírito?

Aos 18 anos, depois de cerca de um ano aprendendo a ouvir a voz de Deus, compartilhei minhas novas percepções com alguns amigos, entre eles, uma recém-convertida que chamarei Rita (nome fictício). Um ou dois meses depois, fui para a faculdade de teologia e outros a discipularam. Enquanto eu estava fora, Rita me ultrapassou em sua aptidão de ouvir a voz de Deus e, quando voltei da faculdade, descobri que ela estava tendo visões. Nunca tive uma visão e, com inveja, me queixei para Deus que não era justo ele dar visões para ela e não para mim. Tinha certeza de que a situação não era justa, pois eu havia me convertido há mais de três anos e Rita, há menos de um ano. Como você deve ter percebido, eu não tinha muita maturidade espiritual, apesar de meu desejo zeloso por Deus em alguns aspectos.

Creio que Rita estava verdadeiramente caminhando bem perto de Deus. Agora percebo, porém, que ela também corria certo perigo espiritual e que, se eu tivesse gasto menos tempo me sentindo espiritualmente inseguro, poderia tê-la ajudado mais. Quando nos encontramos, ela não demorou a me confrontar com a ideia de que eu estava me tornando apenas um acadêmico árido. Houve um breve período em minha vida espiritual em que, de fato, corri o risco de me tornar um estudioso sem vitalidade, mas não foi nessa época. (Por ironia, meu período de aridez aconteceu quando comecei a pastorear.) Ainda assim, é provável que eu fosse arrogante demais quanto à importância do conhecimento acadêmico e me orgulhasse de ser mais culto do que a maioria de meus amigos.

Em contrapartida, Rita corria o risco de se tornar arrogante quanto a sua aptidão especial para ouvir Deus em oração. Ela explicou que a Bíblia era um registro útil das revelações de outras pessoas, mas que agora ela estava recebendo suas próprias revelações e, portanto, não se sentia mal por não ter tanto tempo para ler a Bíblia quanto gostaria. Em outras palavras, ela praticamente não lia mais as Escrituras. Comecei a ficar um tanto preocupado com ela quanto a essa questão.

Certa noite, tinha um compromisso marcado com Rita e, antes desse encontro, orei para que Deus falasse comigo. Minhas motivações deixavam muito a desejar: sabia que Rita teria recebido alguma palavra de Deus recentemente e conclui que seria bom se eu também houvesse recebido alguma revelação dele, pois, do contrário ela voltaria a me acusar de não ser espiritual. Em sua graça, porém, Deus perdoou minhas motivações e falou comigo em oração, mostrando mais um argumento das Escrituras que eu poderia usar para defender a divindade de Cristo. Enquanto falávamos sobre esse assunto, perguntei ao Senhor por que ele tinha dito que ele e o Pai eram um, uma vez que, na verdade, o Filho não é o Pai. Ele respondeu que ele havia orado para que seus discípulos também fossem um, o que não tornava todos eles a mesma pessoa. Essa associação nunca havia me ocorrido e fiquei feliz de descobri-la.

Quando Rita chegou, compartilhei com ela esse novo aspecto da divindade de Cristo. Com um gesto de desdém, ela anunciou: "Deus me mostrou isso meses atrás". Meu orgulho foi por água abaixo. Ela insistiu em me levar à casa da amiga que a estava discipulando e, no caminho, começou a falar de sua nova revelação: havia algo além da Trindade. Com o tempo, os cristãos se tornariam Deus, a *quarta* pessoa da Trindade.

Apesar de ter certeza de que ela me repreenderia por minha falta de percepção espiritual, refutei essa ideia dizendo que não era isso que a Bíblia ensinava. "Eu sei", ela respondeu. "A Bíblia foi escrita há muito tempo, e essa verdade foi revelada apenas algumas semanas atrás."

"Mas o ensino bíblico é *contrário* a essa ideia", retruquei. Ela respondeu que não estava dizendo que éramos deuses, mas apenas que nos tornaríamos divinos em um futuro distante. Eu mencionei Apocalipse 22, o último capítulo da Bíblia, em que os servos de Deus o servem em sua presença para sempre.

"Eu me refiro a um futuro ainda mais distante que esse", disse Rita. A essa altura, havíamos chegado à casa de sua amiga, e ela e sua discipuladora se uniram contra mim e observaram que eu estava me apegando a um dogma e precisava receber essa nova revelação do Espírito Santo. Suas repreensões por minha falta de espiritualidade fizeram com que eu me sentisse meio teimoso, mas continuei a responder com base nas Escrituras. (Elas afirmaram que todos nós nos tornaríamos salvadores de outros planetas, como Aslam nas Crônicas de Nárnia. Elas haviam recebido essa "revelação" enquanto liam C. S. Lewis.)

Por fim, descobri parte da base de sua revelação: a pessoa que estava discipulando Rita acreditava que Jesus e o Pai eram a mesma pessoa, pois eram um, portanto, o fato de ser um com eles significava que também seríamos a mesma

pessoa que Deus. Só depois me lembrei de que, na oração antes daquele encontro, tinha ouvido o Senhor dizer algo bem diferente a respeito do mesmo assunto.

O que quero destacar aqui não é que todas as revelações que recebemos em oração sejam equivocadas. A questão, contudo, é que se não estiverem de acordo com as Escrituras, certamente são erradas. Ninguém conseguiu convencer ninguém naquela noite; eu me apeguei firmemente à Bíblia e elas, às suas revelações.

Por que devemos discernir o Espírito?

Com o tempo, minha querida amiga Rita e sua discipuladora perceberam seu erro e voltaram ao conceito bíblico da Trindade. Infelizmente, porém, Rita se afastou da fé um ou dois anos depois, quando encontrou forte resistência de sua igreja carismática a algumas de suas "profecias". Até hoje, me entristeço quando recordo o zelo com o qual ela começou seu relacionamento com Cristo e minha omissão em lhe dar apoio e correção quando ela precisou. E, no entanto, Rita não estava sozinha em suas "revelações" equivocadas.

Em capítulos anteriores, falamos sobre ouvir a voz de Deus e sobre a direção do Espírito no evangelismo e sua capacitação para o exercício dos dons espirituais. Agora, precisamos tratar da questão menos agradável do discernimento. O discernimento é importante não apenas para distinguir entre verdadeiros e falsos profetas (1Jo 4.1-6) ou entre profecias corretas ou incorretas (1Co 14.29). Também é importante ao ouvirmos Deus falar a nós.

Cristãos maduros já viram muitas imprecisões serem atribuídas ao Espírito Santo ou à Bíblia. Aqueles que são cristãos há várias décadas sem dúvida se lembram de várias predições a respeito da volta do Senhor que nunca se cumpriram. Uma das mais conhecidas em minha época foi um livro que calculava o ano da volta de Jesus: *88 reasons why the rapture could be in 1988* [88 motivos pelos quais o arrebatamento pode acontecer em 1988], que vendeu mais de três milhões de exemplares — em 1988. A edição revisada, que fornecia 89 motivos pelos quais Jesus poderia voltar em 1989, não vendeu tão bem. (Ninguém pode dizer que os evangélicos norte-americanos se deixam enganar facilmente, pelo menos não duas vezes em dois anos seguidos e pelo mesmo autor.)[1]

[1]Para uma relação mais completa de predições falsas desse tipo, veja meu texto *Revelation*, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 61-5. Existem inúmeros outros exemplos, e.g., George Bell predisse que o fim dos tempos ocorreria em 28 de fevereiro de 1763, e embora Wesley o tenha excluído da igreja, sua predição causou vexame para os primeiros metodistas; veja *Christian History* 2, n. 1 (1983): 11.

Críticas carismáticas aos carismáticos

Revelações, sejam elas baseadas em percepção espiritual em oração ou no estudo da Bíblia, podem ser equivocadas e precisam ser testadas pelas Escrituras. Tendo em vista meu apoio ao exercício dos dons espirituais e ao fato de eu mesmo exercer alguns desses dons, creio que você entenderá que esta não é uma crítica aos dons espirituais autênticos. Antes, é meu posicionamento diante dos excessos que, com frequência, ocorrem em meios não fundamentados nas Escrituras (em grupos que alguns carismáticos chamam, por brincadeira, "birutas carismáticos").

J. Lee Grady, diretor editorial da revista *Charisma*, é autor de um livro chamado *What happened to the fire?* [O que aconteceu com o fogo?], que precisa ser lido por muitos carismáticos.[2] Embora muitos leitores talvez não concordem com alguns dos exemplos de Grady, como carismático, ele documentou de um jeito amoroso, mas com precisão, muitos exemplos de erros carismáticos. E mostra que, para os carismáticos contribuírem com o corpo de Cristo de modo mais amplo por meio dos dons que Deus lhes concedeu, é necessário haver mais autocrítica.

Minhas críticas, assim como as de Grady, são feitas por alguém "da casa". Não constituem um ataque aos dons espirituais em si, mas sim ao erro espiritual propagado em nome dos dons espirituais. Muitas queixas anticarismáticas acerca dos "maus frutos" da doutrina carismática dizem respeito não ao Espírito ou aos dons propriamente ditos, mas a uma postura legalista e que se opõe ao estudo sério das Escrituras demonstrada por alguns grupos carismáticos. Por vezes, esses problemas vêm da religião popular não carismática, mas, qualquer que seja sua origem, visto que alguns cristãos equivocados se identificam como carismáticos, os carismáticos com base mais sólida precisam assumir a responsabilidade de afastar os outros carismáticos dessas práticas. É o que procuro enfatizar nesta seção.

Carismáticos mais maduros reconhecem que nem tudo que se faz passar por obra do Espírito entre os cristãos hoje em dia é, de fato, do Espírito. O rótulo de uma igreja não lhe dirá de antemão se o Espírito está presente ali. Por exemplo, ao contrário do que elas próprias afirmam, algumas igrejas carismáticas seguem uma tradição carismática por hábito, sem saber bem do que se trata; de modo contrastante, em algumas igrejas não carismáticas (como a igreja batista negra na qual fui ordenado), apenas a pessoa mais espiritualmente insensível do mundo não perceberia a clara presença do Espírito de Deus. Alguns carismáticos que rejeitam a

[2]J. Lee Grady, *What happened to the fire? Rekindling the blaze of charismatic renewal* (Grand Rapids: Chosen, 1994).

"tradição" das igrejas mais antigas se mostram igualmente presos a tradições mais recentes baseadas em uma "revelação" de poucos anos atrás, mas que, ainda assim, não deixa de ser uma tradição.

Se imitarmos os ensinamentos de outros sem, primeiramente, verificar as passagens que eles citam, estaremos apenas perpetuando a tradição e deixando de expor com fidelidade a Palavra de Deus. (Poderíamos ilustrar o quanto essa prática é frequente ao fazer uma relação dos textos que costumam ser citados por muitos mestres associados ao movimento Palavra de Fé e, então, examiná-los em seu contexto. Ao final desse processo, não restariam muitos textos.) E, se valorizamos mais a tradição de nossa igreja do que a Palavra de Deus, pode ser que estejamos servindo a essa tradição, e não a Deus (cp. Mc 7.6-13).

Exemplos de "revelações" problemáticas

De modo semelhante, nem toda suposta revelação vem do Espírito. Uma revelação questionável ocorreu enquanto os primeiros pentecostais se decidiam acerca da natureza do batismo no Espírito Santo. Sob a influência de W. H. Durham, favorável a esse batismo, muitos pentecostais decidiram que o batismo no Espírito era uma segunda, e não uma terceira obra da graça. Um dos defensores dos três estágios, porém, afirmou ter recebido uma visão na qual havia sido revelado que o Diabo havia instigado a doutrina dos dois estágios a fim de envolver no movimento pentecostal pessoas não santificadas.

Outras "revelações" continuaram a criar problemas para a união dos primeiros pentecostais. Pouco depois de grande parte do movimento pentecostal ter decidido em favor do conceito de dois estágios, um segmento importante se separou porque um homem afirmou que era necessário ser batizado somente no nome de Jesus, o que tornava ilegítimo o batismo "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Essa revelação levou muitos a adotarem a ideia de que Jesus era o Pai e o Espírito, bem como o Filho — um antigo ensino do sabelianismo, desprovido de qualquer base bíblica.

No entanto, muitos pentecostais seguiram essa doutrina de "somente Jesus" porque não ousaram questionar uma revelação pessoal. Entretanto, J. R. Flower, um dos primeiros líderes da Assembleia de Deus nos Estados Unidos, se posicionou publicamente contra a revelação e declarou que não era bíblica. A princípio, estava praticamente sozinho em sua declaração pública, mas graças a seu posicionamento corajoso, a maioria dos pentecostais que haviam aceitado a revelação voltou à doutrina trinitária bíblica. Alguns, porém, continuam a ensinar o conceito sabeliano ("somente Jesus") até hoje.

D. R. McConnell argumentou que boa parte do "ensino de fé" contemporâneo nasceu de um dos primeiros fundadores desse movimento, que tomou emprestadas várias ideias de E. W. Kenyon. Embora afirmasse ter extraído essas ideias de uma revelação direta do Espírito Santo, as palavras desse fundador são, por vezes, quase idênticas às asserções anteriores de Kenyon, chegando a ter vários parágrafos inteiros iguais. Kenyon não era pentecostal; aliás, opunha-se ao dom de línguas. McConnell mostrou que Kenyon sofreu influência considerável de suas leituras associadas ao movimento Novo Pensamento que deu origem à Ciência Cristã.[3] Um amigo africano e eu escrevemos juntos, para uso no país dele, uma resposta bíblica para as questões que, a nosso ver, são erros nos ensinamentos de prosperidade e "fé". Basta dizer aqui que, a meu ver, esses erros se infiltraram em muitos círculos carismáticos e trouxeram descrédito até mesmo para carismáticos legítimos em vários círculos evangélicos e tradicionais mais amplos.

É muito fácil culpar o Espírito Santo por nossos sermões ruins, nossas ideias equivocadas e assim por diante. Só quando formos humildes o bastante para reconhecer, de fato, a diferença entre a sabedoria do Espírito e a nossa própria poderemos crescer em maturidade espiritual.[4]

O papel da Bíblia no discernimento

Por mais importante que seja nosso relacionamento com o Espírito, precisamos manter um senso de proporção. Como muitos cristãos, minha amiga Rita e outros cristãos mencionados anteriormente não colocaram a Bíblia em seu devido lugar. As revelações de Deus a todos os seus apóstolos e profetas na Bíblia já foram testadas; portanto, a Bíblia é o cânon, a confiável vara de medir para todas as asserções de revelação feitas hoje.

Muitos profetas se pronunciaram na época de Jeremias, mas a destruição de Jerusalém revelou que apenas um deles, Jeremias, transmitia a mensagem de

[3]Veja D. R. McConnell, *A different gospel: a historical and biblical analysis of the modern Faith Movement* (Peabody: Hendrickson, 1988), p. 137-40.

[4]Também não faltam exemplos de revelações visando a autopromoção. Em 1965, Homer Tomlinson, filho do ex-superintendente de uma denominação pentecostal, anunciou que ele era o rei do mundo. Como aconteceu com outros "profetas do fim dos tempos" antes dele, como John Alexander Dowie ou William Branham, porém, sua revelação não foi aceita pela maioria de seus súditos. Ele faleceu em 1969 (Vinson Synan, *The Holiness-Pentecostal movement in the United States* [Grand Rapids: Eerdmans, 1971], p. 196-7; quanto à Dowie e Branham, veja David Edwin Harrell Jr., *All things are possible: the healing and Charismatic revivals in modern America* [Bloomington: Indiana University, 1975], p. 13-14, 27-41, 159-65).

Deus. E foi seu livro que se tornou parte da Bíblia. De acordo com Jeremias, profetas verdadeiros do passado haviam profetizado julgamento e, portanto, o ônus da prova cabia a qualquer profeta que declarasse que tudo correria bem para o povo de Deus (Jr 28.8,9; cp. 23.16-32). A história testou as revelações bíblicas, e devemos usá-las para avaliar e guiar nossa própria sensibilidade ao Espírito. Aqueles que aprendem a reconhecer a voz de Deus na Bíblia reconhecerão o Espírito quando este falar em seu coração.

Contudo, ouvir a voz de Deus na Bíblia não significa apenas citar versículos aqui e ali; muitos citam os mesmos versículos e usam-nos para argumentar em favor de proposições contraditórias. Deus não nos deu a Bíblia com versículos isolados, separados por espaços em branco, mas sim, um livro de cada vez. Foi dessa maneira que o Espírito de Deus inspirou as Escrituras e, portanto, é dessa maneira que podemos ouvir melhor a voz de Deus nelas. Devemos aprender as Escrituras em contexto, passagem por passagem e livro por livro, e não apenas depender de nossas próprias revelações (ou das de outras pessoas). Desconsiderar a revelação que Deus já nos deu nas Escrituras em favor de uma nova revelação contrária às Escrituras é uma prática perigosa. É como o profeta que deu ouvidos à asserção (falsa) de revelação de outro profeta e desconsiderou a revelação que ele já tenha; esse profeta morreu por ter desobedecido a Deus (1Rs 13.16-22).

A situação referente à interpretação bíblica é mais séria do que muitos de nós, carismáticos ou não, nos damos conta. Em sua maioria, os versículos que citamos aleatoriamente em nossas igrejas o são de forma automática, sem terem sido antes estudados em seu contexto. Consequentemente, muitos desses versículos não significam aquilo que pensamos. ("Ladrão", e.g., no contexto de João 10.10 não é apenas o Diabo, e "levantar Jesus" em João 12.32,33 não se refere, principalmente, a louvor, como o leitor interessado poderá confirmar de imediato ao verificar essas passagens em seu contexto. Em Salmos 118.22-24, "Este é o dia que o SENHOR fez" [NIV] se refere, na realidade, a um dia específico e importantíssimo da história!)

Com frequência, irmãos zelosos e sinceros aceitam sem questionar o que pastores populares afirmam, embora alguns desses pastores citem quase todos os versículos fora de contexto. Há quem argumente que Deus pode falar por meio de um versículo das Escrituras mesmo quando tirado de seu contexto. Sem dúvida, Deus é soberano e pode falar como bem entender, por meio de uma citação fora de contexto, de um poema ou da jumenta de Balaão. No entanto, não costumamos sair à procura de jumentas para que nos digam como devemos viver. Da mesma forma, não podemos *ensinar*, como se fosse uma afirmação investida de autoridade para o restante do corpo de Cristo, uma interpretação das Escrituras

que não está, verdadeiramente, no texto nem é acessível a todos. Se orarmos humildemente por esses pastores e se eles tiverem coração humilde diante de Deus, ele pode conduzi-los a uma compreensão mais correta. No entanto, seria muito melhor ter corrigido o erro antes que esses indivíduos começassem a desencaminhar tantas outras pessoas!

Nós que fechamos os olhos enquanto servos de Deus usam sua Palavra de modo indevido devemos assumir nossa parte da culpa. (Se alguém interpretasse equivocadamente nossa intenção ao citar palavras nossas fora de contexto, pensaríamos em processar essa pessoa!) Oremos por um novo avivamento do Espírito hoje, por um despertamento da igreja de Deus para a verdade de sua Palavra.

Críticas injustas dos não carismáticos aos carismáticos

Discordo da conclusão de John MacArthur de que os dons miraculosos do Espírito cessaram, e tenho certeza de que os exemplos extremos que ele fornece em seu livro não representam a maioria dos carismáticos.[5] MacArthur se queixa de que tanto seitas como carismáticos afirmam ter novas revelações.[6] Contudo, essa comparação não deve colocar ambos automaticamente na mesma categoria. Primeiro, culpa por associação é uma forma de raciocínio que traz resultados desagradáveis. Por exemplo, a seita The Way International afirma que os salvos serão arrebatados antes da tribulação; muitos batistas norte-americanos afirmam o mesmo. Isso significa que os batistas são uma seita? Algumas seitas apocalípticas negam o arrebatamento antes da tribulação; a maioria dos professores de seminário presbiterianos e batistas que negam o pré-tribulacionismo fazem parte, portanto, de uma seita? Se tanto aqueles que afirmam quanto aqueles que negam o pré-tribulacionismo fizessem parte de seitas, seria possível evitar associar-se a uma seita? (Antes que você imagine que estou defendendo o mesotribulacionismo, não estou; este é apenas um exemplo.)

Segundo, a maioria das seitas se mostra aberta a novas revelações, mas não aceita novas revelações que tenham surgido depois daquelas que serviram para sua fundação e, com isso, acaba por negar revelações bíblicas cruciais. Essa não é a abordagem dos carismáticos clássicos; muitos apenas procuram seguir injunções bíblicas sobre serem "guiados pelo Espírito" (Rm 8.14; Gl 5.18) na vida diária. Da mesma forma, se a suscetibilidade de alguns jovens carismáticos a falsos mestres

[5]John F. MacArthur Jr., *Charismatic chaos* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), toda a obra.
[6]Ibidem, p. 80-1.

compromete todo o movimento carismático, acaso esses mesmos carismáticos não comprometem todos os seus irmãos evangélicos? Em muitas regiões do mundo (como em boa parte da América Latina), a maioria dos evangélicos é carismática ou pentecostal.

Ademais, os carismáticos tradicionais não aceitam novas revelações doutrinárias que, a seu ver, não se encontram na Bíblia. Por fim, o próprio MacArthur não está isento de lançar mão de tradições eclesiásticas pós-bíblicas, contanto que não sejam carismáticas (isto é, desde que aleguem ser sabedoria verdadeira, e não "revelação" verdadeira).[7]

Críticas mais justas aos excessos carismáticos

Mesmo assim, o livro de MacArthur também fornece exemplos proveitosos e precisos de excessos cometidos por carismáticos e, infelizmente, aqueles que são carismáticos de longa data poderiam citar muitos outros casos. Na década de 1970, ouvi falar de alguns carismáticos da periferia que instruíam as pessoas a tossir demônios de rebeldia dentro de recipientes de vidro, que então eram lacrados e guardados em um porão. Certa vez, ao me dirigir ao púlpito para receber oração em uma igreja que estava visitando, o pastor começou a expulsar um demônio do punho quebrado da mulher diante de mim. Voltei para meu lugar o mais rápido que pude! Muitos de nós que aceitam a contemporaneidade dos dons espirituais e os exercem se sentiriam mais à vontade entre não carismáticos que, pelo menos, estão fundamentados nas Escrituras do que entre esses carismáticos esquisitos.

Mais apropriada, porém, é a crítica que MacArthur faz a alguns métodos de interpretação bíblica dos carismáticos. Muitos carismáticos (especialmente membros do "Movimento da Palavra de Fé", mas também alguns pietistas cristãos não carismáticos) afirmam que o Espírito lhes revelou significados das Escrituras quando, na verdade, se o texto for lido em seu contexto, não tem nenhuma relação com essas "revelações". Se for para receber revelações que contradizem o significado inspirado das Escrituras, por que não receber revelações ao contemplar um pássaro ou ler um poema? Por que sequer usar a Bíblia se aquilo que Deus a inspirou originalmente a dizer é irrelevante?

Não há nada mais perigoso do que alguém que aja movido pela convicção de ter ouvido o Espírito falar quando, na verdade, não foi o que aconteceu. Não devemos nos atrever a pregar como se estivéssemos respaldados pela autoridade das

[7]Ibidem, e.g., p. 75.

Escrituras quando, na realidade, as Escrituras lidas em seu contexto não corroborarem o que dizemos. Os cristãos primitivos carismáticos reconheciam que todas as suas asserções a respeito de revelações precisavam ser testadas (1Co 14.29; 1Ts 5.20-22) e permaneceram fiéis aos ensinamentos dos apóstolos (At 2.42). Não é de admirar que alguns não carismáticos temam que os carismáticos percam o rumo. Algumas vezes foi exatamente isso que aconteceu até mesmo com carismáticos bem-intencionados que, sem uma fundamentação meticulosa nas Escrituras, foram impelidos por diversos sentimentos e predisposições que, para eles, provinham do Espírito.

O propósito dos dons espirituais (1Coríntios 12—14)

Estar dotado de dons espirituais não garante que sempre ouviremos Deus corretamente. A igreja em Corinto era semelhante a certas partes da igreja ocidental de hoje: socialmente estratificada, individualista e propensa a divisões. Embora Paulo elogie os crentes coríntios por buscarem os dons espirituais (1Co 1.5,7), censura-os por uma deficiência muito mais séria: falta-lhes amor, o princípio que deveria nortear quais dons eles buscam (1Co 12—14; 1.10).

Os dons espirituais visam a edificação do corpo (1Co 12), e o amor deve coordenar nossas expressões dos dons espirituais (1Co 13). Portanto, a profecia, um dom que edifica outros, é mais proveitosa em público do que as línguas não interpretadas (1Co 14). Os dons, inclusive o de profecia, não são garantia de compromisso espiritual, e é possível profetizar falsamente ou mesmo sujeitar-se à inspiração do Espírito sem ter um compromisso com Cristo (Mt 7.21-23; 1Sm 19.20-24).[8] Paulo lembra seus amigos em Corinto que eles experimentaram inspiração extática na religião grega antes de sua conversão, e destaca que o elemento fundamental é a mensagem de Cristo, e não a inspiração em geral (1Co 12.1-3). O mais importante é transmitir o conteúdo da mensagem de Deus, e não o quão extático é o pronunciamento. Esse princípio se aplica não apenas aos que falam em línguas e aos profetas, mas a pregadores bem-intencionados que confundem entusiasmo com unção, enquanto fazem discursos religiosos vazios e desprovidos de ensino sólido das Escrituras.

[8]O último exemplo é ainda mais notável tendo em vista a inspiração de Saul por um "espírito maligno" em 1Samuel 18.10. Embora a natureza desse espírito seja controversa, e alguns de meus colegas eruditos no Antigo Testamento duvidem que 1Samuel 18.10 se refira a um demônio, sou propenso a crer que sim (especialmente à luz de parte da obra de meu ex-aluno Emmanuel Itapson).

Em seguida, Paulo lembra seus ouvintes que todos os dons vêm do mesmo Espírito (12.4-11) e que os dons são interdependentes (12.12-26). Paulo classifica os principais dons (apostolado, profecia e ensino) e, na sequência, relaciona outros dons sem classificá-los em ordem de importância ou autoridade (12.27-30). Insta a igreja a ser zelosa pelos "melhores" dons (ou seja, por aqueles que mais contribuem para edificar a igreja; 12.31), especialmente o dom de profecia (14.1). Logo, é apropriado buscar dons espirituais, mas escolhemos quais dons buscar ao identificar os que mais ajudarão o corpo de Cristo. Em outras palavras, deixamos que o amor dirija nossa escolha (1Co 13).

Paulo trata dessa questão de modo relativamente detalhado. Embora por vezes releguemos 1Coríntios 13 a cerimônias de casamento, Paulo escreveu essa passagem no contexto da discussão sobre dons espirituais. Ainda que tivéssemos todos os dons espirituais em sua intensidade máxima, nada seríamos sem amor (13.1-3). No fim, os dons passarão, mas o amor é eterno (13.8-13). Ao mesmo tempo em que destaca a prioridade do amor sobre os dons espirituais, o apóstolo descreve as características do amor (13.4-8). Muitos dos aspectos que relaciona (e.g., não se vangloriar) são precisamente opostos às características que ele atribuiu anteriormente a seus leitores em Corinto (veja 5.2; 8.1).

Portanto, embora os cristãos coríntios fossem fortes na questão dos dons dirigidos pelo Espírito, eram fracos no caráter dirigido pelo Espírito. Por esse motivo, Paulo precisou enfatizar que o dom de profecia, que edifica toda a igreja, era mais importante do que as línguas não interpretadas, que edificam apenas quem fala (1Co 14). Embora Paulo concentre o foco naquilo que serviria à igreja como um todo, teve o cuidado de não retratar o dom de línguas de forma negativa (14.4,14-19,39). Procedeu desse modo cauteloso mesmo sem ter como imaginar que alguns cristãos posteriores, contrários a 1Coríntios 14.39, desprezariam o dom de línguas.

A aplicação da mensagem de Paulo ao presente

A relevância das palavras de Paulo aos cristãos coríntios nos leva a perguntar se Paulo aplicaria o mesmo argumento a todas as igrejas de sua época. Como muitos pentecostais e carismáticos observam, algumas de suas restrições específicas aos dons talvez se referissem a excessos cometidos em Corinto, e não a todas as igrejas. Se, como é provável, a maioria das igrejas domiciliares de Corinto abrigava apenas quarenta membros, parece-me que a dinâmica dos dons espirituais se aplicaria nessas congregações de modo diferente do que em uma igreja de dois mil membros, a qual precisaria estabelecer mais limites, ou

em uma reunião de oração com cinco pessoas, na qual não seriam necessários tantos limites. De modo semelhante, nas igrejas de hoje em que a maioria dos dons espirituais é vista com suspeita, a profecia seria tão pouco proveitosa para a edificação da igreja quanto o dom de línguas, pois até mesmo a mais pura das profecias, aprovada por outros profetas confiáveis, só causaria divisão.

Alguns carismáticos batem na tecla de que a função pública de todos os dons, inclusive de línguas e profecia, é tão importante que devemos buscar esses dons (1Co 12.31; 14.1) mesmo que isso provoque divisão na igreja. Outros carismáticos, porém (inclusive eu mesmo), propõem que essa ideia é contrária à argumentação de Paulo. O propósito dos dons é sempre fortalecer o corpo de Cristo, e se existe a possibilidade de que o uso público dos dons cause divisão em uma igreja não carismática, os membros carismáticos devem honrar, acima de tudo, a unidade do corpo. Isso não significa que não devam usar os canais apropriados para conduzir a igreja à maior maturidade bíblica quanto aos dons espirituais. No entanto, embora os dons sejam importantes e bíblicos, não são o elemento mais fundamental do corpo de Cristo. O maior sinal de maturidade é o amor.

Quando eu fazia parte de uma igreja que aceitava a profecia, o Espírito me movia quase todas as semanas para profetizar no culto. Algumas vezes, a profecia dizia respeito a questões com as quais várias pessoas estavam tendo dificuldade; em outras, chamava a atenção para determinado tema que fazia referência a palavras de um texto bíblico específico — o texto sobre o qual pastor havia se sentido dirigido a pregar naquela mesma semana, embora nenhum de nós tivesse conhecimento prévio de como o Senhor havia conduzido um e outro ao mesmo texto. Depois de dois anos ali, voltei a frequentar uma congregação não carismática, tornando-me integrante da equipe pastoral de uma igreja batista. O pastor coordenador da igreja me disse que eu tinha liberdade de exercitar ali qualquer dom que o Senhor tivesse me concedido, inclusive de línguas e de profecia. Nessa igreja, eu tinha mais oportunidade de ministrar, especialmente por meio do ensino semanal de púlpito. E, no entanto, nenhuma vez o Espírito me moveu a profetizar ali. Antes, capacitou-me com o dom de ensino, que era aceito nessa igreja.

Certa vez, com total apoio do pastor coordenador, preguei sobre os dons do Espírito, mas esse ensino nunca se tornou motivo de divisão. Na maioria das semanas, não falava sobre os dons espirituais, pois havia muitas outras questões que precisavam ser tratadas na igreja, como a exigência divina de pureza sexual, o modo apropriado de tratar o cônjuge, a preocupação com os pobres na vizinhança e assim por diante. Ensinamentos a respeito de aborto, de sexo antes do casamento, de como maridos deviam tratar as esposas e de métodos para alcançar e auxiliar

a comunidade se mostraram muitos mais controversos que o dom de línguas ou de profecia. O Espírito continuou a agir de diversas maneiras nessa igreja, mas embora algumas questões mostraram um leve potencial de divisão, o mesmo jamais aconteceu com a questão dos dons espirituais.

Nunca mantive minhas próprias experiências espirituais em segredo e, com a aprovação do pastor, ministrei a algumas pessoas particularmente por meio da profecia quando o Espírito me dirigiu a fazê-lo. No entanto, alguns dos amigos dessa igreja que ministraram à minha vida de modo mais profundo não tinham experiências semelhantes à minha; nossa união era arraigada na comunhão que todos nós tínhamos em Cristo. Com o passar do tempo, depois que eu me mudei para lecionar em outra cidade, alguns membros dessa igreja começaram a profetizar ocasionalmente, e a igreja aceitou o dom de profecia sem uma queixa sequer. Nem todas as situações se desdobram da mesma forma, mas 1Coríntios 12—14 fornece um princípio bíblico: Deus nos concede os dons para servir a igreja, não para dividi-la.

John MacArthur e outros críticos dos excessos carismáticos estão certos ao afirmar que muitas igrejas se dividiram por causa dos dons espirituais. Vi pessoalmente um número maior de casos, porém, em que igrejas tradicionais foram revigoradas e reavivadas por pastores evangélicos carismáticos ou membros carismáticos sérios. Desde que a igreja reconheça que os dons espirituais podem ter continuidade no presente e não despreze aqueles que exercitam ou deixam de exercitar determinados dons, eles não precisam ser motivo de divisão.

O fato de os dons com frequência causarem divisão não é um argumento contra seu uso apropriado. Muitas vezes, aqueles que se opõem aos dons são responsáveis por divisões ao se recusarem a conviver pacificamente com membros carismáticos. Em outras ocasiões, a divisão surge quando carismáticos enfatizam excessivamente dons ou experiências (ou algumas ideias menos bíblicas) e, ao mesmo tempo, negligenciam outros aspectos da obra do Espírito (como o fruto do Espírito ou o sólido entendimento da Bíblia). A divisão pode ser resultado de excesso de zelo ou de uma reação exagerada de qualquer uma das partes. No entanto, todos os crentes, desde o pentecostal mais fervoroso até o cessacionista mais ferrenho, podem caminhar em união se tiverem a ousadia de amar uns aos outros como Cristo nos amou. Afinal, a união vem do mesmo Espírito presente em nosso meio (1Co 12.13; Ef 4.3). Muitos de nós cremos, porém, que um dos frutos dessa união em longo prazo não será uma diminuição dos dons espirituais, mas sua restauração a todo o corpo de Cristo, a quem eles pertencem por direito (1Co 12.12-26).

Separatismo carismático

Como afirmamos ao longo de todo este livro, os dons são bons, mas a maioria de nós reconhece que por si só não são tudo que existe. Parte do que se faz passar pelo Espírito nem sempre é autêntico, e parte daquilo que é verdadeiramente do Espírito pode não ser percebido por causa de nossos preconceitos e tradições. Embora os dons e frutos espirituais pertençam, por direito, a todo o corpo de Cristo, de acordo com alguns carismáticos separatistas, quem crê que os dons espirituais são para o presente deve participar de uma igreja desse tipo. Não há nada de errado em tornar-se membro de uma igreja que dá espaço para exercitar os dons espirituais livremente, mas isso não significa que Deus exige que todos os cristãos se tornem membros de igrejas carismáticas.

Muitos outros cristãos que aceitam e praticam dons espirituais acreditam que o Espírito de Deus os dirigiu a tornarem-se parte de igrejas batistas, metodistas, anglicanas, metodistas episcopais africanas, luteranas, católicas, presbiterianas, menonitas, entre outras, ou a continuarem nessas igrejas. Muitos carismáticos também atuam como vozes fiéis à Bíblia em círculos em que essas vozes são necessárias.

Nem sempre igrejas carismáticas são mais dirigidas pelo Espírito do que outras igrejas. Igrejas carismáticas correm o risco de ser dominadas por ideologias e personalidades conflitantes com o evangelho da mesma forma que igrejas não carismáticas. Algumas igrejas são, de fato, resistentes a qualquer palavra do Espírito, mas nessa categoria estão incluídas algumas igrejas carismáticas e pentecostais. Certas igrejas carismáticas distorceram o evangelho por meio de legalismo ou de personalidades típicas de seitas. Um amigo carismático me falou de uma comunidade carismática da qual ele participara há vários anos que praticava uma forma rigorosa de "pastoreio". Quando ele discordou de alguns dos líderes, foi expulso da igreja; a liderança se tornou tão arrogante, com características de seita, que a igreja acabou por se dividir, o evangelho foi imensamente desonrado e alguns dos crentes abandonaram completamente a igreja ou levaram anos para se recuperar.

Deus sempre tem um remanescente piedoso até mesmo em igrejas que outros denominam "igrejas mortas" (Ap 3.4). Tenho amigos que se tornaram pastores de igrejas assim, evangelizando não apenas nas ruas, mas durante os cultos. Em muitos casos, converter gente que estava na igreja de longa data foi tão doloroso quanto arrancar um dente, e teria sido mais fácil começar com uma igreja bem menor, porém zelosa, e evangelizar a comunidade. No entanto, Deus pode trabalhar de qualquer uma das formas e, sem dúvida, chama alguns para vivificar igrejas "mortas"; ele nunca chama qualquer um de nós somente para tarefas simples.

A maneira como a Bíblia define uma igreja "morta", porém, não é igual ao significado que a maioria atribui a esse termo. Alguns carismáticos mais extremistas afirmam que igrejas mortas são aquelas que não falam em línguas, mas essa afirmação é falsa. De acordo com a Bíblia, igrejas mortas são aquelas que desobedecem ao chamado de Cristo (Ap 3.1,2) e nas quais a maioria dos membros não é verdadeiramente cristã (Ap 3.4,5). A porcentagem de membros cristãos comprometidos, que dão testemunho e leem e obedecem à Bíblia, é um indicador muito mais preciso da vida espiritual de uma igreja do que o dom de línguas. O dom de línguas também não identifica, necessariamente, nem mesmo igrejas "carismáticas": conheço várias igrejas carismáticas em que o dom de línguas tem pouco ou nenhum lugar nos cultos públicos.

Conquanto a utilização de dons carismáticos na igreja seja algo bíblico e desejável, guardadas as devidas proporções, a mentalidade separatista tem sérios pontos fracos.

Primeiro, há uma variedade de dons no corpo de Cristo, e alguns deles são mais importantes para o culto público do que outros. É rara a igreja em que todos os dons são exercitados plenamente, e isso inclui a maioria das igrejas carismáticas. O ensino é um dom importante, mas, como mencionamos anteriormente e como a maioria dos carismáticos com visão mais sadia reconhece, existem muitos carismáticos cuja visão não é nada sadia. Seja uma pessoa carismática ou não, se ela estuda a Bíblia dentro de seu devido contexto com regularidade, ficará agoniada ao ouvir um sermão em que o pastor usa versículos fora de contexto.

Embora muitos usem as Escrituras fora de contexto de modo não intencional e desejem, com humildade, a verdade de Deus, outros se recusam arrogantemente a reconhecer que precisam mudar e atribuem suas interpretações fora de contexto ao Espírito Santo. Certa vez, ouvi um pastor pregar a respeito das palavras em Joel 3.10, "que os fracos digam: eu sou forte" e afirmar que devemos nos declarar fortes. Claro que a força de Deus se aperfeiçoa na fraqueza (2Co 12.9,10), mas não é disso que o contexto de Joel 3.10 trata. Deus está chamando as nações perversas a guerrear contra Jerusalém e zombando delas: "Vocês são fracas, mas fingem ser fortes contra mim! Eu as destruirei" (3.2-16). Todos nós cometemos erros, e tanto eu como o pastor erramos naquele dia. Meu erro foi tentar conversar com ele a esse respeito; depois do culto, propus que havia um significado rico e interessante no contexto da passagem. A resposta seca que ele me deu foi: "Eu sei o que o contexto diz. Mas foi isso que o Espírito me deu para pregar". Infelizmente, o que o Espírito deu para ele foi diferente daquilo que o Espírito deu para Joel! O erro dele, assim como o meu, foi a arrogância. Ele fingiu

publicamente falar com a autoridade do texto bíblico que ele estava expondo quando, na verdade, o que ele disse não tinha nenhuma relação com o sentido do texto. Sua argumentação era biblicamente legítima, mas se ele desejava conferir a autoridade das Escrituras à sua mensagem, deveria ter procurado um texto mais apropriado (e.g., 2Co 12.9,10), ou uma mensagem que se encaixasse devidamente com o texto (e.g., o juízo de Deus contra os arrogantes).

O fato de um indivíduo ter o dom de línguas, de profecia ou de cura não significa que esse indivíduo seja um bom mestre das Escrituras. Ainda que eu falasse em línguas mais do que a maioria deles — parafraseando um famoso carismático do passado (1Co 14.18) — pessoalmente, preferiria trabalhar numa igreja não carismática (ou mesmo anticarismática) em que o pastor expõe o texto bíblico de modo preciso do que numa igreja carismática em que o pastor atribui à direção do Espírito sua pregação sem consistência. Enquanto as igrejas carismáticas fracas no ensino não forem capazes de prover tanto capacitação espiritual quanto um ensino mais sadio, muitas delas continuarão a ser apenas um ponto de passagem para cristãos que precisam de uma experiência espiritual renovada, mas que, depois de a receberem, acabarão levando-a para outra igreja. Pior ainda, algumas igrejas cultivam nos crentes uma espiritualidade deficiente que fica aquém de "todo o desígnio de Deus" e deixam seu rebanho suscetível a futuras crises em tempos de perseguição, ensinamentos falsos ou julgamento nacional (At 20.26-31).

Segundo, todos os dons pertencem, por direito, a todo o corpo de Cristo. Se todos que oram em línguas em suas devoções pessoais se retirarem para igrejas definidas principalmente por seu uso público de determinados dons espirituais, quem restará nas igrejas não carismáticas para apresentar esses dons espirituais a outros de formas que não causem divisão? Será que Deus chama todos que falam em línguas para cultuarem apenas em igrejas carismáticas?

Terceiro, todos os dons devem edificar, e não dividir, o corpo de Cristo. Alguns pastores da convenção batista na qual fui ordenado se mostraram preocupados com pastores carismáticos porque vários removeram suas igrejas da convenção ou intencionalmente tiraram membros de igrejas batistas. Creio que poucos de nossos pastores acreditavam na cessação dos dons espirituais; sem dúvida, poucos teriam levantado objeções a membros que orassem em línguas em suas devoções pessoais ou que falassem a esse respeito de uma forma que não causasse divisão. O medo, porém, era a divisão, algo que não vem do Espírito de Deus (Rm 16.17; Jd 19).

Quarto, igrejas diferentes têm diferentes virtudes e chamados. Em termos ideais, devemos ser unidos a ponto de as virtudes das diversas igrejas complementarem umas às outras. Devemos ser capazes de aprender com os dons uns dos

outros e crescer neles, sejam eles de ensino, evangelismo ou mais fé para orar por membros enfermos da igreja. Tornei-me parte da equipe pastoral de uma igreja batista porque percebi o anseio do pastor de alcançar pessoas de nossa comunidade de maneiras que poucas das demais igrejas da área estavam fazendo. O Espírito havia me dado uma paixão pelo evangelismo que, sem dúvida, tinha precedência sobre a participação em uma igreja em que as pessoas fossem convidadas a orar em línguas em voz alta.

Por fim, a missão comum que une a nós todos como cristãos coloca qualquer outro objetivo específico em segundo lugar. Algumas questões atuais do evangelicalismo são, sem dúvida, motivo válido de divisão — por exemplo, se Jesus é ou não o único caminho para a salvação, uma afirmação que, a meu ver, ocupa o cerne do evangelho pregado pelos primeiros seguidores de Jesus. Temo que essa questão se torne um importante motivo de divisão ao longo da próxima década, à medida que a perspectiva de relativismo do mundo continuar a invadir a igreja. A maioria das questões que discutimos internamente, porém, não deve nos impedir de trabalharmos juntos em nossa missão comum por Cristo.

Um exemplo disso é o fato de eu haver escrito em outras obras sobre questões controversas entre os cristãos. Embora eu discorde de estudiosos como Wayne Grudem quanto ao ministério feminino e de William Heth quanto ao divórcio, os dois estão entre os meus amigos mais queridos. Posso discordar de J. I. Packer quanto ao ministério feminino, mas dar grande valor a suas importantes contribuições para o corpo de Cristo. Se rompêssemos a comunhão com outros crentes toda vez que discordássemos de alguma questão, não restaria muita comunhão cristã para a maioria de nós! O dom de línguas, outros dons espirituais e outras crenças a respeito do Espírito e experiências no Espírito podem ser importantes, mas não representam a totalidade do que o Espírito deseja nos ensinar nem a base máxima para a união. Nem mesmo as igrejas mais carismáticas tratam desses assuntos o tempo todo. O Espírito pode fazer diferença na forma como as pessoas consideram outras questões, mas conduzir os crentes a um relacionamento mais profundo com Cristo não significa apenas lhes ensinar a respeito do dom de línguas. É preciso ensinar também como entender as Escrituras, como cumprir suas instruções acerca do evangelismo e como ser sensível e obediente à voz de Deus.

Logo, recomendo enfaticamente àqueles que são zelosos pelos dons espirituais a não abandonarem igrejas não carismáticas sem terem bons motivos para isso; sua ênfase pode renovar outras partes do corpo de Cristo em que há necessidade dessa renovação. Ao mesmo tempo, aqueles que são zelosos por determinados dons precisam dos dons verdadeiros de outros cristãos, mesmo que, à primeira vista,

esses dons pareçam menos espetaculares. Como cristãos, todos nós precisamos ser humildes diante de nossos irmãos no corpo de Cristo (1Pe 5.5), reconhecendo a diversidade dos dons concedidos por Deus (Rm 12.4-8; 1Co 12.14-26; 1Pe 4.10). De fato, a disciplina espiritual da humildade, embora seja um dos sinais menos espetaculares de todos, é verdadeira indicação da presença do Senhor em nós (2Co 10.1; Gl 6.1; Ef 4.2,3).

O ideal, evidentemente, é que todas as igrejas ajam de modo bíblico a respeito dos dons espirituais, bem como a respeito de todas as outras questões. No entanto, nossa única esperança de alcançar esse alvo é buscar no presente o fruto do Espírito que abrange amor, paz, bondade e longanimidade. Se tivéssemos de escolher entre uma ênfase nos dons ou no fruto, 1Coríntios 13 deixa claro qual deveria ser a prioridade. É evidente que as Escrituras não nos obrigam a escolher, mas nos convidam a enfatizar aquilo que Deus enfatiza.

Que o Espírito produza em nós seus frutos, a imagem do caráter de Cristo, para que o mundo ao nosso redor comece a descobrir o amor de Deus por ele. Depois de lavar os pés dos discípulos, enquanto se preparava para ir à cruz, Jesus lhes ordenou (e a nós também):

> Eu lhes dou um novo mandamento, que amem-se uns aos outros. Devem amar-se uns aos outros da mesma forma que eu os amei. É desse modo que todos saberão que vocês são meus discípulos: se amarem uns aos outros (Jo 13.34,35).

Conclusão

Encerro voltando ao início do livro. Deus nos deu o Espírito para que tenhamos Deus habitando dentro de nós, para que desfrutemos um relacionamento íntimo com ele. Em vez de viver com nossas próprias forças, dependemos de Cristo que vive em nós (Gl 2.20). Nós que almejamos conhecer Deus de modo mais próximo devemos ouvir a voz do Espírito, que revela Jesus Cristo, o Senhor que morreu para nos tornar um só corpo (Ef 2.13-15). Também devemos avaliar o fruto do Espírito, que revela o caráter de Deus em nós. Devemos depender do poder do Espírito para o evangelismo e para a edificação de nossos irmãos em Cristo. Deus nos concedeu o Espírito para que, em tudo que fizermos em nossa vida, dependamos dele, e não de nós mesmos. Busquemos a Deus em oração para que nos conceda uma capacitação mais profunda, e confiemos que ele não nos rejeitará (Lc 11.11-13).

Conclusão

A vida no Espírito inclui o poder de Deus em nossa vida: capacitação para evangelizar, para superar provações e para edificar irmãos em Cristo por intermédio de dons espirituais seletos. No entanto, esse poder flui de um relacionamento próximo e pessoal com o Criador do universo, que veio habitar em nós por meio de seu Espírito Santo. Ser dirigido pelo Espírito talvez inclua alguns detalhes de nossa vida diária, mas diz respeito muito mais a conhecer, amar e, portanto, obedecer a Deus.

Embora sejamos completos em Cristo, quase todos nós ainda precisamos começar a descobrir os tesouros dessa completude em nossa vivência diária. Nesse sentido, só posso elogiar o coração do estudante de uma universidade estadual que com entusiasmo declarou para mim: "Quero cada vez mais de Jesus!". Alguns autores resumem com precisão o ensino de Paulo acerca de nossa posição em Cristo como "seja quem você é". O Espírito de Deus nos capacita para que nos tornemos, na prática, o que ele já havia nos constituído para sermos em Cristo.

Examinamos a questão de conhecer a voz do Espírito (caps. 1 e 2). Também tratamos do evangelismo no poder do Espírito, incluindo respostas a orações pelas quais Deus em geral confirma nosso testemunho (cap. 3). Falamos a respeito de reconhecer e produzir o fruto do Espírito (cap. 4); à medida que aprendemos sobre o caráter de Deus na Bíblia, especialmente na cruz de Jesus, descobrimos como identificar o Espírito quando o ouvimos e o que significa obedecer-lhe.

Em seguida, voltamo-nos para alguns assuntos mais polêmicos. Argumentei que a Bíblia considera a contemporaneidade de todos os dons espirituais bíblicos e, em seguida, tratei de diversos dons específicos. Falamos sobre o papel do Espírito em nossa conversão e sobre sua relação com o batismo no Espírito Santo; também tratamos de como essa expressão se aplica a experiências descritas em Atos e investigamos a controversa relação entre o batismo no Espírito e o dom de línguas. (Concluí que o batismo no Espírito Santo provavelmente se aplica a todo o âmbito da obra do Espírito Santo; portanto, vem daí o fato de diferentes autores

do Novo Testamento usarem essa expressão para enfatizar diferentes aspectos da obra do Espírito em nossa vida.) Por fim, tratei do discernimento do Espírito; afirmar que os dons são para o presente exige que permaneçamos ainda mais vigilantes contra falsificações de dons e contra o elitismo espiritual entre aqueles que exercitam determinados dons.

Os dons espirituais e a vida da igreja

Uma das áreas mais controversas da obra do Espírito na igreja de hoje tem sido a prática de dons que, de acordo com a Bíblia, o Espírito provê para a igreja; essa questão gerou, portanto, uma discussão mais extensa.

Em seu sentido mais amplo, o termo *carismático* (lit., "dotado de graça") se aplica a todo o corpo de Cristo, pois cada membro tem um ou mais dons a exercitar (1Co 12.7-30). Sem dúvida, na maioria das igrejas muitos ou quase todos os membros não exercitam seus dons, nem mesmo em pequenos grupos. Um punhado de pessoas na igreja faz todo o trabalho e, como resultado, a maior parte da obra do reino que a igreja poderia realizar nunca chega a ser feita. Precisamos procurar mobilizar todos os membros para executar as tarefas que Deus lhes deu, ligados uns aos outros (Ef 4.11-13).

Quando examinamos alguns dos ensinamentos bíblicos acerca da obra do Espírito, percebemos que mesmo os mais pentecostais e carismáticos são menos "carismáticos" do que a Bíblia nos convida a ser. A maioria de nós precisa experimentar intimidade mais profunda com Deus, poder mais pleno no evangelismo, força diante de provações, e assim por diante. O Espírito também auxilia a igreja por meio da apologética, do ensino, de sinais de confirmação como a cura, de estratégias sábias para alcançar com eficácia nossa própria cultura e outras culturas, e mais.

É possível, portanto, afirmar que todos os dons são contemporâneos e, ainda assim, ser cessacionista na prática ao negligenciá-los, ou dar espaço para apenas um ou dois dons, mas deixar os outros de lado. (Por exemplo, algumas igrejas pentecostais praticam apenas os dons de línguas e interpretação; algumas igrejas presbiterianas praticam apenas ensino; algumas igrejas carismáticas praticam apenas profecia; algumas igrejas batistas praticam apenas evangelismo; e assim por diante.) É possível até mesmo exercitar alguns dos dons e, no entanto, negar na prática aquilo que nem mesmo cessacionistas negariam: que Deus concede poder para orar, evangelizar e levar uma vida santa no dia a dia. Nossa vida de amor sacrificial, e não apenas nossas experiências espirituais, mostra quanto controle o Espírito exerce sobre nosso coração (Jo 13.34,35; Ef 5.18-21; 1Jo 2.3-6).

Em nossas discussões a respeito do fruto do Espírito e do discernimento do Espírito, destaquei os contextos em que a Bíblia trata dos dons espirituais, especialmente o amor (1Co 13). Se amarmos nossos irmãos em Cristo, buscaremos dons para edificar uns aos outros. Logo, o uso dos dons para alimentar o orgulho ou a separação de outros cristãos é um abuso do propósito para o qual Deus os concedeu a nós. Eles devem ajudar a igreja, não dividi-la. Em contrapartida, negligenciar os dons é o mesmo que negligenciar um recurso que Deus nos concedeu para edificarmos uns aos outros. Em situações nas quais o exercício de determinados dons pode causar divisão, os dons não são um motivo lícito maior do que a maioria de nossas outras desculpas para nos dividirmos. Nosso objetivo deve ser conduzir a igreja de modo amável rumo a uma abertura bíblica maior para os dons, mas de uma forma que honre a unidade da igreja bem como a liderança piedosa.

Algumas igrejas talvez sejam tão fechadas para os dons espirituais e para aqueles que os aceitam a ponto de ser impossível dialogar. Se, como argumentei, a Bíblia ensina o uso dos dons, as igrejas que se opõem a eles (e se opõem a quem os pratica, ainda que apenas em suas devoções pessoais, ou até excluem esses indivíduos) causam divisão, mesmo que atribuam essa divisão àqueles aos quais elas se opõem. Hoje em dia, porém, a maioria das igrejas está mais aberta para membros e líderes que não causem divisão. E, em muitas igrejas, os dons espirituais são apenas uma dentre várias outras questões nas quais os membros precisam amadurecer espiritualmente.

A fé torna todos nós membros do corpo de Cristo. As Escrituras nos convidam a buscar dons para edificar o corpo de Cristo (1Co 12.31; 14.1). Mas quem tem maturidade nas coisas do Espírito é aquele que dependeu dele em meio a dificuldades e aprendeu a honrar todo o corpo de Cristo. Quem despreza outros cristãos porque não têm determinado dom ou experiência, ou quem despreza determinado dom e olha com desdém para os cristãos que o exercitam não demonstra maturidade espiritual. O alvo de Deus é nossa maturidade em Cristo (Cl 1.28), um alvo que só pode ser alcançado quando amamos e fortalecemos uns aos outros. A lição mais profunda para a qual os dons apontam é olhar para o Doador, aquele que nos chama a realizar sua obra e provê tudo de que precisamos para essa tarefa.

Conclusão

A Bíblia chama todos os cristãos a aceitarem a capacitação concedida pelo Espírito para as diversas tarefas que Deus nos deu e para evangelizar o mundo

transpondo barreiras culturais. Aliás, em um mundo como o de hoje, ai de nós se tentarmos realizar essa obra sem o Espírito!

Esse Espírito único, que nos torna um só corpo, nos chama a servir esse corpo, a evangelizar o mundo juntos e a adorar ao Senhor juntos. Se não formos capazes de fazê-lo, na prática, nossas asserções "carismáticas" e "não carismáticas" de que temos o Espírito não valerão coisa alguma. Devemos não somente celebrar o Espírito, mas também nos lembrar do motivo pelo qual ele nos foi concedido. Que todos nós vivamos como o povo do Espírito que Deus nos chamou para sermos — o corpo de Cristo, repleto de dons e de frutos.

Apêndice

O que as narrativas bíblicas podem nos ensinar?

Embora poucas de nossas conclusões tenham se baseado exclusivamente em narrativas, alguns leitores talvez não se sintam à vontade com o modo que usamos narrativas de Atos e de outros textos como modelos para hoje, apesar de essas narrativas retratarem a atividade perfeita de Deus, e não o comportamento falível de seus seguidores. Visto que outros já escreveram extensamente sobre a abordagem de Paulo ao Espírito,[1] neste livro enfatizei com frequência os trechos narrativos do Novo Testamento, isto é, as histórias neotestamentárias. Histórias podem ser verdadeiras (como os relatos históricos ou as biografias da Bíblia) ou fictícias (como as parábolas), e lemos relatos históricos e parábolas de modo um tanto distinto. No entanto, as duas espécies de histórias têm em comum alguns recursos narrativos, como a trama e a descrição dos personagens e, sob alguns aspectos nós as abordamos da mesma forma. Quando lemos qualquer tipo de narrativa bíblica, procuramos a moral da história (1Co 10.11).

Essa abordagem fica especialmente clara quando comparamos as diferenças entre os Evangelhos ou o conteúdo que se sobrepõe em Reis e Crônicas. Visto que Jesus fez e ensinou tantas coisas, nenhum dos autores dos Evangelhos conseguiria ter relatado todos os detalhes a seu respeito (como João 21.25 deixa claro). Antes, cada um deles enfatizou determinadas questões acerca de

[1] O texto de Fee, *God's empowering presence: the Holy Spirit in the letters of Paul* (Peabody: Hendrickson, 1994), é o mais extenso a esse respeito. O livro de Carson *Showing the Spirit: a theological exposition of 1Corinthians 12—14* (Grand Rapids: Baker, 1987) também é excelente e, provavelmente, a melhor obra dedicada especificamente aos dons espirituais [edição em português: *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios 12—14*, tradução de Caio Peres (São Paulo: Vida Nova, 2013)].

Jesus, da mesma forma que fazemos hoje quando lemos ou pregamos com base em um texto da Bíblia. Isso significa que, quando lemos narrativas bíblicas, não apenas aprendemos sobre os fatos históricos das ocorrências descritas como também ouvimos o ponto de vista do autor inspirado a respeito do que ocorreu, ou seja, as lições a serem extraídas do relato. Quando o autor "prega" para nós com base nas histórias que ele narra, muitas vezes fornece pistas para identificarmos as lições. Por exemplo, ao escrever um Evangelho seu autor muitas vezes selecionou histórias com o mesmo tema ou temas fundamentais que enfatizavam repetidamente determinadas lições.

Diferentes abordagens hoje

Muitos movimentos evangélicos de restauração (e.g., os pietistas alemães, os morávios e os primeiros seguidores de Wesley) buscaram em Atos modelos apropriados para a vida da igreja. De modo semelhante, os batistas fundamentam sua argumentação em favor do batismo por imersão no precedente histórico do Novo Testamento, com base naquilo que o batismo significava na Palestina do primeiro século. (Devemos reconhecer, contudo, que nem mesmo os batistas mais rigorosos praticam o batismo exatamente da mesma forma que os judeus do primeiro século faziam. Para os rituais judaicos formais de batismo a pessoa se despia inteiramente, e é provável que fosse imersa com o rosto voltado para baixo. Sem dúvida, os batismos públicos de João no rio Jordão eram realizados de modo um pouco diferente.) Muitas igrejas chegam a basear certas práticas em precedentes da igreja primitiva posteriores à conclusão da Bíblia. Em outras palavras, temos um belo universo de precedentes históricos que podemos encontrar nas narrativas bíblicas!

Apesar desses precedentes históricos, muitos cristãos norte-americanos de perfil conservador em nossos dias parecem não se sentir à vontade com a prática de extrair teologia de narrativas (relatos bíblicos). Poucos deles descartariam por completo o valor doutrinário das narrativas, mas muitos sugerem que devemos encontrar nas narrativas apenas aquilo que é manifestamente ensinado nos trechos mais "claros" e mais "didáticos" das Escrituras.

Embora alguns desses estudiosos estejam entre os exegetas mais competentes no tocante a outros textos das Escrituras, eu me sinto no dever de protestar que sua abordagem às narrativas bíblicas contraria as regras mais básicas para a interpretação das Escrituras e, na prática, ameaça a doutrina bíblica da inspiração. Acaso Paulo não disse que *toda* Escritura é inspirada e, portanto, útil para a "doutrina" ou ensino (2Tm 3.16)? Reconheço abertamente que existem trechos das

Escrituras que eu também não compreendo — por exemplo, como prover repreensão com base nas genealogias em Crônicas. Outras partes obscuras, contudo, começaram a fazer sentido depois que entendi o contexto cultural ao qual eram dirigidas (e.g., o projeto do tabernáculo em Êxodo).

Sem dúvida, exemplos específicos da ação divina apresentados em narrativas em geral fornecem apenas princípios, e não promessas (e.g., o fato de Jesus ter curado um leproso mostra o poder de Deus e a compaixão de Cristo, mas não é garantia de cura para todos os leprosos em todas as circunstâncias). Alguns textos são mais proveitosos para tratar de situações atuais do que outros, mas todos os textos bíblicos, inclusive as narrativas, cumprem um propósito.

Qual era o propósito?

Um dos princípios mais fundamentais da interpretação bíblica consiste em perguntar o que o autor desejava transmitir ao público de sua época. Esse princípio se aplica tanto a narrativas como os Evangelhos quanto a epístolas como Romanos. Se houvesse como escrever um Evangelho "neutro", que tratasse de todas as situações de modo universal, sem dúvida ele teria sido incluído na Bíblia. Em vez disso, a Bíblia nos oferece quatro Evangelhos, e cada um deles seleciona elementos diferentes da vida e dos ensinamentos de Jesus a fim de anunciar Jesus de maneiras relevantes para leitores diversos e suas respectivas necessidades. A seletividade dos Evangelhos também nos fornece um modelo para anunciar Jesus de maneiras relevantes para nossos ouvintes. O modo como Deus escolheu nos dar a Bíblia é mais importante do que o modo como *gostaríamos* que ele a houvesse nos dado.

Ademais, precisamos aprender a ler cada livro, em primeiro lugar, como uma unidade independente, pois foi desse modo que Deus inspirou esses textos inicialmente. Livros como o Evangelho de Marcos ou Efésios foram escritos de forma independente, por autores inspirados, para tratar de situações específicas. Os primeiros leitores de Marcos não tinham como recorrer a Efésios ou a João para entender uma passagem menos clara em Marcos; tinham de ler e reler Marcos como um todo até captarem o significado de cada passagem. Quando lemos um livro da Bíblia, precisamos ler cada passagem à luz da mensagem e do argumento totais daquele livro que estivermos lendo, bem como ler o livro à luz das passagens que o constituem.

Isso não significa que não possamos *comparar* os resultados de nosso estudo de Efésios com os resultados de nosso estudo de Marcos e mostrar como se encaixam. No entanto, deixamos de compreender o caráter pleno de Marcos

quando recorremos a Efésios antes de terminar nossa investigação de Marcos. Essa abordagem não é um viés emprestado da erudição secular; aprendi-a como jovem cristão quando lia quarenta capítulos da Bíblia por dia e observei que ela exigia essa abordagem.

Um exemplo do Evangelho de Marcos é suficiente como ilustração. A oposição que Jesus enfrenta por haver curado um paralítico fornece uma lição sobre a hostilidade que podemos esperar do mundo quando fazemos a vontade de Deus. A oposição a Jesus, que cresce gradualmente nos primeiros capítulos de Marcos até chegar a seu ápice na cruz, representa um paralelo do sofrimento que os próprios cristãos perseguidos devem esperar (8.31-38; 10.33-45; 13.9-13; 14.21-51). Marcos chama os cristãos a suportarem o sofrimento e, para reforçar sua argumentação, fornece exemplos negativos desse princípio (e.g., 14.27-52), bem como exemplos positivos. Esses exemplos também mostram a incapacidade dos cristãos de cumprirem esse chamado com suas próprias forças. A popularidade de Jesus em Marcos 2.2, porém, não é um modelo geral para o ministério cristão; o restante do próprio Evangelho de Marcos mostra que, mais adiante, as multidões condenam Jesus (15.13,14). Com base nessas narrativas, podemos aprender a usar a popularidade para o bem no momento em que ela está presente, mas a não contar que ela será duradoura. Ler um trecho à luz do todo permite, portanto, que aprendamos teologia com base na narrativa ao discernir se os modelos e exemplos fornecidos pelo autor visam ser positivos ou negativos.

Culturas e coerência

A maioria das culturas deste mundo ensina lições por meio de histórias. Em geral, são os ocidentais que sentem dificuldade de entender o cerne das narrativas da Bíblia. Mas não são todos os cristãos ocidentais que consideram as histórias bíblicas inacessíveis. Há diversas gerações, igrejas de negros nos Estados Unidos vêm se especializando em pregações de narrativas. Na maioria das igrejas, as crianças crescem ouvindo e apreciando as histórias da Bíblia, até se tornarem adultas e serem ensinadas que devem começar a pensar de forma abstrata, em vez de aprender com ilustrações concretas.

O fato de nosso método tradicional de extrair doutrinas das Escrituras não funcionar bem com narrativas não significa que as histórias da Bíblia não transmitem mensagens claras. Antes, indica que o modo como aplicamos nosso método tradicional de interpretação é inadequado, pois deixamos de lado uma porção enorme da Palavra de Deus.

Quando os seguidores de Jesus estavam escrevendo o Novo Testamento, todos entendiam que as narrativas transmitiam princípios morais. Biógrafos e historiadores antigos esperavam que seus leitores extraíssem lições de seus exemplos, fossem eles positivos ou negativos. Estudantes costumavam citar essas histórias em exercícios do ensino fundamental e, nos níveis mais avançados de ensino, aprendiam como aplicar esses exemplos de modo a fundamentar argumentações morais.

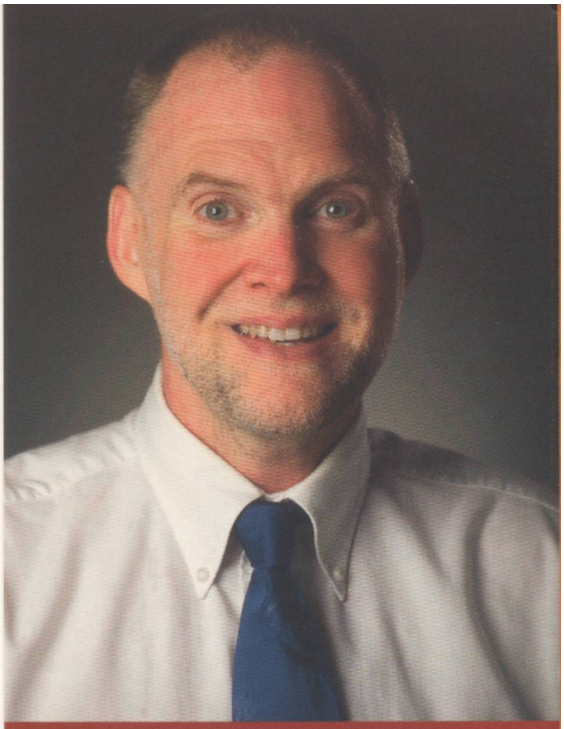
Usar somente as partes não narrativas da Bíblia para interpretar seus relatos não apenas desrespeita os trechos narrativos como também indica uma abordagem equivocada às partes não narrativas da Bíblia. Todos reconhecem, por exemplo, que as cartas de Paulo são documentos que foram escritos para certas "ocasiões", ou seja, que tratam de ocasiões ou situações específicas. Logo, se a ceia do Senhor não tivesse sido motivo de controvérsia em Corinto, pouco saberíamos a seu respeito, exceto por aquilo que os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas nos informam. E então, se fôssemos interpretar os trechos narrativos das Escrituras apenas com base em outras passagens, poderíamos supor que não precisamos observar a ceia do Senhor no presente. É evidente que Jesus ensina seus discípulos a respeito da ceia do Senhor naqueles trechos narrativos. Visto, porém, que esse ensino se encontra inserido em um relato, poderíamos dizer que ele o dirigiu apenas àquele grupo seleto de discípulos. Alguns séculos atrás, os protestantes descartaram a Grande Comissão exatamente dessa forma. E nos dias de hoje, muitos descartam do mesmo modo os ensinamentos dos Evangelhos e de Atos a respeito da utilidade de sinais e maravilhas para o evangelismo.

Além de a abordagem "doutrinária" tradicional ser inadequada para a interpretação dos Evangelhos, também não serve para interpretar as Epístolas. O modo "narrativo" de interpretar as histórias da Bíblia nos mostra, de fato, como ler corretamente as Epístolas. Em momento algum Paulo escreveu apenas para enviar saudações a seus leitores; ele escreveu para tratar de necessidades específicas das igrejas. Embora os princípios que Paulo emprega sejam eternos e se apliquem a diversas situações, ele os expressa de forma concreta para tratar de situações específicas. Antes de conseguirmos entender esses princípios, muitas vezes precisamos entender a situação com a qual ele está lidando. As palavras concretas de Paulo que tratam de situações reais são estudos de caso que nos mostram como abordar situações análogas hoje em dia. As epístolas de Paulo pressupõem uma espécie de pano de fundo subjacente; ele se posiciona diante de acontecimentos e situações que surgiram no contexto de seu público original. Em outras palavras, devemos ler até mesmo as epístolas de Paulo como exemplos. Era

desse modo que Paulo lia o Antigo Testamento, extraindo teologia (especialmente ensinamentos morais) de seus exemplos (1Co 10.11).

Evidentemente, dizer que as narrativas têm valor didático não resolve o problema de identificar o que elas ensinam, conforme estudiosos evangélicos como J. Ramsey Michaels, D. A. Carson e Gordon Fee destacaram corretamente ao falarem da questão dos dons de línguas. No entanto, estudiosos da Bíblia devem examinar as narrativas bíblicas de modo tão minucioso quanto analisam qualquer outra parte da Bíblia, pois o ensino que Deus escolheu passar nessas passagens não é menos importante do que o ensino que fornece em outras passagens das Escrituras. O fato de muitos dos exemplos de Atos mostrarem certos padrões recorrentes da ação *de Deus* indica que esses modelos continuam a ser válidos para entendermos como Deus escolheu operar (em contraste com exemplos mais ligados às culturas da época).

Tenho a impressão de que muitos estudiosos — inclusive eu mesmo em outros tempos — não se sentem à vontade para encontrar teologia em narrativas devido, em grande parte, a sua formação acadêmica. Nos meios acadêmicos teológicos, é possível contentar-se com a discussão de temas importantes como a Cristologia e, ao mesmo tempo, desconsiderar questões pessoais igualmente necessárias como violência doméstica ou o testemunho pessoal no local de trabalho. Mas, para pastores, evangelistas e outros ministros, é impossível deixar de considerar temas que ultrapassam os limites das categorizações doutrinárias tradicionais. Não devemos no esquecer de que essas categorizações doutrinárias gerais foram delimitadas por teólogos medievais que nem sempre estavam envolvidos com as questões do dia a dia com as quais a maioria de seus contemporâneos lutava. Os temas dos quais eles trataram eram importantes, mas, de maneira nenhuma, exaustivos. A meu ver, quanto mais formos obrigados a lidar com os mesmos tipos de situações que os autores das Escrituras tiveram de enfrentar, maior será nossa sensibilidade para interpretar os textos que eles escreveram. Quando isso acontecer, teremos de voltar a nos apropriar das Escrituras em sua totalidade, inclusive de suas histórias, para a vida e a fé da igreja.



CRAIG S. KEENER é professor de Novo Testamento no Seminário Teológico Asbury. Mestre pelo Seminário Teológico das Assembleias de Deus, em Springfield, Missouri, obteve seu doutorado em Novo Testamento na Universidade Duke. É autor de 20 livros, entre os quais *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*, *A mente do Espírito: a visão de Paulo sobre a mente transformada*, *O Espírito nos Evangelhos e em Atos: pureza e poder divino* e *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*, publicados por Vida Nova.

Em **O ESPÍRITO NA IGREJA**, Craig Keener analisa de forma incisiva as várias interpretações evangélicas conservadoras sobre o papel do Espírito Santo na igreja. É seu desejo que os cristãos lutem por consenso ou ao menos por unidade na obra de Deus, ainda que divirjam em questões secundárias.

Fazendo uso de uma abordagem narrativa, com um grande número de histórias, Keener entra em diálogo construtivo com pentecostais, moderados e cessacionistas, sempre tentando aprender com cada perspectiva. O autor busca construir pontes sobre o abismo existente entre cessacionistas e pentecostais/carismáticos, instando todos os cristãos a buscar a capacitação do Espírito Santo. Sua abordagem pacificadora em meio a essa controvérsia tem sido endossada por carismáticos e não carismáticos.

Esta obra com certeza proporcionará um excelente diálogo sobre um tema que causou divisões desnecessárias dentro da igreja. Será também mais um recurso valioso para a disciplina de Pneumatologia, tanto na faculdade quanto no seminário. Também será útil a leitores leigos interessados em uma abordagem equilibrada sobre os dons espirituais.

> Keener já demonstrou sua capacidade de guiar o leitor, em meio a questões bíblicas e teológicas difíceis, com incrível sensibilidade pastoral e aguçada percepção exegética. Aqui nessa obra ele se debruça sobre debates importantes entre carismáticos e cessacionistas com semelhante destreza [...] Poucos concordarão com todos os detalhes, mas ninguém ficará livre de ver desafiados pelo menos alguns de seus "chiboletes" teológicos de estimação.
>
> **CRAIG L. BLOMBERG**, Denver Seminary. Autor de *Introdução aos Evangelhos* (Vida Nova)

> Tanto acadêmico quanto calorosamente pessoal, esse livro deve ser útil a pentecostais, carismáticos, evangélicos conservadores e a quaisquer outros que careçam de uma perspectiva revigorada sobre a obra do Espírito Santo hoje.
>
> **VINSON SYNAN**, Regent University

VIDA NOVA

vidanova.com.br
/vidanovaedicoes
@edicoesvidanova